



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL-PPGAS

VIOLETA SARAI SALAZAR SALAZAR

ETNOGRAFIA FEMINISTA DA MATERNIDADE: as experiências de mulheres-mães
de camadas médias brasileiras e venezuelanas compartilhadas nas redes sociais

Manaus

2020

VIOLETA SALAZAR SALAZAR

ETNOGRAFIA FEMINISTA DA MATERNIDADE: as experiências de mulheres-mães
de camadas médias brasileiras e venezuelanas compartilhadas nas redes sociais

Dissertação submetida ao Programa de Pós-
graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Amazonas, para a
obtenção do título de Mestre em Antropologia
Social.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Wiggers

Manaus

2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S161m Salazar, Violeta Sarai Salazar
Etnografia feminista da maternidade : as experiências de
mulheres-mães de camadas médias brasileiras e venezuelanas
compartilhadas nas redes sociais / Violeta Sarai Salazar Salazar .
2020
168 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Dra. Raquel Wiggers
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Maternidade. 2. Feminismo. 3. Mulheres-mães. 4. Família. 5.
Camadas medias. I. Wiggers, Dra. Raquel. II. Universidade Federal
do Amazonas III. Título

À Criação Divina e
À Abril, minha partícula de Amor.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro, fazendo possível a pesquisa.

À cidade de Manaus, a qual tem sido uma real joia amazônica descoberta com receio e temor dos andares obscuros da selva. Mas grata pelo acolhimento túbio e familiar, muito similar a minha terra natal.

Ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, seus professores, funcionários e colegas. Meu especial agradecimento à Franceane pela sua paciência, tolerância e transmissão de informação efetiva.

Agradeço aos professores Frantomé Bezerra Pacheco (*In Memoriam*), José Basini, Raquel Wiggers, Sidney Antônio da Silva, Sandro Martins de Almeida Santos e demais professores com os quais cursei disciplinas do curso e pude inserir-me na compreensão do pensamento antropológico.

Às professoras membros da banca de defesa, a Professora Silvana Bittencourt por se interessar e achar importante a temática. A Professora Ana Carla Bruno por aceitar aportar seu conhecimento neste trabalho.

Aos prezados professores participantes da minha banca de qualificação Professora Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino e o Professor Dr. Sidney Antônio da Silva por suas valiosas contribuições no caminho desta pesquisa.

A minha Orientadora, Profa. Dra. Raquel Wiggers por compreender meu projeto de pesquisa e ter-me estimulado a seguir o percurso da maternidade como tema investigativo. Pela paciência e dedicação, motivando-me a amar a pesquisa antropológica. A ela, por ser a orientadora que o estudo feminista precisava, por encorajar a ser cada dia melhor, estimulando o pensamento intelectual. Não podia ter feito melhor escolha, obrigada!

Aos meus colegas do Núcleo AZULILÁS, coordenado pela Profa. Dra. Raquel Wiggers, cada reunião no núcleo representou para mim um momento de encorajamento após dúvidas e inseguranças com este trabalho. Ao Natã por importantes reflexões, debates e materiais acadêmicos – e não tão acadêmicos – os quais facilitaram a compreensão de conceitos antropológicos. À Bruna, Marla, Samile, Cleison e Eduardo pelos intercâmbios de ideias.

À Sandra, Roziane, Andrea, América, Rosa e Carla por compartilhar alguns de seus momentos de vida para serem expressados nesta pesquisa. Tem sido uma honra para mim contar com vossa colaboração e perder-me no inexplicável de suas vidas. Obrigada pelos momentos de papos compartilhados, pelas reflexões com cada uma de vocês.

À Joana, Giovana, Sayleth, Katuska, Hidre, Milillen, Morelvis, Rosa, Maria Victoria, Yorlys e todas as Madres de Maturín – ou não – que foram inspiração para este trabalho.

À dona Silvane, que nos recebeu como quem recebe uma irmã que vem de outro país. Eu não podia ter chegado ao melhor lugar que morar perto dela, me mostrou o calor humano do Amazonas e me apaixonei por sua comida.

PÀ Ana pela amizade e sinceridade, por ser real e me permitir estar ao seu lado. À Ivon, por sua franca acolhida, por ser amiga, mulher, mãe e guerreira, te admiro. À Simone pelo apoio e sincera atenção. E muitas outras amigas que fazem parte de minha vida e construção feminina: Anaïs, Yismary, Veruska por ainda na distância, continuar amando-nos do mesmo modo.

Aos meus amigos Jesus Orlando, Jhon Erick, Ernesto Hilario, Daniel Carmona, Luigi, Pedro, por serem homens maravilhosos que me ensinaram a lidar com o universo masculino em algum momento. Obrigada pela força!!

À Sandra Negron, Maria Cristina Torres e Raquel, por serem amigas importantes influentes na minha construção como mulher. Por mostrar-me que uma mulher quando “é mãe de um é mãe de todos”. Vocês minhas mães putativas, minha admiração e amor por vocês.

A meus irmãos e irmãs da vida, de diferentes mães, Kike, Luis Enrique, Abril, Alejandro, Anahi, Ezequiel, Andres por compartilhar comigo o tempo e amor de suas mães e de minha mãe, compartilmos laços que nos constroem a partir de valores de mulheres comuns em nossas vidas. À valiosa companhia de cada um ou às palavras de incentivo e de conforto. Obrigada a todos pelo encorajamento nos momentos difíceis, pelo companheirismo e parceria nesta construção.

Agradeço às pessoas que contribuem na construção como mulher e mãe nesse caminho: Anaiz Quevedo, Maria Gabriela Santini, Silvia Sanchez Carreiro por ser maestras.

A meus caros amigos e padrinhos dessa viagem, Patrício e Carlos, por acreditar e confiar em mim. A Carlos, pelo apoio. Gracias!

A meu irmão Ernesto e a Joa, por ser exemplo de cumplicidade. Ernesto irmão, amigo e apoio emocional, gracias hermano por respeitar e acompanhar. A Joa, por ser co-madre, dividir experiências, acompanhar e servir de inspiração para esse trabalho. A ambos por amar intensamente aos meus sobrinhos.

A meus pequenos maestros Jeremias e Thiago, meus sobrinhos amados por mostrar-me o amor. O Artur, Sebastian, Maximiliano por ensinar-me que a energia das crianças é única e requer dedicação e tempo para compreender.

A Minha Maestra de vida, Abril Salazar, por me escolher.

A meus pais Modesta e Ricardo pela vida, pela paciência, por acreditar em mim. A minha mãe, ela que me trouxe ao mundo e questiona minha vida adulta, agradeço por compreender meus tempos e minhas escolhas, acompanhando-me nessa viagem pela maternidade, compartilhando experiências e anedotas que iluminaram questionamentos e memórias dessa pesquisa. Meu pai, que na distância me abençoa e me acompanha com suas palavras simples carregadas de motivação.

A Deus. Obrigada!

RESUMO

Esta etnografia feminista aborda as experiências de mulheres que se dizem mães, numa cultura ocidental urbana e latino-americana, onde se valoriza a livre escolha e a busca dos indivíduos por uma experiência singular. Mediante a interlocução com seis mulheres-mães (brasileiras e venezuelanas), a categorização dos discursos públicos compartilhados no universo social dos *blogs* e publicações das redes sociais Instagram, Facebook e WhatsApp, fez-se foco de análise as representações da maternidade advindas de experiências diversas de mulheres-mães informadas – hiperinformadas – e psicologizadas de camadas médias. Mulheres casadas, separadas, mães-só, construindo uma experiência materna “única” como elementos comuns as outras como a valorização das crianças como sujeitos com direitos e necessidades de cuidados especializados, orientados por teorias psicológicas. Através do diálogo com intelectuais feministas pode-se elencar conceitos acadêmicos como “maternidade voluntária, segura, prazerosa e socialmente amparada”, “maternidade feminista”, contribuindo na categorização de conceitos êmicos das maternidades “consciente”, “democrática” ou “respeitosa”. O diálogo entre tais conceitos cria no cenário latino-americano tensões e agonias entre as experiências representadas pelos sujeitos mãe e as instituições e atores sociais que fazem parte do contexto. Porém as representações da maternidade construídas desde as próprias mulheres podem estar sendo um movimento feminino materno propiciador de mudanças sociais.

ABSTRACT

This feminist ethnography addresses the experiences of women who have decided to become mothers in an urban Latin American and Western culture, where appreciates the free choice of individuals and the search for a unique experience. Through the interlocution with 6 women-mothers (Brazilian and Venezuelan), the categorization of public speeches shared in the social universe of blogs and publications of the social networks Instagram, Facebook and WhatsApp, the representations of motherhood arising from different experiences of women-mothers are analyzed informed -high-informed- and psychologized from middle layers. Women who are married, separated, single mothers, building a “unique” maternal experience as elements common to others, such as valuing children as subjects with rights and needs for specialized care, guided by psychological theories. Through the dialogue with feminist intellectuals, academic concepts such as “voluntary, safe, pleasant and socially supported motherhood” can be listed as “feminist motherhood”, contributing to the categorization of emic concepts of “conscious”, “democratic” or “respectful” motherhoods. Which creates in the Latin American scene tensions and agonies between the experiences represented by the mother subjects and the institutions and social actors that are part of the context. However, the representations of motherhood built from the women themselves may be a maternal women's movement that promotes social changes.

Índice de figuras

Figura 1. Estado de WhatsApp Frida do 27/08/2018-----	36
Figura 2. Gráfico do resumo das respostas à pergunta 19. Nasceste para ser mãe?. . Formulário Google “Cuestionario de Madres” -----	51
Figura 3. Imagem do post publicado por @cantomaternar chamando a atenção dos pais sobre a necessidade de atenção das mães. Publicado 27/11/2019-----	64
Figura 4. Gráfico gerado das respostas à Pergunta: "3. Quantos filhos tens?". Formulário Google (Formulario Google: [Cuestionário para madres] 01/12/2019.-----	69
Figura 5. Gráfico das respostas à pergunta "8. Você tem lido, tem se informado ou estudou temas sobre bebês, cuidados e educação das crianças?-----	70
Figura 6. Gráfico das respostas à pergunta "9. Onde lesse sobre a temática: bebês/crianças, cuidados, saúde, alimentação?". Formulário Google "Cuestionario para madres" -----	72
Figura 7. Post @cantomaternar sobre a necessidade de “tribo”. Publicado 11/11/2019	77
Figura 8. Post de @elviscanidoula, professor de Andreina na formação de Criação Respeitosa. -----	106
Figura 9. Post @elviscaninoula, professor de Andreina. Consultado: 28/05/2018 -	107
Figura 10. Gráfico Respostas à pergunta "7. Trabalhas como..." Formulário Google-	111
Figura 11. Storie do Perfil @novelmommy. Publicado 05/02/2019. (Diário de Campo Captures 2019)-----	117
Figura 12. Post @cantomaternar. Consultado 22/12/2019-----	119
Figura 13. Pergunta 21 “Tem lido ou estudado alguma temática sobre sexualidade feminina?”. Questionário para Madres 2019-----	139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1.1 Campo, território conhecido?	9
1.2 Camadas médias psicologizadas.	14
CAPÍTULO I	17
2 Discursos das mulheres-mães	17
2.1 Mulheres & direitos	21
2.2 Caso Mariana e Andreina, os Casais Iguais	26
2.3 Pós-Parto: nasce uma criança, nasce uma mãe	30
2.3.1 Saudades da mulher de antes	36
2.4 Mãe: categoria êmica, social, política e... universal?	39
2.4.1 Desejo de ser mãe	41
2.4.2 O bom e o mau de "Ser mãe"	44
2.4.3 Desejo de Reconhecimento, culpa e ambivalência	48
2.5 Instinto materno	51
2.5.1 Sobre "fusão emocional"	55
2.6 Pais, os maridos.	57
CAPÍTULO II	66
3 Maternidades contemporâneas	66
3.1 Redes de apoio contemporâneas	71
3.1.1 O modelo tribo.	75
3.1.2 "Pitaqueiros" brasileiros e "Opinologos" venezuelanos.	82
3.2 Maternidades nas gerações.	85
3.3 Maternidades: acadêmicas e émicas.	94
3.3.1. Caso Laura, a mãe democrática e a "criança feliz".	98
3.3.1 Criações: consciente/democrática/respeitosa... alternativa. E até "natural".	102
CAPÍTULO III.	110
4 O político das maternidades: tensões e agonias.	110
4.1 Trabalho das mulheres-mães, um trabalho social.	110
4.1.1 Empreendimento materno	115
4.1.2 Militância Materna, os Blogs.	121
4.2 O que agonia às mães?	122

4.3 Tensões com as instituições -----	130
4.4 Feminismo Materno-----	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	146
As filhas do casal igualitário -----	151
“Madres de América Latina”-----	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	161
ANEXOS -----	165

INTRODUÇÃO

Neste trabalho irei analisar os discursos e as representações de mulheres que têm decidido ser mães, participantes em grupos, *blogs* e demais publicações das redes sociais¹. As mulheres colaboradoras da pesquisa são de camadas médias venezuelanas e brasileiras que têm em comum a vivência da maternidade. Para essa análise, iniciarei identificando as principais categorias que as mulheres-mães apresentam em seus discursos nas redes sociais como representativas das questões atuais sobre maternidade. Tomando em conta que existe uma idealização da experiência da maternidade, elenco as inquietudes e realizações das mães, comparando as expectativas e idealizações com as maternidades vividas; desvendando assim, as tensões entre suas experiências e as regras, leis, saberes, ordem paterna, público, político elementos associados à chegada da maternidade e o direito das crianças. No percurso da escrita dialogo com diferentes autoras feministas, cujas teorias têm trazido nos últimos 60 anos discussões referentes à maternidade.

A figura materna nas sociedades ocidentais latino-americanas, daquela que se reproduz através da gravidez e pare a criança, é também a que deve orientar, decidir, educar e socializar a nova pessoa que vai ser cobrada no futuro como adulto em sociedade. Sendo então a mãe a responsável pelo que resultar daquela nova pessoa, de ser parte fundamental na construção daquele indivíduo. Isto, poderia ser considerado como a expectativa social sobre aquela figura, a mãe.

No mundo, a cada segundo nasce uma criança através do corpo de uma mulher. No ocidente latino-americano diriam então: cada segundo “que nasce uma mãe nasce uma culpável”, essa e outras frases representam o discurso popular de entender o nascimento de uma pessoa por meio do corpo de uma mulher. O discurso denota à responsabilidade, obrigações, à “biologia que limita a vida de uma mulher” ou bem a morte mesma da mulher, ao converter-se em mãe. Também existem olhares populares “positivos” à maternidade como as variações de expressões como “ser mãe é padecer no paraíso” ou “ser mãe é o melhor que pode viver uma mulher”, assim como as diferentes comemorações quando uma mulher está grávida; o nascimento de crianças que nascem

¹ Para efeitos dessa pesquisa o termo Rede Social remete basicamente aos espaços virtuais em que indivíduos, instituições e demais organizações com objetivos e valores comuns, constroem comunidades estruturadas socialmente.

dentro de celebrações pela nova vida, em todos os casos em que a gravidez e o nascimento de uma nova pessoa é alegre e socialmente esperado. Deste modo se apreciam algumas das mais diversas tonalidades do contexto social em que nasce uma criança, uma pessoa nova para a sociedade.

A questão principal da maternidade remete ao fato de que, logo no parto, inicia-se uma vida de criação e construção de uma pessoa que aparentemente corresponde majoritariamente à “mulher-mãe”. Esse novo processo na vida de uma mulher na modernidade tecnológica, passa a ser expressado e mostrado ao mundo publicamente. Embora ainda seja polêmico falar sobre a maternidade socialmente criada – porque ainda se considera óbvia e “natural” a maternidade nos corpos femininos – existem transformações nos modelos de maternidade, que parecem resultado de um caminho percorrido pelas lutas feministas na história da mulher, movimentos feitos por mulheres, expressando em voz alta suas experiências, suas especificidades, suas necessidades, seus desejos. As mulheres passaram em algum momento de seu processo histórico a ser consideradas seres humanos. Ora elas expressam suas angústias, seus peitos inchados de leites, seus cabelos embaraçados; ora bem vestidas de saltos, preparadas para ir a uma festa, ou tomando licor enquanto os filhos dormem. Umas quantas censuradas, bloqueadas, apedrejadas virtualmente através de mensagens intimidantes, desejos de morte, etc., quando se expressam mais abertamente rejeitando alguma vivência que lhes incomoda por serem mães.

O “paraíso” mercantilizado combina-se com o “padecer” idealizado pelas mães, para criar uma maternidade moderna que tem começado a reclamar o que anteriormente era privado: o sofrimento, através de espaços públicos: as redes sociais. Destinadas estas, para expor prazer, felicidade e o “lado bonito da vida”, portanto o socialmente valorizado, admirado e almejado. Também, as redes sociais permitem estabelecer relações com médicos, eventos, religião, alimentação, educação e demais atividades que uma mãe precisa nas cidades onde as distâncias não permitem criar comunidades de pessoas físicas. O trabalho, os cuidados do lar, pessoal, da prole e demais tarefas da vida urbana, minimizam a possibilidade de relações humanas em espaços físicos. Na diversidade das comunidades virtuais, algumas mulheres-mães criam comunidades com diversas formas de publicar o “indizível” da maternidade. Desde amar mais seu

cachorro do que o filho, até mostrar uma foto de seu corpo pós-parto, vídeos² dos partos com foco na saída vaginal do bebê, e outras interações e relações que se constroem numa “cibercultura” ou sociedade virtual de um movimento de mulheres-mães que mostram suas experiências ao público.

Por isso e mais, me instigou e quis pesquisar a maternidade em mulheres de classe média, envolvidas profissionalmente desde muito novas, cuja maternidade é caracterizada por ser “consciente” do labor que implica ser “mãe de alguém” no contexto social que vivem. Algumas mães por gravidez não planejada, algumas desejando ter um filho, algumas uma surpresa depois de vários anos de tentar e pensar que não teriam, cada uma em condições e decisões³ diferentes de se converter em mãe, sendo mulheres com corpo feminino em América Latina.

Por meio do estudo dos movimentos sociais feministas e da produção de textos feministas posso olhar uma parte importante da construção e transformações da maternidade no ocidente latino-americano, e também tentar responder o que Carneiro (2011) questiona: é possível “maternidades contra hegemônicas também nas camadas médias, entre mulheres brancas, letradas e conveniadas de planos privados de saúde ou entre as adeptas do parto humanizado presentes em nossa sociedade?”. Este questionamento busca compreender se aquelas maternidades que estão se praticando nas camadas médias são maternidades que quebram o estereótipo de mulheres como pilar fundamental da família hegemônica, transparece nos questionamentos feministas presentes na pesquisa.

As discussões e olhares para questões de gênero, especificamente para o universo feminino nas análises das estruturas sociais são consideradas cada vez mais cruciais na pesquisa antropológica. Da mesma maneira como a discussão da *awkward relationship* (Strathern, 1987 apud Bonetti, 2009) entre o feminismo e a antropologia, que traz à tona elementos do reconhecimento e da validade científica dos estudos

² Muitas vezes bloqueados e cesurados pela administração da rede social, por considerar fora da política de privacidade da empresa.

³ Sobre a decisão de ser o não ser mãe, Donath diz: “[...]há mulheres, que emocionalmente não estão interessadas em ser mães e preferem evitar qualquer relação ou interação cotidiana com crianças. Outras não têm um interesse emocional em ser mães, mas são atraídas pela companhia de crianças e, portanto, optam por profissões terapêuticas ou educacionais nas quais possam trabalhar com elas, ou passam tempo com sobrinhos ou outras crianças do círculo famílias. Há mulheres emocionalmente interessadas em adotar, mas não em ter filhos biológicos. Há mulheres que desejam ser mães, mas temem profundamente a gravidez e o parto e, assim, são levadas a evitar a maternidade. Há mulheres que não têm escolha a não ser serem mães devido a sanções sociais impostas em sua comunidade; outras não desejam a maternidade per se, mas sim obter algo por meio dela; há as que, apesar de não desejarem ser mães, consideram essa possibilidade devido à vontade de seu parceiro de ter filhos; e há mulheres que, em retrospecto, não têm certeza sobre a razão por que decidiram ser mães.”

feministas. Sua característica de não-neutralidade, seu comprometimento político e a forma como introduziram novas abordagens são os argumentos usados pela antropologia para enfrentar o feminismo.

Através da pesquisa etnográfica desde o olhar feminino, nasce a *Antropologia Feminista* como a possibilidade de compreender através da etnografia as complexidades das experiências culturais relativas à categoria de gênero. Enfocado, segundo Bonetti (2009) no entendimento do sistema de valores de gênero nas sociedades, os quais geram ou não “estruturas de desigualdade”, o olhar feminista antropológico debate a crítica⁴ argumentando as “convenções constitutivas de reportórios de gênero e as variadas formas como eles são vivenciados e ressignificados”. Na análise linguística da *Antropologia Feminista*, o substantivo antropologia é modificado pelo adjetivo feminista, o que implica uma “reestruturação ou subversão das estruturas de poder em algum nível” (ONO, 2003, apud. Bonetti, 2009). Subversão que se associa ao desafio crítico das formas de produção de conhecimento estabelecidas, de uma possibilidade de redefinição dos caminhos a serem seguidos e da expansão dos temas a serem estudados.” (Bonetti, 2009). Além de ser uma disciplina feminista antropológica, é um espaço para o pensamento antropológico desenvolver estudos na compreensão de sentidos, formação social, produção de sentidos e alteridades que distinguem o gênero com todos seus cortes interseccionais das categorias gênero e poder persuasivo do mundo social.

As teorias antropológicas feministas encontram outros antropólogos que contrariam as abordagens por considerá-las menos abrangentes que as questões clássicas e políticas usadas na antropologia. Também há pesquisadores de gênero que negam sua ligação com o feminismo, o qual significaria que para esses cientistas, o gênero é uma categoria neutra usada só para denominar. No entanto, na construção da Antropologia Feminista, as cientistas em diálogo discreto com as teorias antropológicas, realizaram trabalhos com maior compromisso político e crítico, denunciando a dominação masculina, considerando que as teorias devem dialogar com a realidade social e valorando a ação política da antropologia. A pesquisa etnográfica, embasada na teoria

⁴ Bonetti comenta que os antropólogos adversos ao pensamento feminista antropológico, argumentam “Essa adesão imediata ao fenomenológico, a partir da equação feminismo = luta política das e pelas mulheres, dificulta imensamente o esforço analítico argumentativo de aprofundar e radicalizar a revolução epistemológica em potencial da Antropologia feminista ao se dissociar da categoria empírica mulher e se fundir com a categoria analítico-epistemológica gênero”

feminista, é uma problematização necessária para compreender quanto evitamos pensar sobre gênero; na antropologia são inúmeras as questões que dariam avanço significativo na pesquisa se fossem problematizadas as relações de gênero, o qual permitiria na maioria dos casos evitar a naturalização dos fatos humanos.

O uso das teorias feministas como base metodológica de análise, representa para esta pesquisa, uma interessante escolha num campo divergente e controverso do adequado uso das teorias feministas como ponto de análise antropológica. O feminismo, as teorias feministas e as temáticas etimologicamente femininas, tem sido objeto de questionamento com alegações referentes à especialização do conhecimento ou por ser um movimento de lutas sociais. Ou também, por considerar um comprometimento político para a análise científica objetiva, considerando que o feminismo seria uma ciência e ao mesmo tempo uma ideologia, isto condicionaria o fazer neutral das questões antropológicas.

Boa parte das autoras que formam parte das referências bibliográficas deste trabalho são feministas, aliás antropólogas e sociólogas. Atrevo-me a pensar que a etnografia feminista está fundamentada em intelectuais cujo olhar feminista permitiu perceber aspectos sociais às vezes imperceptíveis para outros pontos de vista. Pretendo, desta forma, fazer algumas colocações políticas como mulher feminista através do engajamento da antropologia feminista, num esforço consciente de adentrar-me no feminismo que, como muitas de minha geração, fomos atingidas pela crítica e estereotipação da mulher feminista. Desta forma, considero imperante o labor como pesquisadora e como antropóloga preocupada com a participação na construção de uma sociedade mais equitativa.

Nas representações descritas nesta dissertação, se observa como os novos modelos de organização de famílias, as lutas pelos direitos sociais, sexuais e de casamento, a mulher no mercado de trabalho, a abertura a novos conhecimentos sobre sexualidade e saúde feminina, têm aberto espaços para modalidades heterogêneas de maternidade. Na sociedade urbana contemporânea da América Latina os *blogs* femininos, redes sociais na cibercultura, a comunicação sem limites de tempo, distâncias nem fronteiras, brindam uma ampla gama de informação, onde as mulheres-mães têm exposto pública e cotidianamente os dilemas, agonias, alegrias, expectativas e vivências, por decisão ou por obrigação.

Aliás as reivindicações feitas através de *posts*, dos diversos movimentos sociais na internet, evidenciando cenas de partos; questionando que a pornografia não é censurada; imagens de mulheres mostrando seus corpos de pós parto são censuradas nas redes sociais⁵, atos políticos constantes a cada mulher que se converte em mãe; imagens da mulher amamentando, considerada de exibição imoral e impura; provavelmente considerada “pedófila” a mulher que amamenta seu filho por mais de uma certa idade, depende claro da cultura e pessoa que faz o juízo sobre essa mulher-mãe. Nesse ponto as mulheres-mães que enfrentam aqueles conceitos, assumem o papel de atuar publicamente, como *influencers* ou pessoa pública na rede social, mostrando fotos artísticas, cursos e oficinas on-line sobre educação prática do conhecimento da criança e da mulher. A maternidade converte-se num debate entre o prazer e as agonias da experiência, vivenciando o arrependimento, o trabalho árduo de terapeuta, mães e demais atores sociais que atuam na rede social, com a finalidade de criar uma maternidade leve⁶ ou provavelmente idealizada.

Veremos nesta etnografia, como as variações geracionais, as diferenças de gênero, a família e outras instituições cumprem um papel fundamental nas maternidades aqui faladas. No campo, parece por vezes, que existe na vida da mulher puérpera, nos primeiros anos de vida da criança, uma maternidade característica e visualmente “intensa”. Aquela mulher “só pensa, fala, observa e estuda para os filhos” e ao mesmo tempo “se confunde, se cansa, se desespera”. A maternidade nesses primeiros anos se pinta como algo interminável, inesgotável e que condicionam anos de vida produtiva da mulher. O processo de “adaptação” da mulher contemporânea a seu papel de mãe, parece tumultuoso depois de *Desperate House Wives*⁷, as mulheres expressam a mim algum tipo de intensidade intrigante. Continuo questionando, se é que ainda não respondo ao assunto, o que mudou?

Esta pesquisa foi desenvolvida com a colaboração de seis (6) mulheres que estariam dispostas a participar como interlocutoras, além de acompanhar discussões e fazer perguntas num grupo de mães em WhatsApp chamado Madres de Maturín⁸,

⁵ Publicadas novamente, com a intenção de reivindicar que “aparentemente as contas de uma mulher-mãe é mais atingida de censuras.”

⁶ Discurso de uma assessora de aleitamento materno no Instagram: @prolactancia usando a #maternidadleve.

⁷ Seriado da televisão norte-americana, produzido pela ABC.

⁸ Madres de Maturín, grupo WhatsApp, foi fundado na cidade da Venezuela, Maturín. É um grupo de mães, criado com a finalidade de conversar, compartilhar e criar uma camaradagem entre as mães, geralmente no puerpério, para que se sentissem acompanhadas nesse momento de tanta vulnerabilidade emocional. Buscando criar um espaço

integrado por 39 mulheres. Também foram analisados comentários diversos em uma conta de Instagram denominado *@agobiosdemadre*⁹ com mais de 100 mil seguidores de diversos países da América Latina, administrada por Carla Candia, jornalista e mãe de duas crianças. Da mesma forma, acompanhei as conversas em algumas publicações do Instagram, onde a administradora de *@agobiosdemadre* toca em assuntos relacionados a categorias repetidas nos discursos das mães – como por exemplo: agonia, maternar, relação “self” ou com elas mesmas, entre outros – observando as respostas a essas abordagens e preocupações que as mães manifestam. Contemplo também a produção escrita do *blog* brasileiro “Militância materna”, assim como *posts* produzidos por alguns perfis de mulheres-mães que trabalham orientando outras mães, como *@cantomaternar* (Brasil), *@conocemimundo* (Venezuela). Assim como o encontro face a face com duas brasileiras que fazem parte do universo materno desta pesquisa. Acompanho de perto a vida de uma de minhas interlocutoras, frequentando festas na escola da criança conversando com as mães, observo suas vivências nos labores do lar, brevemente no trabalho, observando a dinâmica nas diversas relações de sua vida.

As redes sociais ou *social network*, funcionam como um espaço onde as colocações tem múltiplas formas de serem observadas e lidas, até juizadas, criticada ou exposta numa opinião pública. Devido aos posicionamentos imediatos, à velocidade da comunicação, à ausência de distancias geográficas, o espaço público virtual permite desenvolver um campo que poderia se considerar observação participante. Guaimarães (1999) considera que o ciberespaço oferece muitas outras possibilidades de investigação a partir do prisma da Antropologia, sendo um fenómeno emergente e multifacetado da contemporaneidade. Não obstante, é um contexto social com alguns pontos vazios que só acontecem numa relação social física, como expressão, emoções, postura corporal, linguagem do corpo, tom de voz, velocidade da fala, etc. Fatores, estes, que condicionam o significado das mensagens transmitidas e das relações que se estabelecem. Ao mesmo tempo, isso gera um espaço impessoal de confiança para expressar livremente maneiras de pensar, emoções, diversos discursos escritos ou falados por mensagens de voz.

íntimo de alívio e esclarecimento de dúvidas. Ele nasceu depois de uma reunião, em um café, de várias mães conversando, que tomou o mesmo nome do grupo do WhatsApp. A ideia era discutir, falar sobre a maternidade. As mães do grupo expressam descontentamento quando comparam seus filhos com as de outras mães, ao desespero por querer desmamar seus bebês. Passando por doenças, noites sem dormir e outras questões relacionadas à maternidade

⁹ *@agobiosdemadre*, Agobios de Madre “Agonias de mães”

Por meio do uso das redes sociais, Instagram, WhatsApp e Facebook, desde meus perfis¹⁰ pessoais e e-mail, pude manter um fluxo contínuo de comunicação com as colaboradoras deste trabalho. De acordo com dados do *site* Statista (colocar uma nota com o site), no outubro de 2019, o Facebook possui 120¹¹ milhões de usuários no Brasil, enquanto o Instagram conta com 72¹² milhões. Facebook é uma rede social a qual permite se conectar de um computador e também por smartphones. WhatsApp e Instagram, por outro lado, são aplicativos exclusivos para smartphones, sendo esta uma condição para –ainda – parte da população latino-americana não ter acesso.

Instagram é uma rede social que iniciou suas atividades públicas em 2010, criada para a publicação de fotos e vídeos, com a opção de escrever comentários ao pé de fotos ou vídeos, e interagir com comentários. WhatsApp, por sua vez, é um aplicativo de celular para intercambiar mensagens de textos, áudios, vídeos, fotografias, documentos, realizar ligações e vídeo chamadas, começou a funcionar em 2009, e atualmente “mais de 1 bilhão de pessoas, em mais de 180 países usam WhatsApp para manter contato com amigos e familiares, em qualquer hora, em qualquer lugar”¹³. Facebook tem uma interface bastante conhecida, sendo esta uma das redes mais polêmicas quanto à privacidade de informação ali utilizada, a qual atinge a todo o mundo, literalmente, os bilhões de usuários mundiais de Facebook. Recentemente, em 2019, os três aplicativos passaram a pertencer à mesma empresa: Facebook.

Instagram e WhatsApp são as redes sociais usadas como ferramentas fundamentais pelas colaboradoras, como meio de comunicação, perfil profissional e até loja virtual. Inicialmente seriam observadas apenas essas duas redes sociais, porém foi uma decisão tomada no percurso da pesquisa incluir algumas observações em perfis de Facebook, levando em conta que uma das interlocutoras só utiliza essa rede.. Assim como, finalizando a pesquisa, considereei a necessidade de categorizar certos dados que não tinham sido expressos nas falas das mulheres colaboradoras, criando o Formulário Google “Cuestionario para Madres” (Anexo 1). O questionário está estruturado em 24 perguntas, das quais 20 são de seleção simples e 4 são para desenvolver um comentário

¹⁰ Perfil: identidades criadas por indivíduos humanos -usuários-, para entrar em um espaço virtual como sites, aplicativos e demais programas online, com a finalidade de interagir com outros usuários.

¹¹ <https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>. Consultado 15/01/2020

¹² <https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/>. Consultado: 15/01/2020

¹³ About Whatsapp. <https://www.whatsapp.com/about/>

escrito. Mediante o uso dessa ferramenta, identificam-se algumas das categorias que caracterizam as experiências maternas que compõem o universo dessa pesquisa.

As falas com as mulheres, que fazem parte da pesquisa, transcorreram entre maio de 2018 e junho de 2019. Alguns *posts* de Instagram e conversações posteriores a essa data foram agregadas após do exame de qualificação, onde me foi sugerido um campo mais equilibrado entre venezuelanas e brasileiras. No entanto, pretendo argumentar a minha escolha de campo aqui. Considerei um perfil brasileiro sobre *criação consciente*, achado ao final da pesquisa, que serviu para obter material produzido por mulheres brasileiras e mostrar a similitude de ideais e discursos que representam o universo de um grupo de mulheres-mães na América Latina.

1.1 Campo, território conhecido?

O campo escolhido requeria uma relação próxima com as interlocutoras, as observações uma experiência de observação que se tornou íntima e de amizade. Vale salientar que o campo apresenta uma característica dada pelos indivíduos que a conformam, uma certa exigência de privacidade. Este tipo de relação só consegui ter com duas brasileiras, a qual cultivei com as interlocutoras com o passar do tempo, devido ao curto tempo para uma pesquisa de mestrado, não é muito factível. Desde o começo do mestrado até o final, conheci várias mães e um laço de amizade foi se formando. Ao princípio empolgada convidei quatro mulheres, entres colegas e esposas de colegas que tinham filhos, consultando-lhes a possibilidade de ser minhas interlocutoras, recebi consentimento de uma, apenas. Podem ser múltiplas as razões por não aceitarem. Ao final da pesquisa, ao escrever e analisar os dados, tinha conseguido observar dinâmicas e experiências com algumas mulheres de minha rede de conhecidos em Brasil. Mulheres com que tinha interessantes conversas e que teria sido enriquecedora para os dados que informam essa dissertação.

Em vista desta situação, como Velho (2003) expressa, “transformei parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa, em um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais da antropologia. Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo que me propus investigar”. Transcrevo as palavras do autor porque é um fato para esta pesquisa que começou academicamente com o mestrado em 2018, mas que

requeria de uma inserção previa no campo pela natureza das relações. Companheiras de maternidade aceitaram participar deste projeto, com a promessa de mostrar para a academia a maternidade, elas em seus “tempos livres” respondem minhas perguntas pelo smartphone¹⁴ e eu, em meus “tempos livres” da leitura e escrita da produção acadêmica, olho as redes sociais e seus *posts*. As falas enquanto se toma um café; quando deixou a criança na escola e pode pegar o celular para responder; de madrugada, quando o marido chega bêbado e ela desabafa me enviando um áudio pelo WhatsApp; dormir na sua casa e assistir a dinâmica diária de casa-escola-trabalho-escola-casa; estes e outros contextos conformam os espaços de observação e entrevistas de campo.

Considero que sou nativa do campo porque, em 2015 ganhei minha filha, me converti em mãe. Porém, há várias diferenças entre minhas experiências e a das mulheres que fazem parte dessa pesquisa. A primeira reflete minha inexperiência da vida de casal, todas as minhas colaboradoras convivem ou conviveram com o pai de seus filhos, assim como desenvolveram uma vida de casal, diferente da minha decisão pessoal de estabelecer uma família monoparental. Assim, essa minha decisão também está unida à presença ativa da avó materna de minha filha, minha mãe, na sua criação – particularidade esta que estrutura minha experiência materna de forma diferente das vivenciadas pelas mulheres que fazem parte desse trabalho. Desta maneira, distancio-me de meu campo como uma pensadora social, rebelde do sistema ante o matrimônio, batismo e festas sociais (quinze anos, chá de bebê, chá de revelação, mês-versário, etc.). Como mulher solteira sem experiência de relacionamentos/casamentos, com um lar constituído só por mulheres, questionando os estabelecidos sociais sobre laços familiares, construindo novas relações em uma nova cidade, num outro país. Porém, esse exercício de me distanciar é uma cobrança que tenho assumido com seriedade, por medo de não ser suficientemente antropóloga e terminar escrevendo como mãe, devido ao que compartilho, sim, com minhas interlocutoras: o imaginário e ideais que algumas delas expressam nos seus discursos. Pretendo então, voltar o familiar em exótico, sendo acadêmica e se for possível, ter um posicionamento político.

Certamente, cheguei na Antropologia previamente inserida no campo, sou mulher-mãe e vinha atuando em grupos de mães, refletindo sobre seus conflitos e

¹⁴ Falarei de *smartphone* para resumir o uso do celular para se comunicar através de qualquer dos aplicativos e redes sociais que estes dispõem. Smartphone é o aparelho celular independente da marca (Apple, Moto, Samsung, etc) ou sistema operativo (android/iOS/Windows, etc)

amores, seus cotidianos e aspirações. Considero então que foi esta quem me afetou, a Antropologia. Sem o estudo da Antropologia eu era uma mulher-mãe dedicada ao trabalho com outras mulheres (mães ou não), com deveres e responsabilidades em função da educação e criação de uma pessoa que agora é criança, que espero chegue a ser um adulto socialmente são. No entanto, nos estudos feministas, a escrita e olhar antropológico constroem um território desafiador na provocação da afetação política que o pensamento feminista representa no campo desenvolvido na pesquisa. A produção acadêmica, científica, feminista, na América Latina, tem sido uma escolha de vida, de pesquisa, de campo surpreendente, importante e desafiadora. O campo teórico feminista, foi novidade.

A afetação neste trabalho acontece através das leituras, as análises, as teorias e debates das diferentes temáticas que fazem parte da vida diária de uma mãe, afetaram-me. Colocaram em xeque minhas concepções da maternidade, da criação dos filhos e claro, de meu papel como mulher. A tensão da pós-graduação, os novos aprendizados, questionaram meu olhar.

Utilizarei o termo de “mulher mãe” para identificar as mulheres que decidiram viver a maternidade através do nascimento do filho ou adoção, no caso dessa pesquisa, por não haver entre as interlocutoras mães com filhos adotivos, não analisaremos o olhar de famílias e crianças em adoção¹⁵. Donath¹⁶ considera que o termo *mulher-mãe* descreve “de maneira concisa o que tem sido encarada como um fato transcultural desde o princípio da história humana: as mulheres não são apenas as principais cuidadoras de seus filhos, mas também mães em si mesmas”. As mulheres que formam parte dessa pesquisa são diferentes significativamente umas das outras, mulheres profissionais, comerciantes, com histórias de vidas diversas, religião, tipo de alimentação, lugar de moradia, tipo de casamento ou ordem familiar, rede de apoio, número de filhos e idade dos filhos diferentes; mas que compartilham um fato em comum: a maternidade. A maternidade vivenciada como mulheres-mães latinas e que aceitaram ser mães: parir um filho e cria-lo.

¹⁵ Claudia Fonseca. Caminhos da adoção. São Paulo: Cortez, 1995

¹⁶ Orna Donath, autora Israelita. “Mães arrependidas” (2017). Ela se considera uma mulher que decidiu não ter filhos. Não viver a maternidade.

Escolha reflexiva é o termo que Scavone (2001b) usa para descrever a transição para os novos modelos de maternidade, o fato de que as mulheres possam decidir ser ou não mães, o momento para viver a experiência, o número de filhos que deseja ter e ou mais importante para a mulher de classe média: a conciliação da vida profissional e familiar, é parte dos novos feminismos.

A produção acadêmica em estudos de família, especificamente olhando para maternidade, é bastante recente, um fenômeno que vem se visualizando desde finais dos anos 1970 até hoje. Estudos sobre gênero focados na família, interseccionalidade, parentesco, usando diversas metodologias, têm olhado para maternidade muito recentemente. Em não menos de 10 anos em produção acadêmica foi que aconteceu um incremento no interesse pela temática. Na atualidade, as pesquisas sobre maternidade indagam desde diversas áreas do conhecimento científico, acadêmico, e profissional. A informação produzida para e por mulheres mães é veloz. Serviços, pesquisas, grupos, escolas e coletivos criados por mulheres-mães para mulheres-mães.

Estabelecer uma metodologia para esquematizar a informação das particularidades das mulheres foi um dos aspectos delicados, a meu modo de ver, da pesquisa. O estudo na diversidade das sociedades complexas urbanas, como Velho (2003) comenta, é uma tarefa de estranhamento que nem sempre é bem-sucedida. Em oportunidades, delimitar as noções de classe média confunde-se com a classe trabalhadora, diferenciam-se pelo tipo de trajetória social (Velho, 2000 apud Bourdieu, 1974) ou pelas redes sociais em que os indivíduos se movem (Velho, 2000 apud. Bott, 1974), ou pela dimensão cultural com o distanciamento “de padres tradicionais relativos à estrutura e dinâmica” (Mora, 2007). A pluralidade de particularidades das camadas médias convidam a definir meu campo como: mulheres-mães de camadas médias, profissionais, psicologizadas.

Frente a infinidade de perfis em Instagram com excelente material para estudar e aprofundar-se em diferentes temáticas, assim como identificar categorias êmicas, explicações, linhas de pensamento, etc., fiz uma escolha pessoal para limitar o campo de dois perfis de Instagram. O primeiro escolhido ao início da pesquisa: @agobiosdemadre, por seu próprio nome e conteúdo, por ser uma mulher venezuelana que tinha estado proporcionando e apoiando a formação de grupos de mães nos diferentes estados. A outra escolha, @cantomaterno, defini quando estava finalizando a

pesquisa, após a qualificação, ao ser questionada pela banca a respeito do desequilíbrio entre indivíduos venezuelanos e brasileiros. Ainda que não considere totalmente a sugestão, pois a limitação do campo se fez cada vez mais obrigatória em vista de que corria o risco de sobrecarregar com excesso de informação de outros perfis, desviando-me de minhas interlocutoras e tornando meu campo muito disperso e “hiperinformado”.

Nas observações e análise das falas com as interlocutoras, intento, em alguns momentos não aprofundar em situações relacionadas com intimidades do casal, escolhas sexuais, detalhes religiosos (bruxaria), práticas socialmente condenadas (consumo de drogas, adultério) e demais elementos que são suprimidos para efeitos desta pesquisa. Em vista que estou desenvolvendo o método etnográfico, por ser este “extremadamente revelador” como afirma Bonetti, troquei os nomes das mães e alguns aspectos como nomes de companheiros e filhos. Isso numa tentativa de manter a privacidade de minhas interlocutoras, assim sabendo que uma vez publicado este texto não poderei ter controle de interpretações e uso da informação aqui apresentada.

As minhas interlocutoras, mulheres-mães profissionais, psicologizadas e estabelecidas em diferentes cidades de Venezuela e Brasil – Equador –, como mencionei anteriormente, compartilham um aspecto em comum: a maternidade. Sendo que cada caso é um caso na heterogeneidade da sociedade ocidental urbana, o meu universo de pesquisa oferece informação igualmente diversa para olhares particulares das relações e situações que podem se desenvolver em torno de uma mãe. Exemplo disto é a “crise venezuelana” contemporânea, um aspecto que é expresso em alguns discursos das interlocutoras, mas que não aprofundarei na discussão, porque além de não ser o foco de pesquisa, considero que as interlocutoras venezuelanas, ainda que tocadas pela situação econômica, conseguem viver dentro e fora de Venezuela com uma qualidade de vida que pode se aproximar às descrições de camadas médias descritas na produção de Gilberto Velho.

Antes de explicar as camadas médias, devo denotar que na Venezuela, ainda existindo desigualdades sociais significativas, a classificação por classes sociais não é tão evidente e importante como pode observar no discurso popular e acadêmico no Brasil. Aliás, as pesquisas antropológicas, psicológicas, sociológicas venezuelanas consideram esta categorização para falar de um campo. Sendo que como no Brasil, os indivíduos de camadas médias não se reconhecem como tal, ou pelo menos existe uma

ambivalência de sentimentos e auto concepção, pode acontecer que alguns indivíduos se consideram pobres economicamente ou colocam-se em atitudes de indivíduos de elite ante os outros.

1.2 Camadas médias psicologizadas.

A pesquisa urbana encontra-se com o desafio das particularidades das sociedades complexas, heterogêneas, diversas, individualistas e dinâmicas. Sociedades construídas por indivíduos que representam variados sujeitos atuantes na estrutura daquela cultura. Para dar conta desta análise, a antropologia é a ciência que sustenta o estudo de complexidade, da diversidade cultural de uma sociedade. Heilborn (2003) explica que, com o estudo da “cultura, a dimensão biológica da espécie humana fica bastante obscurecida na medida em que é próprio da condição desses seres a capacitação cultural como essencial à sobrevivência. É a cultura que humaniza a espécie, e o faz em sentidos muito diferentes”.

A antropologia urbana em diálogo com a psicanálise, no Brasil, tem observado um “dos sintomas da modernização e individualização das camadas médias metropolitanas brasileiras” Duarte (2017). A individualização da sociedade contemporânea é exposta pelo autor como um processo de “interiorização” que tem se difundido através de concepções de “humanidade” e a “pessoa humana” como um ser dotado de “vontade e interioridade” objeto de análise filosófico e religioso. Também a exigência de cientificidade –evidente no universo deste trabalho – institucionaliza os saberes “psi”, e como veremos nos capítulos seguintes, o aspecto psicológico se faz ator importante na vida da pessoa ocidental contemporânea. A psicologização é então, a “institucionalização e difusão (propagação, disseminação, desenvolvimento, etc.) das disciplinas que compartilham o prefixo psi” (DUARTE, 2017).

A psicologização da maternidade aqui estudada se faz evidente desde o fundamento teórico de muitas das conselheiras e escritoras da maternidade. As diversas representações, tipos de criação, tipo de alimentação, disciplinas escolhidas, tipo de educação, e demais, estão fundamentados em observações de psiquiatras e intelectuais dedicados à investigação da psique infantil. Comportamentos, impulsos, psique do humano fazem parte do conhecimento e informação de boa parte dos indivíduos das classes médias. No percurso desta etnografia falo de alguns autores que difundem

teorias psicologizantes. Por agora, comentarei brevemente sobre o precursor da teoria psicanalítica “Attachment Theory”, John Bowlby¹⁷.

Bowlby escreveu a Teoria do Apego, a partir de observações feitas em um estudo que realizou a convite da Organização Mundial da Saúde. Tratava-se de um estudo de saúde mental com crianças sem lar, onde conheceu muitos dos investigadores da puericultura e da psiquiatria infantil. No prefácio da primeira edição, o autor explica como as observações de James Robertson, seu colega, serviram para ele e seus colegas observarem “os problemas e efeitos da separação da mãe nos primeiros anos da infância sobre o desenvolvimento da personalidade” Bowlby (p.7, 2002). Durante a pesquisa, Robertson, “ficara profundamente impressionado pela intensidade da aflição e desolação que testemunhara enquanto as crianças estavam fora do lar e pela extensão e duração dos distúrbios que apresentavam depois que regressavam” Bowlby (p.7, 2002).

Sendo que minha tarefa aqui é desconstruir algumas ideias que hoje estão “naturalizadas” na sociedade, vale salientar que Bowlby apresenta um estudo *comportamental*, debatendo conceitos como “instinto” ou “instintivo” e comparando em alguns momentos com observações feitas em primatas. Já ao final de seu livro, faz uma breve análise social, justificando o uso explicativo do vínculo “mãe-filho” como a dupla que tem prioridade na constituição da pessoa, mas que não necessariamente tem que ser assim. Uma vez conhecida a origem da categoria psicologizada, passarei a analisar a categoria: camadas médias ou classe média. Pérez-Bravo (2014) em um artigo sobre conjugalidade patriarcal em Venezuela, descreve as características do casal de classe média destacando aspectos de moral e mudanças nas funções da união social:

Las parejas de clase media, sus prácticas son intermitentes, entre el nomadismo y el sedentarismo afectivo. Los hombres y las mujeres ejercen una doble moral; las mujeres se debaten entre seguir diciendo «sí papi» a todo lo que diga el hombre, otras comienzan a decir «no me jodas» a todo lo que digan ellos. (PEDROZA, 2005, p.11). Los hijos son vistos como el fundamento de la unión, la pareja conyugal toma cuerpo y figura en la pareja parental, que es superpuesta a la relación conyugal. (PÉREZ-BRAVO, 2014)

As características descritas por Pérez-Bravo (2014) do casal venezuelano de classe média, são bastante específicas e determinantes. Descrevendo sutilmente um aspecto que marca as mudanças no pensamento feminino: “as mulheres se debatem

¹⁷ Ver: Bowlby, John. (2002)

entre seguir dizendo ‘si papi’¹⁸ a tudo o que diga o homem, outras começam a dizer ‘não enche meu saco’ a todo o que eles dizem, parece apresentar um casal com aspirações de igualdade de gênero. Possivelmente. A autora continua dizendo que o casal superpõe a criação dos filhos ante o relacionamento conjugal. A importância de manter a união em função do projeto “filhos”, sobre a relação conjugal. Realmente isso poderia ser uma característica encontrada em um dos casos desta etnografia, porém não é resposta da categorização das camadas médias aqui escolhida. A categoria camadas médias resume as individualidades encontradas no universo desta pesquisa.

¹⁸ Em Venezuela e outros países da América Latina o apelativo “papi” é usado pelas mulheres com seus companheiros. Pode ser uma expressão que varia do respeito e obediência da mulher, até ser usado no ato sexual ou como elogio para um homem “gostoso”. Ver também: “sugar daddy”.

CAPÍTULO I

2 Discursos das mulheres-mães

No percurso deste capítulo descreverei o universo materno a partir do diálogo com as interlocutoras pelos diferentes meios de comunicação utilizados. A partir do “Cuestionario para Madres” (Anexo 1), posso identificar certas características comuns entre as mulheres na sua representatividade materna: todas deram amamentação exclusiva para seus filhos nos primeiros meses de vida e todas pesquisaram temáticas sobre crianças¹⁹. São mulheres numa faixa etária de 22 a 45 anos²⁰. O formulário foi aplicado em espanhol para as mulheres que fazem parte do Grupo de WhatsApp Madres de Maturín²¹, do qual participam quatro (4) das seis (6) interlocutoras deste trabalho. As interlocutoras brasileiras fazem parte da rede profissional que estou inserida, e que me permitiu desenvolver um campo de observação face a face com duas (2) interlocutoras. Cada uma dessas mulheres estabelece um modo de criação e interação com os sujeitos “filho(os)”, “marido” e “mãe”²² com particularidades que serão observadas nos discursos que nutrem esta etnografia. Alguns desses discursos têm sido expostos publicamente através das redes sociais e num contexto privado, através de áudios por WhatsApp, entrevista pessoal e entrevista estruturada (Formulário Google “Cuestionario para madres”).

Com a finalidade de contextualizar o pensamento materno desse universo, considero primordial fazer uma revisão de aspectos relacionados ao sujeito mulher, as lutas feministas e o desenvolvimento de alguns processos históricos que fazem parte da construção das mulheres-mães na nossa sociedade. O cenário da cultura latino-americana mostra configurações sociais particulares para as mulheres, como a conquista de direitos e ativismo político feminino, que têm acontecido em momentos diferentes em comparação aos países desenvolvidos da Europa ou América do Norte. Porém, as categorias utilizadas por autoras norte-americanas, europeias e latino-americanas

¹⁹ As perguntas 5 e 8 do questionário *online* foram respondidas 100% como: “*Lactancia Exclusiva*” e “*Sim*” às perguntas: “5. *Amamantaste...*” e “8. *Has leído, te informaste o estudiaste temas sobre bebés, cuidados y educación de los niños?*” respetivamente.

²⁰ Considerando a mais nova no Grupo Madres de Maturín no início do contato com o campo de pesquisa (2016), até a mais velha no fim da pesquisa (2019).

²¹ Usarei o acrônimo MdM em alguns momentos, para me referir ao Grupo de WhatsApp que leva o nome: Madres de Maturín.

²² A mãe da mulher-mãe

dialogam neste trabalho, com a intenção de visualizar as relações que se desenvolvem, no contexto urbano, com a família, religião, Estado, medicina, e demais elementos que interagem com as mulheres-mães.

Na dinâmica urbana do ocidente, uma das características da sociedade contemporânea segundo Velho (2003) é que os sujeitos parecem desenvolver uma vida política significativa para criar realidades e universos variados, heterogêneos e complexos. O individualismo e as interações sociais construídas, juntam-se para gestar mudanças na organização social ainda que complexa, com especificidades produzidas a partir da dinâmica de gêneros, problematização das relações geracionais, novas identidades “e a complexa temática da cidadania política e cultural” (VELHO, 2003:9). Nas comunidades das camadas médias se evidencia como os sujeitos criam representações heterogêneas, aparentemente *novas* e diferentes, ou pelo menos é o que eles acreditam.

Parte dessas mudanças referem-se à família como organização social. Os novos arranjos familiares estudados por diversos autores como Fonseca, Zanotta, Bruschini e outros, têm partido desde discussões sobre a universalidade da família ou ideia da “naturalidade” da família ou também, o possível fim da família. A família construída como instituição e observada por os intelectuais percussores do pensamento humano (Freud, Malinowski, Marx) tende a ser compreendida como “natural” e até universal, fundada em argumentos biológicos controlados pela vida social, sendo a origem da reprodução humana.

Assim, a mulher como sujeito na sociedade ocidental representou até pouco tempo – meados do século XX – o sujeito “natural” entre a sociedade, biologicamente nascido para o labor de reproduzir uma pessoa: alimentar, cuidar, educar. Bittencourt (2011) traz o destaque na discussão sobre o *ser mulher*, as palavras da autora Serry Ortner em seu artigo “Está a Mulher para o homem. Assim como a natureza para a cultura?” donde diz que as mulheres sempre tem estado numa posição intermediária entre a natureza e cultura. Sendo considera próxima à natureza por estar representada num corpo feminino, a mulher, também é parte da cultura por seu trabalho social de *socializadora das crianças*, em parte por sua consciência e participação no diálogo social, ela é reconhecida como uma participante da cultura. Portanto, ela surge como

intermediária entre a cultura e a natureza numa escala de transcendência inferior a do homem. (Ortner 1979 apud. Bittencourt 2011: 88).

Rubin (1993) faz uma análise que denominou sistema sexo/gênero em seu artigo *O tráfico de mulheres: Notas sobre “Economia Política” do Sexo*, em que discute as teorias sobre relações de gênero, dialogando com as ideias planteadas por Karl Marx e Friedrich Engels de um ponto de vista econômico; Sigmund Freud e Jacques Lacan debatendo o aspecto psicológico; Claude Levi-Strauss com uma explicação estrutural da sociedade. Assim, identificou a opressão sexual das mulheres na ideia do pensamento marxista sobre o papel das mulheres dentro da sociedade capitalista. A autora critica a ideia da troca de mulheres como conceito construtor de sistemas sociais, analisando a partir da noção de gênero, a mulher representaria a mercadoria e os homens os capitalistas que através da troca formaria o sistema de parentesco. Daí, as mulheres nascidas biologicamente femininas são as responsáveis pela reprodução e produção da família, sendo o trabalho doméstico “naturalmente feminino” que fornece as condições para sustentar a força de trabalho mediante a transformação de mercadorias do capital. De acordo com Rubin, o sistema capitalista beneficia-se e gera excedentes porque existe o trabalho das mulheres, sem elas não poderia existir excedentes, porém elas não se beneficiam do capital resultante de seu trabalho.

Bitencourt (2011) refere também na sua tese, como os sociólogos “pensadores” importantes como Émile Durkheim e Max Weber, além de Marx, constroem um modelo de *mãe* descrita em suas clássicas produções literárias. De acordo com a autora, Durkheim expressa que nas mudanças das sociedades modernas houve um câmbio de solidariedades que originou uma divisão social diante das demandas sociais, que parte do pressuposto de que “a mulher moderna teria na maternidade a sua principal função a partir da divisão social do trabalho” (Bitencourt, 2011). Também para Marx

o trabalho das mulheres desempenhado no espaço doméstico a fim de reproduzir a força de trabalho do homem provedor não será tratado com igual importância em relação ao trabalho reprodutivo, por não extrair a mais-valia.

O autor Max Weber, ao descrever o tipo ideal de cientista/acadêmico, deixa subentendido em sua análise que o mesmo deveria dedicar-se integralmente à Ciência. Desta forma, as mulheres que decidiam pela carreira deveriam incorporar este tipo ideal de cientista, logo abdicando de outras escolhas, como por exemplo, ser mãe. (BITENCOURT, 2011: 87)

Importante denotar a produção masculina do pensamento humano, sendo pouco aprofundada no mundo feminino. O sujeito mulher, desde a informação que sabemos e temos na atualidade, até a origem desse pensamento, claramente tendo como precursores das literaturas, antropologia e outras ciências, um mundo masculino, tem uma trajetória diacrônica e fascinante de explorar. Todas as “verdades” expostas nesse trabalho, a partir de palavras escritas, são pensadas e produzidas por uma mulher que nasceu numa cultura patriarcal latino-americana e inserida numa ciência social cujos maiores representantes intelectuais, são homens. Aliás, o *pensamento feminino*²³ compõe grande parte da etnografia. Veremos assim, no percurso da pesquisa uma constante lembrança de como a produção feminina representa um elemento imprescindível na luta feminista. Sendo as mulheres quem expressam e explicam o que elas vivenciam e experimentam, se distanciando da tradução masculina.

Finalizando a primeira metade do século XX, Scott (2012) aponta que o papel das mulheres-mães era o de manter a família “higienizada”, ou seja, criar indivíduos educados, formados num ambiente doméstico, livre de vícios e com disciplina de trabalho. Eram “as mães, as responsáveis pela formação de uma descendência saudável, cuidando e vigiando o comportamento e as escolhas de seus filhos e filhas” (Scott, 2012:18). Já para a segunda metade do século XX, efetivaram-se novos desafios na vida das mulheres, câmbios evidenciados marcadamente nas camadas médias com incorporação delas ao mercado trabalho, após a conquista dos direitos da mulher e a institucionalização da separação. Até então, as mulheres das camadas médias tinham se mantido na esfera doméstica inseridas na família patriarcal dependentes do marido. Porém, Bruschini (1990) aponta que o trabalho assalariado representou “uma carga adicional, que não muda a responsabilidade das mulheres pela produção de valores de uso na família e para a família”, elas continuavam sendo responsáveis na esfera privada.

Na contemporaneidade, iniciando a segunda década do século XXI, acontece que as mulheres ganham filhos e junto a identidade de *Mãe* e aparentemente também, com as respectivas responsabilidades compreendidas como “naturais” da mulher: cuidado, educação – reprodução e produção da pessoa. Porém, há mudanças e novidades características da dinâmica mesma de ativismos, comunidades e demais organizações sociais da cultura ocidental. Boa parte das transformações sociais no

²³ Antropólogas, sociólogas, jornalistas, psicólogas, psicopedagogas, medicas e mães.

mundo das mulheres ocidentais gestaram-se no pensamento feminista, a partir de discussões das relações sociais que envolvem elas como sujeitos. Dentro do feminismo como movimento de luta social, “reconhecido como um dos maiores e mais bem-sucedidos movimentos do século 20” (RAGO, 2004) constroem-se representações individuais da experiência feminina por escolha livre. *Ser mãe* pode estar sendo um ato político de representatividade individual, construída pelas mesmas mulheres.

2.1 Mulheres & direitos

Ocupo umas laudas de revisão bibliográfica sobre o processo histórico da mulher, porque como veremos no capítulo “Maternidades Contemporâneas” existe um discurso comum entre as interlocutoras como uma aparente relação conflituosa da dupla mãe-filha. As mulheres-mães-avós relacionadas indiretamente com essa pesquisa, são de uma geração nascida das décadas de 1940, 50, 60 e 70, mulheres nascidas e criadas em diversos contextos da cultura ocidental latino-americana, camponesas e urbanas. Destaco o enfoque de revisão bibliográfica em estudos desenvolvidos dentro do Brasil, por tratar-se dessa pesquisa ser escrita para leitores da academia e demais comunidade brasileira, só algumas datas históricas serão relacionadas com Venezuela. Ainda que os processos históricos de ambos países sejam diferentes, existem similitudes que englobo na categoria: América Latina.

O artigo *O calidoscópio dos arranjos familiares*, de Ana Silvia Scott (2012), expôs brevemente os avanços históricos referentes à mulher e às mudanças em sua condição dentro da família, no Brasil. Scott faz referência primeiramente ao Decreto-lei de 24 de fevereiro de 1932 que permitia o voto feminino, mas foi apenas em 1946 que realmente consolidou-se a permissão no Brasil. Em Venezuela foi um processo similar, apenas em 1947 as mulheres exerceram seu direito ao voto. Em datas intermediárias desse período, no Brasil, em 19 de abril de 1941, Getúlio Vargas assinou o Decreto-lei 3.200 onde o Estado comprometia-se a educar a infância e a juventude para a família:

Devem ser os homens educados de modo que se tornem plenamente aptos para a responsabilidade de chefes de família. Às mulheres será dada uma educação que as torne **afeiçoadas** ao casamento, **desejosas** da maternidade, **competentes** para a criação dos filhos e **capazes** na administração da casa. (Schwartzman, 1981 apud. Scott, 2012:20)

Evidenciando o discurso de Estado, que no momento instrua o que seria o papel da mulher, apegado a sua “natureza” submissa, sob o poder do marido e determinada pela moral religiosa familiar. Em 1942 foi estabelecido no Código Civil a *separação do vínculo matrimonial* e “aqueles que tinham a coragem de escolher essa via eram frequentemente vistos como párias (sobretudo as mulheres), indivíduos que haviam falhado na importante tarefa de constituir e manter uma família” Scott (2012). As mulheres das camadas médias e altas foram as mais afetadas pela nova oportunidade de escolha por uma vida digna para ela e seus filhos; aquelas que dependiam totalmente do marido, a decisão de se separar as condenava à pobreza porque não tinham condições econômicas com que manter-se a não ser que os pais as ajudassem, fato que era difícil de acontecer por serem consideradas falhas no seu labor como mulher. As mulheres das classes populares não percebiam grandes mudanças nas suas dinâmicas, já que geralmente eram elas que trabalhavam para prover a família, pois mesmo estando casadas o sustento do lar é produzido pelos dois.

Em 1950 consumava-se a Primeira Onda Feminista que, de acordo com Scavone (2001), apresentava a maternidade como algo a ser combatido, por ser considerada um mandato do patriarcado. As feministas nos anos 60 e 70 lutavam pelo fim da violência contra as mulheres e da maternidade como mandato. Dessas lutas nasceram as frases “**meu corpo me pertence**” e o “**pessoal é político**”. De acordo com Carneiro (2011), as mulheres-mães inseridas no movimento feminista começaram a lutar pela necessidade de creches, amparo do estado na criação das crianças e acompanhamento da sociedade. No entanto, no Brasil ainda era importante dar a mulher em casamento para ter filhos e construir uma família, Scott comenta que a maioria das mães ensinava a suas filhas a importância do casamento seguido da procriação como destino honroso da mulher:

[...] ser mãe (depois de tornar-se esposa, é claro) conferia-lhe uma posição de prestígio na sociedade, maior que qualquer outra “carreira”. Não desempenhar o papel materno seria algo como “trair a essência feminina. (SCOTT, 2012:24)

Se bem na década dos 60 algumas mulheres ensinavam suas filhas primeiro a ter filhos, também se efetivavam mudanças sociais que mostravam um outro aspecto: a geração de filhas estava se inserindo no mercado laboral, tendo família e filhos. Bassanezi (2014) comenta que a partir dessa década, começou uma valorização da “mulher profissional” em oposição às “donas de casa” que cumpriam funções domésticas, esta sendo uma ocupação não remunerada. Porém, as mulheres deviam ser

“polivalentes” conciliando trabalho produtivo feminino – aceito e legitimado para a época – com as tarefas do lar. Mais adiante, nas questões sobre as gerações²⁴, explorarei a influência desses processos nas relações das mulheres-mães com suas mães. Uma geração para a qual o trabalho feminino foi um *direito adquirido* e diferencial da geração de suas mães²⁵, portanto, inegociável em relação aos filhos. Essa geração de mães que negociou/contratou com múltiplos agentes sociais como criadoras, babás, avós, tias, familiares e escola, o cuidado de seus filhos para sair a trabalhar fora de casa, representam as agora avós dos filhos das mulheres-mães apresentadas nessa pesquisa.

Assim mesmo, é importante notar que antes de 1980, a saúde pública não considerava as particularidades do corpo da mulher. A saúde da mulher era discutida apenas nos movimentos feministas desde a década de 1930 como uma reflexão teórica que facilitava a articulação feminina para a luta pelos direitos legais e políticos da época. Ao que se refere a temáticas de educação sexual, planejamento familiar, difusão e informação de métodos contraceptivos, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e dos tipos de câncer que atingem especificamente os corpos femininos, ocupavam unicamente aos movimentos feministas, os quais informavam e trabalhavam com as mulheres (XAVIER, ÁVILA e CORREA, 1989 apud. CARNEIRO, 2011: 246). De acordo com Mattar e Diniz (2012) a mulher é considerada sujeito de direito desde dezembro de 1979, quando foi criada a Resolução 34/180 inserida à Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 da Organização das Nações Unidas. A resolução considerava necessária a eliminação da discriminação contra as mulheres e “assegurar igualdade”, num documento que representava para a época a conquista mais importante: a mulher tem direitos humanos. Como consequência gradualmente foram alcançando outros direitos como os reprodutivos, primeiramente pensado como *saúde da mulher* e direitos sexuais.

O enfoque contemporâneo sobre as experiências femininas construídas a partir delas mesmas, tem suas origens nos direitos reprodutivos e sexuais que abrem caminho para a mulher na cultura ocidental. Mattar (2008) comenta que a primeira menção sobre os direitos reprodutivos foi em 1968, no Irã na I Conferência Internacional de Direitos Humanos, porém, ainda apresenta muita resistência e “sua efetivação está longe de ser

²⁴ No Capítulo II. Maternidades Contemporâneas

²⁵ Aqui estou falando da geração de mães nascidas no início do século, cujo direito conquistado foi o voto feminino, mas os direitos da mulher, os labores com a família, maternidade, relação do casal, ainda não eram debatidas.

plena, mesmo nos países mais desenvolvidos”, de acordo com as palavras da autora. Não obstante, o termo “direitos reprodutivos” foi dado a conhecer por feministas norte-americanas, em 1984 durante o I Encontro Internacional de Saúde da Mulher na cidade de Amsterdã. A denominação de “direitos reprodutivos” surgiu no debate sobre o conceito de “saúde da mulher”, o qual referia-se especificamente a aspectos reprodutivos com que nascem os corpos femininos biologicamente. Correa & Avila (2003 apud. Mattar 2008) destacam que a produção de conteúdo dos direitos reprodutivos se iniciou na América do Norte e Europa de “um marco não institucional”, a partir da desconstrução da maternidade patriarcal combinada à luta pelo aborto e uso de anticoncepcionais.

Os *direitos reprodutivos* representam um conjunto de práticas e conceitos que são debatidos a partir da terceira onda do feminismo —é uma categoria criada na década de 80—, portanto em desenvolvimento na institucionalização destes. Raupp Rios (2006) indica como os direitos reprodutivos são expressados em documentos oficiais como “a possibilidade de homens e mulheres tomarem decisões sobre sua sexualidade, fertilidade, saúde relacionada ao ciclo reprodutivo bem como a criação dos filhos”. Contudo, o termo de “escolha reprodutiva” presente nos Direitos Humanos a partir de 1968, continua atuando a ideia de que “os pais têm como direito humano básico decidir de forma livre e responsável sobre o número e o espaçamento de seus filhos e o direito à educação adequada e informação a este respeito” (Mattar, 2008: 67). Tudo isso implicaria na obrigação dos governos —aderidos à Comissão de Direitos Humanos— de criar programas de planejamento familiar, os indivíduos terem acesso a informações que facilitam a compreensão de suas escolhas, contar com os recursos necessários para que esta escolha seja eficiente e segura (Ávila, 1993 apud. Raupp Rios, 2006), enfim, contar com algumas garantias sociais proporcionadas pelo Estado.

O discurso a respeito dos *direitos sexuais* das mulheres teve início na mesma época em que o discurso dos direitos reprodutivos começaram a entrar em pauta. Na década de 80, a partir da reivindicação do movimento de gays e lésbicas, se iniciou o que seria a formulação atual dos direitos sexuais. Em conjunto com o movimento feminista, o movimento de gays e lésbicas lutava pelo reconhecimento do “livre exercício da sexualidade, de forma saudável e segura, como um direito, para, então, demandar políticas públicas voltadas para sua realização” (MATTAR; DINIZ, 2012).

Até este momento tem se conseguido a “positivação” destes direitos, no parágrafo 96²⁶ da Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher, a reunião que aconteceu no ano de 1995 em Pequim, China, tinha como temática central a “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”. Porém, as feministas continuam lutando para conseguir as mudanças necessárias para que estes direitos sejam contemplados em textos jurídicos-legais, o que significaria uma *efetivação* e consequente *exercício* do direito contemplado. A luta pelo reconhecimento dos direitos sexuais em documentos oficiais representa parte das reivindicações do movimento feminista contemporâneo, tendo em vista que os Estados terão obrigações com os cidadãos portadores dos mesmos.

Nos estudos sobre família pode se evidenciar como as mudanças da instituição familiar, depois dos anos 50 no Brasil, representam novos cenários para a mulher, a possibilidade de escolher seu destino. Bruschini (1990) considera que a modernização da família brasileira na época, aconteceu no marco teórico do individualismo, construindo “uma família igualitária, ao mesmo tempo se valoriza à opção e à vida pessoal, ao privado e ao subjetivo, por oposição aos valores hierarquizados”. Os câmbios na instituição família no mundo ocidental, onde o número de divórcios passa a aumentar, diminui os casamentos, diminui o número de filhos por família, constroem-se em novos modos de famílias como as monoparentais, recompostas, homoparentais, etc. Bruschini durante sua pesquisa em 1985, observou nas camadas médias do Rio de Janeiro: a separação, o casamento sem coabitação, o papel da avó, a nova maternidade, as mães solteiras, os casais grávidos e a opção por ser “single”.

Para o momento em que iniciei o campo desta pesquisa no começo de 2016 até metade do 2019, as dinâmicas familiares e mudanças nas vidas das mulheres-mães têm sido uma amostra da construção familiar contemporânea. Três delas passaram por processos de separação e divórcio no início e durante a pesquisa: Laura firmou a sentença de separação da União Estável com o pai de seu filho no último trimestre de 2018; Victoria, no réveillon do 2018 achou o marido falando com uma mocinha no celular e iniciou o processo de separação; e Anne em Janeiro de 2019, pediu para o

²⁶ “Os direitos humanos das mulheres incluem os seus direitos a ter controle sobre as questões relativas a sua sexualidade, inclusive sua saúde sexual e reprodutiva, e a decidir livremente a respeito dessas questões, livres de coerção, discriminação e violência. A igualdade entre mulheres e homens no tocante às relações sexuais e à reprodução, inclusive o pleno respeito à integridade da pessoa humana, exige o respeito mútuo, o consentimento e a responsabilidade comum pelo comportamento sexual e suas consequências.” Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher. Pequim, 1995.

marido assinar os papéis do divórcio depois de “esperar que os dias de festas acabassem” (Anne, Diário de Campo Fevereiro 2019). Por outro lado, Frida continua numa relação de união estável ou concubinato com o pai de seus filhos, e Mariana e Andreina são casadas e continuaram casadas durante a pesquisa.

Um dos aspectos a ressaltar nas transformações e mudanças das relações com a instituição familiar, principalmente gestado nos estratos médios urbanos, é a influência da informação inovadora e “modernizantes” promovidas através de diferentes atores e instituições sociais, estas inovações afetam a vida doméstica o que gera novos estilos de vida e cria “próprios emblemas simbólicos” (BRUSCHINI, 1990 apud. ROMANELLI, 1986: 77). Assim, alguns autores vêm observando como as relações de gênero vão mudando em busca de uma relação “igualitária” nas responsabilidades dos sexos, assim como o “diálogo franco e aberto entre as gerações” (BRUSCHINI, 1990). Para ilustrar esta ideia, o conceito de “casal igualitário” de Tania Salem (1989) representado por jovens casais que almejam entre outros ideais – naturalistas, etc. –, o ideal de igualdade total entre os sexos. Antes do casal ter filhos, enquanto eles vivem de forma relativamente independente dos próprios pais, marido e mulher tendem a se sentir satisfeitos com esta orientação. Os casais relacionados com o parto humanizado, informados das temáticas de gênero, interessados numa *igualdade* de responsabilidades no projeto de família planejada, mantêm-se juntos durante a primeira gravidez em que o marido participa integralmente nas visitas ao ginecologista, compartilha o regime alimentício da mulher e dedica tempo a labores domésticas. Após do nascimento do primeiro filho, no entanto, implica certos rearranjos estruturais que não são previstos no modelo ideal do casal – anteriormente – sem filhos.

2.2 Caso Mariana e Andreina, os Casais Igualitários

Andreina é uma mulher profissional, venezuelana, graduada como Gerente de R.H. Depois de 5 anos de namoro, casou-se com o desejo de sair de casa de sua mãe. Conheço ela desde o ensino médio, fomos colegas do colégio e vizinhas no bairro onde morávamos, lembro que muitas vezes depois de ir ao cinema com o namorado, dizia para a mãe que estava numa boate para ficar dormindo na casa do namorado, por volta de umas 5h da manhã, ele levava de volta para sua casa, dessa forma ela “amanhecia em

sua casa”, era a norma. A família de tradições católicas acentuadas, estabeleceu a norma que ela saia de casa casada. Os conceitos de casal, moradia e desejos de co-habitar foram catalizadores para o casamento.

O casal comprou uma casa nos arredores da cidade onde seus pais moravam, a uma distância significativa, sem mudar de cidade, mas distantes com a plena intenção de estar sós. Distância que dependendo do momento que se olhava para ela, era benéfica ou não²⁷. Em algumas ocasiões, quando ainda viviam em Venezuela, ela dizia: “Nós queríamos morar longe de todos, num lugar que fora difícil para a gente nos visitar, para estar tranquilos com nosso menino”. Depois de casados foram morar juntos e uns meses mais tarde estavam anunciando à suas famílias a chegada do primeiro neto. Ao princípio foi um pouco problemático para a família dela, que cuidou de sua saúde – ela tem diabetes Tipo 1 desde a adolescência – e alarmaram-se considerando a gravidez como um fator de alto risco para sua vida. Porém, o casal tem se comprometido no projeto familiar com a participação ativa do pai no cuidado dos filhos, a preparação de alimentos, as tarefas domésticas divididas entre os dois adultos, concordando no tipo de educação e criação que desejam para seus filhos.

Sem embargo, essa relação “igualitária” entra em conflito quando a produção econômica é percebida na equação. Andreina e seu marido migraram para o Equador ao final de 2016, com seu primeiro filho ainda de colo (1 ano e meio), venderam casa e carro, tomaram as malas e empreenderam uma viagem para um país diferente com o desejo de um melhor lugar para a família se desenvolver. Foram se gestando tensões no decorrer do tempo quando o casal se percebe totalmente só, sem familiares por perto, aspirando uma vida com comodidades superiores as que tinham em seu país, levando uma criação presencial com o filho de pai e mãe com um *plus* da resistência a trabalhar como empregados, desejando empreender seus próprios negócios. Depois de um ano morando em Quito o casal esperava a chegada do segundo filho. Essa segunda gravidez junto com a migração foi para ela um rebuliço de emoções e conflitos na experiência materna de “mãe de dois” como ela coloca em suas novas identidades. Uma ambivalência evidente de conflitos de entre os conceitos da família de origem e os novos ideais das camadas medias almejando modelos de família europeus ou norte-

²⁷ Na discussão sobre Redes de Apoio contemporâneas do Capítulo II, desenvolverei o discurso de incômodo pela distância com os avós.

americanos ancorados num sistema de políticas públicas que amparam a vida social, bem diferente da realidade latino-americana.

Sacks (1975 apud BRUSCHINI, 1990) comenta que as esferas doméstica e social não são independentes, sendo difícil conceber uma relação doméstica completamente igualitária quando só o conjugue masculino participa da produção social. Sacks conclui que a igualdade social só poderá ser alcançada se o trabalho de homens e mulheres for do mesmo tipo: produção de valores de uso social. Lembra, contudo, que isso só será possível se a família e a sociedade deixarem de ser esferas econômicas separadas e se integrarem numa só esfera social. Somente então as mulheres passarão a ser cidadãs de primeira classe. No caso de Andreina a esfera doméstica não é problema, a esfera pública, o desejo de voltar ao mercado de trabalho é sim um conflito na sua experiência. Converter-se em mãe gerava a sensação dela ter perdido a possibilidade de produzir economicamente e ainda que seu marido cuidasse dos filhos, fazia o café da manhã e levava na cama, a ele também estava restando pouco tempo ao trabalho produtivo/provedor masculino. Na discussão sobre o trabalho²⁸ das mulheres-mães aprofundarei a análise das inquietudes de Andreina.

Outra é a experiência de **Mariana** e seu marido que são brasileiros e moram no Brasil. Eles casaram-se quando ela tinha 16 anos e ele 19 anos. Ambos cristãos, fizeram uma cerimônia após o casamento civil, sem ela estar grávida. Numa entrevista por áudio de WhatsApp, ela denota: “Me casei por ter a possibilidade de ter independência. Não estava grávida nem tinha tido relações sexuais antes do casamento.” Mariana²⁹ (Diário de Campo Março 2019). Mantiveram-se sete anos de matrimônio sem ter filhos, enquanto ela fazia faculdade. Ela e seu esposo fazem um casal unido em todo o projeto de preparação acadêmica profissional dela. Ele cuida dos filhos enquanto ela estuda.

No último ano da graduação dela o casal concordou que era o momento para ter seu primeiro filho; no seu projeto pessoal de vida a educação e formação profissional era parte de suas metas, interessada por novas oportunidades de formação, confessa que “não podia ver um edital porque eu queria participar” Mariana³⁰ (Diário de Campo Março 2019). Assim, no oitavo mês da primeira gravidez, prestou a prova para o

²⁸ Ver. Capítulo III. Empreendimento materno.

²⁹ Mariana. **Pergunta: “pode-me relatar um pouco de sua maternidade?”**. WhatsApp: [Conversação privada] 28/03/2019. Áudio de WhatsApp.

³⁰ Idem.

mestrado e seguidamente foi aprovada. Iniciou o mestrado com um bebê recém-nascido afirmando: “O bebe foi planejado, mas o mestrado não era. [...] Foi muito difícil, não vou te dizer que foi fácil. Foi muito difícil, é muito difícil, está sendo difícil [...] Mas não impossível”. O seu segundo filho chegou quando estava escrevendo a dissertação. Recebeu a notícia de ter sido aceita no doutorado enquanto amamentava seu segundo filho de 6 meses. O esposo renunciou ao trabalho e a família toda mudou-se para outra cidade, depois de vender sua casa própria na sua cidade natal, para ter recursos econômicos no projeto familiar. Moraram um ano em Manaus enquanto ela fazia todas as disciplinas e posteriormente voltar ao estado de origem, perto da família.

Atualmente os seus dois filhos tem três (3) e quatro (4) anos. Seu esposo fica com as crianças em casa enquanto ela avança na sua pesquisa. Para o momento desse trabalho, Mariana está no segundo ano do doutorado e o esposo compartilha com ela seu projeto “[...] ele disse: “sim, você vai conseguir!””. Comenta também que ainda que seu esposo exerce a tarefa de cuidados diários, as crianças demandam a atenção da mãe, portanto ela resolveu passar o dia na biblioteca da universidade, para assim poder concentrar-se nos estudos, já que ao voltar em casa o tempo é restrito aos labores domésticas e atenção dos filhos.

Fonseca em seu artigo *Amor e Família: vacas sagradas da nossa época*, publicado em 1995, analisa brevemente o “Casal Igualitário” de Salem nas camadas medias de Rio de Janeiro, e considera o conceito um mito moderno, que acaba quando as expectativas e idealizações encontram-se com os arranjos da sociedade. Cuidados do bebê, igualdade entre a mulher-mãe e o homem-pai, intimidade do casal distante dos próprios pais, chega a ser um conjunto de almejos que não bate com o comportamento social.

Em um contexto onde creches são poucas e malvistas e onde a filosofia naturalista recomenda a presença contínua da mãe, a mulher da família abre mais facilmente mão de sua carreira profissional - e essa desistência leva inevitavelmente a uma divergência dos caminhos masculino e feminino. Ainda mais, a família extensa volta, neste momento, a figurar com maior importância e a introdução dos parentes maternos nas atividades ligadas ao cuidado de nenê constitui um obstáculo a mais à intimidade dos esposos. Ora, não há nada intrinsecamente estranho nestes rearranjos que parecem bem adaptados ao contexto social e material deste grupo de pessoas. (FONSECA, 1995:83)

Na experiência de Mariana, a família e amigos fazem pressão para eles mudarem os acordos que ela e seu marido tem tomado: ela estudar e ele cuidar das

crianças durante o dia, sem trabalhar. Durante o mestrado a família aconselhava: “tranca o mestrado e cuide de sua família”. Ela expressa ao final da entrevista, já cansada, resignada a explicar o pensamento da família tradicional:

Ele deveria estar trabalhando e eu cuidando de nossos filhos[...] o julgamento também das pessoas é muito difícil. Para aquelas pessoas que não estão acostumada com esse tipo de organização familiar é muito difícil para elas conviver. Principalmente quando elas são os nossos pais, os meus próprios irmãos. É difícil eles verem. “Ahh, mas você tá passando uma situação difícil e economicamente financeira porque você quer. Você pode muito bem trabalhar, você é mestre, pode trabalhar na Universidade, seu esposo pode trabalhar. Vocês podem colocar o filho de vocês na creche e resolve todos os problemas”. Porque o doutorado não é uma coisa que tem validade no nosso eixo familiar e ironicamente, no atual cenário político brasileiro, também não tem toda a validade. (Mariana. Pergunta: “**pode-me relatar um pouco de sua maternidade?**”. WhatsApp: [Conversa o privada] 28/03/2019.  udio de WhatsApp).

O casal prefere cuidar eles mesmos das crianças, ela afirma estar evitando enviar os meninos a uma creche. A temática de enviar as crianças   creche, a decisão da escolariza o, o tipo e alimenta o, e até as decisões sobre a saúde da criança, são alguns dos aspectos que entram no debate entre as mulheres-mães e seus núcleos familiares, em especial com a própria mãe. Desta forma, a família da mulher pode ou não representar uma pressão social para a tomada de decisões na sua vida. As decisões são tomadas em fun o do que   melhor para ela garantir um futuro para sua prole, o que gera algumas tensões entre a mulher-mãe com seus pais, irmãos e amizades.

2.3 Pós-Parto: nasce uma criança, nasce uma mãe

Em 1909, van Gennep descreveu os ritos de passagem na gravidez e o parto, nas sociedades tribais. O autor descreve a passagem de “mulher   mãe”, através de ritos de separa o, margem e reintegra o. Essa passagem acontece como um evento importante na vida da aldeia e da mulher mesma, que “ao **tornar-se mãe** sua situa o moral e social aumenta. **Passa de mulher simplesmente a matrona, de escrava ou concubina   mulher igual às mulheres livres ou legítimas.**” (VAN GENNEP, 1909: 58). Mediante a organiza o de uma série de cerim nias, passos e etapas marcam claramente o passo de uma etapa da vida a outra, os tempos da gravidez, do parto e do pós-parto v o preparando a mulher e a criança para uma “nova vida”, a mulher nasce como mãe e o beb  nasce como indivíduo novo da aldeia. Quando a mulher retorna do parto, depois

de ter sido “separada” do grupo, se mantém à margem da sociedade durante um tempo, que varia de acordo com a cultura, e finalmente é reintegrada à vida social. O período de margem da mulher e a reintegração parece se descrever pelo “parto fisiológico” e o “parto social”³¹, o primeiro é quando o bebê nasce, o segundo acontece mediante cerimônias de reintegração da mulher agora *mãe* e reconhecimento social desta como *mulher*, já não mais uma criança.

Na época, van Gennep (1909) denota a diferença nas sociedades tribais observadas nos estudos de Frazer, Tylor, River e outros colegas com a cultura ocidental, onde o retorno do parto físico tende a coincidir com o retorno do parto social. Nas sociedades estudadas por van Gennep as mulheres levam o parto fisiológico durante o processo de *separação e margem* do rito, e nos ritos de *reintegração* acontece o parto social. Nas mulheres da sociedade ocidental é diferente, as mulheres encontram-se num estado físico e mental, geralmente, incompreensível para o entorno, o qual continua cobrando dela uma resposta coerente e centrada no cuidado e educação do recém-nascido. O parto físico acontece uma hora antes de entrar ao parto social ocidental: o encontro com a criança e o resto da família na espera de conhecer a nova pessoa. A mulher puérpera retorna à vida social imediatamente depois do parto integrada e conectada as atividades do fazer cotidiano, além do cuidado da criança.

Diz uma mãe do grupo de WhatsApp: “A maternidade viaja na sua memória celular [...] O que você traz da sua árvore [...] A maternidade dos nossos antepassados[...]³² Mãe R³³. (Diário de Outubro 2018). Esse comentário foi uma das respostas obtidas no grupo de WhatsApp Madres de Maturín, após eu fazer a seguinte pergunta: “Meninas, desde quando vocês são mães?”. As colocações de cada uma foram aparecendo desenhando um matiz de percepções e experiências. Três mães indicam o resultado “positivo” do farmacêutico como o início de sua experiência como mulheres-mães:

³¹ Van Gennep (1909) explica “Daí se desprende que o retorno do parto fisiológico não é levado em consideração, mas existe um *retorno social* do parto, assim como existe um parentesco social diferente do parentesco fisiológico, um casamento (social) diferente da união (sexual), e [...] uma puberdade social que não coincide com a puberdade física” p. 56

³² Mãe R. Pergunta: “Meninas, desde quando vocês são mães?”. WhatsApp: [Grupo Madres de Maturín] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp.

³³ Mãe R. é uma das mães que faz parte do grupo de WhatsApp, mas não forma parte das interlocutoras direitas dessa pesquisa, porém a representação de seu discurso foi emblemático para fazer algumas colocações, como é o caso agora.

"Bem, eu não decidi, [...] eu tenho sido mãe desde que o farmacêutico me disse que era positivo" Mãe J.³⁴

"A maternidade para mim começou desde que o resultado foi positivo. A partir daquele dia, comecei a cuidar da minha gravidez e me cuidar mais pela a gravidez." Mãe M.³⁵

"Eu me tornei uma mãe de 3 príncipes, um procurado e outras foram surpresa, (risos). Mas serei mãe até eu morrer" Mãe H.³⁶

A "surpresa" com os filhos não planejados é comum de ver no discurso materno, ser assumidos com "amor" e mesmo que se perceber um ar de resignação, a obrigação como pessoa responsável por aquela nova pessoa, não evidencia nenhuma classe de arrependimento, muito pelo contrário "ser mãe até morrer" reflete uma entrega abnegada ao labor.

[...] Acho que sou mãe não desde o teste caseiro ou sangue deu positivo, mas sim a partir do primeiro ultrassom, quando ouvi seu coração, comecei a chorar ainda me lembro da voz do meu médico: Parabéns "N..!!" Agora sou mãe de dois lindos filhos (menina e menino). Mãe N.³⁷

A partir da idealização de concepção da vida humana, os sinais de vida de um indivíduo existindo dentro de seu corpo é uma fonte de ilusão e múltiplas experiências que as mulheres vivem com prazer. A variedade de respostas e enfoque da questão "ser mãe" pode significar para cada uma um começo, um momento histórico, uma experiência distinta. **Anne** dedica um tempo para escrever uma mensagem que resume seu incômodo da forma em que se converteu em mãe, manifesta abertamente no grupo:

"A mim, meu marido me deixou grávida com toda a intenção, porque passávamos uma crise [...] ele sabia que não tinha tomado a pílula, apesar de que eu tenho endometriose e útero reverso [...] eu acreditava que não ia ficar grávida. E tomei a pílula de emergência depois de ter relações sexuais. Mas nada, aqui está a A. com um ano de idade. Que honestamente *eu entendi quando era mãe foi quando ela nasceu*, porque eu estava em choque os primeiros meses de gravidez, eu não estava preparada para ser mãe, nem acreditava que era o momento[...] Até que eu a vi e agora é minha maior bênção e minha mais linda criação (risos)" (Anne. **Pergunta: "Meninas, desde quando vocês são mães?"**. WhatsApp: [Grupo Madres de Maturín] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp.)

Anne é outra das mães que participa como colaboradora, ela é venezuelana e mora em Venezuela. Disposta a falar de sua experiência de 'primeriza'³⁸ como ela

³⁴ Pergunta: "Meninas, desde quando vocês são mães?". WhatsApp: [Grupo Madres de Maturín] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ Primeriza se chama assim, em Venezuela, a mulher que pare pela primeira vez.

mesma considera, ela aceitou participar como minha interlocutora. As vivências de Anne estão marcadas por emoções “não resolvidas” de sua relação com seus pais, de acordo com o que ela afirma. Esse tem sido o foco de nossas conversações muitas vezes. De todas as colaboradoras dessa pesquisa, ela é a única com quem nunca tenho falado pessoalmente, face a face. Na adolescência em algum momento estivemos em uma festa de amigos em comum³⁹ mas não trocamos palavras. Porém a comunicação com ela tem sido através de WhatsApp desenvolvendo longas conversas que iniciaram quando ela procurou meus serviços de conselheira de aleitamento materno. Em meados de 2017, fiz uma orientação por vídeo-chamadas no segundo dia de pós-parto dela. Anne tinha parido uma menina em Caracas e eu estava em Maturín. A assessoria transformou-se em reflexões “psicológicas”, “espirituais” e demais experiências pessoais compartilhadas mutuamente, significando companhia e apoio emocional para o momento que ela vivia, o pós-parto.

Ela é uma mulher comerciante, empreendedora que afirma amar o trabalho fora de casa. É filha de um empresário de uma família ligada à política. Sobre os temas que a inquietam em sua experiência como mãe é ter observado abusos, excessos e maus tratos entre seus pais. Em oportunidades comenta “ter visto muita coisa” na vida de seu pai sem entrar em maiores detalhes, eu também não pergunto. Devo manifestar, respeito a minha falta de iniciativa para aprofundar determinados temas. Considero que existem códigos sociais dentro das relações dos indivíduos desse universo, em que há espaços da vida privada que não se falam se não saem da interlocutora. Normas de uma moral advinda do catolicismo, provavelmente, de manter certos eventos discretos. Pode existir para mim uma diferença dos sujeitos das camadas populares e rurais onde é mais fácil acessar a informação de vivências consideradas imorais ou não aceitas socialmente, nas camadas médias, provavelmente existe uma série de conceitos e normas que limitam a acessibilidade a certos aspectos que transparecem nas falas das mulheres mães.

Continuando com a experiência de Anne: casou-se ao ficar grávida e até o momento não tinha feito qualquer projeto de vida com o pai de sua filha, *ser mãe* representou uma mudança na sua vida que gerou vários tumultos. Para Anne, a

³⁹ Avançada a pesquisa, enviei para ela uma foto em que estávamos as duas, casualmente, no mesmo grupo de pessoas. Isto é um aspecto que denoto como mostra dos modos de se relacionar na sociedade contemporânea, os indivíduos se “conhecem” e estabelecem “relações duradouras” (profissionais, amizades e sexuais) através do uso de tecnologias modernas como a internet e aparelhos intermediários como o smartphones, computadores e outros.

maternidade tem sido uma reunião com muitas vozes⁴⁰ que lhe dizem como educar e orientar os cuidados de sua filha. Ao início do casamento e do nascimento da criança, o casal morou na casa do pai dela, que foi bastante hostil com ambos. Moraram outro tempo com seus sogros até que conseguiram alugar um espaço para uma vida independente. No entanto, ela continuava em tempos conflituosos para estar com sua filha, para trabalhar e saber aos cuidados de quem deixar sua bebê, o dilema de encontrar uma pessoa para dar um bom tratamento para sua filha enquanto ela e seu marido trabalhavam.

Outra a compartilhar sua experiência foi **Frida**, que declara ser mãe sem ter planejado:

[...] Comento para vocês que eu tinha decidido não ser mãe!!! Mas papai Deus tinha outro plano, e então quando faltou meu período e eu vi o teste positivo disse "f@d#-\$e! Eu estou grávida, eu tenho tudo para ser mãe vamos para frente, e eu estou aqui [...] aprendendo, aceitando, descobrindo, sonhando e vivendo, sendo mãe!!!. (Frida. **Pergunta: “Meninas, desde quando vocês são mães?”**. WhatsApp: [Grupo Madres de Maturín] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp.

Conheci a Frida em um ato público de comemoração da Semana Mundial do Aleitamento Materno, em 2015. Ela liderava o evento em que várias mulheres se reuniam na praça de alimentação de um Shopping na cidade de Maturín, ali elas compartilharam sua experiência no aleitamento materno – com microfone – publicamente, orientaram às interessadas na temática e ao final todas amamentaram ao mesmo tempo para a foto⁴¹. Desde então, compartilhamos momentos nos grupos de mães em Maturín e o interesse na informação e formação em temáticas femininas e o labor materno. Nos mantemos em contato pelo WhatsApp, ela mora em Venezuela.

Atualmente é mãe de duas crianças e trabalha na empresa petroleira do Estado venezuelano. Antes de ser mãe levava uma vida de “mulher independente” – como ela afirma – como funcionária fixa de uma empresa produtiva, com as comodidades que um indivíduo das camadas médias contemporâneas pode se prover no auge de sua vida adulta: carro e casa. Mantinha um relacionamento com um homem casado que tinha filhas já adolescentes. Em meio a esse contexto, ela diz não ter planejado se casar nem ter filhos, só enfocada como mulher *feminista* – que ela mesma se reconhece numa

⁴⁰ Amizades e familiares.

⁴¹ Apresentando um *flashmob* materno, bem característico dos atos públicos protagonizados por mulheres com crianças nos braços, observadas por um público alvo da comunidade.

época anterior – em seu crescimento profissional. Mas no momento em que ela fica grávida, ela e o pai das crianças decidem formar um lar juntos. *Ela decide renunciar a seu cargo como supervisora para uma vaga de vários níveis a baixo, para ter tempo de estar como seus filhos.* Trabalhadora, empreendedora, feminista, Frida representa uma mulher elegante que gostaria de estar sempre com cabelo arrumado de salão, saltos agulhas e pulseiras e brincos adornando seu andar pela vida.

O marido de Frida é um homem de alta hierarquia na mesma empresa em que ela é funcionária. As diferenças laborais geram desavenças na relação e a levam a questionar seu papel como mulher feminista:

[...] yo me cuestiono mucho ese tema del feminismo. ¿Porqué? Porque yo estoy acostumbrada a ser una mujer muy independiente, sobre todo económicamente, Violeta! Y, ahorita, no lo soy! Como me ha golpeado esto de ser dependiente económicamente de alguien [...] Tu deberías escribir la disertación sobre: madres en la crisis económica venezolana. [...] donde de la nada pasas de ser una mujer independiente, a ser una mujer mantenida [...] sin embargo me mantengo buscando siempre mi medio de independencia, por eso decidí emprender!!. (Frida. **Falando sobre feminismo.** WhatsApp: [Conversa o privada] 15/06/2019.  udio de WhatsApp).

Aponta a crise venezuelana como causa de ela ser uma mulher dependente economicamente de um homem. Dependente porque o maior aporte econ mico   feito pelo marido, já que o salário que ela recebe, mais as vendas de seu empreendimento, não cobrem nem a metade dos gastos da família. Explicou que às vezes se sentia extraterrestre em seu trabalho porque falava sobre os avanços, aprendizados, novas ocorrências de seus filhos. Ela considera que o escritório   um mundo que torna se incomodado por uma mãe amar seus filhos. Também em algum momento de crise do relacionamento, a razão principal foi o reclamo do marido por ela ser mãe 24 horas e não ter tempo para ele: "Ele me diz: Quando você vai deixar de ser mãe e ser esposa?"⁴². Referiu-se às aten oes exclusivas para ele como homem, tempo a s s com ela e rela oes sexuais contínuas, "como quando não tinham filhos".

Nas conversas es com as interlocutoras, me deparei com o questionamento de "ser mulher"/"ser mãe" como uma identidade diferente e uma constante inquietude achada nos discursos: as saudades de uma vida anterior. Tentei separar ou desconstruir "mulher" de "mãe". A minha curiosidade surgia porque muitas vezes as ouvi dizer:

⁴² Frida. **Pergunta: "o que   a maternidade?"**. WhatsApp: [Conversa o privada] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp.

“quando eu vou voltar a ser mulher?”. Fui insistente em perguntar se existia alguma diferença entre essas duas representações, e as diferenças expressas são referidas ao longo dos discursos das mulheres-mães como “novas responsabilidades” e a saudade da vida anterior a ter filhos.

2.3.1 Saudades da mulher de antes

A Frida publica em seu Estado de WhatsApp (Figura 1) uma mensagem que ajudou para selecionar o seu nome anônimo. Aquele dia comentei a imagem e continuamos trocando alguns áudios. Perguntei se ela gostaria de participar da pesquisa e em algum momento da conversa pergunto: “existe uma diferença entre ser mulher e ser mãe?”, ela imediatamente responde num áudio:

sabes, eu me pergunto: Quando eu vou ser mulher de novo?! Às vezes tenho ganas de voltar ser uma mulher de novo, ser uma mulher entenda-se: colocar maquiagem, usar saltos, fazer exercícios, me deixar linda para me ver bonita, para mim, para me sentir feminina e assim por diante. Tenho sido muito descuidada comigo mesma[...], especialmente com o tema da minha saúde, que é importante principalmente para cuidar dos filhos e aguentar como mãe. Preciso parar de ser negligenciada com a minha saúde, antes que eu ser descuidada de todos os pontos de vista” (Frida. Pergunta: “o que é a maternidade?”. WhatsApp: [Conversa privada] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp. Tradução da autora.)

Figura 1. Estado de WhatsApp Frida do 27/08/2018

“Uma mulher pode ser tão jovem quanto você consente, tão mulher quanto você a trata, tão inteligente quanto você a desafia e tão sensual quanto você a provoca. Frida Kahlo.” (Tradução da autora).



A ideia de um estado anterior, a passagem não muito bem compreendida, a contrariedade do novo aparentemente desconhecido. Desejo voltar nesse estado antigo, “saudades da mulher de antes” de se tornar mães, expressam estas mulheres. Saudades de um aparente estado ideal ou melhor que o atual. Um momento em que nenhuma outra pessoa dependia tanto delas que faça questionar sua identidade. Molina (2006) expressa que ser mulher é uma experiência multifacetada que será condicionada pelo processo de vida, ambiente e experiência de cada um. Algumas autoras têm focado

que depois da gravidez, quando o bebê nasce, a mulher perde sua identidade, já não é mais o nome dela, agora ela é “mãe de alguém”. Quem ela é depois do nascimento da criança?

Naomi Wolf em *O Mito da Beleza*⁴³, menciona que nossos antepassados viam uma mulher grávida como morta: “Durante a gravidez, cavavam sua sepultura e, se ela sobrevivesse ao parto, colocavam a terra de volta. Quarenta dias após o nascimento, a cova era completamente fechada sem ela” (Donath, 2017). São várias as culturas que consideram o nascimento e a morte como complementários um do outro, bem como a fertilidade feminina pode ser um ou outro. A filósofa e psicanalista Luce Irigaray confirma os postulados de Wolf, afirmando que dar à luz é morrer simbolicamente, nasce uma nova identidade através da morte da mulher que tem dado à luz à mãe. A morte então é o nascimento de uma nova identidade. De *mulher para mãe de alguém*.

O mito da beleza, o modelo do corpo das mulheres, os padrões heteronormativos e as demais imposições na sexualidade das mulheres, são um dos fatos pelas quais ainda se considera que os corpos das mulheres não são livres. Donath critica os padrões do sistema, impele que as mães são imaginadas e criadas para agradar aos outros, suas necessidades e desejos sexuais são considerados se satisfazerem aos outros.

Esse modelo não apenas regula a aparência e o comportamento que as mães deveriam ter mas também busca regular seu mundo emocional de acordo com normas afetivas – ou seja, “normas sobre que sentimentos são ou não adequados a um determinado entorno social”, que com frequência oferecem recompensas sociais como honra, respeito e aceitação-, o que as classificará como “boas mulheres” e “boas mães”, tanto como pessoas quanto como seres emocionais. (DONATH, 2017: 55)

A maternidade tem representando conflitos, complexidade, na existência da mulher desde tempos anteriores, e isto tem se refletido nas análises feministas. Nas mulheres de classe média estudadas por Elixabete Imaz, a maternidade é apresentada como complexa e muitas vezes em conflito com as aspirações das jovens na contemporaneidade. Souza (2015) considera que a maternidade “é uma das representações mais fortes da cultura ocidental, cujos sentidos desdobram-se num emaranhado de imagens e valores associados ao “feminino normativo” [...] a autora busca aprofundar a compreensão acerca de como essas imagens e valores se realizam em “maternidades únicas e singulares de mulheres concretas”.

⁴³ Publicado em 1991 (apud Donath, 2017). Na terceira onda feminista.

Sobre o feminino normativo ou o modelo “normal”, de acordo a Imaz (2010 apud Souza, 2015) no caso da maternidade ocidental, é “aquela que resulta do parto e na qual convergem o fisiológico, o genético, o social e o jurídico, sendo o ‘normal’ aqui entendido na dupla acepção do termo, como estatisticamente majoritário e como mais próximo do normativo”. Sobre esta normatividade advertia Rich falando sobre a necessidade de um “saber feminino”:

Al decir que de ningún modo hemos explorado o comprendido aún nuestro fundamento biológico, ni el milagro o la paradoja del cuerpo femenino y sus significados político y espiritual, estoy preguntando si la mujer podrá comenzar de una vez para siempre a pensar con su cuerpo, y a relacionar todo aquello que tan cruelmente ha visto desorganizado: nuestras capacidades mentales, apenas utilizadas; nuestro sentido del tacto, tan desarrollado; nuestro talento para la observación aguda; nuestro organismo complicado y doloroso, y su placer mutilado. (RICH, 1976).

Em algum momento, as singularidades observadas nas representações das mulheres-mães causava-me a sensação de que podia estar olhando para particularidades individuais de cada interlocutora e que não necessariamente estava tendo uma visão social do assunto ou provavelmente desconsiderando os determinantes sociais, ou ainda estava identificando conflitos aparentemente mais psicológicos. Porém, após da leitura de Henrietta Moore (2000) que explica as confusões que se gestam na compreensão da identidade de gênero, considerando que o social é formado por indivíduos e os indivíduos são construídos pelo social, coincide com debates importantes. No texto sobre as “fantasias de poder e de identidade de gênero” a autora comenta que o pós-estruturalismo considera ao sujeito representado por práticas discursivas que o posicionam na sociedade, como sujeito; ao mesmo tempo os indivíduos assumem uma variedade de posições de sujeito.

Representações da maternidade exercida por sujeitos mulher constituída através de múltiplas subjetividades, como indica Moore (2000), podem criar diversas interações com outros sujeitos nos diversos contextos em que se desenvolve, gerando para a construção singular das experiências. Ou seja, os “indivíduos são sujeitos multiplamente constituídos, e podem assumir múltiplas posições de sujeito dentro de uma gama de discursos e práticas sociais.” (MOORE, 2000: 23). Uma das autoras que compõem a coletânea *Feminist Mothering* organizado por Andrea O’Reilly, apresenta a seguinte perspectiva:

Partindo da perspectiva simbólica do interacionista e da dialética relacional, começo com a suposição de que os indivíduos não têm um *eu*⁴⁴ único e estável, mas sim que cada um de nós representa um entrelaçamento de múltiplos *eus* que estão sempre em fluxo (Baxter e Montgomery; Mead). Nossos *eus* emergem e é continuamente moldado e atribuído a um significado nas relações interpessoais.”(KINSER 2008. Tradução da autora)

A interação com outros define o sujeito nos diferentes lugares. Assim, um indivíduo pode representar um sujeito fundado no gênero de acordo com a construção social das práticas que decorrem sob os discursos do que é ser *mulher* e do que é ser *homem*. Os papéis dos sexos estabelecidos na cultura ocidental:

Muitas mulheres reconhecem a sensação de serem pessoas diferentes em diferentes situações sociais que demandam diferentes qualidades e modos de feminilidade. A gama de maneiras de ser mulher aberta a cada uma de nós num momento particular é extremamente ampla, mas sabemos, ou sentimos que deveríamos saber, o que se espera de nós em situações particulares – em encontros românticos, quando alcovitamos para o chefe, quando lidamos com crianças ou posamos para fotógrafos de moda. Podemos abraçar essas maneiras de ser, essas posições de sujeito, de todo coração, podemos rejeitá-las de uma vez ou podemos oferecer resistência, ainda que obedecendo à letra do que se espera de nós. Mas, mesmo quando resistimos a uma posição particular de sujeito e ao modo de subjetividade que ele traz consigo, o fazemos da posição de uma definição social alternativa da feminilidade. (MOORE, 2000: 25)

Há uma questão importante a considerar nas construções e transformações sociais que têm tido o sujeito mulher: o aporte das produções acadêmicas teorizadas e expostas desde a experiência das próprias mulheres que relatam desde a autoconstrução da experiência materna. Para Moore (2000), a escrita feminista nos estudos de gênero e a compreensão das representações dos indivíduos, permitiu compreender essa identidade múltipla, cambiante e ambivalente que pode se observar nas representações maternas, construída através de representações heterogêneas e heterônomas de gênero, etnicidade, classe e até línguas e culturas.

2.4 Mãe: categoria êmica, social, política e... universal?

“Madre... la mejor amiga / madre... el mejor amor / madre... la estrella más linda madre... la mejor canción / madre... si se siente frio / madre... para dar calor / madre... para el niño triste / madre... si existe un dolor. No hay amor como el de madre / como el de madre en este mundo de Dios / es el único en la tierra / que no establece / distancia ni condición”
Musica Venezolana: Cantor: Reynaldo Armas.

⁴⁴ “Self”. A autora utiliza Self para se referir ao próprio sujeito.

Mãe como palavra e significado, continua sendo um ponto delicado da vida pessoal dos indivíduos da sociedade latino-americana. A mãe como figura simbólica é objeto de canções, xingamentos, poemas, arte e discussões familiares. A mãe como sujeito está presente nas discussões de políticas públicas, acadêmicas, da vida social e biológica da humanidade. Também, a *mãe* pode ser edificada desde a experiência da mulher, construída desde parâmetros morais femininos, conciliando com as transformações sociais como o valor da infância, os novos arranjos familiares, a ênfase moderna no fortalecimento de vínculos afetivos e transformações na educação que acontecem nas sociedades ocidentais.

Também, a mãe como figura simbólica na vida das pessoas pode ter múltiplos significados, sendo na maioria das vezes uma figura santificada e idealizada no imaginário de cada sujeito. Partindo da ideia que Adrienne Rich inicia o prólogo de seu livro *Nascemos de Mulher* (1976): “A vida humana deste planeta nasce de mulheres”, considero pertinente afirmar: feminista e não feministas nascemos de uma mulher, independente da grade de presença ou ausência ao longo de nossas vidas.

[...]A única experiência unificadora, inegável, compartilhada por homens e mulheres, se concentra naqueles meses que passamos no corpo de uma mulher, desenvolvendo. As criaturas humanas dependem da amamentação por um período muito maior do que outros mamíferos; a divisão do trabalho, estabelecida desde os tempos antigos entre os grupos humanos, atribui às mulheres não apenas a função de dar à luz e criar, mas também a responsabilidade absoluta em relação aos filhos; por essas razões, quase todos nós conhecemos antes de tudo amor e decepção, poder e ternura, na pessoa de uma mulher. (RICH, 1976: 55)

Essa experiência comum de homens e mulheres, combina-se com distintas representações mitológicas das mães na sociedade ocidental cristã, como o modelo mitológico virginal da mãe por excelência, pura e casta, Maria. Essa figura feminina fundamenta as representações do modelo correto, do modelo “ideal” materno. Donath (2017) comenta que tanto no cristianismo, como na contemporaneidade, tem-se criado outros tipos de mitologias, como aconteceu a partir da década de 80, as mães de classe média, brancas e jovens, começaram a considerar-se seres sexuais e objetos eróticos⁴⁵.

⁴⁵ “[...]como indicam as expressões “MILF” -Mom-I’d-Like-to-Fuck, mãe com quem eu gostaria transar. “momshells” -mamães sexies-. Essas novas representações da figura materna não significam que a sociedade encare seu corpo como algo totalmente atraente, mas sim que elas se tornam cada vez mais desejáveis como objetos de fantasias sexuais, ao mesmo tempo que fomentam outras fantasias míticas de que as mães “têm tudo” (Donath, 2017).

Extensos são os mitos espalhados nas diferentes culturas humanas sobre a figura materna. O culto às mães, ao corpo da mulher próspero de vida, reprodutivo, objeto de admiração, respeito, sofrimentos, desprezo, negação, alegrias, discussões sociais ou qualquer outra visualização pública dessa figura, pode ser observada reproduzidas nos diversos meios de comunicação: mídias como revistas, produções cinematográficas, produções de redes sociais e outros, apresentam na *modernidade* as mulheres-mães em diferentes aspectos da experiência.

Outra esfera onde se originam normas que contribuem na gestão da vida das mulheres-mães, são as políticas públicas contemporâneas. De acordo com Meyer (2005) a politização do feminino e da maternidade não é algo novo, vem acontecendo desde o século XIX e XX. Porém, na contemporaneidade as políticas de Estado têm se apropriado do discurso sobre politizar o feminino, tendo como consequência o controle da relação mãe-filho e estabelece normas sobre uma determinada forma de viver a maternidade. Através de seus diferentes meios como medicina, escola e legislações pensadas desde uma lógica masculina contrapondo os esforços das teorizações feministas de explicar o universo feminino e a maternidade, partindo da liberdade de construir suas próprias experiências. Meyer explica como as teorizações feministas estão orientadas a desconstruir o sujeito mulher separado do sujeito mãe, sendo que a primeira não necessariamente é a segunda, são posições de sujeitos distintas e socialmente construídas.

2.4.1 *Desejo de ser mãe*

Tudo isto, estabelecido na estrutura da sociedade, ordena-se a partir de conceitos positivos e negativos das ações “ideais” das mulheres. Acontece uma coisificação da individualidade através de um comportamento socialmente padronizado: a natureza de uma mãe é amor e abnegação por seus filhos, independentemente das demais relações. Parece que a aspiração de muitas mulheres-mães é ser “boa mãe”. Esta aspiração representaria cumprir com a expectativa social de que toda mulher-mãe ama, cuida e educa sua prole “sem reservas nem condições” (DONATH, 2017). No universo materno aqui explorado tenho podido observar o *desejo de ser mãe* como no caso de Victoria, como uma categoria que evidencia a escolha consciente das mulheres por viver a

experiência humana de serem mães. Assim também Laura⁴⁶, ainda que sem ter planejado ser mãe, relata:

[...] ter tido um filho não se compara com nada. De todas as experiências humanas que uma mulher pode viver, considero que ser mãe é o máximo em experiência. É a melhor experiência humana que eu tenho podido viver e voltaria a viver.⁴⁷ (Diário de Campo Abril, 2019)

A experiência de **Victoria** faz sentido nesse debate. Ela, venezuelana, mora em Venezuela, uma mulher-mãe de gêmeos, graduada em gerência de R.H. Casou-se de “velo y corona” como dizem na cultura popular venezuelana – o equivalente a *véu e grinalda* no Brasil – com o homem com quem tinha 11 anos de namoro. Ela é a segunda de três filhas de um empresário da construção e uma mulher de uma família de políticos de longa data na cidade. Católica, devota da Virgem da Conceição⁴⁸, conservadora. Ficou grávida de gêmeos depois de uns meses de casada, feliz pela oportunidade de ser mãe. Já tinha experiência no cuidado de crianças por compartilhar com suas irmãs a criação de seus quatro sobrinhos, dois de cada irmã. No entanto, a própria experiência fez a diferença nela como mulher:

Minha maternidade começou com meu primeiro sobrinho J.M., acredito que quando você colabora com a criação de seus sobrinhos (no meu caso congelamento de um semestre da faculdade) são parte de você também [...] e *com os meus gêmeos é outra coisa, um outro mundo*[...] nos relaxamos e engravidei, e num mês já tinha clonado bebê e foram dois adoráveis feijões que não me assustaram, falo de coração, os recebi com o maior amor do mundo desde que os vi. (Victoria. Pergunta: “**Meninas, desde quando vocês são mães?**”. WhatsApp: [Grupo Madres de Maturín] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp)

Em maior privacidade, por conversas particulares no WhatsApp, as interlocutoras expressam emoções, sejam elas escritas ou em áudio. As conversas aconteceram em um tempo diferente, nos momentos em que puderam responder e se sentiram com as condições para aliviar e expor melhor suas ideias. É o caso de Victoria que, em um momento, após o convite para fazer parte da pesquisa, pergunto-lhe sobre o que é maternidade para ela. Depois de um tempo, normalmente nas noites ela ocupava o tempo para responder – era o tempo em que os gêmeos iam dormir – responde: “Maternidade? Maternidade é o nome dado para desistir de tua vida nos primeiros meses (entender por 16 ou 18 meses) para cuidar, criar e amar uma vida que também é

⁴⁶ Interlocutora de Pesquisa. O caso de Laura será detalhado no Capítulo II

⁴⁷ Laura. **Entrevista semiestruturada, pergunta: “como você virou mãe?”**. [Escritório da Laura, 12/03/2019]. Gravação: 12/03/2019.

⁴⁸ Continuamente fez referência a esse fato, como sua “âncora” com a maternidade.

tua”.⁴⁹ (Diário de Campo, Outubro 2018). A Victoria trabalhou até o último momento de sua gravidez como Gerente de RH de uma empresa privada, depois dos 6 meses de Licença de Maternidade decidiu não voltar ao trabalho e se dedicar ao cuidado dos bebês. O marido é comerciante e podia sustentar a família enquanto ela ficava em casa.

Conheci a Victoria quando fui até a Clínica onde praticaram a cesárea, eu era sua assessora de aleitamento materno. Estava ali para incentivá-la de sua plena capacidade de amamentar seus dois bebês. Depois fui até sua casa em mais três ocasiões para conversar com uma mulher puérpera que desejava ouvir uma outra mulher falar para ela que era capaz de colocar seus filhos no peito, como a ela e a eles parecia-lhes mais confortáveis. Eu estava no encontro com uma mulher a qual tinha que transmitir conhecimentos femininos que se supõem “inatos” dos corpos femininos. O que, além de ser um ato de apoio, companhia e – quiçá – sororidade, é também um trabalho construído a partir das transformações sociais que atingem a sociedade. Na discussão sobre redes de apoio do segundo capítulo desenvolverei algumas particularidades observadas no campo, donde se criam novas necessidades de serviços para as mulheres-mães contemporâneas. Assim como no terceiro capítulo desenvolvo a ideia de empreendimento materno como uma mostra de profissionais que trabalham educando e orientando comportamentos que se tinham como naturais, e que se continuam considerando como naturais.

Cinco dias depois de Victoria ter-me respondido a pergunta sobre maternidade, recebo um texto que diz: “O dia que você me perguntou o que era a maternidade eu estava lotada, cansada e estressada, e agora que eu li a minha resposta foi brutalmente honesta”⁵⁰ (Diário de Campo Outubro 2018). Para ela ter afirmado que a maternidade é uma renúncia à própria vida, foi uma resposta “brutalmente honesta”, muito sincera, verdadeira, mas excedida de sinceridade. Podia provavelmente estar-se distanciando da Mãe Maria da qual ela é devota.

⁴⁹ Victoria. **Pergunta: “o que é a maternidade?”**. WhatsApp: [Conversa o Privada] 25/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp. Tradua o da autora.

⁵⁰ Victoria. **Escrita espontânea da interlocutora**. WhatsApp: [Conversa o Privada] 30/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp. Tradua o da autora.

2.4.2 O bom e o mau de “Ser mãe”

As perguntas 17 e 18⁵¹ do questionário das mães são abertas para permitir às mães expressar – se quiserem – o positivo e o negativo de “Ser mãe”. Victoria foi uma das primeiras em responder todo o formulário. Ante a pergunta do que a faz feliz de ser mãe, ela escreve: “Todo de ellos me hace feliz!! Amarlos, cuidarlos, enseñarles nuevas cosas, formar hombres sanos emocionalmente es mi prioridad ahora que su papá está incluyendo en sus vidas nuevamente” (Formulario Google: [Cuestionário para madres] 01/12/2019).

Ela, uma mulher amante do labor materno, da entrega ao conhecimento e “amor pelos filhos” responde à seguinte pergunta do questionário, direcionada para o aspecto negativo de *ser mãe* “18. O que NÃO gostas em ser mãe?” com a sua preocupação da proteção por seus filhos: “Cuando se enferman” Victoria não gosta porque “están enfermitos casi todo el tiempo desde que están en maternal y es doloroso verlos sentirse mal. Es desgastante el proceso de cuando tienen fiebre y los cuidados nocturnos”⁵². O que poderia ser negativo para ela é um aspecto do cuidado da saúde das crianças que requer esforços maiores aos cotidianos, apesar dela contar com uma mulher que faz as tarefas domésticas, mora em casa de seus pais e recebe ajuda de sua mãe, passa as noites em desvelo quando os bebês ficam doentes. Essa faceta das ocupações de uma mulher-mãe são alguns dos elementos que as incomodam.

Para as outras mães, o aspecto negativo pode ser achado nas múltiplas tarefas que a mulher desenvolve ao converter-se em mãe. Frida responde que não gosta do cansaço. Outras das mães do grupo que respondeu o questionário diz: “Limpiar y ordenar la casa”. Uma outra mãe diz: “A veces no tengo tiempo para mí”. E Andreina responde o que não gosta de ser mãe é que seu tempo está dividido “porque otros seres dependen de mim”⁵³, uma das reclamações recorrentes das mulheres-mães: *tempo* para elas.

No mundo materno se evidencia a separação do universo entre o que é aceito e o que não o é, uma divisão do legítimo e ilegítimo através de categorias do *bom* e do *mal*.

⁵¹ 17. Que te hace feliz de ser madre? / 18. Que NO te gusta de ser madre?

⁵² Victoria. **Resposta à Pergunta 18. Que NO te gusta de ser madre?**. Formulário Google: [Cuestionário para madres] 01/12/2019. Texto da interlocutora.

⁵³ Andreina. **Resposta à Pergunta 18. Que NO te gusta de ser madre?**. Formulário Google: [Cuestionário para madres] 01/12/2019. Texto escrito.

Como a maioria das categorizações comportamentais humanas, ser diferente ao normativo “abnegação e amor” poderia ser considerado um defeito no ideal materno. Ter sentimentos distintos – desamor - aos esperados socialmente, é muitas vezes *indizível*, relativamente ilegítimo, não publicável. No artigo *#MaternidadeReal: conteúdo impróprio*, escrito por Trotta (2016), a autora descreve o conflito que desencadeou o convite de uma mãe a outras mães para publicar situações da vida materna distintas daquelas romantizadas e idealizadas pelas mídias. A mãe em questão recebeu todo tipo de comentários, desde as que se uniam ao desafio, como pessoas que maldiziam e desejavam sua morte.

Donath (2007), autora do livro *Mães arrependidas*, mostra como em Israel a maternidade é experimentada como uma vivência única destinada a entrega emocional e cognitiva do cuidado da prole. Numa pesquisa com 23 mulheres, avós, mães, e necessariamente filhas, a autora publica que estas “atreveram-se” a expressar que se tivessem que escolher novamente ser mãe, elegeriam não ser. Na América Latina é semelhante, a maternidade ainda é considerada uma experiência insubstituível e irrefutável pelas mulheres, portanto falar de arrependimento, agonia, incômodos, depressões, categorizam as mulheres por aspectos negativos de sua “natureza”, que são traduzidas, geralmente, em doenças psicológicas.

Do ponto de vista da análise comportamental de Bowlby (2002), as mães tem comportamentos análogos ao apego das crianças⁵⁴, que no caso chama-se “cuidado materno” e quando este não é dado por alguma razão (interna ou externa ao adulto) “serão avaliadas e sentidas como desagradáveis ou dolorosas por ambas partes”. O psicólogo afirma que o comportamento de apego nos humanos é tão tangível e “estável” que “bebês amarem suas mães e mães amarem seus bebês é considerado axiomático e intrínseco à própria natureza humana”. Portanto, quando no desenvolvimento de um indivíduo, essa fase não é observada com os padrões esperados, o entorno poderia julgar como um assunto “patológico”. Em outras palavras, quando a mulher apresenta um “Comportamento maternal antitético dos cuidados com o bebê” pode-se pensar numa possível patologia, ou possivelmente uma etiqueta mais leve como “descuido” ou “mãe” mesmo.

⁵⁴ Ver Bowlby, John. *Apego e Perda: Apego vl.* São Paulo: Martins Fontes. (2002)

Explorando a categoria *má mãe* ou *mãe ruim* lembro a mãe de Andreina que continuamente, enquanto refletia seu papel como mãe dizia: “eu sempre vou ser a *má*”. De acordo com sua percepção, com sua experiência de vida, ela era má porque ralhava para estabelecer as normas, limites e demais tarefas de educação e cuidado de seus três filhos. Enquanto o pai era divertido, trazia presentes quando voltava da rua e assistia tv.

Quero referenciar com isso, que a qualificação de “má” varia de experiência em cada mulher, matizando momentos em que pode ser *bom* ser má ou ser *mau* ser boa demais. Os matizes mesmo das relações humanas. Mas o que poderá ser considerada realmente *má mãe* na sociedade? Que fator define essa categorização? MATTAR E DINIZ (2012) utilizam os conceitos de Rubin sobre hierarquias sexuais para qualificar as maternidades subalternas, como aquelas socialmente pouco aceitas. Considerando que os atributos a ser mencionados, sejam vivenciados por mulheres-mães:

- não saudáveis, como, por exemplo, as HIV positivas ou as que têm sífilis, por correrem o risco – já que é possível evitar a transmissão vertical de tais doenças – de gerar bebês não saudáveis;
- deficientes físicas ou doentes mentais, pela dificuldade total ou parcial no cuidado com os filhos;
- consideradas promíscuas, em razão da persistência de uma regulação moral da sexualidade das mulheres que restringe seu exercício à finalidade da reprodução, negando seu direito ao prazer;
- moradoras de rua, pelo seu status e falta de condições para proverem seus filhos com cuidados essenciais para seu crescimento;
- usuárias de drogas, seja cigarro, álcool ou drogas em geral, por serem vistas como incapazes de cuidarem de si próprias, quanto mais de uma criança;
- que vivem do sexo comercial, já que a criança seria a própria “filha da p...”, cujo estigma associado é enorme; e
- infratoras, sobretudo as mulheres que estão presas, já que foram contra a dita “natureza feminina”, ou seja, de pessoa passiva e cuidadora, jamais transgressora. MATTAR E DINIZ (2012)

Essas características provavelmente sejam consideradas de *má / não apta* para ser mãe. Não obstante nas comunidades das redes sociais e ativismo materno⁵⁵ há uma heterogeneidade de mulheres que trabalham para acompanhar, apoiar e “abraçar” mulheres que vivenciam maternidades conflituosas. Com enfoques diversos, o universo das redes sociais mostra um aspecto da sociedade importante: a capacidade de criar novas formas de se identificar, associar e acompanhar as inúmeras formas em que os indivíduos se apresentam. Reivindicações feitas por *sujeitos diversos, de mães fora da*

⁵⁵ Ver Capítulo III. O político das maternidades. Tensões e agonias.

norma, do socialmente esperado, fazem parte dos objetivos de vários ativismos virtuais nas Redes Sociais.

Dizer “má mãe” como forma de rebeldia ante o sistema é apresentado pelo perfil do Instagram @malasmadres de Espanha, com uma ampla repercussão no mundo hispânico, durante mais de 5 anos funcionando e cuja administradora Laura Baena tem construído uma empresa a partir de uma comunidade de “malas madres” que se identificam com sua proposta. O termo *Mala madre* é uma autodenominação que se dão estas mulheres-mães, antagônica da *boa* mãe, ideal, perfeita e mergulhada num sistema de valores patriarcais. Ser *Mala madre* pode significar ser crítica ao padrão de mulher de casa arrumada, cabelo roupa e calçado em perfeita harmonia, filhos submissos e *bem-educados*, esperando o marido em casa.

Laura Baena se declara *feminista* e “malamadre jefa” de uma equipe da empresa que nasceu como um *blog* após do nascimento de sua primeira filha. Na atualidade o blog é um Club de – más - mães, Site/loja virtual, promotora e organizadora de eventos. A equipe constrói discursos – e camisetas, brincos e toda uma gama de produtos⁵⁶ – a partir das categorias êmicas: “soy ~~buena~~ mala madre” “Soy MalaMadre” “Nacida para Luchar” “No soy um Superman” uma versão masculina como “Nacido para Luchar”, são algumas das frases – ora vendidas em camisetas – que encabeçam o ativismo dessas mulheres autodenominadas “más” mães. No blog⁵⁷, que estudaremos no Terceiro Capítulo deste trabalho, se evidencia o ativismo materno que elas desenvolvem para o público espanhol e latino-americano.

Numa fotografia em que a Laura aparece com uma blusa criada pelo Club que diz “Soy Feminista, porque el mundo me há hecho asi”, ela comenta seu agradecimento após uma matéria de rádio em sua cidade em que é elogiada por seu labor de reivindicações significativas:

Una mujer comprometida con la igualdad, como millones de mujeres y hombres en este país, pero que pasó de las palabras a los hechos y se metió de lleno en faena hasta el punto de que fundó y dirige el Club de Malasmadres, movimiento feminista y social en el que reivindica el derecho de la mujer a ser profesionales y madres al mismo tiempo, de tener en definitiva la posibilidad de poder conciliar.... (Post @malasmadres 25/08/2019)

⁵⁶ Camisetas com frases políticas de identidades mater/paternas, vendidas pelo Club de Malas Madres na sua loja.

⁵⁷ Ver <https://clubdemalasmadres.com/blog/>

Dedicarei maior atenção à análise das dinâmicas sociais que iniciam na web e se transformam em comunidades físicas que se capitalizam no Terceiro Capítulo. Entretanto, saliento o percurso dessa experiência iniciada como um *blog* de ativismo materno, que na atualidade é uma organização significativamente articulada e capitalizada. Em outubro de 2018, organizaram o que chamaram “I Carrera de Obstáculos por la conciliación” onde, além de uma série de pré-eventos, publicações e movimentos políticos para a realização do evento, foi convidado o Presidente de Espanha Pedro Sanchez, que fez a corrida junto com todas mulheres-mães que participaram da corrida. Um dos convites ao evento dizia:

Esto no es una empresa para mamis y bebés", este es el primer obstáculo que me encontré en mi carrera por la conciliación, Así de inesperado, era una ilusa en aquel tiempo, y así de contundente. Después de correr angustiada intentando sortear las barreras que la maternidad, mi condición de mujer y madre, me iba poniendo, me di de bruces con todos ellos y el golpe final llegó en forma de renuncia. La renuncia se convirtió, ironías de la vida, en mi mejor oportunidad: la creación del Club de Malasmadres y la posibilidad de iniciar una lucha con todas vosotras por una conciliación real. Hoy tenemos el orgullo de dar un paso más con la presentación de la 'I Carrera de Obstáculos por la conciliación' [...] Corre conmigo por la conciliación... Apúntate a la carrera “Yo No Renuncio” en ⚡carrerayonorenuncio.com⚡[...] [#carrerayonorenuncio](#)

A proposta de “conciliação” vem da intenção de conciliar a vida pessoal, familiar e laboral, participando na conscientização da sociedade e criando estratégias que impulsionam trocas sociais. Interessante denotar que a categoria criada para os filhos dessas más mães é: #buenhijo #buenahija, sendo então a figura da criança protegida. Além do que, já tenho exposto anteriormente, sobre o “amor” e o respeito pela vida dos filhos, manifestado nas mães arrependidas, há uma questão que se constroi no percurso das transformações sociais: a inclusão das crianças na vida social. Movimento iniciado novamente: pelas mães.

2.4.3 *Desejo de Reconhecimento, culpa e ambivalência*

Duas emoções que se manifestam nas mulheres-mães de formas diversas: *Desejo de reconhecimento* o qual não é tão explícito quanto a *culpa*. Até agora, só no discurso de Frida identifiquei essas categorias, a sua fala começa com essas palavras: “Fíjate lo que me dice mi hijo! y es algo que **a mí me llena** en cierta forma!”, numa conversa em que ela expressava sentir ambivalência em suas emoções, sobretudo quando se questionava sobre seu papel como mulher ativa na sociedade, questionando o seu feminismo. O que ela estava fazendo sendo “mantida” por um homem? que classe de

mulher ela estava sendo? Naquele momento, ela continua relatando, enquanto preparava o café da manhã para toda a família “Yo normalmente cuando cocinó [...] hago dos o tres menús, por el tema de las dietas de los niños y bueno que mi esposo no le gusta comer cómo comen los niños [...]” diz ela, referindo-se a que deve reparar um menu especial⁵⁸ para o filho menor que é autista. O seu filho mais velho chega na cozinha e ela relata:

R. llega en la cocina, me queda mirando, cuando yo volteo y le digo:

-Papi Estás allí!

-R me dice: Sí mamita estaba mirando -me dice- te estoy viendo.

-Y le digo “a ver, qué?”.

-Me dice: “que yo tengo a la mejor mami del mundo, mamá. Yo no quiero tener otra mamá, yo te quiero a ti nada más, porque tú eres la mejor mamá. Gracias mami, por todo lo que tú haces!!

Mira Violeta!! cuando mi niño de 5 años me dijo esas palabras, [...] no me parecieron raras y extrañas, porque él es muy cariñoso y es como un enamorado [...] si no es que además de su cariño... **es el reconocimiento a mis acciones como mamá y eso me parece maravilloso**. Porque me dice que vamos por buen camino. [...] Quiere decir que está recibiendo lo bueno que yo doy. (Frida. **Falando sobre mães e feminismo**. WhatsApp: [Conversação privada] 08/03/2019. Áudio de WhatsApp).

Para ela, em meio a todo esse embate entre ser uma mulher produtiva economicamente, ser mãe e esposa, com tudo o que isto implica, que já veremos desenvolver-se no papel do pai e nas falas sobre seu empreendimento; para Frida, assim como para outras mulheres-mães, o reconhecimento de suas ações representa uma aprovação duramente batalhada pelas mulheres. Em uma madrugada, alguns meses antes desse áudio, Frida acordou aguardando a chegada do marido – que estava em uma festa – e resolveu me responder sobre a maternidade, oportunamente desabafando o sentimento de solidão e parcialidade do processo de criação dos filhos:

[...] A maternidade tem sido uma fonte de solidão. É fazer tudo sozinha, agora, às 4 da manhã, meu parceiro que não é meu marido é o marido de outra pessoa. Ele tem duas filhas e uma posição sênior na Petroleira. Ele tem o direito de fazer uma vida profissional. Ele tem o direito de sair para a balada. De minha parte, não quero continuar de festa, a carreira profissional também não é minha prioridade. Eu gosto do que faço, gosto de me sentir útil em outro aspecto da vida. É uma pausa da maternidade. Mas eu gostaria de sentir que isso não é apenas sobre a mulher [...]. (Frida. Relato espontâneo da Interlocutora. WhatsApp: [Conversação privada] 5/10/18. Áudio de WhatsApp. Tradução da autora)

Em meio a essas dinâmicas, entra em jogo o papel dos terapeutas, psicólogos, e demais informantes indiretos desta pesquisa, contribuintes importantes da construção

⁵⁸ Sem Glúten e sem açúcares

social dos indivíduos desse universo. A luta pelo reconhecimento dos desafios, particularidades e necessidades das mulheres-mães ocupam uma série de profissionais dedicados ao trabalho com estas. Os discursos diversos nas redes sociais criam caminhos para a construção das experiências individuais das mulheres-mães. A doutora Paula Arruda, Pediatra e administradora do perfil do Instagram @pediatraweb, publica um *post* com uma imagem que diz em letras grandes: *O peso da CULPA*, acompanhado do seguinte texto:

Ela mal conseguia se movimentar. Seus ombros estavam pesados e não conseguia entender exatamente o porquê. O sonho de antes se tornara um fardo que ela não tinha certeza se era capaz de carregar. Sentia uma culpa quase paralisante. Culpa até pelo que nem havia vivido. Culpa por nem sempre saber agir como mandava o figurino. E os olhares? Ah, estes traziam ainda mais peso e culpa... Às vezes ela se perguntava “o que eu fiz da minha vida?” E, em seguida, a culpa vinha sem piedade. A culpa, o medo, a vontade de ser perfeita e sempre acertar eram tão grandes que ela mal conseguia enxergar a incrível oportunidade que a vida havia lhe dado de crescer vivendo uma das experiências mais intensas e transformadoras que alguém pode experimentar. Ser mãe não é acertar sempre e crescer é um processo doloroso. Você pode se preparar com as melhores teorias mas é impossível estar plenamente pronta antes de pisar cada passo desta jornada. Torne mais leve a sua evolução. Um beijo, Dra Paula. (Dra. Paula⁵⁹, @pediatranaweb. Diário de Campo Julho 2019)

Culpa é uma das categorias identificadas nos discursos das mulheres-mães, de diversos terapeutas e acadêmicos, e da mídia. A culpa aparenta ser a máscara que a sociedade cria para a ideia de insuficiência das mulheres em não estarem desenvolvendo o labor materno corretamente. As mulheres questionam-se constantemente sobre as decisões tomadas, seja uma decisão profissional, acadêmica, do casamento, ou sobre a maternidade.

A culpa é uma palavra recorrente nos discursos maternos, como se fosse uma carga “onipresente” nas mulheres-mães originada na “dificuldade de lidar com o doloroso sentimento provocado pelo fato de experimentar a **ambivalência maternal**⁶⁰ em uma cultura que se esquivava da existência de algo que ela mesma ajudou a criar” (DONATH, 2017). A autora comenta que para psiquiatria, de acordo à renomada psiquiatra Helene Deutsch, a ambivalência faz parte do mundo emocional das mães, o

⁵⁹ Dra Paula. O peso da CULPA. Instagram: [@pediatranaweb]. Publicado: 18/07/2019. Post Imagem e Texto. Consultado: 25/07/2019.

⁶⁰ “É curiosamente difícil acreditar na ambivalência materna [...] não seria simplesmente uma desculpa apócrifa para mães que odeiam seus filhos [...] Não é fácil para nenhuma de nós aceitar de verdade que ao mesmo tempo amamos e odiamos nossos filhos. Pois a ambivalência materna não é um estado anódino de sentimentos misturados, mas sim um estado mental complexo e contraditório, compartilhado de maneira diversa por todas as mães, no qual coexistem sentimentos de amor e ódio pelos filhos” Donath, (2017)

que significa que estas sofriam de um “masoquismo feminino natural”. Aliás, o conceito de ambivalência materno da Donath, parece ser propício para a população de mulheres de sua pesquisa, mães que se arrependem de ter sido mães. As mulheres que formaram parte da pesquisa da autora israelita são cuidadosas e deixam esclarecido que não tem reclamações a respeito da existência da nova pessoa, os filhos, o respeito pela vida do outro que veio através delas é inquestionável.

2.5 Instinto materno

O instinto materno para as mães é muito diverso, sendo que é uma criação social, está condicionada ao que foi aprendido com outras mães, ao que se observa como o "deve ser" nesta sociedade ocidental. Perguntei no Formulário de Google: “Nasceste para ser mãe?”. De acordo com o resultado três (3) das mães responderam *Sim*; três que *Tal Vez*; e só uma (1) respondeu “NÃO” (Figura 2). Essa única foi Anne. A mesma que num momento perguntei via WhatsApp: “*Anne, tu tens instinto materno?*”.

Figura 2. Gráfico do resumo das respostas à pergunta 19. Nasceste para ser mãe?. . Formulário Google “Cuestionario de Madres”



Anne fala sobre seu instinto materno:

O instinto materno, sinto que não o tenho totalmente desenvolvido. Porque sinto que sou relaxada em muitos aspectos. Eu não sei se isso é bom ou ruim, ou eu realmente não sei se isso é ter o instinto maternal, porque eu não sou das mães que estão acima dela. Eu a deixo engatinhar, que experimente. Eu tive um estilo de vida muito diferente do que tenho agora. Eu não gosto da rotina, não gosto de fazer sempre o mesmo. Me custou muito me adaptar ao fato de que agora sou mãe. (Anne. **Falando sobre instinto materno**. WhatsApp: [Conversação privada] 30/08/2018. Áudio de WhatsApp. Tradução da autora)

Para Anne, o instinto materno, que adquire significado para ela, são representações de maternidade observada em tias, amigas, discursos comuns entre a

população sobre os cuidados extremos que as mães devem ter com a prole. Parece desenhar um padrão de mãe super protetora na qual ela não se sente identificada. Se esse for o real instinto materno, ela declara não ter.

Aliás, Frida considera que a energia física “inesgotável” que tem as mulheres para o cuidado das crianças poderia considerar-se o instinto materno: “Às vezes acho que vou entrar em colapso, que cairei no chão. Meu Deus dá-me a sabedoria para suportar, estar com meus filhos [...] E continuo, de verdade que só uma mãe pode.” (Frida. **Pergunta: “o que é a maternidade?”**. WhatsApp: [Conversa o privada] 22/10/2018.  udio de WhatsApp. Tradu o da autora).

Em alguns discursos das redes sociais observa-se continuamente as falas sobre o sistema imune das mães, de como seu corpo resiste virar as noites nos cuidados das crianças, trabalhos e o esgotamento físico, de maneira “surpreendente” as mulheres-mães são mais resistentes. Incluo a isso, piadas das diferenças entre uma mãe e um pai quando ficam doentes, a mãe tem a capacidade de continuar fazendo as tarefas domésticas, enquanto o homem está em seu leito de morte na cama. Discursos que refletem uma diferença colocada aparentemente como um valor da biologia feminina, com artifício patriarcal de naturalizar a mulher nas tarefas domésticas.

Bowlby (2002:163), sobre o comportamento instintivo, comenta que a teoria do comportamento *instintivo* enunciada em seu livro “concebe tal comportamento como sendo um resultado de ativa o, num determinado meio ambiente, de sistemas comportamentais que estão integrados, seja em cadeias, seja em hierarquias, ou numa mistura de ambas.”. Do ponto de vista da psicologia, existe um “comportamento instintivo” que a primeira pode ser pensada como uma fun o biológica para suprir necessidades de nutri o, segurança e reprodu o como requisitos vitais do humano. Porém tem se percebido que há fatores que ativam o funcionamento desses sistemas comportamentais.

O termo “instintivo”   utilizado pela psicanálise para se referir de forma empírica ao comportamento que, no meio ambiente de adaptabilidade evolutiva, tem como consequências a sobrevivência da espécie. Porém, há o risco de: primeiro considerar qualquer comportamento instintivo como controlado por sistemas únicos

comportamentais; e segundo, fazer uma dicotomia entre comportamento instintivo e outros tipos de comportamento.

Levi-Straus⁶¹ (1956) assegura: “É certo que existe um instinto maternal que compele à mãe a cuidar de seus filhos(as) e que faz que encontre no exercício de estas atividades uma profunda satisfação”. Analisando a instituição familiar, e, portanto, a durabilidade dela mesma, denota-se o papel do sexo feminino desde a concepção do instinto materno como inato. Seguidamente atribui um aspecto psicológico à paternidade: “também existem impulsos psicológicos que explicam por que um homem pode sentir afeto pôr os filhos(as) de uma mulher com a que vive e presencia o crescimento passo a passo[...]” (LEVI-STRAUSS, 1956: 24). Por outro lado, Héritier (1977) faz uma breve análise sobre a ideia de instinto materno que coloca a mulher como responsável da reprodução social. Considerando que é necessário desconstruir a noção de “natural” atribuído ao corpo feminino, portanto o “instinto natural materno” que denota automaticamente a mulher na gestação e parto dos filhos. O Instinto materno é então:

um fenômeno adquirido, inculcado nas mulheres através da educação que lhes é continuamente dispensada através dos modelos de realização pessoal que lhes são impostos. [...] oferecida às mulheres para as manter nas tarefas de educação dos filhos, e por consequência nas tarefas da vida doméstica, e tudo isto com o consentimento delas, dado que não há condicionamento mais conseguido do que aquele em que o submetido reivindica ele próprio os fundamentos da sua sujeição. (HÉRITIER, 1977: 93)

Héritier alerta que se bem em algum momento as mulheres ganhavam filhos sem nenhum tipo de controle, sendo o instinto maternal a característica da predisposição natural de tarefas e responsabilidades domesticadas e de cuidado da prole, exclusivas dos corpos femininos; é necessário que a sociedade ocidental através do uso das tecnologias, conhecimentos femininos, avanços médicos no prolongamento da vida, entre outras conquistas do pensamento feminista, use a favor da transformação nas estruturas familiares⁶², nas modalidades de filiação e relações de poder entre os sexos que a modernidade exige. Bem como comenta que a

⁶¹ Os estudos de Levi-Strauss tinham como foco principal a estrutura do sistema de parentesco. Porém, em 1956, publicou o artigo intitulado: “The Family” para a Oxford University Press. Nele, Levi-Strauss apresenta um amplo panorama crítico sobre a existência da família em uma gama ampla de sociedades, cuidando muito bem de não afirmar sua universalidade.

⁶² “Modificar os termos da filiação (com isto modificar o estatuto da propriedade e da herança), modificar a relação de poder entre os sexos, suprimir a repartição sexual das tarefas, assacar a toda a sociedade o encargo económico da reprodução e da produção, transformar radicalmente as formas de educação das crianças, atentar contra as ideias

repartição sexual das tarefas implicaria, pois, também que a sociedade reconhecesse, não em termos de “valores” ou de moral, mas em termos de interesse, a igualdade dos sexos, por um lado, e, por outro que a reprodução e a socialização das crianças são atividades primordiais tal como a produção. Deste modo, tornar-se-ia impensável e, por consequência, impossível que todo o peso da reprodução recaísse exclusivamente sobre as mulheres e se transformasse na sua desvantagem social. (HÉRITIER, 1977)

A autora está consciente que para conseguir essa mudança, será necessária uma alteração considerável no sistema de valores, é dizer, no sistema educativo atual. Também, Gaitan (2017) considera que na atualidade o discurso da pediatria que defende o contato *pele a pele*, *bonding entre mãe e criança*, vínculo mãe filho, e alguns outros conceitos, representam agentes significantes na construção dos novos modelos de representações maternas. A noção de *care* ou de *instinto* proposta por Sarah Blaffer Hrdy⁶³ também parece explicar o fenômeno da maternidade moderna. Porém, é importante para a análise dessa pesquisa, considerar que as produções acadêmicas feministas tem mostrado um amplo trabalho na desconstrução da instituição da maternidade que unificava aspectos patriarcais numa complexa e cambiante maternidade, donde as mulheres experimentam com prazer ou como carga insuportável, ou as duas ao mesmo tempo, como expressam Gaitan (2017) e Donath (2017).

No campo delimitado para essa pesquisa há uma construção da relação mãe-filho fundamentado no conceito de “fusão emocional da díade mãe-bebê” de Laura Gutman. A psicóloga e psicopedagoga argentina é autora de vários livros do gênero auto-ajuda/psicopedagogos familiares. Neles debate e informa sobre maternidade, lactância, parto e compreensão do puerpério da mulher, assim como a importância da primeira infância, através de uma escrita simples orientada para vários sujeitos relacionados com a mulher-mãe e a chegada de novas pessoas, as crianças. O seu livro, vendido em vários países do mundo hispânico e no Brasil, é uma proposta explicativa para mulheres, homens, avós, tios e demais relacionados com a díade mulher-filho, para compreensão do processo emocional que estas vivem. Alguns perfis de *especialistas* nas redes sociais baseiam suas publicações em função de algumas das propostas da autora. O sobrenome da autora é conhecido no universo das mães, seja porque leram o livro ou porque leram nas redes sociais algum *post* com alguma frase e guia de suas palavras ou assistiram

vigentes de toda a espécie que fundamentam na natureza as desigualdades: são estas as condições da morte da família na sua forma atual. Nada disto é impossível, e já muitas alterações se estão a verificar. Resta, no entanto, saber quais são os modelos de realização individual que podem ser inventados e propostos como susceptíveis de justificar a vida de cada um.” (HÉRITIER, 1977:93)

⁶³ Ver: Badinter, (2011)

alguma palestra no Youtube da autora e demais pessoas que explicam os conceitos propostos por Gutman.

2.5.1 Sobre “ *fusão emocional*”

Gutman (2018) afirma que ser “mãe é se deixar inundar pela loucura de *compartilhar um mesmo território emocional com a criança*”. A autora argentina propõe a categoria de “ *fusão emocional*” como um fenômeno em que o “campo emocional” de mãe e bebê se unem “como duas gotas d’ água no oceano. Não é possível identificá-las de maneira separada. Perceber a existência da *fusão emocional* só será possível se olharmos mais além do paraíso terrestre, palpável e visível.” (GUTMAN, 2009: 15). Como veremos no Capítulo sobre *maternidades contemporâneas*, um dos aspectos que se discute no universo materno, como indicam Mattar e Diniz (2012), “Os direitos das mulheres são inseparáveis dos direitos das crianças e não há, a priori, nenhuma incompatibilidade entre eles”.

Gutman, baseando-se no conceito psicológico da “sombra” de Carl Jung, explica como um dos conflitos e experiência esmagadora que as mulheres-mães experimentam no puerpério, são emoções que emergem da sombra com a chegada do bebê: “quando o bebê chora e tem sido atendido em suas necessidades básicas e ainda assim não encontra calma, então haverá que perguntar à mãe: por que choras?” (GUTMAN, 2018). O exemplo de como se apresenta o discurso da autora no mundo materno das redes sociais foi o Instagram Live⁶⁴, publicado em 05/11/2019, no perfil @cantomaternar; outros dos perfis do Instagram que fazem parte desta etnografia, cujo trabalho será melhor descrito no seguinte capítulo.

No caso das videoconferências “ao vivo”, os perfis geralmente deixam gravados como Post IGTV⁶⁵, podendo ser visualizado após finalizado. Usualmente o material audiovisual está acompanhado de um texto no pé da imagem que faz referência ao vídeo ou foto⁶⁶. Assim mesmo, os administradores dos perfis definem uma temática a debater, e em alguns casos compartilham tela – convidam – um outro administrador/especialista

⁶⁴ Videoconferência de 60 min, a qual os seguidores podem ver online “ao vivo”.

⁶⁵ IGTV São as siglas utilizadas para Instagram TV, sendo uma das modalidades de apresentação de material audiovisual mais extenso do aplicativo. Os usuários podem subir um vídeo de 1 a 60 minutos.

⁶⁶ Comum aos diferentes *posts* das redes sociais Instagram e Facebook.

na temática, para entrevistar. No material produzido por @cantomaternar, o texto do pé do IGTV apresenta: “O que fazer com nossa vontade de sumir? – LIVE com Clarissa Yakiara”. O vídeo é a gravação da conferência de 59 minutos em que a administradora e sua convidada compartilham e esclarecem várias inquietudes “expressadas em algum momento pelas mães” e também do público online para o momento. No texto:

Amar nossos filhos não nos impede de querer fugir de vez em quando, é normal se sentir assim. Tem vezes que ser mãe parece ser um peso gigante. Estamos tentando dar o melhor de nós mesmas e parece que nunca é o suficiente. Ao mesmo tempo, lidamos com um turbilhão de emoções que surgem com a chegada do bebê que nos abalam muito e nos deixam com uma sensação de perda de identidade. Como lidar com esta intensidade emocional que surge com a maternidade? Por que isso acontece? Como aceitar? Como superar?

Nesta LIVE, eu e a Clarissa Yakiara, minha parceira no podcast Tenda Materna, falamos sobre as dificuldades de ser mãe, atender às mil demandas e lidar com o turbilhão de emoções que surge com a chegada dos filhos. Ela também apresenta o Programa Zum Zum de Mães como um caminho terapêutico para quem quer viver um processo de autoeducação e de acolhimento da sua criança interior [...]” (Maíra. O que fazer com nossa vontade de sumir?. Instagram: [@cantomaternar]. 05/11/2019. Texto de Post Audiovisual. Consultado: 15/11/2019).

Maíra, apresentadora/administradora do perfil, introduz a temática falando sobre a agonia das mães pela falta de apoio na maternidade, as novidades e processos do desenvolvimento dos filhos, as diferenças com o marido enquanto ao projeto de criação dos filhos, reclamações e exigências de parte do marido. Menciona também a “saúde da vida de antes” dizendo que muitas vezes tem como consequência o “arrependimento de ter-se tornado mãe”. Coloca a questão que Donath salienta no discurso das mães: “amo os meus filhos, mas a maternidade me traumatizou”. Tudo o que em algum momento eu estava olhando nas primeiras produções desta pesquisa, o lado “ruim” da maternidade.

Clarissa, que está sendo entrevistada, fala sobre a “intensidade emocional” que significa ser mãe, explica fluidamente após sua entrevistadora fechar a apresentação dizendo: “Você planeja ser mãe e quando você é mãe não é nada do que você esperava, por isso a vontade de sumir...”. A especialista responde:

[...]acontece uma ruptura física no corpo da mulher para que um bebê chegue nesse mundo e isso é fisicamente notável. Porém existe também uma ruptura emocional que não se nota, que é imperceptível ainda para as mesmas mulheres. Sendo que o ser humano nasce profundamente conectado às emoções. Essas emoções são manifestas na primeira infância e quando são reprimidas por castigos e situações em que a criança percebe que essa emoção não é positiva, será relegada à sombra [...]. (Clarissa. “O que

fazer com nossa vontade de sumir?'. Instagram: [@cantomaternar]. 05/11/2019. Fala no Post Audiovisual. Consultado: 15/11/2019.)

Esse discurso está fundamentado na proposta teórica da psicóloga argentina Gutman. Porém, um aspecto em que vamos a aprofundar agora, é na relação dessas mulheres mães com os outros. Tendo observado e contextualizado os aspectos de uma sociedade que vive processos de mudanças nas representações dos indivíduos. Parece, que na sociedade latino-americana, também há algumas mudanças nos conceitos hierarquizantes entre os sexos e também uma aparente diminuição da desigualdade social em termos raciais e econômicos. Mas a verdade é que isso está ainda em um processo de construção. Em muitos aspectos da vida social, no Brasil e Venezuela, o valor da família hierárquica e a demarcação dos papéis de gênero, assim como as desigualdades entre populações muitos pobres e outros poucos muitos ricos, a cultura ocidental latino-americana ainda apresenta características “superadas” em outros contextos sociais do mundo.

Porém, na multiplicidade de representações contemporâneas das mulheres-mães, poderia se resumir algumas mudanças sociais que acompanham tais representações como os direitos adquiridos pelas mulheres; as transformações na família a partir da separação e o uso de tecnologias reprodutivas, modificando o número de filhos; a possibilidade de estudar e se profissionalizar; o surgimento do feminismo como movimento que articula as lutas; as modificações nas relações geracionais; e assim muitas outras que beneficiam e afetam de múltiplas formas as representações de cada uma.

2.6 Pais, os maridos.

Devo dizer que falar de paternidade até agora tem sido para mim um aspecto em que gostaria colocar como Andrea O'Reilly, em uma entrevista⁶⁷ publicada em Youtube, em que a autora é interpelada por sua entrevistadora com a seguinte pergunta: “O meu marido me questiona porque quando ele exercesse os cuidados não podem ser

⁶⁷ Motherhood studies are not the same as Family studies. Here's why: #4– Shira Richter–Toronto, October 2016. Publicado: 14 nov. 2016. 4:57 min – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ObY4Z7QkZYI>. Acesso em: fevereiro de 2019.

chamados de “paternagem”⁶⁸ “Why call it 'men who mothering' and not fathering?”. Ao que O’Reilly responde, – depois de uma breve referência aos estudos produzidos em núcleos de pesquisadores que debatem paternidade, paternagem e termos como “estudos de pais envolvidos”⁶⁹, como referência à modos de trabalhos de cuidados das crianças praticados por homens-pais, – dizendo: “mas simplesmente eu não estudo isso [...] eu estudo maternagem”⁷⁰ [...] além de que é uma realidade que há uma grande maioria de mulheres no mundo maternando sozinhas[...] por isso ao trabalho do homem exercendo *cuidados maternos* chamo de “homem fazendo maternagem”, porque ainda há que dizer para um homem as coisas que há que comprar no mercado...” e finaliza o vídeo, cortado pela entrevistadora.

Cito esse vídeo para ressaltar dois assuntos: apontar que meu enfoque de estudo são as mulheres-mães, porém os pais são sujeitos ativos nas vidas dessas mulheres; e denotar um aspecto do olhar feminista ainda receoso das mudanças no pensamento das novas masculinidades. Algumas autoras consideram que o masculino não fez mudanças significativas para se responsabilizar pelos cuidados da prole; a divisão das tarefas do lar entre homens e mulheres não foi realizada efetivamente; e o Estado não dá o apoio que precisa às famílias que “fundam a nação”, reforçando a desigualdade entre os sexos. De acordo com alguns estudos recentes sobre masculinidade, a construção do homem na sociedade ocidental está em andamento muito recentemente, as produções em pensamento masculino em estudos de gênero, são bastantes recentes.

Enquanto nos anos 80 e 90, sob a influência dos movimentos de mulheres e dos estudos de gênero, buscou-se pensar sobre as posições de “mulheres” e “crianças”, desnaturalizando as concepções de “passividade” e “subordinação” dessas em relação aos “homens”, é apenas nos anos 90 que são publicados os primeiros trabalhos sobre “masculinidades”, que buscam pensar a posição dos homens, e os significados atribuídos à masculinidade nas relações de gênero, com destaque para Kimmel, Connel e Messerschmidt, que terão os primeiros artigos traduzidos em publicações brasileiras, na metade dos nos 90. (SOUZA, 2018: 9)

Dessas mudanças no pensamento social decorre a construção de uma “nova paternidade” ou “paternidade ativa” como um fenômeno recente nascido no movimento pelo parto humanizado a partir dos anos 80’ em que se falava do “pai grávido” (Salem, 1980). O conceito foi criado para descrever a presença ativa do homem no processo pré-

⁶⁸ Tradução minha de *fathering* utilizado pelas autoras do vídeo.

⁶⁹ Tradução minha da frase da autora: “They have great publications, they actually have sometime like *studies of feminist fathering* [...] or sometime like *studies of involved fathering* [...]” Min 4:04.

⁷⁰ Mothering (Tradução minha)

natal, no parto e pós-parto (Tornquist, 2004). O movimento da paternidade ativa dialoga com a maternidade socialmente amparada⁷¹, sendo notória a distribuição das responsabilidades dos pais, no que tange os cuidados e educação dos filhos. As representações da paternidade ativa são um fenômeno social recente que nasce no pensamento feminino e se idealiza nele.

Nas experiências das mulheres mães colaboradoras dessa pesquisa, os pais são sujeitos importantes, mas não necessariamente praticam uma *paternidade ativa*. Os maridos de Mariana e Andreina parecem ser os representantes “ativos” da paternidade. Ambos, de acordo com o relato dessas mulheres-mães, são homens que atuam ativamente nos cuidados da prole e demais tarefas domésticas. Na experiência de Laura, o pai da criança mora em outra cidade, porém as suas redes sociais estão repletas de fotos de seus filhos, o qual pode recriar o imaginário do pai involucrado emocionalmente na criação de seus filhos. Imagens como essas são bem recorrentes nas representações dos indivíduos – mulheres e homens – nas redes sociais, a vida tal como é, criada através de fotos selecionadas para mostrar a “felicidade”, distante das reais relações humanas. A representação do marido de Laura será detalhada no Caso Laura – no seguinte capítulo. No entanto, observo que, como o pai da criança está morando em outra cidade, a participação na educação do menino é inexistente, assim, ela assume toda a responsabilidade da criação do filho.

A questão primária sobre “*o que é ser mãe?*” colocada no grupo de WhatsApp gerou respostas tão diversas como a da Mãe R. que fala sobre a maternidade “viajando pela memória celular” continua dizendo:

Pienso que la influencia del padre en casa determina mucho nuestra maternidad... Ya que depende de la buena o mala gestión de ese rol, se puede contaminar o reforzar el nuestro... si ellos están en casa, solo somos mamá; a diferencia de cuando no están, se miran nuestras responsabilidades (eso pienso). Mãe R⁷². (Diário de Campo Outubro 2019)

Interpreto de sua fala que a ausência do pai significa uma maior carga de responsabilidades para uma mulher. Assim como quando uma mulher-mãe conta com a companhia do pai de seus filhos, poderia desenvolver melhor seu papel de mãe por excelência. O ponto de vista dessa mãe pode ser considerado como um vestígio da

⁷¹ Ver Maternidades êmicas e acadêmicas. Capítulo II.

⁷² Mãe R. Pergunta: “Meninas, desde quando vocês são mães?”. WhatsApp: [Grupo Madres de Maturín] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp.

consciência patriarcal em que as mães são construídas. Por outro lado, a idealização de um modelo de pai distinto ao patriarca cuja função é ordenar e prover, causa algumas surpresas na comunidade de mães de diferentes gerações.

Mariana comenta, num momento da entrevista pelo WhatsApp, sobre como seu marido acompanha e a apoia de uma forma diferencial, tomando em consideração as referências de pais observadas na cultura popular: “[...] eu tive o acolhimento do pai dos meus filhos. O que é bem incomum, considerando a maioria dos pais que conheço, abandona os filhos. [...] Eu contei com esse apoio, e isso foi muito bom!” Mariana⁷³ (Diário de Campo Março 2019).

“Mas por que é que é tão importante para ti o pai de teu bebê não te acompanhou na clínica?”⁷⁴ perguntou a psicóloga à Anne que se consultava no puerpério e relatava sua tristeza porque no seu imaginário e na experiência de outras amigas, seus maridos tinham estado na espera daquela criança junto a elas. Representações paternas provavelmente observadas em filmes de Hollywood e crescente esfera de parto humanizado. A mulher acompanhada pelo pai da criança durante o pré-parto, parto e pós-parto cria um imaginário das ações dos homens que muitas vezes não são cumpridas na realidade. As representações paternas de alguns homens em assumir papéis de cuidado e participação da vida doméstica, alimenta um imaginário nas mulheres-mães que conflita com a realidade dos sujeitos com quem elas têm se juntado, Frida fala num tom irônico e agoniada:

[...] yo me doy cuenta ahorita, que estoy con una persona que está acostumbrada a ser un proveedor y que se hace lo que él manda.[...] hemos tenido muchos problemas, porque él toma decisiones solo. Porque hace las cosas solo. Él es el que manda! Él es quien dice para dónde va la familia. Cómo va estar familiar. Que vamos a hacer. Es más, ni siquiera lo dice ni lo consulta, sólo lo hace. [...] no pregunta nada. Frida⁷⁵ (Diário de Campo Junho 2019).

Numa relação, segundo sua fala, que foi diferente no início, enquanto ela colaborava economicamente para o lar tanto quanto ele, o casal chegava a acordos, conversava e tomava decisões juntos. Mas com as mudanças nas dinâmicas familiares, ela dedicada ao cuidado do filho mais novo que requer dedicação especial para ir a terapias e demais cuidados diários, ela detecta que as tarefas domésticas, pouco visíveis

⁷³ Mariana. **Pergunta: “pode-me relatar um pouco de sua maternidade?”**. WhatsApp: [Conversa o privada] 28/03/2019.  udio de WhatsApp).

⁷⁴ Relato de Anne no Diário de Campo 10/10/2018. Falando sobre sua consulta com a psicóloga.

⁷⁵ Frida. **Falando sobre feminismo**. WhatsApp: [Conversa o privada] 15/06/2019.  udio de WhatsApp.

e imperceptíveis em capital econômico, são a causa dela ter saído daquela relação “igualitária” que o casal levava ao início da relação.

[...] en estos días incluso me “asomó” [...] que se cayó el viaje para Argentina. Porque nos íbamos todos para Argentina. Pero yo no sabía nada, yo no fui partícipe de esa decisión. Porque? porque yo dejé de aportar económicamente a la familia, [...] ya mi opinión no vale. Porque bueno, soy la mantenida la familia. Frida⁷⁶ (Diario de Campo Junho 2019).

Ela destaca que num outro momento, ao início da relação, ele esteve inativo e sossegado economicamente num momento que não tinha trabalho, mas que ela, que acreditava numa relação de consultas mutuas, diz:

siempre hicimos las cosas entre los dos: ‘que vamos a hacer’, ‘qué casa vamos a comprar’, ‘donde vamos a vivir’, ‘cual es nuestro plan de vida’, de todo eso fuimos participes los dos. Sin embargo, ahora que ya no apporto, es como que fuera un cero a la izquierda en ese tipo de cosas. [...] yo soy la señora que cuida los niños, la mamá. La mamá la que dice lo que falta en la casa. La fastidiosa, que está todo el tiempo diciendo que falta aquí, hay que hacer este, hay que pagar y todo eso [...]. Frida⁷⁷ (Diario de Campo Junho 2019).

A fala mostra alguns dos atritos que as mulheres vivenciam em suas relações e construções delas. É também uma lógica feminina querendo construir uma lógica masculina. Pensando no significado no nome que comentei para colocar nela, prossegue Frida dizendo: “A veces pienso, como que esa “Frida” – ella mesma –, que tú me escribes ahorita, que asocias con alguien tan maravilloso como Frida, verdad?. Me pregunto, Qué pasó con ella? Está relegada totalmente! Por que? Porque no tiene dinero. Que increíble! [...]” Frida⁷⁸ (Diário de Campo Março 2019). Nesse embate pessoal as feministas norte-americanas, como Kinser (2008), em seu artigo *Mothering as Relational Consciousness*, admite esbarrar com sua função como feminista e “cabeça de casa”

This is clearly quite tricky for me as a feminist because, ideally, my partner would share equally with me in these matters. Indeed, egalitarian households are what I “believe” in, and the gospel I preach in my classrooms. I suppose that, for many intents and purposes, and though I’m hedging as I’m typing this because I hate seeing it in print, I head our household. [...](KINSER, 2008:129)

Kinser reconhece assumir o papel de chefiar a casa ainda que acredita e prega o modelo de casal igualitário nas suas aulas como professora. Ainda que as tarefas sejam

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Frida. **Descrrevendo a maternidade**. WhatsApp: [Conversa o privada] 08/03/2019.  udio de WhatsApp.

distribuídas entre todos os membros da família, ela continua comandando as ordens das tarefas domésticas e referentes às crianças. No Terceiro Capítulo, aprofundaremos a discussão de outras características da contemporaneidade que tensionam as representações das mulheres-mães.

Por agora comentarei alguns elementos mais, referentes à relação dos pais. Com as novidades recentes nas representações masculinas da sociedade ocidental, também se visibiliza a individualidade como um aspecto modificante das relações entre os sexos. Peres-Bravo (2014) fala de um sedentarismo, permanência do vínculo conjugal fundamentada nos filhos e infidelidade masculina fora de casa, como algumas características das famílias de classes médias em Venezuela. Sem embargo, em 2018, as mudanças nas instituições sociais são diferentes, a ação da família também mostra uma certa liberdade e possibilidade de a mulher escolher, além de filhos e estabilidade econômica, a separação, não é mais um problema.

Em 31 de dezembro de 2018, Victoria encontrou seu marido falando no celular com uma moça com quem tinha um relacionamento paralelo. Soube do caso pela rede de interlocutoras dessa pesquisa. Ela passou por momentos difíceis que manteve discretos e uns meses mais tarde compartilhou comigo. Se manteve hermético o acontecido. Andreina, que também passava por um momento difícil em seu casamento, me diz: “E também Victoria com o marido que estava traindo-a com uma mocinha”. Depois Anne comenta que teve problemas com o marido da Victoria porque ela tinha “botado ideias na cabeça da Victoria e agora eles estavam separados por culpa dela”. A informação chegou de diversas formas e de maneira truncada, um mistério que senti só podia ser características das camadas médias e altas, porque provavelmente se uma história similar acontece na minha família de origem rural, no dia seguinte eu já estaria sabendo tudo o que aconteceu da boca da mesma mãe protagonista. Victoria comenta três meses depois:

Estamos separados por agora. Eu rezo todos os dias e peço para Meu Pai, para meu Deus que guie ele, que oriente ele para que tome a decisão certa[...] Esse tempo tenho sido abençoada de me encontrar com Deus, de me encontrar comigo mesma. Agora me amo muito mais e amo a Deus. Victoria⁷⁹ (Diário de Campo Março de 2019)

⁷⁹ Victoria. **Fala sobre a separação com o marido.** WhatsApp: [Conversa Privada] 25/03/2019. Mensagem de Texto WhatsApp. Tradução da autora.

A rede familiar de Victoria ficou comovida, a família do marido e a sua família tiveram alguns atritos. Fofocas rolaram. E ela apegada a sua Fé, considerava que ele – o marido – estava sob os efeitos de uma “bruxearia”, essa podia ser a uma única explicação para que ele “enlouquecera de festa em festa com a mocinha e abandonara a sua família”. Anne também se divorciou no início de 2019. Em dezembro ela me escreveu dizendo:

Olha eu estou esperando passar essas datas que são especiais. Sabes? a família. [...] Mas eu não posso mais, estou tentando, mas não dou conta. [...] Imagina, encontrei ele assistindo pornografia, eu fiquei brava porque a gente não tem sexo há mais de um mês. [...] Desculpa que esteja te contando isto. [...] Mas como é possível que ele já não tenha nenhuma atenção comigo e nem sexo a gente tem, e ele todo o tempo fechado assistindo pornografia. Anne⁸⁰ (Diário de Campo Dezembro 2018 23/12/2018)

O casamento de Anne tinha outro tipo de desentendimentos anteriores aos que ela relata como a “gota que derramou o copo”, seu marido não era suficientemente produtivo economicamente e tinha outro ritmo de vida e organização de sair a trabalhar e produzir dinheiro para o lar. Assim, o abandono de atenções e cuidados para ela, como sua esposa, a falta de detalhes românticos, “conquista-as sempre” são algumas das reclamações das mulheres contemporâneas para com os homens, esse foi o ponto que sentiu, perdeu o interesse. No caso de Victoria e Anne a família teve uma influência importante nos processos de separação e acolhimento de ambas.

A ideia de manter o casamento por causa dos filhos, parece não ser parte das práticas dos casais contemporâneos. Nesse contexto em que mulheres são sujeitos de voz ativa no público e no privado, desde crianças em sua família até dentro da sociedade conjugal quando são adultas. Scott (2012) indica que as mulheres também têm maiores possibilidades de sustento para seus filhos, portanto é mais fácil fazer qualquer escolha relacionada aos filhos. Nas redes sociais achei um discurso que apresenta em uma imagem uma perspectiva de “reclamos” ou petições para a maior participação dos pais como protetor da díade mãe-bebê (Figura 3). Porém o texto que acompanha a imagem do *post* de @cantomaternar alude a um convite para ambos, o casal, de compreender o que acontece com a chegada da criança.

⁸⁰ Anne. **Fala sobre o desejo de se separar do marido.** WhatsApp: [Conversa o Privada] 23/12/2018.  udio de WhatsApp. Tradu o da autora.

Figura 3. Imagem do *post* publicado por @cantomaternar chamando a atenção dos pais sobre a necessidade de atenção das mães. Publicado 27/11/2019



Você está louca pra descansar. Precisa de silêncio e paz. Sua rotina mudou, você está se adaptando, quer tempo pra se ajustar sem se sentir insegura com **palpites**⁸¹ de ninguém. Você ainda sente as dores do parto, está inchada e tensa com a amamentação. O choro do bebê te deixa sensível e insegura, você tem medo de não conseguir acalmá-lo, às vezes fica desesperada porque não entende o que ele quer ou faz tudo o que está ao seu alcance e mesmo assim o choro não para. Pra ser bem sincera, você está louca pra chorar. Tá tudo bem não querer visita, é normal.

E, na maior parte das vezes, as pessoas não entendem. 🤖 Achem que você e seu parceiro deveriam estar mais disponíveis. Você gostaria que ele dissesse aos outros que agora é um momento de vocês. Ele muitas vezes até quer dizer, mas não sabe como. Não quer magoar os familiares ou lidar com os conflitos que vão surgir da negativa.

E aí quem entra em conflito são vocês. 😞 O diálogo fica escasso. O espaço para escuta insuficiente. Vocês dois, que só queriam dar conta de viver as mudanças sem maiores pressões, começam a brigar por tudo. (@cantomaternar⁸² 27/11/2019).

Novamente, observamos aqui a criação de um discurso a partir das teorias psicológicas da Laura Gutman. Desde o enfoque de Gutman, a importância do homem é garantir sustentação emocional para a mãe, para que assim, ela possa se dedicar a compreender a “fusão emocional” com a criança. Gutman (2018) aponta a necessidade de “tribo”⁸³, comentando desde sua “visão feminina da paternidade”⁸⁴, que a falta de atores sociais na cena familiar afeta severamente a relação do casal, atingindo diretamente ao homem como foco de todas as tarefas que uma tribo faria. Porém a autora salienta a diferença cultural:

Mas é claro que no mundo ocidental não temos tribo. [...] Então olhamos ao redor e o que encontramos por perto, dormindo em nossa cama, é um senhor que foi nomeado pai

⁸¹ Ver “Pitaqueiros brasileiros e Opinólogos venezuelanos” no Capítulo II.

⁸² Maíra e Viviane. Apoio emocional do pai/diminuir visitas. Instagram: [@cantomaternar]. 27/11/2019. Texto do Post. Consultado: 30/11/2019.

⁸³ Categoria será desenvolvida no segundo Capítulo.

⁸⁴ Ver Capítulo 5. Casal. Gutman, Laura. *Mulheres visíveis, mães invisíveis*. Rio de Janeiro. Best Seller (2018:131)

oficial da criança. [...] passamos a achar, que todo o apoio, compreensão, solidariedade e empatia que uma tribo inteira nos teria oferecido se concentram agora em uma única pessoa: o pai. (GUTMAN, 2018:131)

Assim, é manifesto o discurso que promove modelos de organizações sociais simples, de vida em comunidades com indivíduos que compartilham interesses semelhantes, por mais contraditório que pareça, se converte em um almejo do sujeito ocidental contemporâneo que até agora se caracteriza por valorar o individualismo, o privado. Na cultura ocidental estabelecida nas grandes cidades, onde as famílias nucleares criam os filhos muitas vezes com a presença de um dos pais, se constroem o imaginário da necessidade de mais de um indivíduo para além da mãe – e do pai – involucrados ativamente na criação dos filhos. “É necessário deixar claro que a família nuclear é, provavelmente, o pior sistema inventado para a educação de crianças”, diz Gutman (2018), quando reflete sobre o desgaste que gera no casal a chegada de um bebê, quando se encontra isolado de qualquer tipo de tribo:

é lógico [...] que homens e mulheres se sintam perdidos, desesperançados, traídos e incrédulos diante daquilo que é gerado pela presença de um recém-nascido. É possível que o ser humano tenha sido feito para viver em manadas. Ao longo da história, as sociedades se organizaram em tribos, aldeias ou povoados com diferentes níveis de intercâmbio, na maioria das estruturas sociais, a criação dos filhos era uma tarefa compartilhada por várias pessoas – e não por uma ou dois. (GUTMAN, 2009: 129)

As mulheres-mães, de acordo com os seus discursos⁸⁵ e as sugestões dos especialistas, além do pai da criança, requerem uma rede de apoio. Para estudar melhor esse aspecto, partindo dos discursos das mulheres-mães nesse Capítulo, continuemos a explorar as construções das maternidades contemporâneas, iniciando com o diálogo da produção acadêmica e as representações das mulheres-mães desse campo.

⁸⁵ Andreina lamenta continuamente estar distante dos avós maternos e paternos de seus filhos. “Porque eu gostaria que meus filhos cresceram como eu, junto como seus avós”. Desenvolverei esse aspecto no próximo Capítulo.

CAPÍTULO II

3 Maternidades contemporâneas

As mudanças nas noções sociais do sujeito mulher e a instituição familiar são alguns dos fatores relevantes para compreender as novidades nas representações contemporâneas da maternidade. Bruschini (1990) e Zanotta (2001) advertiam a respeito do efeito da “expansão do individualismo” como elemento transformador da família na sociedade ocidental, observando-se tensões entre os indivíduos e a instituição familiar até então com características englobadoras e “encapsulador” (usando a expressão adotada por Salem) ou “opressivo” da família, segundo Bruschini (1990). E que, como salienta Gutman (2018), desde a ideia de “necessidade de tribo” que tem as mães, evidencia como as famílias nucleares insoladas podem ser causantes de conflitos na experiência materna.

Temos visto até agora alguma mostra no discurso das mães, de desejos de “privacidade” e distância das famílias de cada um, sejam pais, avós, tios e amigos. O casal contemporâneo parece querer distância e as mulheres lideram a palavra para dizer que querem viver sua experiência o mais “individual” e “autêntica” possível. Desejam também parto humanizado⁸⁶, aleitamento materno, co-leito⁸⁷, relacionamento igualitário, presença paterna, criança levada no colo com *sling*⁸⁸, entre outros.

Todas as mulheres dessa pesquisa referiram em algum momento o desejo de ter tido um “parto humanizado”, mas na realidade foram cesarianas todas. Anne planejou o parto até o último momento, “tiveram que praticar uma cesariana”, algo semelhante aconteceu com Laura e Mariana. No caso de Andreina e Victoria, os médicos programaram a cesariana, a primeira por sua condição de saúde e a segunda por serem gêmeos. Frida foi cesariana planejada por “não ter a pélvis suficientemente larga”. As explicações e discussões sobre a “humanização do parto” encontram-se em estudos

⁸⁶ Vários estudos produzidos desde o início do século debatem temáticas relacionados sobre o parto humanizado. Tornquist (2003, 2004) Carneiro, R. (2011) Carneiro, R., & Bittencourt, F. (2015). A humanização do parto refere-se ao cenário de atenção ao parto desde o ponto de vista da “medicina baseada em evidência”, é dizer uma prática com resultados evidenciados na pesquisa e na prática clínica. De acordo com Tornquist (2003), as medidas vistas como humanizadoras no trabalho de parto incentivam práticas e intervenções biomecânicas, atreladas à fisiologia da mulher, sendo encaradas como mais *naturais*.

⁸⁷ Dormir na mesma cama ou habitação junto ao bebê.

⁸⁸ Carregador canguru. No mundo hispânico se chama “Porteo” a técnica de amarrar a criança ao corpo de um adulto para levar no colo.

como a tese de Tornquist (2004), Diniz (2005) Carneiro (2011). As autoras identificam a população partidária da abordagem da humanização donde se incentiva o parto vaginal com “o mínimo de intervenções médicas invasivas e respeito ao ritmo de parto/nascimento de cada mulher e bebê.” Diniz (2005), em grupos de comunidades de camadas médias no Sul do Brasil.

Neste Capítulo estarei olhando para a construção das maternidades contemporâneas a partir do diálogo das colaboradoras de pesquisa que, na heterogeneidade de suas experiências, compartilham uma linha de pensamento a respeito à criança, não definida por alguma categoria específica como veremos, porque os nomes podem ser diversos, mas sim com padrões referências que, percebo, vêm de base similar: a teoria do apego de John Bowlby. Assim, o Capítulo apresenta o entendimento entre a produção intelectual sobre maternidade e a produção discursiva das mulheres-mães a partir de suas experiências. A maternidade pode ser construída como instituição patriarcal ou construída pelas próprias mulheres, ou provavelmente uma combinação de ambas. A maternidade é tão heterogênea como os mesmos sujeitos que a constroem.

Donath comenta que “a maternidade não é um projeto privado” considerando que os discursos sobre a natureza da mulher são repetidos todos os dias para as mulheres e como esse evento significaria a mudança transcendental de suas vidas como pessoa nascida num corpo feminino, “submetidas aos ditames sociais sobre como deveriam conduzir a relação com seus filhos de forma a serem consideradas “boas mulheres” e “boas mães”, pessoas e seres morais” (DONATH, 2017). Na construção da maternidade, podem se conseguir diversos cenários, como a contribuição de alguns discursos de pedagogos, psicólogos, filósofos e demais *experts* dedicados ao estudo sobre crianças, educação e cuidados. Estes especialistas contribuem no posicionamento da mulher em seu “papel biológico”, assim responsabilizando-as pela vida dos filhos, coadjuvando a delimitação normativa de ser *boa mãe*.

Se observa também, como nas representações das maternidades a progressiva individualização do sujeito-mulher – impregnados de direitos de escolha – implica algumas decisões e práticas que podem ser perturbadoras para a estrutura socioeconômica dos países da sociedade ocidental, especialmente na América Latina onde o entorno *social pro-natalidade* e demais expectativas sociais para com a mulher

geram tensões. Sendo que as mulheres têm adquirido uma série de direitos, pelos quais ocorreram lutas físicas e políticas, pode ser paradoxal que algumas mulheres estejam, por exemplo, rejeitando o trabalho para ficar em casa cuidando da prole. Assim, nas sociedades latino-americanas, a cultura tende a ser pro-natalidade fundada numa religiosidade católica, as mulheres que optam por uma decisão não normativa de seus corpos no que tange a maternidade⁸⁹, anteriormente foram marginalizadas por serem “estéreis” pelo simples fato de não quererem usar seus corpos para trazer uma pessoa ao mundo. Na contemporaneidade a decisão de não querer ser mãe é uma escolha que não apresenta maiores problemas numa sociedade democrática em que as mulheres têm livres direitos reprodutivos e sexuais, pelo menos teoricamente.

A gravidez em classes populares, rurais e outras sociedades inseridas na América Latina, é vista pelo Estado e alguns atores sociais como um problema social que requer intervenção e controle. Mas nas camadas médias do Brasil está acontecendo algo distinto, a reprodução humana representa um elemento a ser atendido. Como em alguns setores da Europa e América do Norte com crise populacional, cuja preocupação é a diminuição severa da reprodução, no Brasil, em alguns setores da sociedade estão aparecendo esses “alarmes”. A preocupação em alguns setores da população é que as mulheres estão adiando a reprodução, portanto há uma diminuição de número de filhos por família. Segundo o IBGE, as mulheres no Brasil têm 1,72 filhos. Consideremos que para ter esse número deve existir um tanto de mulheres sem filhos e um tanto de mulheres com muitos filhos nas populações menos favorecidas em educação, serviços de saúde e tecnologias reprodutivas. Essa população sem filhos é a que preocupa as mentes de algumas mulheres de gerações de mulheres nascidas nos anos 50, 60, 70, que manifestam sua preocupação por uma “perda de desejo de ser mãe”, sendo preciso encorajá-las para evitar o arrependimento após o biologicamente possível⁹⁰.

No campo desta pesquisa, as mulheres tinham no máximo dois filhos: Anne e Laura tem uma filha e um filho respectivamente. Andreina, Frida, Victoria e Mariana tem dois filhos homens cada uma. No grupo de mães são variadas, havendo algumas com 3 filhos. No questionário (Figura 4) cinco delas tem um filho e duas dois filhos.

⁸⁹ As “NoMo”, No Mother, childless.

⁹⁰ Fala de uma professora participante do II Simposio sobre Maternidade e Ciência. Porto Alegre, RS. 16/17 de maio de 2019.

Figura 4. Gráfico gerado das respostas à Pergunta: "3. Quantos filhos tens?". Formulário Google (Formulario Google: [Cuestionário para madres] 01/12/2019.



De acordo com Tornquist (2004), a população brasileira tem reduzido “no que se refere ao número de filhos por família; vê-se crescer o valor da infância e antecipar a noção de criança – indivíduo, sendo o feto e /ou o embrião considerados seres humanos dotados do direito à vida”. Observa-se o discurso sobre a importância do sujeito *criança*, os direitos adquiridos e sua representatividade na sociedade contemporânea. Esse aspecto estaremos observando na construção das maternidades do Caso Laura.

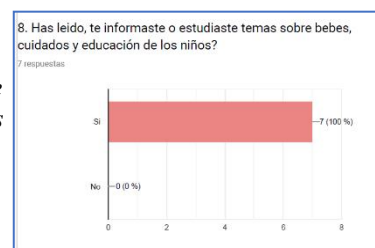
Desta forma, nas particularidades da sociedade ocidental latino-americana, as mães e maternidades apresentam atributos e categorias diversas, como temos visto no Capítulo anterior. De acordo com Rich (1996 apud. Carneiro 2011), as mulheres vivenciam as maternidades de acordo “com suas grades de leitura, possibilidade de transcendência e de construção cultural”, essa possibilidade dá uma perspectiva de que a maternidade pode ser “um ato criativo”.

Assim, as grades de leitura e construção cultural seja um fato para as mulheres contemporâneas, a possibilidade de transcendência é um aspecto filosófico da questão da maternidade. O efeito da comunicação pelas redes sociais poupa as relações sociais, no contexto urbano, de vários assuntos que, até pouco tempo, requeriam presença física, como por exemplo: ir ao psicólogo, porque tem infinidades de perfis publicando recomendações e reflexões das mais variadas; ir ao médico porque pode consultar o Dr. Google⁹¹; visita aos familiares, podendo-se reunir uma vez ao mês com avós e familiares, no caso dos que vivem próximos, o resto da comunicação pode ser por vídeo-chamadas. A interação social pelas redes sociais, pelas razões que sejam, incrementa as iterações online em detrimento das relações físicas.

⁹¹ A pesquisa “médica” de autodiagnósticos dos indivíduos através do buscador “Google” ante qualquer sintoma físico de doença.

Os casais – as mulheres-mães – “hiperinformados” viram os inacessíveis das relações. Perguntei para minhas interlocutoras, no questionário aplicado pelo Formulário Google, se elas tinham estudado e se informado em temáticas sobre crianças, em sua totalidade responderam “Sim” (Figura 5). Desta forma, as mulheres da cidade, representadas nesse universo, buscam se “auto educar” no labor que está por vir, a maternidade.

Figura 5. Gráfico das respostas à pergunta "8. Você tem lido, tem se informado ou estudou temas sobre bebês, cuidados e educação das crianças?"



Porém isso não é novidade, as mães e pais dessa geração estudada, também buscava se preparar através da leitura de livros e revistas, no entanto existia uma transmissão de conhecimento pelas avós e mulheres já mães que era bem-aceito, ou pelo menos assim indicam algumas das avós com quem troquei falas, como a mãe de Andreina e Laura. Ouvi muitas vezes essas avós reclamarem das atitudes das filhas: “*porque ela acredita que o sabe tudo*”. “*Eu também foi mãe*”. “*Eu já passei por isso*.” Os atritos de opiniões nos indivíduos dessas sociedades são catalisados como uma problemática entre gerações. O fazer “diferente” percorre as falas das mulheres e homens que constroem famílias nesse universo. Informação na *web*, educação das mulheres e outros elementos continuam sendo aderidos à lista de elementos que intervém das representações maternas observadas nessa pesquisa.

A vida adulta da mulher que decide ser mãe, aparenta ter que superar questões que se constroem em torno da idade, como: exames físicos para avaliar se seu corpo funciona “corretamente”, avaliar a data exata para a ovulação – isto realmente é histórico– , consumir medicamentos prévio, durante e após a gravidez, além de toda uma série de ritos sociais que a mulher da cidade elabora. Ritos sociais como escolher um médico adequado para o controle da gravidez; decidir junto com seus relativos (companheiro(a), pais e demais) o lugar de moradia se não está escolhido previamente; obter bens materiais para a chegada da nova pessoa e assim por diante. Após do parto, a criação do filho inicia com as responsabilidades inerentes a isto, uma rede de apoio

articulada poderia chegar a ser útil nesse processo, mas como constroem uma rede de apoio essas mulheres na cidade?

3.1 Redes de apoio contemporâneas

Aliás, após a perspectiva de Rich (1976), a maternidade adquiriu importância e parecia apoderar-se do pensamento feminista, devido a que todas as feministas tinham sido filhas ou mães. Assim, na contemporaneidade, algumas feministas denotam o domínio das mulheres das tecnologias genéticas; a proteção da infância como responsabilidade política da sociedade, as ideias de criação em comum, incluindo as mulheres sem filhos na criação; o retorno às comunidades coletivas com o conceito de povo – ou tribo – onde as crianças participam do trabalho adulto; a educação em ambientes feministas para que se formem como pessoas livres sem noção de sexo; assim por diante, organizações sociais feministas criando modelos de família.

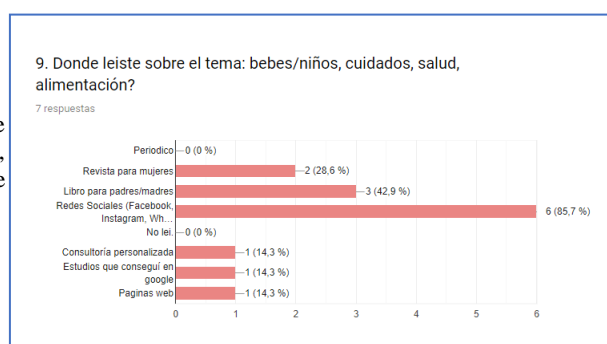
A história de Andreina representa um interessante exemplo do caso das *Famílias nucleares* distantes de seus pais ou “casais igualitários” que compartilham um projeto de família com as particularidades mencionadas anteriormente. Andreina, morando a sós, ela e seu marido, como adultos, grávida num país estrangeiro, com um menino de 2 anos. Assim, agoniada, ela me escreve, contando diversas situações desagradáveis. Naquele ano de 2017, essa situação se converteu em um evento que “comoveu toda sua família”, ela expressava desesperada comunicando-se com familiares e amigas, desabafando durante os primeiros dois anos vivendo em Quito, Equador. Ao início da situação, ela era “mãe grávida amamentando”, sua posterior e atual identidade: é “mãe de dois”. A mãe dela “caiu de cama” de preocupação porque sua filha, diabética, sem dinheiro, com um marido que não estava produzindo na rua quanto precisavam, porque ficava em casa cuidando das crianças junto com ela, estava por parir um filho longe de todo mundo conhecido. Eles, como “casal igualitário” escolheram o destino, a felicidade e o cuidado da família e das crianças, juntos. Assim mesmo, lembro que Andreina e seu marido, também desejavam viver distante dos pais.

Toda uma série de escolhas que os indivíduos recriam a partir de novos paradigmas sociais de relações entres os sexos e as gerações, que exemplificam complexidades facilmente solucionável: uma rede de apoio. O individualismo, as

mulheres-mães hiper informadas⁹², os casais compartilhando projetos individuais e solitário, distante de pessoas que poderiam – e são – atores ativos na criação de uma pessoa, os familiares. A organização social ocidental vinha sendo diferente, ainda na década de 50 do século XX, os indivíduos estavam inseridos em redes sociais físicas como família, igreja, trabalho, clubes, lojas, etc. e certamente isso continua sendo assim. Aliás, no mar de serviços e necessidades criados por meio do uso da internet, a comunicação nas relações humanas, mudou também.

O compendio de informação da sociedade urbana ocidental é um elemento emaranhado de velocidade e efetividade, que dissolve as relações físicas, até praticamente eliminá-las em alguns indivíduos, assim como acelera a comunicação e as relações virtuais. Serviços, produtos e necessidades são supridos por meio de aparatos tecnológicos, as mulheres-mães que aqui colaboram, são consumidoras e produtoras desse universo. Perguntei para elas o lugar de onde adquiriam informação sobre os cuidados e demais tarefas relacionadas aos filhos, em sua totalidade tinham feito pesquisa em sites e aplicativos de internet (Figura 6). Após da revisão de *vlogs*, *fan page* de Facebook e vários perfis de Instagram, pode notar que os casais – em especial as mulheres que manifestam suas inquietudes nos comentários– afrontam aparentes desafios que demandam de guias, cartilhas, vídeos explicativos e demais materiais que coletivos, médicos e terapeutas produzem. Material que é demandando por indagações que os interlocutores e usuários dos serviços médicos, apresentam.

Figura 6. Gráfico das respostas à pergunta "9. Onde leste sobre a temática: bebês/crianças, cuidados, saúde, alimentação?". Formulário Google "Cuestionario para madres"



Considerando a quem vai dirigido o material produzido nesses espaços, posso identificar conteúdos que buscam desconstruir temores, tabus, mitos e – quiçá – carências de autoconhecimento, presente na comunidade alvo, mulheres-mães. Um exemplo disso é o material audiovisual publicado por uma das mulheres do Coletivo

⁹² A totalidade das mulheres que responderam ao questionário de mães, afirmou ter lido ou estudado temáticas sobre crianças.

Feminista Sexualidade e Saúde, onde aclara algumas dúvidas – num vídeo de 3:34 min – em relação a “quando um casal (hétero ou não) decide ter uma criança?”⁹³. Ao início a apresentadora faz algumas colocações dizendo que “não é necessário se preocupar por exames físicos”. Com todos os avanços médicos e possibilidades de detectar doenças genéticas, aptidão física e capacidade para gestar uma criança são parte das incertezas que alguns casais, ou indivíduos solteiros, consultam antes de procriar uma nova pessoa; contudo, adiar a primeira gravidez, planejar o primeiro filho, faz parte da consciência coletiva de sujeitos que circundam o universo dessa pesquisa.

Continua a mulher conversando: “é só tomar ácido fólico um mês antes de ficar grávida[...]”. A mensagem está dirigida ao casal ou às pessoas que decidem “trazer uma criança ao mundo”, mas antes que qualquer preparativo físico, mais importante é analisar e compreender o que isto implicaria. No texto de pé do vídeo do Coletivo diz:

E quando um casal (hétero ou não) decide ter uma criança? Além do desejo de ser pai ou mãe, o medo e as dúvidas são os sentimentos que mais noto e, por já ter passado por esse momento, acho super compreensível. Receber uma criança é uma decisão cheia de mistérios para os que vão viver uma gestação ou para os que vão adotar. **Pra mim, o fundamental é ter desejo de criar uma criança**, se esse desejo estiver ocupando a maior parte dos espaços da sua vida, você se aproxima de famílias com crianças, só vê gestantes nas ruas, faz perguntar aleatórias a todas as pessoas que conhece que já tiveram filhos. O medo das mudanças que vai passar na vida vem sempre acompanhado da frase: "Nossa, mesmo sabendo de tudo isso é o que eu mais quero!" Você está pronte pra ter um filho!

Hora de averiguar se seu companheiro ou companheira está na mesma vibração! (se for uma escolha dentro de um casal, se for maternidade ou paternidade solo siga o plano!). Pra quem está planejando a chegada de um filho dentro de um casal esse é o primeiro passo do plano pré-concepcional: **sentar e conversar muito sobre desejos e expectativas, sobre como está o relacionamento, sobre como uma criança recém nascida muda a rotina e o comportamento dos pais, sobre divisão do trabalho doméstico, sobre rede de apoio, sobre puerpério, sobre vias de parto, sobre finanças, sobre sexualidade (muito, muito, muito)... essa lista é infinita!** Mas a ideia principal é sente-se com quem vai fazer e cuidar dessa criança com você, olhe nos olhos por pelo menos 5 minutos e se abra, é peça pra que ela se abra pra você, isso vai ser a base de todo o processo. Vai surgir raiva, medo, decepção, autoritarismo. Mas também empatia, compreensão, maturidade e leveza. Coletivo Feminista de São Paulo. (Facebook. Consultado 24/10/2019)

O texto apresenta vários aspectos a ressaltar nas concepções das relações maternas na contemporaneidade. Aquela abordagem do *casal igualitário* começa a se desconstruir quando se permite esclarecer no discurso, que pode ter sim, uma escolha de

⁹³ Consultado 25/10/2019. <https://www.facebook.com/ColetivoFeminista/videos/2188641707852266/>

uma mulher ter o filho sozinha, ou como acontece na comunidade latina, as mulheres criam filhos só porque, sim. O trabalho é de mulheres-mães, porém a reprodução inclui a existência de um homem. O casal é a figura que representa o método reprodutivo dessas mulheres. Ainda assim, nas camadas médias as mulheres inseridas no mercado laboral, dedicadas ao desenvolver sua vida profissional, estão adiando o compromisso do cuidado de uma outra pessoa. Até o ponto de requerer toda uma série de rituais inovadores. Rito médicos como realização de uma fertilização *in-vitro* ou alguma modalidade de barriga de aluguel. O *desejo de ser mãe* não é suficiente. Há dificuldade para gestar⁹⁴ filhos. Uma “crise da maternidade”, as mulheres estão adiando ter filhos e quando decidem ter filhos requerem de muita assistência.

Um outro aspecto, pelo qual exponho o texto do coletivo é para exemplificar os discursos representativos do que denomino “redes de apoio contemporâneas”. Coletivos feministas, coletivo de pais⁹⁵, grupos de mães⁹⁶, aldeias de pais⁹⁷, se edificam nos encontros físicos e organização cidadã, mas adquirem força multiplicando informação através da comunicação das redes sociais e – em sua maioria – mantêm a articulação ou “apoio” no campo virtual.

A vida agitada, o individualismo das comunidades urbanas, as mudanças na constituição familiar, a solidão das mulheres, ou qualquer outra categoria que possa descrever essa inovação de “redes de apoio *online*”, pode condensar-se em uma experiência materna com a singularidade da vida contemporânea. Os atores sociais que conformam as redes de apoio contemporâneas são representados por esse conjunto de mães, terapeutas, médicos, psicólogos e outros, aos quais a mulher se articula por meio do uso do celular, mantendo-se identificada e em contato com pessoas que vivem experiências semelhantes e compartilham recomendações e “apoio” emocional.

Porém, ainda que virtuais, esse tipo de organização que leva por nomes grupos, coletivos, aldeias, parece ter como modelo o sistema organizacional das sociedades tribais. Em algumas comunidades de pais, relacionados aos movimentos de “humanização”, na cultura ocidental urbana, têm sido defendido como modelo de

⁹⁴ Estudos científicos biológicos e sociais expõem diversas explicações. Há algumas pesquisas que apontam as mudanças alimentícias da sociedade contemporânea, que afetam a reprodução dos corpos masculinos e femininos.

⁹⁵ Na UFABC, Professores e funcionários pais, organizaram um coletivo para o cuidado das crianças.

⁹⁶ Madres de Maturín.

⁹⁷ Instituto Apoio

organização social as tribos. Transparece nos discursos, a necessidade de intermediários, da rede de apoio que acompanha e orienta a nova etapa de vida, como se observa nas sociedades tribais.

3.1.1 *O modelo tribo.*

Nas tribos que van Gennep (1909) estudou os ritos de passagem pode-se observar como esses acontecem com a gravidez e o parto de uma mulher, apresentando uma série de analogias também praticados em demais ritos da vida humana como: infância, puberdade, iniciação, ordenação, noivado, funerais, estações, coroação, etc. Os ritos “consistem em passar por cima de alguma coisa ou através dela, em sacrifícios e orações feitas em comum, etc. [...]”, estas últimas é donde entra “o **papel dos intermediários**, os quais neste caso como em outras cerimônias, têm por finalidade não apenas neutralizar a impureza ou atrair sobre si os malefícios, mas também servir realmente de ponte, de cadeia, de vínculo, **em suma facilitar as mudanças de estado sem abalos sociais violentos nem paradas bruscas da vida individual e coletiva.**” (van Gennep, 1909:58. Grifo meu). Ressalto as palavras de Van Gennep sobre o papel dos intermediários para destacar um aspecto que muitas vezes é imperceptível. A presença de outros nas passagens da vida individual, com a finalidade de facilitar, contribuir e apoiar aquele sujeito sem afetar a dinâmica da tribo.

Em diversas cidades de latino-americana, organizações sociais parentais, maternas, femininas, masculinas, médicas, entre outros, promove um discurso de admiração dos costumes de culturas “mais próximas à natureza”. Indivíduos psicologizados, em sua maioria profissionais com educação universitária completa, estudiosos dos discursos de criação natural; parto natural, humanizado e consciente; paternidade ativa, presente e participativa, criam “tribos urbanas de pais” ou simplesmente constroem o imaginário desejado de algumas mães, como é o caso de Andreina e Frida. Assim, indivíduos com capital cultural como Liendlof (1975) e Gutman (2006) contribuem por meio de suas teorias nas representações dos indivíduos das camadas médias. Colocando como exemplos de relacionamentos adultos-crianças as interações que têm os indivíduos Toda ou os Yekuana, ou até comportamentos biológicos comparados aos primatas como no caso de Bowlby (2002) e Miller (1997).

A proposta da autora Laura Gutman, a partir de sua experiência coordenando grupos de apoio para mães em Buenos Aires, é a criação de grupos, redes de apoio ou “tribos” em que as mulheres possam desenvolver, acolhidas e protegidas pelo grupo, o vínculo com seu filho.

“As mulheres modernas precisam se organizar. Uma possibilidade é criar círculos de apoio e de encontro, ou grupos abertos de educação elementar para que as mães disponham de companhia quando estiveram com os filhos nos braços e para que seus estados emocionais sejam compreendidos e suas ambivalências, aceitas.” Gutman (2018: 109)

Dessa forma os espaços virtuais, são na contemporaneidade, o lugar para criar tribo. Um exemplo disto representa o perfil @cantomaternar (Anexo 2), administrado por uma mulher-mãe brasileira que mora em Espanha. Ela se apresenta como “autoeducada” em matérias de *criação consciente*. Junto com outra mãe organiza formações e vendas de cursos, online. Também criam grupos de mães pelas diferentes plataformas de internet (Redes Sociais, Blogs e Plataformas educativas) e produzem material reflexivo sobre maternidade.

Com tenho comentado anteriormente, as dinâmicas cambiantes da vida urbana ocidental, inserida num universo tecnológico, configuram demandas e serviços “online”. Redes de apoio são construídas no universo materno das redes sociais, donde se brindam diferentes serviços, que aparentemente precisam cobrir demandas de uma sociedade em que as relações humanas são intermediadas pela tecnológica. Algumas mães, querendo ficar em casa para cuidar de seus filhos, tem escolhido oferecer serviços para outras mães⁹⁸. Conselheira de aleitamento materno, cuidados do recém-nascido, alimentação infantil, psicopedagogia, lúdica, coaching para pais, entre outros quantos, formam parte dos serviços que mulheres-mães optam por vender através das redes sociais, atendimentos por videochamadas e cursos por plataformas online.

Algumas das publicações feitas pelos perfis são colaborações e textos de outras pessoas relacionados ao médio ou mesmo citações de textos e livros de especialistas que fundamentam seus discursos. O perfil @cantomaternar publica um post cuja imagem (Figura 8) cita uma frase de Laura Gutman e uma das colaboradoras relacionadas ao perfil escreve:

⁹⁸ Ver Capítulo III. Empreendimento Materno

“Você é ou já conheceu uma mãe que se arrependeu de ter filhos? Para dizer a verdade, eu nunca conheci. O que eu conheço são mães que se arrependem de... Ter tido filhos com parceiros que não são participativos. Ter acreditado que a família estaria mais presente. Ter achado que as amigas não iriam sumir. Ter jurado que a vida profissional não ia mudar. O que quero dizer é que o arrependimento com a maternidade costuma chegar não pelas mudanças que a criança trouxe para a vida, mas sim pela solidão absurda que uma mãe pode enfrentar quando tem que fazer tudo (ou quase) sozinha. Como se só a mãe soubesse. Só a mãe pudesse. Só a mãe. Só, a mãe. [...] Vivi Ribeiro!”. Viviane⁹⁹ (@cantomaternar. Publicado 11/11/2019)

Figura 7. Post @cantomaternar sobre a necessidade de “tribo”. Publicado 11/11/2019



Vivi Ribeiro é a administradora do perfil @institutoteapoio (Anexo 3), um perfil de “educação parental. Vimos no primeiro capítulo duas publicações do @cantomaternar, que dialogam com esse perfil. Cheguei a ele após uma colega me enviar uma publicação sobre maternidade que elas tinham feito. Identifiquei uma série de categorias êmicas que já vinha trabalhando na pesquisa como: agonias, feminismo, mulheres-mães, crianças, criação consciente e outras, num perfil Brasileiro. Ambos os perfis são produzidos por mães brasileiras, com uma influência de 296.000 e 25.900 - respectivamente- seguidores no Instagram. A ideia proposta de um grupo de apoio online foi apresentada em vários posts que finalizavam com textos similares a esse:

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, diz o provérbio africano tanto citado no mundo materno. No entanto, infelizmente esta não é a realidade de muitas de nós (seremos maioria?). Nos falta rede de apoio, nos sentimos sozinhas, isoladas e sem energia para lidar com os desafios que a chegada dos filhos nos trazem (tanto com a rotina prática como com o chacoalhão emocional). Você tem rede de apoio? Você é rede de apoio de alguém? Conte nos comentários sobre sua experiência com isso. [...] #seja a rede #seja o apoio

⁹⁹ Viviane. **Sobre a necessidade de “tribo”**. Instagram: [@cantomaternar]. 11/11/2019. Texto do Post. Consultado: 30/11/2019.

Aconteceu com você? Como é a sua rede de apoio materna? E você? É rede de apoio de alguém? Conta para mim nos comentários." Maíra¹⁰⁰ (@cantomaternar. Publicado 11/11/2019)

Questionamentos feitos de mães para outras mães, propondo se articular por meio das ferramentas que tem na mão. Na experiência de Maíra, a administradora de @cantomaternar, sendo uma mãe só morando distante de seu país natal e provavelmente de sua família, resolveu se “auto-educar” em temáticas de criação e criar uma rede de apoio online. Algo similar acontece na história de criação do Grupo de Apoio Madres de Maturín.

Para o caso particular dessa pesquisa, estudei na representação dessa categoria o Grupo de Apoio “Madres de Maturín” (Anexo 4). O qual foi criado, segundo suas administradoras, com a finalidade de aproximar mulheres-mães que viviam a maternidade na cidade de Maturín, Venezuela. Andreina junto com uma colega, fundam o grupo com a inquietude de acompanhar outras mães, interessada nos discursos promovidos por algumas redes sociais que ela seguia, como @agobiosdemadre¹⁰¹ que recomenda leitura de livros e apresenta a sua vivencia como mãe, mostrando o que “funciona e não funciona para ela”. Carla, a administradora de Agobios de Madre, também colaboradora desse trabalho, discute em seu perfil diversas temáticas que influenciam significativamente em seu público, Andreina foi uma delas.

“Madres de Maturín” é um grupo de mulheres-mães que se encontram - ou mouraram - na cidade que leva por nome, Maturín. Estas mulheres comunicam-se por meio do aplicativo WhatsApp, como temos visto vários dos discursos são coletados por esse meio, já que faço parto do grupo. Participar do grupo passa pela admissão de Andreina, quem fundou o grupo de apoio em janeiro de 2016.

“Encuentro de madres y futuras mamás en la ciudad de Maturín para el próximo 30 de enero, con la finalidad de escucharnos, desahogarnos, respetarnos y apoyarnos en las vivencias de la maternidad, que a veces nos agobian pero son más las que nos hacen sonreír.” Andreina¹⁰² (Diário de Campo Dezembro 2019).

¹⁰⁰ Maíra. **Sobre a necessidade de “tribo”**. Instagram: [@cantomaternar]. 11/11/2019. Texto do Post. Consultado: 30/11/2019.

¹⁰¹ No capítulo III conheceremos a representatividade desse perfil.

¹⁰² Andreina. **Conversemos sobre maternidade- Primeiro Post do Perfil de Instagram @madresdematurín**. Instagram: [@madresdematurin]. 06/01/2016. Texto de Post. Consultado: 10/12/2019.

Dessa forma Andreina convidava para a primeira reunião do grupo de mulheres-mães, criado com a finalidade de conversar, compartilhar e motivar uma camaradagem entre as mães, geralmente no puerpério, “para que se sentissem acompanhadas nesse momento de tanta vulnerabilidade emocional. Buscando criar um espaço íntimo de alívio e esclarecimento de dúvidas.” (Andreina, 2016). O encontro aconteceu como uma reunião de 15 mulheres que acudiram com seus filhos no colo, sentaram-se num shopping da cidade e tendo como tema central “Conversemos sobre maternidade” (Anexo 5), compartilharam um café e decidiram criar um grupo do WhatsApp. Depois foram se aderindo novas mães, amigas, irmãs e primas de mulheres que já pertenciam ao grupo e se interessavam na abordagem do grupo: um espaço donde as mães compartilharam experiências. Também como toda boa rede social, é um espaço para comercializar produtos e serviços, estabelecer relações comerciais, fazer consultas médicas, consultar sobre serviços relacionados as crianças como escola, creche, babá, etc. Igualmente no grupo - presencial e virtual - as mulheres expressam descontentamento quando comparam seus filhos com as de outras mães, desespero por querer desmamar seus bebês, dúvidas relacionadas aos primeiros tempos do nascimento da criança. Passando por doenças, noites sem dormir e outras questões relacionadas à etapa do puerpério.

O puerpério como etapa de vida na experiência da maternidade parece ser um momento marcante na experiência das maternidades dessas mulheres. O puerpério é o pós-parto, o tempo que vem depois, o qual tem diferentes convenções sobre o cumprimento dessa etapa na vida da mulher. Desde o conceito mais biológico do puerpério como o tempo em que a mulher se recupera, depois do parto, de seu corpo após das mudanças da gravidez, voltando a ser *a mulher de antes*. Comumente esse período de tempo coincide com a experiência vivenciada por muitas mulheres da depressão pós-parto.

Desde meu olhar, durante 4 anos de observação das mulheres-mães e algumas imagens comparativas de outras experiências observadas fora desse tempo, o puerpério é um momento mais tumultuoso da maternidade, ainda mais quando é o primeiro filho. É marcadamente diferente a mulher puérpera à mulher-mãe de um menino de mais de 4 anos, ou de 15 anos. Inclusive, nas mães com filhos crianças ainda, menores de 10 anos, as mulheres “recém paridas”, “primerizas”, “calouras” na maternidade, mostram um

mundo de representações e vivências marcadas pela emocionalidade e a ambivalência vista no primeiro capítulo.

Denoto a singularidade de uma maternidade “inicial” por dar uma denominação de tempo na representação da maternidade em estas mulheres puérperas, na dinâmica do grupo MdM. Seja porque Andreina está dedicada a outros projetos em outro país ou porque as mulheres que estão no grupo já passaram por essa etapa, as falas nele, são cada vez menos frequentes. Para o momento em que iniciei a pesquisa de mestrado, o grupo de WhatsApp tinha dois anos funcionando, fiz algumas perguntas e apresente a pesquisa, percebi que as respostas foram poucas comparado à quantidade de mulheres que há. Na atualidade é um grupo de 40 mulheres, só 10 respondem. As atividades de organização de grupos em cafés, particularmente em Venezuela, com a “crise” e os riscos que algumas mulheres sentem ao sair da rua com seus filhos, não aconteceram mais depois de meados de 2017. As administradoras e fundadoras do Grupo de apoio, Perfil de Instagram e Grupo de WhatsApp (Anexo 6) migraram do país.

No Brasil as redes de apoio observadas nas representações nas duas interlocutoras brasileiras, uma mulher do Sul e outra uma mulher nascida no Norte, mostram características diferentes. No caso de Mariana, o casal -durante a pesquisa- estava distante das famílias de ambos, portanto o acordo entre ambos foi o cuidado das crianças por eles mesmos, evitando o acesso as creches. Finalizando a pesquisa, Mariana e sua família voltaram à cidade natal de ambos, onde familiares de ambos apoiam no cuidado das crianças.

“Meu esposo tem uma tia com uns 50 e poucos anos e que mora bem longe e não tem nenhum meio de transporte próprio. Ontem, eu estava atribulada entre escrever algumas páginas; manter a higiene, alimentação e segurança dos meus bebês; colocar algumas roupas para lavar; preparar o almoço e etc. e tal. Ela simplesmente chegou a pé e sozinha, chamou lá de fora e disse: pensei em você a manhã inteira, sei que está muito atarefada e precisando de ajuda... Vim ajudar você! Abraçou meus filhos, pediu para eu preparar um lanche e um suco que ela estava com sede depois da caminhada até minha casa. **E depois começou a fazer o possível para tornar meu dia agradável e produtivo, desde conselhos de quem já viveu o bastante para saber que tudo passa, até coisas práticas do tipo lavar todas as louças acumuladas enquanto eu dava banho nas crianças.**

Hoje pela manhã me mandou um áudio bem fofo dizendo que sou sua sobrinha do coração, a melhor esposa que Deus poderia preparar para o sobrinho dela! Para eu continuar forte porque tudo que a gente faz pela família vale a pena!

A partir de então, me sinto como se algo bonito tivesse brotado novamente dentro de mim.

Essa senhora que sequer foi alfabetizada e cuja vida não tem sido nada fácil, me mostrou com toda singeleza possível que não é preciso saber ou possuir muito para poder abençoar o dia de alguém. #Gratidão!” Mariana¹⁰³ (Diário de campo, Junho 2019)

De volta em casa, rodeada de pessoas que em oportunidades visitam ela, as mães de ambos por perto da família, faz a Mariana se sentir acolhida e fortalecida na experiência materna. Assim Gutman (2018) menciona: “Se as mães e os pais se derem conta de que estão muito sozinhos na complexa tarefa de criar os filhos, talvez passem a se tratar um pouco melhor em vez de pretender que o outro se responsabilize por tudo que acontece conosco” (2019:131). O casal, ou a mulher sozinha - como afirma O’Reilly – com filhos uma das primeiras problemáticas que enfrenta é a tumultuosa etapa do puerpério, distante da família porque mora e trabalha em outra cidade, como os casos de Andreina, Laura, Mariana e Frida.

Laura ganhou seu filho no Norte do Brasil, distante de sua família e a do marido, criou seu filho durante 7 anos -até o momento do fim da pesquisa- dos quais 4 foram como mãe só, articulando sua rede de apoio com amigas, contratação de babás e escolas. No Caso Laura, apresento com maior detalhe. As colaboradoras venezuelanas, Victoria e Anne as quais moram com os pais ou são apoiadas economicamente por eles, tem contrato mulheres que fazem as tarefas domésticas e apoiam nos cuidados das crianças. Frida, é uma mulher que por assuntos relacionados ao trabalho, mora numa cidade distante da casa dos pais. Sua rede de apoio é articulada com a creche e uma “senhora que à ajuda” como ela menciona, com as tarefas domésticas alguns dias na semana.

Ou caso de Andreina, representa uma imagem significativa da ambivalência e conflitos gerados nos indivíduos na construção -e desconstrução- de modelos de organização familiar. Esses no seu pleno uso de liberdade de escolha, tomam decisões que posteriormente são repensadas, podendo mudar o discurso. Mesmo quando se aspira uma vida de casal “independente”, no momento em que as experiências manifestam a complexidade de tarefas, a situação apertada e se reconsideram os desejos de independência. Sendo ela a fundadora do grupo de Madres de Maturín, acredita e promove a necessidade das mulheres se organizar em “tribos”, também, após de morar distante dos avós de seus filhos, adicionou ao seu discurso a “necessidade que as

¹⁰³ Mariana. **Escritas da Mariana no Facebook**. Facebook: [Post público para amigos] 07/06/2019. Texto da interlocutora.

crianças cresçam com seus avós” e que as mulheres “deveriam ser apoiadas por suas mães e sogras”. No entanto, nessa mesma construção discurso cambiante, psicologizado e comprometido com a experiência individual dos sujeitos, apresenta uma particularidade observada, a crítica e rechaço a certos comentários pejorativos, intervenções verbais ou simplesmente conselhos de terceiros.

3.1.2 “Pitaqueiros” brasileiros e “Opinologos” venezuelanos.

Um dos discursos que podem estar afetando a criação de redes de apoio das mulheres mães, é a confusão causada a partir da reivindicação de intimidade da experiência feminina. A solidão nas mulheres mães pode evidenciar-se desde a escolha de se distanciar da família. Porém, olhemos o discurso de mães, pediatras e terapeutas, através das recomendações na interpelação dos interessados em compreender e acompanhar a experiência materna.

Porém nos matizes de interpretação sobre o apoio que precisa a mãe, constroem-se diversos discursos que têm recorrido uma série de processos como: leitura da teoria e interpretação (mãe/terapeuta), reprodução/tradução (post nas redes sociais), interpretação do leitor-produtor (administrador do perfil) nas redes sociais, debates que se desencadeiam e aplicação na vida cotidiana daquelas categorias, identidades e etiquetas que se gestam no universo materno. Na gíria materna das redes sociais vi usar o termo “pitaqueiros” numa publicação da Pediatra Paula de @pediatranaweb recomendando para o Natal de 2019 alguns cuidados para os comentários que podiam vir nos encontros familiares: “Façam a egípcia, não arranjem brigas porque geralmente não vale a pena. Se esconde, se esquiva, finge demência e vida que segue.”. *Ignorem o que essas pessoas digam para vocês*, é o significado do conselho da pediatra. Aliás, *conselho* em alguns dicionários é sinônimo de “pitaco” “palpite” “opinião”. Assim, o discurso anti-pitacos é promovido por um pitaco.

Nesse universo de famílias conformadas com base no individualismo, as mulheres-mães manifestam através de imagens, comentários e discussões nos grupos de WhatsApp, as ações a seguir com os opinologos¹⁰⁴, o termo usado pelas mães venezuelanas. Pitaqueiros e opinologos são conceitos êmicos que categorizam à um entorno de pessoas, podendo ser familiares e amigos, pessoal da saúde, como veremos

¹⁰⁴ Pessoas que opinam como profissão, segundo discursos das mães, pediatras e psicólogos.

no caso de Marina ou, desconhecidos, como aconteceu com Frida. Pessoas estas, com intenções diversas de interagir com a mulher em questão, mas que aparentemente essa interação não é bem-aceita.

Frida comenta a cena acontecida numa festa para crianças à que toda a família foi. O seu filho mais velho brincava no parquinho, no entanto ela mantinha no colo - controlando- o filho mais novo, devido que ela “conhecendo seu filho autista com uma alimentação especial”, como ela refere, preferia tê-lo por perto sem que ele tivesse a oportunidade de comer doces da mesa acessível à sua altura. Porém, estando num lugar ao qual as crianças vão a interagir -uma festa de criança-, alguns presentes começaram a insistir que ela soltasse a criança para que ele pudesse brincar. Ante a insistência, ela decide deixar a criança sair de seu colo...

“[...] de repente el niño comenzó a llorar en el piso. Se halaba el cabello. Se daba golpes. Se retorció. Doblaba los deditos.[...] Era una cosa, de verdad muy fea de mirar!! Él está muy grande y yo tratando de contener al niño.” Frida¹⁰⁵ (Diário de Campo Março 2019)

Continua ela relatando, que aquele cenário era o que ela esperava acontecer se ela deixava ele solto, pois a criança podia comer algum alimento que desatara a crise e nada acalmara ele. Assim, naquele episódio, a criança chorava desconsolada, ela não sabia se ele tinha comido algo, só tentava amamenta-lo, mas o menino não queria. Depois de quase 40 minutos de crise, aparece na cena uma senhorinha, ela relata:

“Llega una viejita y me dice:
-Senhorinha: “mi hija, Pero dale agua!
-Frida: No señora, ya le di agua. Es que bueno, no se va a calmar con agua.
-S: Y le diste comida? será que tiene hambre?
-F: No, no quiere comer.
-S: Y la teta? que yo te vi que tú le das teta.
-F: No, no quiere teta.” Frida¹⁰⁶ (Diário de Campo Março 2019).

Nesse momento ela sente a situação estar se saindo de controle. A criança é grande o suficiente para ela não ter a força física de contê-lo. Enquanto a criança chora ela acaricia ele e pede para a senhorinha “por favor não me diga mais nada porque senão eu vou chorar”. E começa a chorar. Todo o mundo observa, o marido se incomoda e diz: “Vamonos!”. Uma hora depois que a criança iniciara uma mostra de “não querer estar no espaço”, de acordo com o olhar da mãe que a acompanha a evolução do filho no

¹⁰⁵ Frida. **Descrevendo a maternidade**. WhatsApp: [Conversa o privada] 08/03/2019.  udio de WhatsApp.

¹⁰⁶ Idem.

cotidiano e nas terapias. Ela tinha identificado que o menino estava agoniado com a quantidade de outras crianças e pessoas no lugar. O marido bravo dirigindo de volta à casa, a criança feliz e calmo desde o momento que entrou no carro, e ela revisando e repensando sua função e ação como mulher, como mulher-mãe.

“[...] ese día me sentí la tipa más histérica, más ridícula, y loca del mundo. [...] no sé muy bien cómo lidiar con esos asuntos cuando salgo con L¹⁰⁷., [...] yo me siento muy vulnerable cuando estas cosas pasan. A veces me provoca es que todo el mundo vaya a comer m****, déjenme em paz, te lo juro! **Déjeme conmigo, Tranquila! Me provoca irme por la montaña y criar a mi hijo, aparte.** [...] Los demás nos ven, [...], gritando con los niños a los brazos, de un lado para otro y pienso que nos ven así[...] eso es lo que yo pienso que ellos están pensando de mí, quizás porque yo me siento un poco así. Nos ven como unas locas.” Frida¹⁰⁸ (Diário de Campo Março 2019).

Toda a emotividade da experiência pessoal aflora nos discursos das mães, o reclamo por espaços individuais e levar práticas de afastamento das famílias e amizades, distanciando-se de relações com os “opinólogos” com boa parte das relações que se apresentam no cotidiano. Reconhecem que estão sendo observadas na suas ações e portanto julgadas por tais, assim em oportunidades as interpretações das críticas e recomendações são assumidas como identidades de “louca” -como indica Frida- ou simplesmente de estar errada na forma como orienta a criação de seus filhos. As mulheres reagem de diversas maneiras ante a opinião ou recomendações que terceiros podam dar, no caso de Frida colapsou em choro. Outras respondem no ato com respostas mais severas, muitas vezes em defesa ante o que consideram uma ofensa, Mariana relata numa publicação em seu Facebook:

“Acabo de chegar em casa depois de ter tirado a tarde para as crianças. Primeiro fomos nos divertir um pouco, comprar fraldas e leite, depois passamos na unidade de saúde para vacinar os pequenos. Até aqui, ótimo! Agora imaginem que a enfermeira cismou com a minha cara e resolveu aplicar sermões sobre como cuidar do meu próprio filho?! Ok, tudo bem que deixei passar o prazo de uma vacina, merecia ouvir uma orientação, agora olhar para o meu companheiro e dizer:

"ESSA DESCULPINHA FURADA DELA NÃO COLA AQUI " aí já é sacanagem.

Quem me conhece pessoalmente sabe que quase não falo muito, procuro tratar todos conforme sou tratada, humilde às vezes, mas hoje joguei a modéstia para o quinto dos infernos!!!

Respondi em alto e bom tom "Escuta aqui, Sra., olhe pra mim quando estiver falando comigo! **Ele é pai da criança tanto quanto eu sou mãe, vou te dizer uma coisa NÃO ESTOU INVENTANDO NENHUMA DESCULPINHA FURADA COMO VOCÊ DISSE quem vive a minha realidade sou eu**, tenho meus motivos que não cabem dizer aqui. **Já sou adulta e não precisa me tratar como criança, não se atreva a**

¹⁰⁷ Filho mais novo da Frida.

¹⁰⁸ Frida. **Descrevendo a maternidade.** WhatsApp: [Conversação privada] 08/03/2019. Áudio de WhatsApp.

repetir que estou inventando desculpas quanto ao meu filho. [...] Felizmente, dessa vez, eu não chorei (não ainda!).” Mariana¹⁰⁹ (Diário de Campo Novembro de 2018).

Nos discursos de ambas mães a categoria pitaqueiro e opinólogo não aparece, mas sem as colocações *públicas* de incomodo ante a intervenção espontânea de atores sociais com quem elas interagem, no que diz respeito à sua experiência materna. As denominações também não definem aos familiares. Mas sim, existem e são criadas a partir de um discurso de reivindicação da experiência feminina, a qual delimita um obstáculo nas relações filiais e redes de apoio possíveis. A Gutman escreve o livro *mulheres visíveis, mães invisíveis*, revisando os aspectos emocionais que constroem uma mulher em puerpério, algumas orientações para as mulheres-mães-avós das filhas-mulheres-mães. Refletindo sobre a diferença das experiências e a necessidade, da mãe em puerpério, de receber um apoio emocional que permita a mãe se integrar à experiência materna plena. Nessa mesma reflexão Gutman denota a problemática nas representações maternas, que por ser uma função especificamente feminina, as quais seriam aprendidas em comunidades femininas; na sociedade contemporânea das grandes cidades, as mulheres-mães constroem papéis maternos a partir do discurso de médicos ou psicólogos que geralmente, são homens.

A vantagem de ser uma mulher consciente e madura quando viramos avós é que agora não precisamos mais alimentar a criança e desempenhamos esse papel nutrido afetivamente as mulheres jovens. A obrigação que assumimos é a de iniciar outras mulheres na consciência espiritual. Mas não como a intenção de que escolham os mesmos caminhos que nós escolhemos o passado, e sim como a esperança de que cada mulher jovem seja fiel à suas próprias convicções.” GUTMAN (2018: 114)

Dessa forma, demos um breve olhar à estruturação da relação entre as mulheres-mães-avós e as mulheres-mães que fazem parte dessa pesquisa.

3.2 Maternidades nas gerações.

“Era impensável para mim eu ia deixar o meu trabalho para ficar em casa cuidando filhos, esse era meu direito e eu estava completa assim.[...] Minha única preocupação era conseguir uma pessoa adequada para que cuidara deles”.

A mãe de Andreina, nascida em 1951.

¹⁰⁹ Mariana. Escritas da Mariana no Facebook. Facebook: [Post público para amigos] 15/08/2018. Texto da interlocutora.

Tenho vindo mostrando como eventos históricos vão transformando as representações das mulheres; no caso das gerações de mulheres-mães, as agora avós, a maternidade tem sido construída a partir de um outro estágio de direitos das mulheres. Desde um outro contexto social que configurava as relações com filhos, marido e família em obrigações e normas sociais, que na atualidade, as mulheres-mães-filhas parecem desconhecer. A liberdade de escolha por deixar o trabalho e se dedicar ao cuidado dos filhos, por exemplo, na contemporaneidade possível para uma mulher das camadas médias.

Elisabeth Badinter, em 1980 Paris “*L’Amour em Plus*”, publicado em Brasil em 1985 como “Um amor conquistado: o mito do amor materno”. Três décadas depois, publica *Le conflit, la femme et la mère*¹¹⁰, inicia o livro com uma crítica à maternidade moderna, deixando claro que durante essas três décadas a concepção de maternidade não foi acompanhada em sua evolução, portanto depois de desconstruir o mito do amor materno, aconteceu uma “revolução silenciosa” cujo “objetivo é considerável, já que se trata, nem mais nem menos, de recolocar a maternidade no cerne do destino feminino” (Badinter, 2011:9). A francesa considera que estaríamos voltando a moldes rousseauianos¹¹¹ onde as mulheres são explicadas pela natureza e o instinto materno seria o pilar para essa explicação. Os discursos da ecologia, das ciências do comportamento e um novo feminismo essencialista seriam os que deram como consequência a *revolução silenciosa* acontecida no desenvolvimento de uma nova geração de mulheres entres os anos 1980 e 2010.

Para Carneiro (2011), as conjecturas de Badinter evidenciaria “uma crise da identidade feminina em tempos de notória igualdade de oportunidades e de tarefas entre homens e mulheres”. Embora, o perigo da instalação da ideologia da *maternidade ecologista ou naturista*, é que coloca as mulheres no lugar da natureza sendo responsáveis pela reprodução, e os homens pela provedoria do lar. Uma regressão a tempos em que as mulheres eram donas de casa. Parecia ser uma etapa que as mulheres-mães das mães contemporâneas, a geração de avós mães de mulheres-mães, advertem suas filhas não cometer o erro de perder o que têm se conquistado nas lutas feministas das décadas dos 60’ e 70’.

¹¹⁰ Impresso em Brasil em 2011 como “O conflito: a mulher e a mãe”

¹¹¹ Jean Jaques Rousseu, escreveu em 1762 seu grão obra literária “Emilio” cuja temática central foi a educação, criação e pedagogia. O filósofo considerava importante a natureza do ser humano.

Diferentes autoras¹¹² falam sobre as ondas feministas gestadas entre os anos 50', 60', 70' e 80', mais de quatro décadas de lutas físicas, intelectuais, legais, privadas e interna das mulheres. As lutas feministas são divididas em três momentos por estas autoras. No entanto no debate sobre a terceira onda do feminismo, de acordo a Carneiro (2011), a princípios dos 80', pretende explicar como as relações sociais de dominação atribuem significado à maternidade e não a dimensão biológica da reprodução a que determinaria a posição social das mulheres. A terceira onda acontece depois de dois importantes conquistas do feminismo: a mulher é considerada ser humano, e logo o Estado começa olhar para a saúde feminina “além do puramente fisiológico e reprodutivo”.

Para Badinter em 30 anos (1980-2010) haver ia-se conseguido a igualdade entre o feminino e o masculino, estaria em tal equilíbrio, sem diferenciação, que seria necessário recuperar “a reprodução da maternidade como marca distinta de homens e mulheres” Carneiro (2011). Rago (2002, apud Carneiro 2011) considera que isto acontece porque a gerações de mulheres jovens¹¹³ desconhecem os direitos conquistados nas lutas liberadas historicamente pelo feminismo. Por momentos parece que houve uma “naturalização da igualdade de gênero” e “não fosse mais preciso pensar e agir em nome das mulheres”. No feminismo se percebeu necessário a construção social da maternidade e dos próprios feminismos e, portanto, produzir conhecimento feminino (Carneiro e Bittencourt, 2015) na terceira onda feminista, princípios dos anos 80. A feminista Sanahuya (2002 apud Carneiro, 2011) salienta à necessidade da recuperação da figura materna desde uma linguagem feminina.

Ressignificar o corpo feminino e a figura materna como um processo de subjetivação da experiência, criando “tempos e espaços de significado nos quais a mulher não precisasse de um referente masculino, tampouco fosse percebida a partir de uma grade hierárquica inferiorizada. Uma outra autora, trazida também ao análise de Carneiro (2011), Bochetti interpreta a proposta de Irigaray ainda que “o abandono do corpo da mãe com o nascimento é uma experiência comum para ambos os sexos [...], o abandono da figura simbólica da mãe para o ingresso na ordem do pai seria exclusivamente feminino e representaria para a mulher o abandono de si mesma”. De acordo com Carneiro (2011) Bochetti propõe a maneira de reversão dos efeitos da

¹¹² Scavone (2001); Carneiro (2011), Tornquist (2004)

¹¹³ Geração de mulheres-mães de filhos nascidos nas últimas duas décadas (2000-2010)

maternidade, a “difusão de palavras e experiências propriamente femininas”. Sobre isto Knibiehler¹¹⁴ (apud. Carneiro, 2011) salienta às feministas devem apoiar as mulheres que não desejam ser mães, “mas que também é preciso ajuda-las quando elas desejam ter filhos”. O reconhecimento da decisão da mulher, bem como a necessidade de uma união feminina¹¹⁵ proclamada na criação de diversos grupos de apoios, se torna conjecturas que o feminismo e as novas maternidades dialogam e desejam conseguir.

Nessa discussão estaríamos num contexto acadêmico, em que feministas pensam a maternidade e as representações femininas. Algumas apontam em algum momento alguns discursos como “abandono das mães feministas, pelas lutas, a seus filhos”, sobre tudo nas feministas norte-americanas. No universo latino-americano, os discursos das mães têm algumas variantes. Na entrevista donde perguntei sobre seu feminismo à Frida, a conversação começou pela maternidade de sua mãe:

Minha mãe era uma mulher divorciada, com cinco meninos que saia todos os dias a trabalhar intensamente. Sempre atenta de que não nos faltara nada. Dando conta dela mesma. Uma mulher com muitas carências. Carências que até hoje fazem mal para ela e para seus filhos. Nós aprendemos viver com isso e superar muitas carências que tivemos de nossa mãe e que marcaram nossas vidas. Carências que continuam muitas vezes influenciando nossas vidas. Frida¹¹⁶ (Diário de Campo Março 2019).

Até agora o universo materno feminista contemporâneo, das classes médias, tem mostrado uma particularidade: as diferenças entre as gerações. Diferenças que são evidenciadas nas relação mãe-filha as mães tem trazido nas discussões. Scott (2012) considera que as categorias de gerações criados para diferenciar estas, embora podam ser estereotipadas, servem para compreender algumas mudanças nos arranjos familiares. As gerações são diferenciadas assim:

- “- a geração dos *tradicionais*, nascidos até 1945, que vivenciaram as guerras e crises da primeira metade do século XX;
- a geração dos *baby boomers* (1946-1964), filhos do pós-Segunda Guerra, que não conviveram diretamente com as agruras decorrentes da guerra;
- a geração X (1965 a 1977), que vivenciou o desenvolvimento das novas tecnologias e enfrentou a crise econômica dos anos 1980;
- e, finalmente, a geração Y (dos nascidos a partir de 1978), que veio ao mundo numa época em que a infância é muito valorizada e idealmente as crianças devem ser o centro de atenção dos pais. Essa geração convive, desde sempre, com a era digital.” (SCOTT, 2012:34)

¹¹⁴ Folha de São Paulo, 2007.

¹¹⁵ Ver Feminismo materno no Capítulo III. O Político das Maternidades.

¹¹⁶ Frida. **Fala sobre sua mãe/Feminismo**. WhatsApp: [Conversação privada] 08/03/2019. Áudio de WhatsApp.

As características de cada geração variam de acordo ao espaço geopolítico em que tenha se desenvolvido os indivíduos dessa geração. No caso das mulheres-avós que colaboram na pesquisa indiretamente, nasceram em diferentes lugares de Brasil e Venezuela, em posições socioeconômicas marcadamente diferenciadas. Porém suas filhas, as mulheres-mães colaboradoras de pesquisa, são todas nascidas em contextos urbanos de Brasil e Venezuela. Assim Scott continua descrevendo a geração “Y”, que representa a categoria geracional dessa pesquisa, enunciando que estes

jovens [...] nasceram também no contexto de ruptura e transformação da “família conjugal moderna” e são “filhos” de mulheres dedicadas à carreira profissional e outros interesses para além da vida familiar. É composta por pessoas que defendem o individualismo a liberdade de escolha e têm pouco apreço pelas hierarquias. Por fim, os filhos e filhas já não recebem uma educação diferenciada por sexo e seu relacionamento com os pais é muito diferente daquele que predominou nas gerações que os antecederam, como vimos anteriormente. A dupla moral sexual que norteava outras gerações está cada vez mais em baixa entre os Ys. (SCOTT 2012:34)

A descrição da autora avigora a singularidade contemporânea de ser uma sociedade que valoriza a individualidade e a *liberdade de escolha* como construtores das relações sociais. Segundo Cruz (2015), as mulheres mães expressam o desejo de ter uma maternidade distinta daquela das suas mães “marcadas pela intervenção do Estado e pelo acolhimento institucional”. Porém, os movimentos de mães parecem reivindicar o conceito “maternidade socialmente amparada”. São vários os elementos que influem nestas experiências maternas nas camadas médias, as relações com os próprios pais parecem conflitar e o que anteriormente constituía uma rede de apoio com avós, tias, primas, hoje parece ser diferente. Acompanhado do “fazer diferente”, construiu-se também uma relação conflituosa entre mãe/pai e filha. Na fala recorrente das interlocutoras do desejo de fazer diferente a suas mães, pode ver-se também o reconhecimento as diferenças de condições das mulheres há 40 anos com a época contemporânea. Frida depois que faço referência aos processos históricos das mulheres: conquista do voto feminino e direitos humanos, ela diz: “Mi mamá, como te digo, trabajó siempre despues que se separó de mi papá. Cuando estaba juntos, ella no trabajaba, estaba siempre en casa. Él era quien trabajaba.” Frida¹¹⁷ (Diário de Campo Março 2019). Relata sobre como a separação de seus pais colocou a sua mãe no mercado laboral:

¹¹⁷ Frida. **Fala sobre sua mãe**. WhatsApp: [Conversa o privada] 08/03/2019.  udio de WhatsApp.

[...] se separa de papá. Y comienza a trabajar en una peluquería. La veíamos muy poco, no duró mucho en ese trabajo. Después de eso le robó, literalmente, el carro a mi papá. No sé cómo hizo, pero fue y le robó el carro a mi papá. Que después mi papá andaba como loco porque le habían robado el carro. Hasta que ella le dijo: yo tengo el carro y estoy haciendo transporte escolar. Porque es un trabajo que me permite mantenernos y estar con mis hijos! [...] Entonces, ella hizo transporte escolar [...] siempre recuerdo de ella como transportista. Fue su trabajo de muchos años [...] le permitió estar con nosotros[...]. (Diário de Campo: Frida Áudio de WhatsApp 08/03/2019)

A Frida relata a experiência de sua mãe, a partir da admiração pela labor, o sacrifício e a dedicação que sua mãe representa na construção de sua experiência pessoal. Diz que o trabalho das mães pelos seus filhos influencia “inevitável e inconscientemente” nas atitudes dos filhos, agora adultos, referendo-se à influência da figura materna, por parte de sua mãe, na sua vida. Considera que esse caráter “aguerrido” das mulheres-avós está presente na fortaleza das mulheres-mães. Dito e expressado de diversas formas, cada uma admira sua mãe e termina dizendo que sua relação com filho e/ou companheiro, será distinto. Mariana, ao final de uma entrevista por áudios de WhatsApp, quando pergunto se sua maternidade é diferente á de sua mãe, ela responde:

“A minha mãe, ela é uma mulher clássica. Ela é uma mulher que **ela exerce os papéis femininos para os quais ela foi educada**, com maestria para ninguém colocar defeito. Ela faz a melhor comida. Ela passa as roupas, de todos da casa. Ela serve nos pratos aos filhos homens, ao esposo. Ela é a mulher, para qual sociedade está.. treinada, ne?. A sociedade quer essa mulher, e a minha mãe é essa mulher. **Eu tenho muito orgulho dela**, ela abre mão de muitas coisas para fazer esse papel. Ela cuidou de nós, com toda a sua vida, com todo seu empenho. E é isso. **Eu não sou essa Mãe**, mas nem por isso eu sou menos importante que ela. Eu acho que vá de acordo com as nossas convicções, que são muito diferentes. Nós desempenhamos para dar o melhor de si, e é isso aí o que importa.” Mariana¹¹⁸ (Diário de Campo Março 2019)

Mariana refere-se com respeito para sua mãe, mas destaca existir uma diferença em como elas tem assumido seu papéis femininos de maneira diferentes, destacando que as dois fizeram da melhor forma. A Carla¹¹⁹, num áudio apresentando seu trabalho para mim no 2018, depois de se referir ao nome “Agobios de madre” diz ter aprovado o nome, depois de apresentar para sua mãe e está falara para ela que não concordava porque “os filhos não eram nenhuma agonia”. Continua comentando que "herdamos de nossas mães" o que não devemos dizer, e que há condenação por expressar desconforto, porque se considera que falar de incômodos na maternidade, é falar mal dos filhos, e

¹¹⁸ Mariana. **Pergunta: você acha diferente sua maternidade à da sua mãe?**?. WhatsApp: [Conversaçoã privada] 28/03/2019. Áudio de WhatsApp.

¹¹⁹ Interlocutora de pesquisa. Administradora do perfil @agobiosdemadre. Ver Capitulo II.

isso é imoral. As diversas interpretações dessa relação mãe-filha vigoram - quase sempre - nas conversações com a Laura. Mas nesse momento apresento a resposta de Anne, ante a pergunta “17” do que a fazia “feliz da maternidade”, ela possivelmente cética ante a temática, como tem se mostrado até agora, escreve um texto que revela um pouco dessa relação conflituosa com a figura materna e sua própria experiência materna.

“De ser madre me ha hecho feliz ver muchos aspectos de la vida desde ópticas diferentes, **ejemplo los roles de madres, padres e hijos** que durante mi crianza tuve, y ver que las cosas pueden **ser diferentes**. [...] muchas cosas conmigo y con mi hermano pudieron ser diferentes, y aunque ya fueron como fueron, no es que sea malo, sino diferentes, y las **decisiones de los padres, muchas veces responden a necesidades propias, más que a un avocamiento de amor y entrega total hacia los hijos, aunque después se les diga a éstos que TODO lo han hecho por amor a ellos**. Lo que incluso me parece una forma de cobrar o echar en cara la gran entrega y sacrificio realizado, cuando en realidad corresponde a una responsabilidad que se debe asumir al tomar la decisión de ser madre o padre.

Otra cosa que me hace feliz de la maternidad es disfrutar de un ser, colocado ante mi como un milagro, como un regalo!! Cada vez que me mira, me abraza, me reclama, me enseña mucho, me reta, me doblega!! Más o menos asociado a lo primero, me ha obligado a buscar hacer y concretar planes y proyectos atrasados, que no ejecute antes, y aunque más difícil y cuesta arriba, sigo insistiendo, pues son alternativas relacionadas a generar ingresos para la subsistencia, además claro, de lo que aporta el padre, pues eso también ha sido un cambio para mi, aceptar, permitir y hacer responsable al padre de su responsabilidad[...].” Anne¹²⁰. (Formulário Google “Cuestionário para madres”)

Vários são os aspectos mencionados na resposta de Anne, mas demonstram o incomodo dela, mencionado no capítulo I, da relação conflituosa com os seus pais. Considerar que as decisões dos pais foram egoístas, sem considerar eles como filhos; ou interpretar como um tipo de cobrança a criação brindada pelos agora avós, para com seus filhos agora pais, é bastante comum perceber nos discursos das mulheres-mães. Essa última geração decide, pois, observar para esses atritos desde uma perspectiva psicologizada de “compreensão” e “superação” das vivências da infância, na vida adulta. Miller (1997), Jové (2006), Gonzalez (2015), Gutman (2019) e outros, chamam a atenção em seus livros da necessidade dos adultos tomar consciência de suas carências, traumas e demais conflitos gestados nos primeiros anos de vida, com a finalidade de “curar” ou solucionar estes, para desta forma poder abordar a criação consciente dos filhos.

¹²⁰ Anne. **Resposta à Pergunta 17. Que te hace feliz de ser madre?**. Formulário Google: [Cuestionário para madres] 01/12/2019. Texto da interlocutora.

Na maternidade feminista, *feminist mothering*, proposta em norte américa, Kinser¹²¹ (2008) fala que para viver uma maternidade e transcender nela, precisa primeiro se compreender como filha. Kinser assinala: “escrevo não apenas como mãe, mas também como filha que ainda está se tornando, aos quarenta e quatro anos, a mulher que minha mãe e eu criamos para mim” querendo dizer que suas práticas maternas, os valores morais, as normas do público e o privado, os rituais de alimentação, os incentivos e encorajamento de outros e até mesmo o humor com que responde a os outros quando está representando os multiplex-self (como mãe, vizinha, professora, contribuinte, etc), todo responde “não apenas como mãe de seus filhos, mas também simultaneamente como filha de sua mãe”. Com isto a autora considera que a ação adulta de uma mulher está fundamentada em lições, experiências, memórias e observações de seu relacionamento passado ou presente com sua mãe ou outras figuras maternas. Esclarece que não considera a relação com a mãe como algo abrangente e determinante da construção da maternidade nas mulheres, mas sim que “nenhum relacionamento começa de zero”, ou seja, as relações primárias vão construindo os sujeitos determinando aspectos na construção de novas relações de sujeito.

Kinser denota que um dos eventos mais comuns de acontecer na mulher que é filha e é mãe, é que “no trabalho da mãe e a prática da filha [...] a complexidade e luta são ampliadas quando a “filha-self”¹²² faz fricção contra a “mãe-self”¹²³ de maneiras que produzem atrito em toda ela”. A relação da mulher com sua “filha-self” identifica as observações de sua infância quando sua mãe própria trabalhava dobre turno (no trabalho fora de casa e nas tarefas domésticas) enquanto seu pai lia o jornal. A autora comenta, que essa imagem, ajudou a construir nela um rejeito para a hora da janta:

“Ouvi-me recitar muitas vezes que a única parte da minha vida que odeio é o jantar. [...] não consigo conciliar, por exemplo, minha ambivalência em fazer refeições “caseiras” para minha família. Minha mãe sempre os fazia do zero, mesmo trabalhando em tempo integral; ela os preparou durante seu “segundo turno” (Hochschild) enquanto meu pai lia o jornal e assistia ao noticiário”. (KINSER, 2008. Tradução da autora)

Considerando que as pessoas se *criam* não só dos cuidados principais da mãe, se não também da interação com a rede de sujeitos e instituições da qual fazem parte. Um aspecto a denotar no texto de Kinser, é a representatividade política de suas experiências

¹²¹ Ver site da Doutora Amber Kinser, “Dr. Kinser is a teacher, trainer, consultant, and leader. She is head of the Department of Communication & Performance, home of the Storytelling and Communication Studies programs at East Tennessee State University”.

¹²² Daughter-self

¹²³ Mother-self

como feminista e cujas produções e aulas pregam feminismo materno e casal igualitário como modelos sociais para seus alunos e filhos.

A relativa invisibilidade de minha mãe para mim na infância é dolorosa para mim. [...] Ainda temo que muito de quem minha mãe seja permaneça invisível para mim. E agora, não me sinto mais em posição de torná-la mais visível, dado o intenso trabalho de vida que fiz para seguir meu próprio caminho de maneiras que não são direcionadas pelos paradigmas de raça e gênero e religião que direcionam o restante da minha família de orientação. (KINSER, 2008: 129. Tradução da autora)

Kinser depois de explicar sua posição como feminista, elucida a experiência materna das mães feministas, com um fundamento cultural e intelectual da possibilidade de eleição em fazer diferente, resistindo até certo ponto as tarefas domésticas e outros aspectos que as mulheres reivindicam das relações com a comunidade. Transcendência através da maternidade repensando e construindo uma experiência do *self* feminino, representado nos sujeitos *filha-self*, *mãe-self* e *outros selfs* nas relações com filhos, mãe, marido e outros

A imersão no “self” das mulheres-mães, pode ser entendido como a busca por a experiência autêntica feminina, sem controle masculino -nem de outras gerações-, como representação legítima das mulheres. Igualmente, a revisão da história da própria infância, da relação que tiveram com seus pais, a compreensão de carências e demais traumas, catalisa nas mulheres-mães um aspecto emocional conflituoso das relações familiares. Apesar disso em outros momentos questionam se ser uma mãe “inadequada” deixando de dar o jantar “adequado” para seus filhos. Assim continua afirmando sua posição *diferente* fazendo referência aos incômodos de sua infância:

Espero que meus inconsistentes preparativos para as refeições evitem um pouco do desconforto associado ao jantar na minha infância. As crianças eram para serem vistas e não ouvidas à mesa, onde as regras de comer etiqueta abundavam e a tensão aumentava. Os jantares eram muito indutores de estresse, pois tínhamos que um irmão pudesse nos fazer rir, ou podemos bater uma tigela de servir contra outra ou, pior, derramar algo, o que nos coloca em risco de algum tipo de surra, verbal ou não. Jurei muito jovem que os jantares seriam diferentes na minha vida adulta. (KINSER, 2008. Tradução da autora)

O fazer diferente assim está também baseado nos discursos construídos partindo da “infância feliz” em garantia de um “adulto futuro sano”. Assim, as feministas acadêmicas discutem em seus textos o papel político das mulheres na construção das maternidades contemporâneas. Construir a maternidade para estas mulheres significaria

assumir os desafios de compreender-se em sua individualidade e singularidade, como mulher que foi criança e filha de uma outra mulher, assim como agora é mulher adulta maternando uma criança. A relação com o filho será observada no Caso Laura. Por agora apresento a continuação a perspectiva das maternidades contemporâneas.

3.3 Maternidades: acadêmicas e émicas.

Maternidades: “voluntária, segura, prazerosa, consciente e socialmente amparada, feminista, consciente, democrática, natural.... intensiva”.
Maternidades.

De acordo com Badinter (1981), pouco antes de finais do século XVIII a função e importância das mães não era notória. Aconteceu na época uma “revolução de mentalidades”, depois que as mulheres limitavam o número de filhos levando práticas de abandono de crianças, infanticídios, negativas de dar de mamar, indiferença ante a morte de um(a) filho(a), e outros. Segundo Badinter foi para combater aqueles eventos “antinaturais” que a maternidade como pilar da sociedade começou a atuar.

Contudo, entre as diversas correntes¹²⁴ do feminismo, existe a corrente *naturalista, ecologista, humanista* que se orienta no prazer feminino, na sexualidade e empoderamento da mulher em seu corpo. A feminista belga-francesa, Luce Irigaray, em 1974 defendia a tese de doutorado sobre a capacidade libidinal feminina e a importância de uma ordem simbólica que pudesse dar conta dessa questão. Irigaray argumentou que com o “surgimento da ordem patriarcal, a mãe teria sido assassinada, e apagada e, assim, proibida pelo pai no que tange ao *seu corpo a corpo* com a prole e ao imaginário e ao simbólico de vida intrauterina[...]”¹²⁵. A teoria da filósofa está sustentada na crítica à lei do pai proposta por Freud em Totem e Tabu (1913) onde se apaga a figura materna através da censura do desejo da mãe, portanto a “nossa sociedade e nossa cultura funcionariam originalmente sobre o matricídio, a saber, um assassinato anterior à morte do pai.

¹²⁴ O feminismo na modernidade tem diversas correntes, que derivam de percursos intelectuais das autoras feministas. Algumas gestam as teorias da maternidade como um fardo do corpo feminino. Desde Beauvoir em 1949 quando considerava impossível a transcendência feminina por causa da maternidade que apressaria as mulheres ao corpo, até Badinter que em 2011 considera a maternidade um lugar de opressão das mulheres. Ou como no caso de O’Reilly que defende a *maternidade feminista*.

¹²⁵ Ver: Carneiro, 2011: 254.

No Brasil, a autora Kitzinger (1985) estranha e considera importante para a pesquisa feminista o olhar que se tem dado à maternidade no país. Segundo ela, as pesquisadoras francesas desprezam ou secundarizam a maternidade nas reflexões feministas o que gera lacunas ao próprio movimento (Tornquist, 2004). Porém Tornquist, olha para as relações que caracterizam a sociedade brasileira e considera que a sociedade brasileira teme “a desconexão entre sexo e reprodução, além de reiterar o vetor da biologia como fundamento central dessas relações”, portanto o desejo de maternar e paternar continua sendo de valor máximo nessas sociedades.

O pensamento feminista intelectual brasileiro -latino-americano- diferenciado da cultura norte americana ou europeia, caracteriza a presença de intersecções sociais que se constituem nas culturas diversas dos países latino-americanos. As discussões e debates feministas são construídos a partir de diversos pontos de vistas, hierarquias¹²⁶ e organização social latino-americana. Porém há pontos semelhantes no movimento na cultura ocidental em toda sua amplitude. Atualmente, finalizando a segunda década do século XXI, têm-se produzido estudos, textos e livros, que contemplam análises científicas femininas descrevendo significados contra-hegemônicos que colocam e documentam as maternidades de famílias monoparentais, homoparentais, de filhos adotivos, por inseminação artificial, enfim as novas conformações familiares e reconsiderações de políticas públicas.

Lucila Scavone em 2001, começa com uma discussão sociológica sobre as transformações da maternidade na América Latina, passando por uma análise dos movimentos feministas. Também Maria Lúcia Mott, em 2001, publica em Cadernos Pagu um relato histórico titulado ‘Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945)’. Carmen Tornquist, em Santa Catarina, publica sua tese de “Parto e Poder: O movimento pela humanização do parto no Brasil, analisando os movimentos pelo parto “natural” sob o conceito de humanização acontecidos até 2004. A sociólogo Silvana Bitencourt, no 2011, defendia sua tese “Candidatas à ciência: a compreensão da Maternidade na fase do doutorado” desenvolvendo no segundo capítulo “o valor social atribuído à maternidade para definir o “*ser mulher*” no que expressa a construção social da maternidade no Brasil e faz um análise fundo da influência do movimento feminista no percurso das três ondas desse. Também em 2011, Carneiro defende sua tese doutoral

¹²⁶ Ver Bonetti (2009)

sobre “Cenas de Parto e políticas do corpo: uma etnografia de práticas femininas de parto humanizado”, nesta dedica o quarto capítulo ao estudo dos “Feminismos, partos e maternidades processos de subjetivação em perspectiva” analisando as reflexões feministas desde 1949 em *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, até chegar 1980 e os movimentos femininos pela saúde da mulher brasileira. Além dessas autoras

Posteriormente em 2015, Carneiro e Bittencourt vão organizar e apresentar o Dossiê Partos, maternidades e políticas do corpo, na revista *Civitas* de Porto Alegre. Nela várias autoras tratam do parto e da maternidade como, Fernanda Cruz falando sobre “as experiências de maternidade e as práticas de cuidado com os filhos construídas pelas jovens “egressas” de serviços de acolhimento institucional”; Débora Allebrandt; Elaine Muller; Laís Rodrigues; Camila Pimentel; Heloisa Regina Souza com uma resenha de *Convertirse en madre: etnografia del tiempo de la gestación* de Elixabete Imaz; e a mesma Elixabete Imaz Martínez compõe o dossiê com um artigo sobre sua pesquisa que considera “torna-se uma estratégia narrativa para conhecer as múltiplas dimensões que a maternidade lésbica, como objeto de investigação, pode ter ao longo do tempo”; e outras tantas autoras que compõe o dossiê e pesquisas no Brasil e outros países de latino américa como Argentina, Chile, e Venezuela; debatendo e produzindo estudos entorno a saúde da mulher, maternidade, sexualidade feminina, etc.

No campo dos estudos etnográficos sobre maternidade, é pertinente o apontamento que Tornquist (2004) faz sobre o movimento de humanização do parto e do nascimento, evidenciando que este confirma a relação dicotômica entre natureza-cultura, invertendo os sinais clássicos, positivando a dimensão ligada à natureza e negativando a tecnocrática/social/cultural. Tornquist ressalta na sua tese os movimentos sociais no Brasil e as lutas empreendidas no país e outros países de latino américa. A luta pelas creches e a melhora na qualidade de atendimento das crianças, a luta das Madres de la Plaza de Mayo em Argentina, as lutas pela aposentadoria das mulheres e o mais recente movimento pela saúde e sexualidade da mulher, que Diniz (2005) descreve como originado em São Paulo pelo Coletivo Feminista de Sexualidade Saúde de São Paulo, fundado em 1981, os quais trabalham em nome de uma ‘maternidade voluntaria, prazerosa e socialmente reconhecida’.

Nas representações contemporâneas da maternidade as discussões sobre escolha voluntaria e amparo social são observadas nos discursos dos trabalhos de Diniz (2005),

Carneiro (2011), Mattar e Diniz (2012). As autoras explicam a concepção de uma maternidade que contemple três aspectos: vontade, prazer e amparo social. A *maternidade voluntária* concebe-se como uma escolha “livre de constrangimentos biológicos e sociais[...]” (CARNEIRO, 2011) da “mulher (e/ou do casal), que, no exercício de sua autonomia, seguindo seu desejo, opta por tornar-se mãe” (Mattar e Diniz, 2012). A *maternidade prazerosa* por sua parte, nasce como um conceito feminista¹²⁷ relacionado à sexualidade feminina e enfoca-se em desconstruir a noção da maternidade sofrida e sacrificante, é uma maternidade vista sem expectativas e crenças ancestrais sobre padecer no paraíso; “Assim, a maternidade prazerosa é aquela vivida de forma satisfatória física e emocionalmente, desde o pré-parto, parto e puerpério.” (Mattar e Diniz, 2012). A *maternidade segura* refere-se à os direitos humanos mínimos que uma mulher pode experimentar, vinculados à saúde e proteção da maternidade, de acordo com parâmetros da Organização Mundial da Saúde.

A *maternidade socialmente amparada* está enfocada na busca do reconhecimento da maternidade como trabalho social, e deixando claro que os “direitos das mulheres são inseparáveis dos da criança, não existindo nenhum a priori” Carneiro (2011). De acordo com Mattar e Diniz (2012) “isto implica a defesa dos direitos da maternidade, desde a assistência pública e gratuita de boa qualidade, passando pela saúde no ciclo gravídico-puerperal, até a licença maternidade e o direito à creche e escolas públicas”. O conceito pode dar suporte nos análise da relação entre maternidade e empobrecimento, considerando que as mulheres vivenciam a maternidade socialmente *desamparadas* ante a ausência de políticas públicas do Estado e ausência do pai, em alguns casos. As autoras denotam a ausência de um suporte social, entre outras consequências, exerce, contra a mulher, uma violência de ordem patrimonial que a priva de conseguir suprir suas necessidades básicas e as de seus filhos, isto nas populações menos favorecidas economicamente.

Não obstante, gostaria de referenciar um último conceito, que resumo para efeitos da pesquisa como “*maternidade consciente*”.

Maternidade consciente é o conceito êmico “escolhido” para representar diversos nomes que podem ser achados no universo materno, as maternidades

¹²⁷ Ver Kitzinger (1985)

alternativas que seguem uma corrente de criação *alternativa*, democrática ou naturalista. Depende do nome escolhido. Quando o Grupo de Apoio “Madres de Maturín” começou a princípios de 2016, sua administradora utilizava a etiqueta: “#maternidadconsciente”. Numa entrevista que Andreina teve na rádio, a jornalista pergunta: “O que é maternidade consciente?”. A verdade é que na etiqueta até se vê interessante e atrai seguidores. Mas o significado de “consciente” não estava claro, nem sequer “maternidade” estava claro para ela. Lembro que me falou: “O que é consciente? É fazer diferente, não é?”. Na entrevista ela conseguiu se liberar da pergunta falando sobre Lactância materna, mas na experiência tem dedicado a busca de definir essa “maternidade consciente”. Em algumas das reuniões do Grupo Madres de Maturín, as temáticas de discussão foram: “Empoderamento materno” e “maternidade consciente”, entre outros. Nesses dois eventos, as mães se reuniram com uma pediatra e uma terapeuta, com a finalidade de desconstruir e compreender aqueles conceitos.

O uso como adjetivo que indica conhecimento, raciocínio, a capacidade de pensar na própria existência, é usado nas Redes Sociais, nos discursos de mães e demais atores sociais, num contexto psicologizado urbano que evoca a movimentos pela “cultura de paz” e reivindicações políticas. Consciência, conscientização, consciente são palavras¹²⁸ ouvidas e lidas nas produções feministas e ativismos relacionados com a cultura de paz e políticos, na educação e na saúde, no contexto urbano em geral. Assim no mundo materno, se criam identidades e conceitos a partir desses discursos. Nesse ponto, nos adentramos nas representações vivenciadas por uma de minhas interlocutoras, a mulher com quem tenho podido compartilhar o seu dia a dia.

3.3.1. *Caso Laura, a mãe democrática e a “criança feliz”.*

Relatarei um pouco sua história para contextualizar o que quero problematizar aqui. **Laura** tem 45 anos, é doutora em biotecnologia e empreende sua própria empresa junto com dois sócios. Uma “mulher independente”, formou-se como doutora. No tempo em que sua irmã estava sendo “mãe de família”, ela desenvolvia sua carreira profissional. Essa comparação com a irmã, sua adolescência e a relação conflituosa com a mãe, são alguns dos elementos que caracterizam a experiência de Laura. Sua vida

¹²⁸ Conscientização ambiental, consciência negra, atitude consciente, maternidade consciente.

anterior á de ser mãe era intensamente noturna, de mulher solteira com uma rede de amigos próximos, para balada e fazer esquentas na sua casa. Casou-se a primeira vez quando nova, aos 21 anos, porque queria fazer uma viagem de lua de mel. Divorciou-se no mesmo ano e logo depois se “juntou a morar” com um homem durante 4 anos. Recém-formada no doutorado foi chamada para trabalhar em Manaus.

Estabeleceu uma relação com um homem que se mudou para sua casa depois de deixar sua mulher em outro estado. O *pai de seu filho*, foi morar em sua casa, como ela descreve: “se enfiou dentro de casa e quando fui ver já estava morando em Manaus”. Morou uns 11 anos com ele, nos últimos anos do relacionamento, ficou grávida numa troca de anticoncepcionais. Grávida, sem ter planejado, aos 39 anos, procurou desde o início a possibilidade de parto natural. De acordo com a análise de três médicos, recebia só respostas negativas “não eu não posso”, “porque tem que marcar horário”, “eu não tenho tempo”, “não, tenho minha filha pequena e não quero sair à noite para fazer um parto”, relata ela. Todavia ocorreu uma cesárea de emergência porque o bebê nasceu prematuro, aos oito meses de gestação.

O relacionamento com o pai de seu filho tinha estado com problemas antes da chegada do filho, ela expressa que o parceiro tinha problemas possessivos que complicaram após do nascimento da criança.

[...] **Se o relacionamento está bem. Você está na fase 39 anos**, vamos ter filhos, né? [...] a minha dúvida era mais, acho que por causa do **relacionamento que não era algo que eu estava me agradando naquele momento**, talvez eu já não tivesse certeza se eu queria ter um filho com aquelas qualidades de parceiro. Laura¹²⁹ (Diário de Campo Abril 2019)

Com um companheiro ciumento, o peso do cuidado do filho se fazia mais complicado. Os viagens por trabalho foram questionados por ele argumentando-se na criança: “Eu não podia estar só. Ele tinha que acompanhar-me em tudo. O processo de criação, mas uma coisa sufocante. Os dois estivessem juntos, ele não dividia as tarefas da forma que eu pudesse descansar. Não, ele tinha que fazer juntos” Laura¹³⁰ (Diário de Campo Abril 2019). O casal decidiu separar-se quando a criança tinha um pouco mais de 3 anos e o pai da criança voltou para casa de sua mãe em outro estado. Porém a vida

¹²⁹ Laura. **Entrevista semiestruturada, pergunta: “como você virou mãe?”**. [Escritório da Laura, 12/03/2019]. Gravação: 12/03/2019.

¹³⁰ Laura. **Entrevista semiestruturada, pergunta: “como você virou mãe?”**. [Escritório da Laura, 12/03/2019]. Gravação: 12/03/2019.

de Laura mudou desde a chegada de seu filho, em momentos de muita sinceridade ela simplesmente diz: “O meu filho é meu cabo à terra. Ele é quem faz que eu me mantenha o mínimo de centrada”. “[...] uma geração que eu vou poder repassar algo [...] eu não tenho nenhuma dúvida, que eu faria novamente. Eu acho que, eu tenho novamente um filho” Laura¹³¹ (Diário de campo Junho 2019).

Em algumas oportunidades em quanto à visitava presença as birras e reclamos do filho por alguma razão (querer alguma comida, não querer fazer as atividades escolares, não parar de assistir tv ou celular, etc.), o qual gestava uma cena incomoda para ambas. A meu modo de ver provavelmente a criança precisasse algum tipo de ordem hierárquica, sendo que me posição como pesquisadora estava sempre orientada a questionar o porquê fazia daquela forma, naquelas cenas questionei para ela: “porque você não bate nele e ponto?”. Ela tinha dois argumentos que fundamentavam sua negativa ante a disciplina punitiva física, e provavelmente depois de ficar chocada por minha pergunta, respondia numa fala à defensiva. O primeiro argumento se referia a que seu filho era um indivíduo consciente de seus direitos como criança e que podia denunciar ela, direitos conhecidos desde a educação escolar, de acordo com sua explicação.

e como você maltrata uma criança de 5 ou 6 ou 7 anos que já conhece seus direitos e sabe que não se pode fazer isso com ela? [...] porque falam isso na escola para ele [...] eu também falo para ele, que ele não pode machucar a ninguém, nem ninguém pode machucar a ele. (Laura. Diário de campo. Visita Laura 20/06/2019)

Outro dos argumentos falados sobre sua eleição do tipo de relação com seu filho está baseada em “não querer uma relação violenta como a de seu pai”. (Diário de Campo. Visitando a Laura 20/06/2019). Além desses argumentos, a Laura em diferentes situações reclama sobre sua mãe não ter compreendido (e continua sem compreender) sua depressão. Ela toma remédios receitados para depressão desde os 16 anos. Num outro momento quando perguntei-lhe porque razão educava o seu filho da forma como fazia, ela responde: “Eu fui uma criança negligenciada e maltratada, portanto não quero que meu filho passe pelo mesmo”, o discurso de poupar os filhos de uma experiência que elas viveram na sua infância é comum. Como vemos, o “olhar para a própria infância” é interpretado subjetivamente, debatido por especialistas/mães e posto em

¹³¹ Laura. **Falando sobre o filho**. Casa da Laura, 20/06/2019]. Caderneta Keep: Nota 20/06/2019.

prática no cotidiano, construindo modelos de educação para as crianças¹³². Ela, uma mulher que priorizou por desenvolver sua vida profissional e pessoal, para o momento desta pesquisa seu filho tinha 6 anos, e ela 3 anos separada do pai da criança. Falar da relação com o filho, da sua vida profissional ou de suas relações amorosas, desencadeava uma fala que em diversas oportunidades a deprimia e a levava a falar de sua mãe. Explicava que a causa de suas depressões eram devido a que sua mãe não prestou o devido cuidado na sua adolescência.

No entanto, observo como o discurso de Laura assinala constantemente, além dos conflitos da relação com a mãe, tensões relacionadas com sua construção como mãe no que ela considera importante, mas “não é capaz de proporcionar”, a educação de seu filho. Laura fala de sua preocupação por achar uma escola que concorde com suas pretensões educativas para seu filho: “eu busco uma *educação democrática* para o meu filho”, devido a que ela se considera uma “mãe solteira, portanto permissiva”, está cansada e “educar significa tempo e paciência” que ela não tem.

A experiência de Laura, mostra a mulher-mãe que articula sua própria rede de apoio, devido a se encontrar distante dos familiares que moram no Sul do Brasil. Ela gerencia sua vida como mãe só articulando Escola, babás e amigas que participam do cuidado de seu filho. Não obstante, para ela a Escola representa um componente fundamental de sua rede de apoio na criação de seu filho, constituindo a esfera social mais confiável. Escolher a escola certa que garanta segurança e educação para a criança é importante na sua experiência, sendo o tempo integral uma característica relevante para o cuidado durante a semana, enquanto ela trabalha.

Pode observar em campo, nas visitas em casa e eventos sociais que compartilhei com Laura, como a intervenção de outros atores sociais como mãe, irmã e amigas que se relacionam com a díade Laura-filho, são censuradas ou não aceitas por ela, argumentando direitos das crianças, cansaço do menino quando é “descortês com os demais”, ou construindo algum relato explicativo das atitudes do filho quando estas são criticadas. Sem dúvida essa é uma atitude frequente nas mulheres-mães, defender os seus filhos, provavelmente, algumas mais que outras.

¹³² No seguinte apartado estar é desenvolvendo esses ideais

Porém a experiência de Laura em interação com seu filho e outras pessoas foi a única que faz parte do campo dessa pesquisa observada face a face, todas as outras interlocutoras não foram observadas face a face durante os dois anos de mestrado. Assim há particularidades comuns descritas nos discursos de mães e demais pessoal envolvido, os modelos de criação alternativa.

3.3.1 Criações: consciente/democrática/respeitosa... alternativa. E até “natural”.

“Os bebês dessa idade¹³³ seguiam a mãe quando ela saía do quarto; depois de uma ausência da mãe, eles primeiro saudavam-na efusivamente, com sorrisos e gesticulação, e depois engatinhavam para ela o mais rapidamente possível”

John Bowlby, 1952

Bowlby, explicando o comportamento de apego dos humanos, fala que *interação mãe-filho* acontece de forma gradativa e dinâmica da relação. Considerando padrões de comportamento de acordo a idade do bebê, existe um equilíbrio dinâmico entre os membros da relação, sempre e quando aconteça um desenvolvimento conjunto dos indivíduos mãe e filho. Assim, a teoria do apego de Bowlby, fundamenta a necessidade comportamental¹³⁴ do ser humano de estar em contacto com o corpo materno, ou em seu defeito de outra figura que contenha. Muitas das abordagens de criação praticadas pelas mães dessa pesquisa, estão embasados na Teoria do autor.

Faz parte da dinâmica observada até o momento, a conscientização dos processos emocionais da mulher puérpera, a participação ativa do pai nos cuidados dos filhos, o distanciamento dos familiares e amigos – perdendo uma possível rede de apoio, pais -mulheres-mães- criando filhos sozinhos. Essa criação contemporânea se observa nos discursos e produções literárias - autoajuda parental - publicadas nas redes sociais e demais espaços de donde as mulheres adquirem informação -livros, internet- donde destacam categorias que constroem modelos “alternativos” de criação. Se debatem como temáticas principais o aleitamento materno (GUTMAN, 2008; GONZALEZ, 2015), alimentação saudável (JOVÉ, 2006; GONZALEZ, 2015), massagem infantil

¹³³ Desde que aprendem a caminhar até os 2 anos. Ver. Bowlby (2012)

¹³⁴ Ver os comportamentos de cuidados maternos e apego da criança. Bowlby (2012: 293)

(Shantala Massagem), maltrato infantil (MILLER 1979, 1997), parto natural (ODENT, 1984; RODRIGANÉZ, 2005), inteligência emocional (GOLEMAN, 1995; LIPTON, 2005), novas paternidades (Gonzalez e outros), levar no colo à criança mediante o uso de sling (GUTMAN,2009; JOVÉ, 2011), sono infantil (JOVÉ 2006, GONZALEZ, 2015), novos modelos de educação (Pegagogia 3000) e outros, todos representados no universo materno representado nas redes sociais.

Todas estas teorias implicam praticas diversas. O aleitamento materno por exemplo compreende uma preparação previa e pós-parto do casal, uma série de informações que orientam a pratica com a finalidade de fazer esta o mais harmoniosa possível para a mulher e a criança. A alimentação saudável também é guiada como uma continuidade da lactância materna, propondo métodos como “Baby Led Weaning” como a antítese dos mingaus e as comidas “feitas para bebes”, alimentos processados e como sabor artificial. Ao mesmo tempo, as diversas variações e métodos de levar a criança no colo, independentemente de ter carrinho ou não, representa uma pratica baseada na teoria do apego e necessidade do ser humano de manter o contato físico por um maior tempo ao que aparentemente se tinha acostumado.

Cada uma das mulheres-mães que fazem parte dessa pesquisa representa e denomina diferente sua experiência na criação dos filhos. Laura chama aquilo de “educação democrática” como temos visto, ainda que ela considera não estar educando seu filho, os cuidados e a relação que ela estabelece com ele, representam uma interação “democrática”. Quis saber um pouco mais como ela concebia a relação mãe-filho e igualmente ter maior clareza do modelo de criação que ela tinha optado; após de uma conversação sobre “instinto” bastante biológica desde a explicação dela, como mulher de ciências exatas, ela dizia:

O instinto vem de uma necessidade, de algo que falta e que precisas completar. Isso que falta é o acolhimento materno, que quando você tinha 3 meses, 1 ano ou 3 anos faltou. Daí se desenvolvem toda uma cascata de carência afetiva de amor. Que faltou algo que tem que ser completado. Laura¹³⁵ (Diário de campo Julho 2019)

Continue a conversação para consultar: “Você tem lido sobre a Teoria do Apego?” “Você sabe quem é John Bowlby?” a ambas perguntas ela responde: Não. Perguntei isto porque durante o trabalho de 4 anos com mulheres-mães, observo como a interpretação das teorias psicológicas do Bowlby são usadas em diferentes explicações

¹³⁵ Laura. **Explicando os fundamentos da relação com o filho**. Casa da Laura, 24/07/2019]. Caderneta Keep: Nota 24/07/2019.

da psique do ser humano. Assim indivíduos adultos baseiam-se nas explicações do autor para argumentar suas traumas infantis ou também explicar condutas de adultos nas relações interpessoais. Perguntei novamente: “Laura você tem lido sobre criação das crianças? Livros que orientem sobre criação democrática por exemplo?”, ela responde:

Eu li livros, algumas coisas sobre maternidade. Não estudei sobre a infância, sobre o aspecto psicológico, nada disso. Não me sentia vontade de estudar isso. Eu tinha interesse nos cuidados. Como eu tenho que cuidar. Em essa questão da criança. Tudo muito tecnicamente. Nunca fui muito em termos psicológicos. Eu tentava sentir por instinto. De conseguir ter empatia pela criança. Eu tinha que me colocar no lugar de uma criança de 5 anos. Li alguns sites e alguns livros que agora não lembro o nome. Eu foi um instintivo. Procurava saber o que uma criança de aquela idade precisa, necessita. Quando eu não consigo ser empática, eu brigo com ele. É um exercício. A gente é egoísta. Laura¹³⁶ (Diário de campo Julho 2019).

Na bibliografia da formação de conselheiras de “criação respeitosa” refere-se a estudos neuro científicos, observações antropológicas em sociedades tribais e dados que são – em sua maioria – orientações para a proteção da criança e construção daquela pessoa desde a presença física e emocional dos pais biológicos -ou não- e se convida a participação “consciente” dos envolvidos na criação da prole. Logo, no pluralismo das mulheres-mães, as representações na criação dos filhos adquirem diversas denominações. Um outro nome dado é “criação com apego”, proposta por Rosa Jové (2006, 2011) em sus livros dirigidos para pais. Assim também, o conceito de “apego” está inserido na linguagem dos relacionados com a criação respeitosa¹³⁷. No caso das colaboradoras que participam do Grupo Madres de Maturín, como Frida, Anne, Andreina e Victoria a categoria “criação respeitosa” fez parte do discurso inicial nas suas maternidades.

No caso de Frida ela chama sua pratica e decisões de criação e cuidados de seus filhos, como “criação com amor”. Frida é uma “apaixonada da maternidade”, e considera a dedicação à criança de seus dois filhos como um labor que faz com amor, a partir da experiência de ser mãe de um menino com autismo, ela tem vivido muitas experiências que “só o amor pode suportar”. Relata:

Gracias a Dios tengo reposo médico prologando pela psiquiatra. [...] Ela me ajudou a dar-me um informe para yo dedicarme al cuidado de meu filho mais novo. Gracias a

¹³⁶ Laura. **Explicando os fundamentos da relação com o filho**. Casa da Laura, 24/07/2019]. Caderneta Keep: Nota 24/07/2019.

¹³⁷ São variados os nomes que os grupos e especialistas da temática dão para a criação: amorosa, respeitosa, natural, consciente, alternativa, não tradicional... adjetivos diversos que intentam “diferenciar” de um modelo “anterior” ou que acham “tradicional” e “diferente”. Conceitos com etimologia psicológica.

Dios esa mujer entendió mi situación[...] Estuve a punto de caer en una depresión. En ese momento fui a la psiquiatra y ella me recetó unos medicamentos, pero yo no me los tomé. [...] Mis hijos me necesitan, yo lo que necesitaba era tiempo. Gracias a Dios ahorita lo he superado. Me he mantenido de reposo por el tema de querer hacer otras cosas.[...]. Frida¹³⁸ (Diário de Campo Março 2019)

Para Mariana a autonomia da criança, a valorização da infância e o amor por seus filhos transmitem uma “criação consciente”. À medida que se constroem novas formas de relações com as crianças, também os encontros com cenários que se assemelham a situações tradicionais do século passado, são surpreendentes para as mães. Mariana numa oportunidade, indignada, publicava em seu perfil de Facebook como tinha sido difícil achar um hotel numa cidade do interior de Rondônia, donde haviam hotéis que “aceitavam cachorros, mas não crianças”. Os discursos das mães, está vigorosamente amparado na representatividade da figura das crianças.

Para Carla Candia não há etiquetas para a criação, isto de não ter nomes, faz parte da visão da autora do perfil que reflexiona constantemente sobre o uso de “títulos” na maternidade. Promove o uso da etiqueta #MadresReales para se referir as vivencias “reais e sem filtros” que vivenciam as mulheres mães. Porém ela assinala não deseja mostrar um modelo certo, o contrário, quer refletir dos processos que ela vive como mãe. Defende a infância e a necessidade de “curar” dos adultos para abordar a criação dos filhos. As análises dessa experiência serão apresentadas no próximo capítulo.

Andreina é seguidora de uma série de perfis - incluindo o de Carla Candia – os quais orientam sua maternidade e fundamentam seu empreendimento. A “Criação respeitosa” e as vezes “criação consciente” similar a Victoria que denomina de “Criação respeitosa e amorosa”, são outros dos nomes dados nos discursos das mulheres-mães. Para Anne o importante é não bater na criança e “intentar” se controlar porque “ela não tem paciência” na criação de sua filha.

As propostas adaptadas por essas mulheres, no que se refere ao sono infantil, inteligência emocional, novos modelos de educação, massagem infantil e outros, são debatidos desde uma abordagem do desenvolvimento da primeira infância no ser humano, argumentando muitas vezes uma necessidade de mudança nos modos de relacionamento e construção de novos indivíduos. Assim, o “fazer diferente”, parece construir uma categoria que chamarei “consciência de novas pessoas”. Há uma série de publicações, alusivas ao processo “transformador” que se deseja para uma sociedade

¹³⁸ Frida. **Descrevendo a maternidade**. WhatsApp: [Conversa o privada] 08/03/2019.  udio de WhatsApp.

“diferente”¹³⁹ construindo e reconstruindo *personas novas*, *personas conscientes*. Os promotores da criação respeitosa em Venezuela e Brasil - e outros países de latino américa - publicam post para influenciar os leitores com estas ideais. Os terapeutas, venezuelanos e brasileiros, pessoas dedicadas profissionalmente a prestar algum tipo de serviço às famílias interessadas, promovem constantemente nas suas redes sociais mensagens “influenciadores” direcionados, principalmente, aos pais. No entanto os leitores podem ser avos, tios, amigos, filhos, enfim, todos os involucrados na sociedade que segue estes perfis.

Figura 8. Post de @elviscanidoula, professor de Andreina na formação de Criação Respeitosa.



Nesse post (Figura 8), Andreina leu e “curtiu”. Ela, entrou no mundo da lactância materna, criação respeitosa e cuidados alimentícios das crianças, junto com seu esposo. O casal faz uma equipe que busca um tipo de educação diferenciada, o pai questiona a educação latino-americana, argumentando-se no documentário “Um crimen llamado educacion”¹⁴⁰ produzido e dirigido por um empresário da neurociência e o neuromarketing Jürgen Klaric¹⁴¹. Essas ideais de educação alternativa, homeschooling¹⁴² transforma se muitas vezes em decisões conflituosas para os pais contemporâneos. Comprar um discurso do “diferente” é mais fácil que a pratica. Os conflitos e agonias acontecem quando o diferente não é aplicável na rotina de um casal de classe média com dois filhos menores de 5 anos, sem casa própria nem trabalho fixo¹⁴³.

¹³⁹ Igualdade de Gênero, Ambientalistas, Feministas, Lgbtq+, defensores das crianças, e demais ativismos.

¹⁴⁰ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=7fERX0OXAIY>. Crítica à educação em latino américa.

¹⁴¹ Nascido em Estados Unidos, filho de pais latinos.

¹⁴² Educar desde casa

¹⁴³ Como migrantes, Andreina e seu esposo depois de 3 anos num país distinto a Venezuela, não trabalham desde suas profissões.



Figura 9. Post @elviscaninodoula, professor de Andreina. Consultado: 28/05/2018

Na ideia de mostrar as crianças como pessoas que transformam o mundo, a esperança que está mudando a “sociedade por um mundo melhor”, o professor de criação respeitosa publica uma criança que é questionada por um adulto: “Então você quer mudar o mundo sozinho?” ao que o menino responde: “Não estou sozinho, só estamos dispersos, mas já começamos nos juntar!”. Com um pé de foto escrita pelo professor: “Temos tempo nisso!” (Figura 9). As propostas de modelos de criação das crianças como forma de uma mudança nas relações humanas, aparenta ser o fundamento dos indivíduos psicologizados da classe média venezuelana e brasileira.

Em vista das dinâmicas que se constroem desde a concepção de desenvolvimento individual, analisando as próprias experiências da infância e avaliando com as de outras gerações, vou trazer aqui um tipo de discurso profissional que chamou a minha atenção. Trago a este debate um post de @conocemimundo (Anexo 7), uma conta venezuelana análoga a @cantomaterno, administrada por uma jornalista especialista em “criação alternativa” -um outro modo de chamar práticas de relacionamento com as crianças-. O post em Instagram era uma imagem com a pergunta: “Amar tua mãe e teu pai é um dever?” a “jornalista, blogger, investigadora, divulgadora e assessora de criação alternativa, autora do @conocemimundo” diz:

Amar tua mãe ou teu pai não é um dever.

O amor filial o constrói ou destrói os progenitores a partir da qualidade do vínculo que são capazes de estabelecer com seu filhos.

O vínculo baseado no respeito e a aceitação incondicional para nosso ser essencial por parte de nossos progenitores, desde a primeira infância e a o largo da vida, favorece a dinâmica do amor e a empatia.

O vínculo baseado no desrespeito, a negação e a rejeição repetitiva a nosso ser essencial por parte de nossos progenitores, desde a primeira infância e a o largo da vida, dinamita a capacidade inata de amar.

Precisamos registrar e sentir com clareza a própria vivência infantil do abuso emocional e físico recebido pela parte de nossa mãe o de nosso pai e verificar se ainda na vida adulta seguimos sendo maltratados, desestimados, invalidados, manipulados, no tomados em conta por eles.

É preciso se queremos sentir e não ferir os nossos próprios filhos com a repetição automática e inconsciente de ditos padrões insanos de interação.

É imprescindível se quisermos liberdade para mudar para caminhos saudáveis nossas vidas e nossos vínculos atuais com o(a) companheiro(a) e demais relações.

Os limites circulam em duas direções. As crianças também têm o direito e o dever de estabelecer limites para os pais.

Não somos obrigados a amar nossos pais. Berna Iskandar¹⁴⁴ (@conocemimundo. Publicado: 24/05/2019)

Os discursos produzidos por Berna Iskandar representam um enriquecedor campo de estudo para as mães, o perfil @conocemimundo é “seguido” por todas as venezuelanas que participam da pesquisa. Com esse texto quero enfatizar na particularidade das interpretações que cada indivíduo dá para mensagens como essa, sendo que ela é “influenciadora” das construções maternas. Nessa desconstrução feminina das experiências, os discursos de especialistas ilustram as possíveis complicações que cada interpretação das mulheres-mães que leem, de acordo com sua experiência individual. Nessa pesquisa não aprofunde na influência direta desse discurso, ou seja, não dialoguei com as leitoras desses textos, porém mostro com a intenção de visualizar os discursos públicos que fazem parte da informação constitutiva das representações maternas.

Como temos visto no percurso desse capítulo a diversidade em representações da maternidade produzidas a partir de um abanico de experiências, relações e interseções. Como mencionei no apartado sobre Maternidades acadêmicas e êmicas a maternidade prazerosa, voluntária e socialmente amparada originam-se no pensamento feminista. Também outros títulos podem ser achados nas redes sociais e no discurso de algumas mães como: “Maternidade leve”, conceito proposto por uma conselheira de lactância; a “Maternidade consciente” cuja presença nos discursos maternos referencia também; a “Maternidade feminista” que também tem sido colocada em discussão como conceito - acadêmico feminista- norte-americano das práticas de maternar conduzidas pelas próprias mulheres; a Maternidade altruísta, um conceito êmico da literatura de

¹⁴⁴ Berna. **Post: Amar tua mãe e teu pai é um dever?**. Instagram: [@conocemimundo]. 24/05/2019. Texto do post.

psicologia maternal escrita por Gutman e Grande, uma ideia que discorre um padrão social dos indivíduos psicologizados da comunidade, em seu afã de ser as “melhores mães” para “transformar a sociedade” através da maternidade.

Nesse ponto, após de ter desenvolvido algumas das diversas categorias e representações da maternidade que o campo de pesquisa tem mostrado, finalizo a discussão desse capítulo com uma categoria cuja caracterização chamou minha atenção. O conceito de *maternidade intensiva*, uma categoria acadêmica criada a partir da crítica da Sharon Hays (1998 apud GAITAN, 2017), quem descreve e debate a construção dessa maternidade nos finais do século XX. Hays declara que a maternidade intensiva é uma ideologia com enfoque hegemônico da adequada forma de criar os filhos. Essa modalidade de maternidade está fundamentada em três ideais:

- que as crianças precisavam de **cuidados de um referente único**, no caso a pessoa “ideal” é a mãe;
- as mães teriam que **dedicar tempo, recursos materiais e dinheiro** na criação dos filhos;
- e ter **conhecimento e compreensão** das necessidades emocionais e intelectuais das crianças.

Assim, a representação de uma maternidade intensiva significaria uma realocação das mulheres no lar, portanto abandono de trabalhos/profissão, confirmando as inquietações de Badinter e Donath. Gaitan (2017) afirma que este modelo estaria fundamentado na ideia que o trabalho remunerado e as atividades de criação não podem se comparar, os filhos seriam imensuráveis na escolha de uma mulher. Ainda que algumas características desse modelo de maternidade podiam estar categorizando as representações de maternidades do meu campo de pesquisa. Não é bem assim o que acontece, considerando que algumas delas tem renunciado ao seu trabalho -após do fim da licença de maternidade- para se dedicar ao cuidado dos filhos, assim como ocupam parte de seu tempo na “compreensão e conhecimento” de seus filhos, a experiência das mulheres-mães latino-americanas que colaboram com essa pesquisa é condicionada por muitos outros fatores que veremos a continuação.

CAPÍTULO III.

4 O político das maternidades: tensões e agonias.

Uma das tantas retóricas das novas maternidades é que as mulheres tem abandonado o mercado laboral para se dedicar aos cuidados da prole (BADINTER, 2011; SOUZA 2015), retornando, portanto, à esfera doméstica. Provavelmente as francesas foram as primeiras em optar por esta decisão de aceitar os novos modelos de maternidade. Segundo Badinter e Danzelot (1990 apud Gaitan 2017) as mulheres das classes altas e medias apesar de serem os mais reservados aos novos modelos de maternidade, também acharam nela a oportunidade de conseguir a emancipação almejada, entendiam a “nova função maternal como algo que podia melhorar sua condição pessoal”. Diferente aconteceu com as mulheres da classe trabalhadora, classe média em alguns países de latino américa, que não têm tempo para brincar com os filhos e educa-los, a maternidade continua sendo uma carga intensa, onde parece ser impossível de alcançar a maternidade *prazerosa*, sem que a sociedade a ampare.

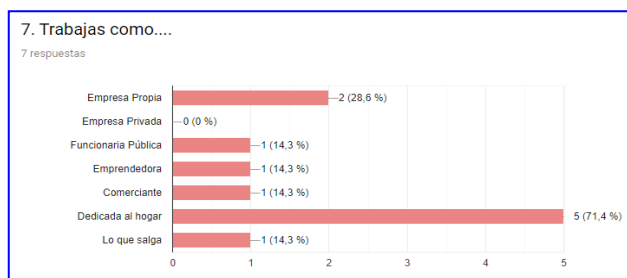
4.1 Trabalho das mulheres-mães, um trabalho social.

A gama de direitos e condições que a contemporaneidade aporta à mulher na livre escolha de suas vivencias, trabalhar fora de casa ou não, são expressados com naturalidade das representações dessas mulheres-mães. Cinco das seis mulheres que participam dessa pesquisa, trabalham fora de casa além do cuidado das crianças. Com variações de tempo e condições diferente de trabalho economicamente produtivo, as mulheres-mães são responsáveis pelo trabalho em casa (donas de casa) também.

Na figura (10) se observa como de sete (7) mulheres que responderam o questionário, 5 estão dedicadas ao lar, lamentavelmente no gráfico não se visualiza quais delas testão dedicadas ao lar e trabalham como “empreendedora, funcionária pública, comerciante ou empresaria” nem qual delas unicamente trabalha, só apresenta as respostas totais. Porém na visualização das respostas individuais posso identificar a Victoria ser a única, das colaboradoras dessa pesquisa, que não trabalha fora de casa ou

gera alguma produção econômica com algum trabalho - fora a criação de seus filhos gêmeos de 3 anos de idade.

Figura 10. Gráfico Respostas à pergunta "7. Trabalhas como..." Formulário Google



A pergunta “7. *Trabalhas como...*” foi formulada como seleção simples, dando uma última opção de “outros”, para escrever uma outra categoria que não esteja contemplada nas opções dadas. Assim, Andreina responde selecionando “Dedicada ao lar” e na opção de “Outros” escreve “Lo que salga”, interpreto que se refere a sua experiência como migrante, a qual combinada à resistência de se inserir no mercado laboral -observado no discurso dela e o marido que afirmam não querer ter chefe ou ser servidores de outros-, tem trabalhado em algumas lojas médio turno e vendido alguns cursos de massagem infantil¹⁴⁵. Frida por sua parte respondeu selecionando três opções: funcionária pública, empreendedora e dedicada ao lar, categorias expressadas em seus discursos nos capítulos anteriores e nesse dedicarei um pouco mais de atenção na parte de *empreendimento materno*. Anne responde “comerciante” e “empresa própria”, não se identifica como mulher dedica ao lar.

No caso das minhas interlocutoras (aquelas que acompanho mais proximamente), elas continuam no mercado do trabalho. Laura é Co-CEO de uma empresa e Mariana é professora e escreve sua tese doutoral. As mulheres-mães contemporâneas, informadas e com um discurso de transformações nos padrões de criação e cuidados tradicionais, constroem modelos de maternidade gestados na conciliação das muitas outras tarefas que as mulheres desenvolvem na sociedade latino-americana. Aparenta ser uma maternidade intensiva com a variante que a mulher não se retira do mercado de trabalho, senão que está no trabalho e no lar; e o mesmo lar divide-se em diversas frentes como: cuidados e educação da criança, atenções do marido e demais tarefas domésticas.

¹⁴⁵ Ver Empreendimento Materno

Na família de Mariana a renda familiar é uma bolsa de doutorado. Bitencourt (2011), quem estudou mulheres cientistas doutorandas que viviam a maternidade comenta que:

A fase do doutorado compreende diversas particularidades que dificultam a maternidade como: a pressão por produtividade que permeia o cotidiano destas acadêmicas, as complicadas conciliações entre doutorado/trabalho/família e a ausência de tempo para o lazer. Por isso, a maternidade é uma escolha “estranha”, pois o que vigora é um ideal de acadêmica solteira e sem filhos. Assim as acadêmicas sentem inseguranças/insatisfações por “viver de bolsa” e incertezas em relação ao futuro profissional, pois no exercício de autoexigência, sentem-se que não estão atingindo o ideal de produtividade. Isto contribui para o surgimento de sofrimentos psíquicos e, conseqüentemente, o uso de psicotrópicos. Bitencourt (2011:82)

Na experiência de Mariana, como cientista essa situação foi bem como Bitencourt expressa. Ela como mulher cristã, tem se refugiado no seu processo emocional no encontro com Deus e sua religiosidade, mas comenta o difícil que tem sido para ela maternar e ser cientista. Depois da chegada de seu segundo filho ela refere “Eu pensei todas as possibilidades quando eu soube da segunda gravidez. Eu sou Cristã, então o aborto, era e continua sendo para mim, não é uma alternativa [...]” Mariana (Diário de Campo Áudio WhatsApp 28/03/2019). Porém a maternidade conciliada com o doutorado foi uma experiência que ela apresenta como “desumana”:

[...] conciliar ciência com a maternidade, foi desumano para mim. Desumano, porque, eu não me senti acolhida na universidade, eu não me senti acolhida no meu grupo de amigos, no meu eixo familiar [...] **Mas é desumano.** A gente, a gente não tem tempo para gente, a gente cuida dos filhos. Eles são as prioridades, eles Tudo e você vai ficando sempre para depois, para depois, para depois, para depois. É só eles a prioridade. **E chega um momento em que a sua saúde mental, a sua qualidade de bem-estar é praticamente zero. Então, é preciso sempre buscar um equilíbrio, para poder finalizar o doutorado.** Eu tenho que fazer isso. [...] eu tento buscar equilíbrio a partir da religião. Eu sou uma pessoa bem religiosa. Isso me ajuda a superar muitas coisas. Mariana¹⁴⁶ (Diário de Campo Março 2019)

A história de Mariana e Laura fazem parte de meu artigo “Estudo da maternidade em mulheres cientistas profissionais de camadas medias no Norte de Brasil”¹⁴⁷, nele apresento a experiência de ambas como doutoranda e doutora - respectivamente- no mundo do acadêmico do Norte do Brasil. Porém o campo de visão brindado pela experiência de Laura, apresenta para essa etnografia, uma dinâmica

¹⁴⁶ Mariana. Pergunta: “pode-me relatar um pouco de sua maternidade?”. WhatsApp: [Conversa o privada] 28/03/2019.  udio de WhatsApp.

¹⁴⁷ Ver. Salazar (2019)

cotidiana da relação mãe e filho, donde podem ser presenciados os conflitos e colapsos da vida de uma mãe. Aqueles momentos no que a dinâmica cotidiana se combina com exigências laborais, mudanças e acontecimentos significativos na vida de uma mãe. Laura é uma mulher proativa e um pouco autocrática -sim, contrário à democracia que ela aspira-. Gerencia sua vida e de seu filho por meio de rotinas diárias, porém há momentos no que ordem se perde, como a vez que esqueceu o amiguinho de seu filho na escola quando havia se comprometido a colaborar com outra mãe-só de pegar o menino. Colapsada ela considerava que sua cabeça não está bem devida a todo o estresse de sua vida¹⁴⁸. Os dias de Laura de Segunda a Sexta são de forma resumida:

- Acordar 6:20 da manhã, assear-se minimamente para despreguiçar-se, preparar um café preto para ela, enquanto prepara uma merenda rápida (Bolo e um suco de limão, geralmente) para a o filho.
- 6:40 acorda a criança, quem come “dormido” enquanto ela ajuda a botar os sapatos. Leva ele na escola antes das 7:15 . Volta à casa, lava a louça, arruma os cachorros -tem vários-, envia e-mails, faz um café merenda para ela - o mais rápido possível, pão e requeijão -, toma banho, arruma-se e sai para o trabalho as 9 da manhã.
- No trabalho reuniões, e-mails, laboratório, saídas de compras, palestras, almoços rápidos à 1 da tarde.
- As 4:30 tem que pegar o filho na escola, voltam para casa, ele no celular, ela dirigindo -imagino que quando não estou- eles falam um pouco mais. Ao chegar à casa ele senta ao frente do televisor, ela arruma a mesa para continuar trabalhando, prepara alguma merenda, comem juntos ou não, e no transcurso da tarde até a noite isto pode-se repetir umas 2 vezes mais. Ela faz os deveres do lar e ele assiste tv e come.
- As 20h fazem tarefas ou “proposta”, a nova palavra da escola para as atividades enviadas para a casa depois de 9hs de aulas.
- Enfim, a hora de ir à cama para a criança é as 9h. Ler uma história e acompanhar ele até dormir, para ela continuar nas suas atividades.

Quando algo desse esquema sai do horário, a semana de Laura, ou ao menos o dia seguinte requer uma organização maior e articulada com redes de apoio que ela muitas vezes não tem como pagar. Não acordar na hora, uma reunião inesperada ou uma atividade fora do horário semanal, descontrola a mediana organização de Laura. Na sociedade de consumo, as mulheres-mães são além de convidadas a ser mulheres produtivas, competitivas, empreendedoras e socialmente ativas, também são responsáveis pela prole economicamente, além dos cuidados e a educação.

¹⁴⁸ Assuntos da empresa, decisões de mudança, o filho não querendo ir para a escola, o pai da criança reclamando desde a distância, etc

Num post cuja imagem disse: “É a maternidade uma vocação?”, Carla abre o diálogo com o seguinte texto:

[...]A maternidade é uma vocação ou uma ocupação? [...] por um longo tempo, a maternidade tem sido vista como um estágio na vida de uma mulher, "você tem um namorado, você se casa, você tem um filho e você forma uma família". Entretanto, ver a maternidade dessa maneira me parece um erro. Nada é para todos e isso inclui a maternidade. Eu não concebo minha vida sem maternidade, mas sou eu quem decide. Hoje em dia eu li um artigo que falava sobre uma investigação e um livro de mulheres que se arrependeram de ser mães. Sem julgá-lo, acredito profundamente que "o ideal" para se tornar mãe é sentir um "**chamado**" em nosso coração. Esse "chamado" é uma vocação. Para mim a maternidade é muito mais que uma ocupação, é parte de mim, é a minha essência, é minha missão ou uma delas. Médico que sente uma profunda necessidade de ajudar e curar, um comunicador que têm desejos intensos e da mesma forma que são mães sentem um desejo incontrolável de ensinar, acompanhar, cuidar, proteger, educar e acima de tudo amor. Depende de como vemos, é claro, mas eu optar por olhar para a maternidade como uma vocação, porque ninguém me obrigou, não era algo que "caiu no meu colo", é algo que primeiro sinto no meu coração[...]. Carla Candia¹⁴⁹ (Diário de Campo Maio 2018).

Os seguidores curtiram a imagem, o que significa que leram e gostaram dela, cerca de 113 comentários e 646 curtidas. Muitos refletem e concordam com a administradora, deixando claro que a maternidade não é para todas, contam suas experiências em detalhes, como por exemplo o nascimento de seus filhos acordaram emoções que não sabiam que tinham. Sendo, então, um tema que percorre vários discursos, de amor, decepção, cansaço e responsabilidades esperadas e/ou inesperadas. A vocação como a aptidão para alguma coisa, é expressa de formas diversas:

Seguidora@agobiosdemadre1: “Alguém me falou que eu já era mãe porque desejava tudo ante o primeiro reclamo do bebê [...] Minha bebe tem 4 meses e amo ela, ainda que sinto raro o título de mãe.” Uma outra seguidora bem abnegada diz: “Ser mãe es algo tão hermoso que não se pode comparar com nada, para mim é a experiência mais bela de minha vida, o poder estar com minha filhas, dedicar-lhes todo meu tempo e não perder-me absolutamente nada de seu crescimento é uma benção”. Outra mãe com vontade de escrever, relatou a história de sua experiência de “quer ser mãe” e não poder, até que finalmente acontece o “milagre” e chega o filho, para demonstrar que a maternidade não é nada do esperado, más que é “mágico e não se compara com nada no mundo” porque exige “sacrifícios e estabilidade mental” para ter êxito na tarefa.

¹⁴⁹ Carla. “Es la maternidad una vocación?”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 28/06/17. Texto do Post. Consultado 15/05/2019)

Nesse movimento de redes sociais e comunicação eficiente, os diálogos das mulheres mostram uma busca pela autodefinição, como mulheres, como mães. No entanto quando as mães são consultadas sobre em que momento elas serão mulheres, as respostas são diversas, mas a maternidade sempre difere de ser uma mulher.

[...]O que eu acredito é que existe um conflito entre ser mãe e ser uma mulher economicamente produtiva. Porque é suposto que quanto mais você tem em sua conta, mais bem sucedido você é. E se alguém é dedicado à maternidade, isso não lhe dará um centavo, não quero dizer nada. É o meu conflito, talvez o de outra pessoa, mas o meu é particularmente. Andreina¹⁵⁰ (Diário de Campo Julho 2018)

Observamos como o trabalho das mães não ficou em ser só um trabalho doméstico produtivo de mão de obra. As mães contemporâneas conseguiram levar isto a capitalizar os conhecimentos maternos. A mulher, durante a gravidez prepara a chegada do bebê, na compra de artigos materiais e preparação pré-parto física, em caso de estar inserida nas dinâmicas de clínicas privadas e maternidades clínicas, casas de partos e parteiras, que preparam a mulher física e psicologicamente para ganhar o filho. Posterior ao parto, a mercantilização da maternidade continua, ainda com a mulher fora do mercado de trabalho, as assessorias de aleitamento materno, as oficinas sobre alimentação e cuidados do recém-nascido, a alimentação adequada para a mãe e os produtos de recuperação de um corpo pós-parto, são produtos e serviços prezados no universo materno das mulheres de camadas medias.

4.1.1 *Empreendimento materno*

Andreina e Frida são mulheres que tem decidido empreender um trabalho econômico desde casa, desde a possibilidade que as Redes Sociais da internet facilitam. Andreina oferece seus serviços como conselheira de lactância materna, instrutora de massagem infantil e futura doula, através dos seus perfis @novelmommy de Instagram, Facebook e outros. Frida também administra sua conta pessoal @sonrisademama e o perfil comercial de seu empreendimento de joias elaboradas a mão. Ambos os perfis mencionados, são alusivos a suas experiências na maternidade apresentando fotografias e relatos delas e seus filhos. Porém o perfil de Andreina é sua marca profissional, transmitir a sua experiência para outras mães.

¹⁵⁰ Andreina. **Falando sobre o que é ser mulher.** WhatsApp: [Conversação privada] 29/07/2018. Áudio de WhatsApp. Tradução da autora.

Andreina formou-se como Instrutora de Massagem Infantil com certificação internacional e conselheira de lactância materna, em Venezuela. Começou a formação como Doula no processo de migração, e ainda está adiando as práticas da formação, por diversas razões. Mas sua aspiração é poder ser produtiva economicamente através do trabalho assessorando outras mães. Assim ela escolheu trabalhar para outras mães prestando seus serviços. Com a ideia constante de que ser mulher é algo mais do que ser mãe. Sente saudades de “ser mulher novamente”, sair e trabalhar fora de casa. Sempre quer um espaço para estar sozinha com ela mesma. Ela afirma que o seu conflito está na produtividade como mulher, sendo mãe dedicada ao cuidado diário das crianças, impossibilita ela de conseguir emprego, o que pudesse gerar mais renda para a casa.

Mas a preocupação dessa mãe refere-se à economia do lar, as aspirações de melhorar a qualidade de vida da família tem sido uma das maiores tensões representadas na sua experiência materna. Em oportunidades dizia:

por mim se meu marido trazer os dólares para casa muito melhor, eu não tenho problema em ficar com as crianças, só peço um tempinho para mim na semana e pronto. Mas eu sei que tenho que trabalhar, eu gostava quando eu trabalhava em Maturín, antes de ter a J¹⁵¹. Andreina¹⁵² (Diário de Campo Dezembro 2019)

Antes do filho mais velho de Andreina nascer, ela trabalhava como Gerente de RH numa empresa que prestava serviços petrolíferos. Repetidas vezes comentava como ela tinha trabalhado desde muito nova e ganhado seu próprio dinheiro. Porém, após de pedir demissão quando o bebê tinha 6 meses de nascido, por decisão do casal que tinha as possibilidades econômicas -o marido trabalhava e ganhava bem, em Venezuela- e como “visão e projeto de família” que a criança devia estar ao lado de seus pais, ainda tendo a possibilidade de ter as avós disponíveis para ajudar com o cuidado da criança. Atualmente, depois de uns 4 anos de ter tomado essa decisão e de se encontrar distante da família, ela considera necessário um trabalho fora de casa que permita gerar ingressos suficientes, num país estrangeiro onde o trabalho tempo integral que o marido achou, não compensa os gastos e serviços, nem a possibilidade de contratar algum tipo de serviço de ajuda com as crianças.

Todavia o trabalho como profissional da maternidade requer um trabalho constante e intenso, de formação e dedicação à produção de material informativo e

¹⁵¹ Primeiro filho de Andreina

¹⁵² Andreina. **Falando sobre trabalho.** WhatsApp: [Conversa o privada] 02/12/2019.  udio de WhatsApp. Tradua o da autora.

visual, que muitas vezes ela não consegue organizar no cotidiano. Contudo, os resultados econômicos não são tão vantajosos como para ela deixar de trabalhar meio turno. Ainda assim ela continua produzindo quando tem tempo:

Tengas 1, 2, 3 o más hijos, dedicarle tiempo a cada uno por separado los va a hacer sentir especiales, únicos, totalmente atendidos. A parte de sentirse bien, estarán bien y por ende lograrán cosas maravillosas en sus vidas. La conexión que tengan con papá y mamá será determinante en su existencia, en lo que decidan vivir consciente o inconscientemente, en los objetivos que se planteen y en sus resultados. Bien que como padres vale la pena invertir tiempo!!!

📷 Papá explicando a #J. por qué la felicidad proviene de nuestro interior y no precisamente del exterior, de algo que podemos comprar. Esto sucedió cuando J había pedido que le compráramos un juguete para estar feliz.

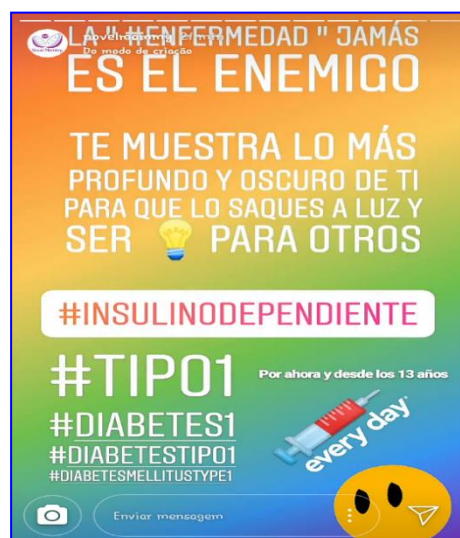
#padresfeliceshijosanos #padresfeliceshijosfelices #familia #tiempoenfamilia #empowerment #consciousness #gratitud

#MasajeInfantil #MasajeInfantilEcuador #MasajeInfantilQuito #TactoNutritivo #acompañamientoeconomico” Andreina¹⁵³ (Diario de Campo Abril 2019).

Mediante mensagens de “sensibilização a conexão dos pais com os filhos”, transmitindo sua experiência pessoal e criando um discurso de proximidade e vida cotidiana, Andreina publica seus serviços de conselheira. Mensagens como essa e outras, levam implícita uma série de hashtag com categorias de “pais felizes” e “filhos felizes” assim como “acompanhamento emocional” e “tempo em família” as quais fazem parte das palavras chaves do discurso motivacional para os pais dedicarem tempo aos filhos individualmente. O processo de conscientizar e sensibilizar tem variados enfoques e interesses de acordos as experiências de cada mãe, no caso de Andreina, ela tem diabetes Tipo 1, portanto os cuidados alimentícios e as preocupações pôr a saúde de seus meninos tem sido fundamental.

Figura 11. Storie do Perfil @novelmommy. Publicado 05/02/2019. (Diário de Campo Captures 2019)

“A doença jamais é o inimigo, ela te mostra o mais profundo e obscuro de ti para que o saques a luz e ser “luz” para outros. #insulinodependiente #tipo1 #diabetes1 #diabetestipo1 #diabetesmellitustype1” (Andreina, 2019)



¹⁵³ Andreina. Post transmitindo mensagem sobre serviços, sua experiência e conscientização. Instagram: [@novelmommy]. 18/04/2019. Texto do Post. Consultado: 30/04/2019.

Assim ela transmite para suas seguidoras recomendações e reflexões (Figura 11) ao respeito, adverte sempre sua preocupação pela saúde das crianças, de sua família, priorizando pela saúde dela. A abordagem das experiências próprias e “busca” pessoal dos indivíduos psicologizados são apresentadas desde reflexões públicas que as mães compartilham através dos diferentes meios das redes sociais. Andreina, no seu *Storie*, expressa uma parte das análises que ela faz desde sua visão que a doença está nela por alguma razão emocional, considera importante ela “curar emoções” e “entender porque ela passa por aquela doença”. Nesse percurso de busca considera importante compartilhar com outros que vivem o mesmo. O uso de hashtag ou etiquetas ajudam a identificar aspectos e posicionar com todos num mesmo lugar. Assim, as etiquetas contribuem na “identificação” e me atrevera a dizer que estereotipa todos os elementos dos discursos nas redes sociais. Ao mesmo tempo dá uma ordem ao mundo das Redes Sociais. As categorias utilizadas por Andreina nas etiquetas de seus posts, direcionam sua produção e serviços para o público interessado nessas temáticas, por exemplo: “Masaje Infantil”, “Diabetes1” “Padres” “empowerment”, e vários outros.

¿**Colechar?** Segun estudios publicados, el colecho (dormir padres e hijos en la misma cama) en sí mismo no afecta la relación íntima de la pareja. "El cansancio es, por lo general, lo que en realidad "interfiere" en las relaciones. Y es peor, cuando "se deja todo el peso de la crianza a la madre", según el psicólogo Mikel Resa, terapeuta de pareja y vicepresidente de la Asociación Estatal de Profesionales de la Sexología (España), expresado através de la web consumer.es

Sin duda, ésta práctica se logra satisfactoriamente si y solo si las partes -pareja- están de acuerdo, mantienen su compromiso y apoyo mutuo. #padres feliceshijosanos #colecho #MasajeInfantil #MasajeInfantilEcuador #MasajeInfantilQuito #TactoNutritivo #acompañamientoemocional #mamáestáaprendiendo #empowerment #consciousness #gratitud . Andreina¹⁵⁴ (Diário de Campo Abril 2019)

Um aspecto interessante nas representações dos indivíduos nas Redes Sociais, sejam esses profissionais ou não, são as representações pensadas e construídas para o público. Ou seja, mostrar uma parte da realidade. Conhecendo a história de Andreina, esse post é significativo para evidenciar a construção de discursos que não necessariamente são praticados com satisfação por quem os propõe. A Andreina dorme com seus dois filhos e o marido num colchão de casal unido a um de solteiro. Desde que seu primeiro filho nasceu, o casal dorme com as crianças. Porém outra das reclamações da experiência física materna dessa mulher-mãe, é sobre a falta do sono noturno. Para ela não dormir toda uma noite desde março de 2015, tem sido o maior desafio da maternidade. Ainda assim, sendo que parte de seu trabalho é criar discursos motivadores

¹⁵⁴ Andreina. **Post: Colechar?**. Instagram: [@novelmommy]. 04/04/2019. Texto do Post. Consultado: 15/04/2019.

de uma experiência “consciente” e reflexiva da maternidade, ela produz pequenos textos para transmitir e promover as temáticas nas quais pode interagir com seus seguidores.

A produção do tipo de serviço brindado por Andreina tem sido um fenômeno bastante recente, porém cada dia existe uma maior demanda deles por parte de mulheres de classes média e alta, que pagam com prazer para se aproximar cada vez mais a experiência humana desejada. Com o nascimento das redes sociais as mães encontraram um espaço para chegar até outras mães e oferecer serviços dos mais diversos, desde planejamento de festas, croché, orientações de doulas e parteiras, até formação/terapias ajudas e demais para pais e família. Contudo, o mundo das redes sociais é mundo de riquezas económicas donde as melhores produções recebem publicidade e enquanto maior número de seguidores, maior será a possibilidade de conseguir patrocínio. A produção e inversão nas contas que as mães produzem é notória. Designers, social managers e outras influencias orientam a construção de um perfil profissional e de qualidade.

Figura 12. Post @cantomaternar. Consultado 22/12/2019



Canto Maternar é outro exemplo do empreendimento materno de mães para mães. A maioria de suas publicações, com discursos reflexivos sobre a vida parental, como o que acompanha a Figura (12), vão geralmente acompanhados de um convite para a compra dos serviços de orientação parental e grupo de apoio.

[...]👤 Você já pode se inscrever na Certificação Em Comunicação Consciente, o curso da TeApoio que prepara profissionais que ajudam famílias a lidarem com este desafio. ❤️ E quem se inscrever pelo meu link também ganha um Bônus Especial. Deslize o dedo e veja o que é! 👉 Inscreva-se através do link que está no perfil

do [@cantomaternar](#) ou digite Quero e te envio o link por privado!. @cantomaternar
Publicado 15/11/2019.

Um tipo de empreendimento distinto é o de Frida, ainda que seu perfil pessoal fale de maternidade, o seu perfil comercial¹⁵⁵ é outro. Seu empreendimento de joias artesanais, tem gerado um ingresso de dinheiro extra e pode desenvolver enquanto se ocupa de seu filho mais novo, que requer cuidados especiais por ser autista.

Agora sou empreendedora. E não uma empreendedora qualquer. Eu faço formação, vendo em férias e eventos importantes da cidade. Eu estou me preparando com a Polar, como empreendedora. Este próximo fim de semana tenho um desfile de moda. O desfile de moda mais importante da cidade. Frida¹⁵⁶ (Diário de campo Março 2019)

São várias as críticas que se fazem ao movimento de empreendimento materno. No blog “Militância Materna”, escrito por 11 mulheres que “promovem uma maternidade livre de machismo” dedicaram um artigo para discutir esta questão.

Ela abriu um brechó de roupas usadas. Ela abriu um ateliê criativo. Ela virou fotógrafa de bebês. Coach de liderança, dá dicas de organização em casa. Ela virou vendedora de pacotes turísticos. Ela virou microempreendedora individual e tem uma “micro-agência de marketing”, que é ela própria e ela somente. Ela abriu um pequeno negócio de comida no pote, virou boleira, aluga decorações para aniversários. Artigo publicado o 25/07/2019.

Mãe empreendedora é uma figura que pode ser identificada como “supermom”. Com a intenção de trabalhar desde casa, se livrar de um chefe, ter novas ideias o mesmo, como expressa o artigo de Militância Materna, para gerar renda porque na combinação de desemprego, cuidar dos filhos e ausência de companheiro(a) para a criação da prole, a mulher se transforma numa Mãe Empreendedora¹⁵⁷. Porém a mãe empreendedora é uma representação feminina capitalista da super-humana que pode fazer multiplex tarefas e “sair viva para contar”:

A mãe empreendedora às vezes trabalha com o filho no colo e tem de atender enquanto amamenta, cozinhar enquanto telefona e, enquanto toma banho, ela chora de cansaço no chuveiro porque o filho está chorando na porta. A criança parece que adivinha quando ela tem um minuto de paz. Ela só queria um minuto de paz. É crime mãe descansar? É crime querer respirar sem choro? E quando sai do banheiro, se conseguir ficar até o fim,

¹⁵⁵ Não público o nome do perfil por conter dados -nome- da interlocutora.

¹⁵⁶ Frida. Falando sobre empreendimento. WhatsApp: [Conversação privada] 08/03/2019. Áudio de WhatsApp. Tradução da autora.

¹⁵⁷ Ver: <https://militanciamaterna.com.br/a-m%C3%A3e-empreendedora-e0056198ce3a>

já está de novo com o filho no colo e o cliente no WhatsApp. Feminismo Com Classe¹⁵⁸. (Diário de campo Julho 2019).

4.1.2 *Militância Materna, os Blogs.*

Nos movimentos femininos contemporâneos, existem práticas políticas que chamam *militância*. De acordo com Sonia Alvarez (1988, apud Bonetti, 2009), uma das primeiras experiências de militância foi a “maternidade militante” ou *militância materna* empreendido por mulheres urbanas de baixa renda entre 1970 e 1980, um ativismo político que derivava do nome “supermadre”, categoria utilizada nos estudos sobre mulheres na América Latina. Já se questionavam as políticas que legitimavam os papéis das mães em latino américa. Essas responsabilidades das mulheres mães e esposas, tem representado nessa cultura ocidental, o significado de altruísmo, cuidado abnegado e um determinismo de gênero ligado exclusivamente ao feminino.

Perguntei para Frida sobre sua experiência como empreendedora e mãe, fazendo especial referência as críticas do texto do Blog. As falas como Frida sempre foram por largos áudios de conversas feministas, maternas, de debates novos, logo falar para ela do debate sobre o empreendedorismo materno desatou nela a seguinte fala:

Sim, esta geração está empreendendo [...] há uma tendência a criar coisas novas. Mas quando se trata de mães, a decisão de ficar em casa para cuidar dos filhos pode ser visto como um arma de dobre filo. Porque as pessoas acreditam que é simples ficar em casa. Neste momento acontece isto: eu fico em casa e meu marido acha que eu fico na mesa sonhando como fazer peças novas. [...] Tenho a sorte de contar com uma senhora que me ajuda com as coisas básicas: faz a comida e toda a coisa. Mas meus filhos os atendo eu. Daí fica pouco tempo para o empreendimento. Não são só as coisas da casa, as terapias de L, e os negócios da escola das crianças, senão também o empreendimento, a formação, ir a eventos, vender, relacionar-me com as modelos, o público, fazer publicidade. Infinitades de coisas que resolver. Todo requer sair de casa. Frida¹⁵⁹ (Diário de Campo Março 2019)

Frida continua relatando, com certo orgulho, que ainda que isto possa ser uma problemática, há cada dia mais mães tomando este caminho. Comenta que na formação para empreendedoras que ela frequenta, está formado por 30 pessoas das quais só 5 são homens, sendo as demais mulheres. Daria para discutir as relações laborais das

¹⁵⁸ Feminismo Com Classe. **A mãe empreendedora**. Blog: [Militância Materna] 24/07/2019. Artigo da autora Feminismo Com Classe. Consultado: 25/07/2019)

¹⁵⁹ Frida. **Falando sobre empreendedorismo**. WhatsApp: [Conversação privada] 08/03/2019. Áudio de WhatsApp

mulheres e as tensões com o mercado laboral, assim trago as palavras finais do artigo “mãe empreendedora”:

Nós não queremos essas condições para as mulheres. Para nós. Nós queremos as mães com direitos em dia. **Com jornadas de trabalho dignas** que nos permitam cuidar de nossas famílias e de nós. Com **pagamentos dignos para ter a qualidade de vida** que todo ser humano deveria ter. Com **aparatos sociais que a permitam autonomia** sem ter, por isso, de optar entre comer e pagar a renda: creches e escolas públicas, saúde pública de qualidade, transporte público e acessibilidade universal nos seus espaços. Não queremos ser guerreiras, queremos ser seres humanos com condições de vidas dignas. Não pessoas que vivem para trabalhar. A vida é mais que pagar contas e limpar a casa. E a sociedade precisa ser reorganizada para isso. Nós todas conhecemos a mãe empreendedora. Ela é o reflexo de uma sociedade exploradora que esmaga as mulheres. E ela está esgotada. Feminismo Com Classe¹⁶⁰. (Diário de campo Julho 2019).

A “emergente blogosfera materna” mostra a intensidade no que Imaz chamou de “Tornar-se mãe” (Souza, 2015). Bem assim Donath reconhece a amplitude do alcance de informação que se faz pública através de blogs e redes sociais as “dificuldades vivenciadas por diversas delas”, e que representa um espaço em que as mulheres que vivem a maternidade encontram se identificar com outras mulheres que vivem experiências similares, “uma vez que muitas leitoras expressam em comentários seu alívio por ouvir em eco do que também sentem e pensam” (Donath, 2017:63), escapando do caminho normativo de ser medicada por um psiquiatra por sofrer de desequilíbrios fisiológicos ao ser diagnosticada com “sentimentos ambivalentes”. Nos blogs criados por madres, para madres, gesta-se grupos virtuais de apoio de mulheres que vivem a maternidade e que através de contar suas experiências, permitem que outras identifiquem-se em meio à solidão em que estão inseridas as mulheres na sociedade ocidental. Espaços virtuais que substituem espaços de encontros físicos, para os quais uma mãe trabalhadora, com mais de um filho e uma casa por “cuidar”, não tem tempo para acessar.

4.2 O que agonia às mães?

Carla Candia, é uma jornalista venezuelana que em 29 de março de 2013 publicou seu primeiro post no Instagram, numa conta que se chama “Agobios de madre”, atualmente com 984.000 seguidores e 4677 publicações¹⁶¹, a fim de mostrar sua

¹⁶⁰ Feminismo Com Classe. **A mãe empreendedora**. Blog: [Militância Materna] 24/07/2019. Artigo da autora Feminismo Com Classe. Consultado: 25/07/2019)

¹⁶¹ na data: 01/11/18

experiência como mãe e promover um hashtag¹⁶² #MadresReales® para ser usado como uma forma de protesto diante de uma maternidade ideal, uma maternidade "perfeita" onde o amor romântico, a beleza física da mulher, a energia física, a vida do casal e do lar são inalteráveis logo na chegada das crianças. Ela mesma descreve como nasceu sua conta no Instagram:

Antes de engravidar de Alana, quando nos casamos, meu marido e eu fomos fazer um mestrado. Eu fiz um mestrado com foco em jornalismo digital. Voltei para Venezuela com Alana, me pedem um texto em uma revista sobre como alguém se torna mãe, que é o que acontece emocionalmente. Tudo o que você pensou sobre a gravidez é agora realidade, mas é diferente. Gostaria de escrever sobre a maternidade, e pensei, é isso que quero fazer. Eu escrevi alguns suplementos para uma revista. Meu marido recomendou uma conta no Twitter. Um amigo me disse: Carla, o que você tem que escrever é o fardo das mães modernas. E gostei da palavra oprimida, porque naquele momento me senti oprimida, transpassada pela maternidade. Mencionei o nome para minha mãe e minha mãe me disse: oh, as crianças não são um fardo. Eu acho que a incapacidade de ver a maternidade como um fardo, ou para reconhecer que se está sobrecarregado, é como algo herdado de outras gerações, porque antes eu tinha que guapear e sorrir, e não se podia dizer que não estava certo. Hoje é diferente. Então, quando minha mãe me disse isso, fiquei mais convencida de que esse era o nome, porque eu queria um nome que gerasse reações [...]. Carla¹⁶³ (Diário de campo outubro 2018)

O relato de Carla me faz lembrar dos primeiros encontros com minha orientadora, explicando para ela o que me motivou a levar adiante uma investigação como esta, digo: “minha mãe critica as mães de hoje porque no seu tempo a maternidade era algo que vinha no sangue da mulher, não havia motivo para reclamar”. E imediatamente ela responde: "virá no sangue? Ou é uma criação da sociedade?". Com essas questões iniciava essa pesquisa, nesse ponto da escrita parte dos questionamentos tem sido respondido, a maternidade é socialmente criada. Assim cada umas das mulheres colaboradoras constroem sua experiência particular em relação com seu entorno.

Porém nessa parte da discussão, os discursos proveem de um perfil que desde sua fundação e identidade denotam a experiência “Real” da maternidade, como sua autora destaca. As mães contemporâneas decidem dizer que a “realidade” da maternidade não cor de rosa como as mães dessas querem dizer. Porque a maternidade não só “cuidar da vida de uma criança” e evitar sentimentos negativos ante aquela tarefa, a “maternidade Real” que Carla apresenta, é uma maternidade cheia de agonias.

¹⁶² Hashtag anglíssimo para “etiqueta” ou “tag”, uma modalidade de identificação de publicações utilizadas por diversas redes sociais

¹⁶³ Carla. **Relatando o “porquê” de @agobiosdemadre**. WhatsApp: [Conversa o privada] 31/10/18.  udio de WhatsApp. Tradua o da autora.

Num post com uma imagem de um texto em letras grandes dizendo “Amo meu filho mais que a minha vida, mas se pudesse voltar atrás não teria ele. Testemunho Anónimo” publicado por Carla, o pé da imagem apresentava a seguinte reflexão:

Se que la frase de la imagen puede sonar dura, pero antes de reaccionar, detengámonos un instante. [...] En el post donde hablaba de las NoMo algunas seguidoras señalaban que las mujeres que decidían no tener hijos se iban a arrepentir. Yo explicaba que uno podía arrepentirse de cualquier situación, incluso de tener hijos. Par de seguidoras admitían muy valientemente que si bien ellas adoraban a sus hijos y darían la vida por ellos si supiesen lo que saben ahora no los tendría. La experiencia de la maternidad es diferente para cada quién. Venimos de infancias diferentes, de historias diferentes, algunas tenemos más apoyo que otras, otras más experiencia, otras más paciencia, y así. Criar en el mundo que tenemos hoy en día no es nada fácil. Quienes criamos estamos a veces muy solas y esa soledad puede ser muy dura por momentos. Además estamos en un mundo donde todavía se discriminan a las mujeres en los lugares de trabajo (no todos obviamente). Donde a una mujer con hijos muchas veces la miran dos veces antes de ofrecerle un ascenso o le llaman la atención por tener que excusarse para ir al pediatra, al colegio o cualquier experiencia.

La maternidad no es para cualquiera y sin duda debe ser muy duro para esas madres y sus hijos pero jamás juzgaría un testimonio así. Nunca. Si bien yo no imagino esta vida o cualquier otra sin mis hijos no puedo pretender entender la vida de cada quién. Con frecuencia cuando no entendemos algo juzgamos cuando es justamente cuando no entendemos que deberíamos tener más compasión. No creo que estos sean casos aislados. De hecho si revisan el hashtag #madresarrepentidas pueden constatar que no lo son. Incluso hay un libro con este nombre Madres Arrepentidas donde la autora además de contar su experiencia entrevista a distintas mujeres que se sienten así con respecto a su maternidad.

Para mí esas madres deben rodearse de todo el apoyo y el afecto posible para poder transitar esta etapa sin resentimiento a sus hijos. Con respecto a quienes observamos “desde la barrera” mejor respetar, aceptar y apoyar sin abrir la boca (o “encender” el teclado del celular) y revolver heridas muy profundas.

#reflexionesdemadresreales #agobiosdemadre.”. Carla¹⁶⁴ (Diário de campo setembro 2019).

Vou descrever algumas das histórias que comentaram as seguidoras em este post, por tratar-se de uma reflexão “rebelde” e ainda tabu entre muitas mães, as atrevidas são honradas:

A minha história de mãe também tem sido difícil ... duas crianças que me causaram trauma no nascimento: a primeira paciente renal já superou graças a Deus e o segundo bebê Oitomesino com taquipnéia transitória superada. Divorciada. Com um pai que abandonou seus filhos depois que soube que eu refiz minha vida com outra pessoa ... **bem, às vezes, sinto que não nasci para ser mãe ... às vezes, sinto que não estou indo bem e que talvez seja melhor em outra vida que eu não deva ser mãe ... adoro meus filhos, vivo por eles ... mas a maternidade às vezes é cruel ...** tudo o que a criança faz é de nossa responsabilidade, de mais ninguém ... não podemos ficar cansados ... não podemos chorar porque sempre somos questionadas... a verdade é que o post me fez

¹⁶⁴ Carla. Post “Amo meu filho mais que a minha vida, mas se pudesse voltar atrás não teria ele”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 23/08/2019. Texto do Post. Consultado 15/09/2019.

chorar e os comentários de todas as mães também...” A identificação com as outras sempre se faz presente, identificação que faz sentir mas a vontade para contar as experiências pessoais. SeguidoraY@agobiosdemadre¹⁶⁵ (Diário de campo setembro 2019).

Depois de relatar os diferentes acontecimentos que compõem sua experiência materna, ela identifica que provavelmente não deveu ser mãe e preferiria não repetir a experiência, ainda assim, ama seus filhos. Uma mãe que se vê ela mesma como “muito jovem” para a experiência, expressa:

Eu pensei que era a única pessoa que sentia isso ... Bem, minha maternidade tem sido bastante difícil porque me converti em mãe muito jovem, aos 17 anos para ser exato... Aos 17 que você quer? Viver sua vida, terminar o ensino médio (igual eu terminei e agora estou no quarto semestre de contabilidade) obviamente com muito esforço e ajuda da minha mãe [...] Sou jovem, hoje em dia tenho 22 anos e sou bastante jovem... Mas entendo do que se trata este post e **muitas vezes choro porque me sinto sozinha. Porque tudo o que tento fazer é baseado nos meus filhos. E ei, não é fácil ... EU OS AMO COM MINHA VIDA.** Mas às vezes eu acho que se as mães de 36 se sentirem sobrecarregadas, que fica para uma adolescente de 17 anos com uma gravidez e toda essa responsabilidade de um filho [...] é bastante avassalador... Mas, bem, as máquinas do tempo não existem e eu tenho meus dois homenzinhos ❤️ Obrigado por seu post, você sempre bate no ponto. SeguidoraN@agobiosdemadre¹⁶⁶ (Diário de campo setembro 2019).

Assim, o sentimento de solidão e percepção de estar fazendo tudo por outros e não por ela, como no caso da Andreina e Frida, é uma experiência comum a várias mães. Uma mãe intervém reflexiva, buscando dar explicações para as que vivenciam a agonia como para os que criticam:

Estamos acostumados a julgar, criticar, ser executores e pensar que a vida é vivida como eu digo e se alguém não faz do meu jeito, isso é errado e acontece que existem muitas maneiras de viver a vida e nenhuma é boa ou ruim simplesmente É. Colocando-me no lugar daquelas mães, talvez algumas gestações tenham sido planejadas e outras não, talvez tivessem outras expectativas e a maternidade tenha sido difícil, talvez pensassem que ter um filho era como ter uma boneca, que faria tudo como elas queriam, talvez pensassem que nunca ficariam doentes e talvez tivessem enfrentado situações de saúde muito difíceis com eles ou pensassem que teriam mais apoio na criação dos filhos ou economicamente ou que sei eu. E eu vou além, possivelmente muitos daqueles que criticam duramente essa pessoa anônima e esse post, passou por suas cabeças, mesmo que seja um segundo, a idéia e não ousem reconhecê-la diante de si mesmas, e é por isso que os choca tanto, por Isso parece tão inadmissível que outro ouse expressá-lo abertamente. SeguidoraD@agobiosdemadre¹⁶⁷ (Diário de campo setembro 2019).

¹⁶⁵ Post “Amo meu filho mais que a minha vida, mas se pudesse voltar atrás não teria ele”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 23/08/2019. Comentário no Post. Consultado 15/09/2019.

¹⁶⁶ Post “Amo meu filho mais que a minha vida, mas se pudesse voltar atrás não teria ele”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 23/08/2019. Comentário no Post. Consultado 15/09/2019.

¹⁶⁷ Idem.

Uma outra mãe se mostra indignada ante a existência de mulheres que possam se arrepender e depois de afirmar que os filhos mudam “severamente” a vida para “sempre” e continua dizendo: “Mas não entenderei que as mães arrependidas, embora ser mãe não sejam cor de rosas, você não pode subestimar o Amor que nasce quando sabe que há vida dentro de você. Eu acho que aquelas mulheres que se arrependem têm feridas desse processo, que devem curar.” Falas como esta são bem comuns nas redes e a razão porque as mulheres que se manifestam incomodadas com a maternidade, são especialmente cuidadosas em esclarecer repetidas vezes: “...Mas Amo meus filhos com a vida” ou qualquer variação da expressão, como no relato da moça de 17 anos, que ainda sentindo que ser mãe é avassalador, ama seus filhos com a vida.

Uma mãe, mas na frente, depois de introduzir sua fala dizendo que seu primeiro filho foi planejado e o segundo não, o qual gerou conflitos agoniantes em sua experiência, mas que foram superadas as situações “graças a Deus”, expressa suas sentidas emoções sobre a experiência da maternidade como algo intenso e que muitas vezes seria melhor se for menos intenso:

Quão forte é a maternidade em todos os seus aspectos, **o amor é infinito e além**, e você **também quer de vez em quando, como mulher, profissional, que não fosse tão infinito para poder permanecer sendo você, sem culpa...** agora, o mais difícil da maternidade **acho que é a pouca empatia que nos damos como mães**, como mulheres, quando julgamos e apontamos para todos lados sem conhecer toda a história, que realmente não há necessidade de conhecê-la. Eu sei quem lhe custou muito ter um filho e agora que tem, diz que de verdade, se soubesse que era assim, não teria procurado, é sua realidade e é válida. Eu não penso como o post, mas eu daria um grande abraço a uma mãe que se sente assim, e a todas aquelas que também não, porque a maternidade é para isso: abraça-nos, aguentar-nos, não para nos apontar” SeguidoraU@agobiosdemadre¹⁶⁸ (Diário de campo setembro 2019).

Nesse comentário pode perceber se, além do discurso de amor e sacrifício da vida da mulher adulta -mais como um reclamo que como uma virtude- também se apresenta a necessidade de “empatia” e menos juízos entre as mulheres. Essas falas também foram expostas por a Mariana e Anne, no Feminismo Materno desse capítulo será apresentado observação. Num outro post de Carla, sobre as “renúncias de mães”, publicada em 19 de março de 2015, ela convidava interatuar a seus seguidores com o seguinte texto:

[...] Algumas renunciam a suas vidas e outros renunciam a seus filhos. Algumas tentam conciliar tudo e desistem de ter tempo para elas, ou de ter momentos íntimos com seu

¹⁶⁸ Idem.

parceiro, ou com seus amigos, ou para investir em sua saúde fazendo esportes ... o que eu sei? A verdade é que qualquer mãe que você conhece é à custa de desistir". É difícil, mas para mim (Carla Candia) a chave para viver com relativa tranquilidade é fazer as pazes com nossas renúncias (que nem sempre têm que ser mesmo) O que você acha?. Carla¹⁶⁹ (Diário de campo maio 2018)

Em 74 comentários, as mães expressam suas renúncias como um sacrifício de amor e orgulho para colher o amor pelo futuro, colocando suas vidas como um sacrifício que valerá a pena no futuro. Comentários diversos: "Algumas mães preferimos desistir de nossas vidas (saídas, academia, sono, refazer a vida) antes de desistir de nossos filhos." Diz uma, e a outra diz: "Renúncias de tomar um longo banho. Dormir tarde nos fins de semana ... comer devagar apreciando a comida.. Mas isso não importa !!! ... Porque o seu bebê chega e diz "mamãe" e tudo valeu a pena"; uma outra diz "Acho que toda as renúncias de uma mãe leva implícita um lucro que às vezes não o vemos instantaneamente...". Dessa forma diversos apoios ao postulado da renúncia, do sacrifício da maternidade.

A maternidade é uma coisa diária saborosa, vai da dor à satisfação, do choro ao riso, da fadiga à recaída, da raiva à alegria. E assim hahaha. Um sacrifício completo que tem suas recompensas. É a melhor manifestação do amor incondicional, só nos importamos com a satisfação de ver o amado (filho / filha) feliz". Mãe R¹⁷⁰. (Diário de campo outubro 2018. Tradução da autora)

Essas renúncias, mudanças e novos estilos de vida também condicionam o relacionamento com o parceiro. Algumas mães expressaram a necessidade de tempo para dedicar atenção ao marido, diz Andreina: "Sim, estou num ponto em que quero ser mais independente e ter mais tempo para meu marido também". Pareceria então que a educação como responsabilidade num casal é unilateral, e é a mulher que deve administrar seu tempo. Mesmo numa sociedade onde os pais estão significativamente envolvidos na criação dos filhos, as mulheres continuam sendo as das "obrigações".

Yo renuncie a pasar el fin de semana en la cascada en la peluquería y comprando cualquier cosa que se me antojara para mí.. Renuncie a tener las manos y pies siempre intactas, así como también mi depilación... Renuncie a dormir el fin de semana completo y renuncie a tener mi casa siempre ordenada.. Sin todo esto, ahora soy mas

¹⁶⁹ Carla. Post "Las madres estamos constantemente renunciando: todas. Nohemí Hervada". Instagram: [@agobiosdemadre]. 19/03/2015. Texto do Post. Consultado 15/05/2018. Tradução da autora.

¹⁷⁰ Mãe R. Pergunta: "Meninas, desde quando vocês são mães?". WhatsApp: [Grupo Madres de Maturín] 22/10/2018. Mensagem de Texto WhatsApp.

Feliz de lo que nunca lo había sido..!!. SeguidoraT@agobiosdemadre¹⁷¹ (Diário de campo maio 2018).

Os momentos de felicidade e o amor são denotas repetidamente nos discursos das mães, a chegada do filho transformador da vida de mulher, não é um problema para muitas, ou assim fazem saber por médio de comentários públicos no Instagram:

amiga **el mejor proyecto de nuestra vida son nuestros hijos**, y si hay que renunciar a mucho, para en el futuro **cosechar buenos frutos, con hijos de bien, que te amen y te respeten llenando tu vida de alegría cuando ya estemos viejas y no importe el sacrificio si no el resultado**, nadie dijo nunca que ser una buena madre es fácil, pero hacerlo con amor y dejando de lado tus propios sueños es solo de valientes, y como te decía crecerán y solo quedara lo que sembraste, además afortunada aquella que solo puede ser madre a full time, porque si no hacemos todo a medias, y además como en mi caso que me toco sacar adelante sola un hogar, la culpa me visita a Diário por no tener mas tiempo para estar con mis pequeños, pero bueno amiga **Dios hizo en las madres una criatura perfecta capaz de dar su vida por sus hijos, sin titubear, sin importar nada mas que su bienestar y su felicidad**. Felicidades a todas las madres es un amor para siempre. SeguidoraV@agobiosdemadre¹⁷² (Diário de campo maio 2018).

Assim o imaginário de “sacrifício” por um futuro cuidado delas mesmas, como essa mãe explica, são ideais vigentes e amplamente aceitados na sociedade latino-americana. Porém comentários tão naturalizantes como esse fundamentam as abordagens de mães Carla e outras, que buscam desconstruir a idealização de uma maternidade donde sacrifício e felicidade dançam juntos na criação de filhos.

Numa publicação mais recentes de @agobiosdemadre, Carla relata a história de uma mulher que confessou que o “roce com a sua filha de 5 anos *quemava* ela, literalmente.” num post cuja imagem dizia em letras grandes “Quando a maternidade queima”. Continua relatando que aquela mãe sentia que quando sua filha a procurava na cama, as mãos da menina estavam muito quentes e ela sentia-se incomodada. A autora continua cuidadosamente dizendo: “Essa quiçá é uma imagem bastante viva de uma metáfora que poucas mães se atrevem a dizer palavra a palavra mas que se resume em: **a maternidade me queima.**”, Carla¹⁷³ (Diário de campo outubro 2019) digo que é cuidadosamente porque existe um certo cuidado das palavras utilizadas na produção de um post das mulheres que transmitem mensagens as outras. Existe a possibilidade de

¹⁷¹ Post “Las madres estamos constantemente renunciando: todas. Nohemí Hervada”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 19/03/2015. Comentário no Post. Consultado 15/05/2018.

¹⁷² Post “Las madres estamos constantemente renunciando: todas. Nohemí Hervada”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 19/03/2015. Comentário no Post. Consultado 15/05/2018.

¹⁷³ Carla. Post “Cuando la maternidade Quema”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 15/10/2019. Texto do Post. Consultado 15/10/2019.

incomodar algumas seguidoras, existe a possibilidade de comentários desagradáveis¹⁷⁴, existe a possibilidade de ser atacada e ameaçada, existem várias possíveis reações de ordem público que muitas vezes afetam o privado. Portanto elas cuidam da linguagem e advertem, muitas vezes, ao público sobre a cordialidade e se poupar os juízos das situações colocadas em o debate público de um perfil -como é o caso- de agonias, ou aleitamento ou criações alternativas.

Voltando ao post de Carla sobre a “Maternidade que Queima”, ela depois de advertir sobre a eliminação de juízos, diz: “Essas sensações lamentavelmente são bastante comuns, sei porque eu tenho tido (Hello, minha conta se chama Agonias de mãe!) e solem ser um indicativo de que temos algo que curar. Pergunte-lhe a essa mãe como tinha sido sua infância e me contestou que nunca tinha se sentido amada por seus pais que realmente sentia a seus 44 anos que não pertencia a nenhuma família (emoji de tristeza)”. Continua Carla salientando: “Não trata-se [...] de culpar a nossos pais porque ao final eles fizeram o melhor que puderam com o que tinham. Trata-se de nos responsabilizar por nossas emoções para nos dar aquilo que nos faltou[...]” Há uma “carência” expressada nas falas que identifica a infância de uma geração de pais contemporâneos, que parece ser o foco de terapias, meditações, cursos, estudos científicos e demais sobre a primeira infância, “a criança interior” sou categorias emicas das classes medias que acedem a terapias holísticas e similares. Sanar, curar, olhar para compreender aquilo que acontece no interior dos indivíduos. Num convite para ser *concientes* das emoções e transformar o autoconceito criado na infância, Carla culmina seu post dizendo:

Não há forma de brindar-lhes a nossos filhos o **amor incondicional que eles merecem e necessitam** se não temos sanado nossas próprias carências porque o que passará é que descarregaremos nossa raiva e/ou frustração neles. A maternidade não tem que se uma agonia, que digo eu, mas o será se não nos sentimos bem como nos mesmas. Carla¹⁷⁵ (Diário de campo outubro 2019. Tradução da autora).

Algumas respostas sentindo-se identificadas, “abraçadas” e acompanhadas ao se perceber em aquela história, relatada com a previa observação de evitar juízos, várias das seguidoras identificam se no lugar da mãe que sente que a maternidade a queima.

¹⁷⁴ Ainda que a maioria das mulheres blogueiras e produtoras de material para redes sociais, possam filtrar comentários, ignorar ou bloquear; elas além de ser pessoas que possam tomar pessoal algum comentário, atuam como mediadoras, conselheiras e “guias”, portanto ocupam um tempo em responder comentários de todo tipo.

¹⁷⁵ Carla. Post “Cuando la maternidade Queima”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 15/10/2019. Texto da interlocutora. Consultado 15/10/2019.

Uma delas diz: “não é nada fácil a criação de nossos filhos... estamos para quebrar paradigmas intentar ser e dar o melhor possível [...] me acontece que as vezes sinto que já não posso mais de tanto ‘mami quero’ ‘mami dame’ ‘mami mami mamiiiiiiii’ **mas o amor por meus filhos é infinito e não cambio por nada**”. Parte da fala dela será constatada repetidas vezes nos discursos maternos a constante ambivalência entre agonia pela maternidade e amor pelos filhos. O post sobre a maternidade que queima é acompanhado por diversos discursos que incluem “afogo” “agonia” “loucura” “zombie” “sobrevivir” “abrumador” “não ter a suficiente paciência”. Uma das mulheres denota a necessidade de que os pais também tomem *consciência* de suas atitudes e saibam que estas “também afetam as crianças e a toda a família”. Poucos são as seguidoras que identificam um ponto importante deste post, como diz uma mãe psicóloga ao final: “Tudo radica do começo, em nossa infância, em nosso contacto com a mãe [...] acho que a mudança acontecerá quando nos atrevamos a olhar para nossa infância tal e como foi” SeguidoraW@agobiosdemadre¹⁷⁶.

A Carla cada certo tempo, lembra, através de seus posts, que sua conta foi criada para transmitir a outras mães a experiência materna individual dela, através de recomendações do que para ela tem funcionado na construção dela como mãe. A mediados do 2018 migrou junto com sua família para Lima, Peru, desde ali continuou relatando suas experiências. O trabalho terapêutico de cura de traumas, conflitos psicológicos, ansiedade, depressão, estresse, tem sido publicado recentemente após da migração, e identificado por hashtags como “#sanaciónagobiosdemadre” (Cura agonias de madre) e “#vamosarematernarnos” (vamos nos re-maternar) que agrupa uma serie de publicações feitas com reflexões resultantes de leituras, terapias, meditações outras atividades que ela pratica. Se “re-maternar” parece ser uma palavra criada a partir de da questão que tenho descrito no capítulo II sobre as gerações de pais contemporâneos e suas diferenças na relação com a mãe/pai.

4.3 Tensões com as instituições

A maternidade como instituição pode ser aniquilante de acordo as reflexões de Rich (1976), não obstante consideremos o fato de que para uma mulher ser mãe, considerando a mulher ocidental numa sociedade de direitos humanos, experimenta

¹⁷⁶ Post “Cuando la maternidade Quema”. Instagram: [@agobiosdemadre]. 15/10/2019. Comentário no Post. Consultado 15/10/2019.

liberdade de decisão, de escolha. Supondo então uma sociedade em que as mulheres são livres de decidir ser mães ou não. Estas mulheres então se defrontam com relações que tentam controlar e que controlam a experiência individual delas. Porém nos discursos das mulheres-mães se observam que as instituições da sociedade ocidental urbana, funcionam como braços controladores de um poder com características masculinas que limita os corpos femininos e determina as responsabilidades que as mulheres “devem” assumir. Ainda com direitos, as mulheres afrontam aparelhos do Estado como a Escola, o Judiciário e a Medicina que normatiza qualidade, quantidade e tonalidade das relações das mulheres com seus filhos.

O mito da maternidade, dos corpos maternos é encarado e representados na modernidade de diversas formas. Rich (1976), comenta que na sociedade ocidental quando se pensa em maternidade, na mulher-mãe, pensa-se “nas mulheres de Renoir, com crianças rosas no colo ou uma mãe judia acendendo uma vela no fogão pulcro e o pão junto ao guardanapo passado.” No primeiro capítulo dessa pesquisa, faço referência as representações produzidas pela mídia da mulher-mãe, imagens que mitificam uma mulher-mãe objeto sexual ou com padrões de gênero feminino característico em latino américa. A idealização de uma *maternidade perfeita* criada a partir de um imaginário produzido em filmes de hollywood. A filósofa comenta que a mulher é quem geralmente cuida das crianças, os homens e os idosos. Nas suas reflexões sobre a violência da *instituição da maternidade* diz que “também nos foi dito que a nossa razão de ser é mitigar e aliviar essa violência” da humanidade¹⁷⁷.

Nas experiências das mulheres brasileiras e venezuelanas que fazem parte do campo desta pesquisa, Mariana comenta que a sua formação profissional não tem sido uma ação reconhecida com “bons olhares” por parte de sua família: “Quando fazia o mestrado eles diziam: “tranca o mestrado e cuide de sua família”. Atualmente enquanto faz o doutorado, o discurso é que “Ele deveria estar trabalhando e eu cuidando de nossos filhos.” (Mariana¹⁷⁸, Diário de março 2019). Anne quando expressou as razões de ser mães, afirma com certo ressentimento que seu esposo tinha a engravidado. Rich

¹⁷⁷ Dois filmes causaram impressão na autora, *El padrino* y *El dolor y la piedad*. “En uno y otro caso, los hombres celebran sus consejos de guerra, mientras que las mujeres, simbólicamente, escuchaban asomadas a las puertas, servían en silencio comidas y bebidas, y observaban las caras de los hombres con ansiedad y alerta. Más tarde serían ellas quienes sostendrían a hombres y niños en sus brazos, cualesquiera fueran los crímenes cometidos”. (Rich, 1976:346)

¹⁷⁸ Mariana. Pergunta: “pode-me relatar um pouco de sua maternidade?”. WhatsApp: [Conversa o privada] 28/03/2019.  udio de WhatsApp).

faz severas referências em seu livro sobre as violações¹⁷⁹ dentro do matrimônio. Porém o expressado por a Anne não foi precisamente uma violação fisicamente violenta, senão uma violação de seu direito à escolher se queria ou não ficar grávida, portanto, ter um filho. Um assunto recorrente na instituição que o casal estabelece, são diversas manipulações e violações de liberdades dos outros de um “modo discreto”, quase imperceptível com as mudanças mesmas da sociedade.

No mundo acadêmico e científico em que Laura e Mariana se desenvolvem, ocorrem uma série de assédios e abusos explicitamente envolventes ao sujeito mãe. Bittencourt (2011) após de expor o pensamento “idealista” de Max Weber em que o cientista deve abdicar de certas escolhas de vida, como por exemplo, ser mãe; a autora coloca que as mulheres doutorandas são muito conscientes dessas experiências vivenciadas.

Outra das instituições que exercem controle nas experiências das mulheres-mães, na contemporaneidade, é o sistema judiciário. Desde as lutas legalistas pelos direitos das mulheres, percorrendo os direitos humanos conquistados e liberdades alcançadas. Os corpos humanos femininos continuam no centro de debates institucionais, legislativos e políticos sobre livre escolha de aborto¹⁸⁰; tecnologias reprodutivas e suas especificidades -sociais- como o aluguel de ventre, a laqueadura condicionada à idade e número de filhos; escolhas pelo tipo de parto é ainda um processo de *luta* por parte dos ativismos feministas e mulheres e homens interessados numa mudança social de um estado de direito atual.

Em tema de direitos, como a mesma sociedade complexa e diversa, as mulheres-mães estão vivenciando as mudanças sociais em com a constituição da família: debates sobre adoção e formas de filiação; e diversidade da sexualidade e da maternidade. Desde as mudanças em aspectos como a separação do casal e a possibilidade de uso de métodos anticoncepcionais, as mulheres acodem ao Judiciário em qualidade de vítima ou vitimária. Em oportunidades, quando *vitimaria* é referido algum ato relacionado à sua “função biológica” como a mulher que aborta ou a mãe de uma criança julgada por alguma “falha”.

¹⁷⁹ Estupros. Ver Rich (1976) “La víctima de la violación ha pagado un costo muy alto en todos los niveles. Y dentro del matrimonio, legalmente, las mujeres no han podido evitar que sus maridos abusaran de sus cuerpos, con la consecuencia de un parto cada año” (1976: 335)

¹⁸⁰ No Brasil e Venezuela são países que, como outros países de América Latina, o aborto é proibido por legislação. O que significa a intervenção do Estado e da religião cristã, no controle da sexualidade da vida das mulheres.

Argumentos psiquiátricos, negligencia, descuidos e demais aspectos negativos podem ser observados no julgamento de uma mulher contemporânea. O juízo da mulher-mãe é feito em função aos atributos descrito no capítulo I, sobre as maternidades subalternas propostas por Mattar e Diniz (2012). A incapacidade de uma mulher para exercer suas funções são mensuradas e julgadas por homens no judiciário. Poderia estar acontecendo casos esporádicos de Juízes mulheres ou homens com uma compreensão melhor da lógica feminina e materna, isso provavelmente tem acontecido. Mas a realidade é um sistema normatizado nas mentes patriarcais de começo de século XX, emitindo juízos em aspectos da vida social numa era em que as tecnologias, as comunicações, as complexidades da sociedade ocidental tem nos arroupado de maneira voraz. Cada classe social afronta dificuldades particulares.

Nas classes média, os conflitos econômicos e as diferenças materiais entre os sexos, demarcam desigualdades no relacionamento do casal. Porém há lutas comuns às mulheres de qualquer classe social, como a institucionalização da figura do homem como mais importante para a vida de uma pessoa - o qual deixa em evidente desvantagem à mulher-mãe- é faz parte da herança patriarcal do sistema da sociedade em América Latina.

A saúde mental feminina é utilizada socialmente para debates judiciais, do Estado, resolução de conflitos familiares, de maneira negativa as mulheres observadas desde políticas médicas e legais masculinas, são diagnosticadas como doentes ante comportamentos que mostram alguma recusa à sua “natureza feminina”. Uma mulher-mãe que abandone seu filho é, em algumas sociedades latino-americanas, diagnosticada como doente mental. Aliás milhões de mulheres que vivem a maternidade, “sobrevivem” a ela, articulam-se e adequam-se aos lineamentos das sociedades. Quando acontece um evento violento que inclui mãe-filho-vida, há alarmes em distintos níveis das sociedades onde as políticas de promoção da natalidade e proibição do aborto regem o sistema de saúde, as políticas judiciais, as políticas de reprodução e contracepção, o pensamento cristão fortemente influenciador das políticas governamentais é ativado ante acontecimentos fora da norma social, sobre isto Rich reflexiona:

A lo largo de la historia, infinidad de madres han matado a sus hijos conscientes de que no podían atenderlos, ni económica ni emocionalmente: niños impuestos por la fuerza de la violación, la ignorancia, la pobreza, el matrimonio, la ausencia de control de la natalidad o la prohibición del aborto. Estos actos terribles tienen que distinguirse del

infanticídio como prática social deliberada, de la que casi todos los pueblos hacían objeto a las niñas o a los hijos deformes, a los gemelos o al primogénito. RICH (1996: 333)

A autora, falando sobre a “violenta instituição da maternidade”, pondera as experiências sobre infanticídios e feminicídios, como em algumas regiões da Índia onde as mães que ganhavam bebês do gênero feminino, eram obrigadas a afogar a criança com o peito ou o leite até morrer, e tantos outros na história da humanidade em diferentes sociedades. Tantas outras formas violentas de reprimir a psique feminina.

Instituições, atores políticos e sociais continuam ativamente regularizando a construção das pessoas, e a construção do feminino precisa ser levando pelas mesmas mulheres. Enquanto não exista uma compreensão das experiências femininas desde teorias produzidas pelas suas próprias autoras, o desconhecimento patriarcal da mulher continua reproduzindo construções doentes da mulher, como é o caso da visão da renomada psiquiatra Helene Deutsch, que descreve a ambivalência “como uma parte possível do mundo emocional da vivência das mães, mas ao mesmo tempo afirmou que mães ambivalentes sofriam de um “masoquismo feminino natural” (DONATH, 2017).

Bittencourt denota também o observado por Pérez Sedeño (2001 apud. Bittencourt, 2011: 86) na Inglaterra - no início de século XXI - algumas mulheres foram diagnosticadas com transtorno mental pela psiquiatria, depois de estas apresentarem desequilíbrios devido à predisposição como mulher a ser dominada por seus “instintos reprodutivos”. Provavelmente, estes instintos reprodutivos sejam expressados nos discursos da comunidade de mulheres - e família -, médicos e outros envolvidos como “relógio biológico”¹⁸¹, a etapa da vida das mulheres em que seu corpo indicaria quando está passando o tempo de se reproduzir.

A ambivalência da mulher aparece como um fato que vivem as mulheres, mas que ainda é tabu para a família, para o saber médico, para a sociedade. Dessa forma, a saúde mental da mulher confunde-se com condições de estresse social intensas em que as mulheres são submetidas. As redes de apoio que a mulher-mãe aciona para a criação do filho, poderiam ser consideradas válvulas de escape, que dependendo do fluxo e

¹⁸¹ “No conozco a ninguna mujer —virgen, madre, lesbiana, casada, célibe que gane su sustento como ama de casa, camarera o exploradora de las ondas cerebrales— para quien su cuerpo no sea el problema fundamental: su significado oscuro, su fertilidad, su deseo, su llamada frigidéz, su sangre, sus silencios, sus cambios y mutilaciones, sus violaciones y maduraciones.” (RICH, 1976)

apoio que a rede ofereça para ela, teria menos probabilidade de ser diagnosticada com alguma “demência materna”¹⁸².

Quando se estuda a saúde mental de uma mulher desde a lente do pai da psicanálise, estaria se reproduzindo um diagnóstico embasado em que “a mãe não é uma pessoa por si só e não há nada que ela possa fazer a respeito”. De acordo com Freud, a mãe é uma pessoa para um terceiro, disponível para contender os demais. Essas teorias instituem à maternidade nas mulheres, botando nela a função fundamental, “central e essencial no desenvolvimento emocional humano”, portanto as mulheres são colocadas em segundo plano, “como algo que ao mesmo tempo existe e não existe” (Donath, 2017:95). Aliás, a compreensão da saúde nos corpos femininos, o qual tem ganhado um amplo discernimento dentro da sociedade ocidental a partir da segunda metade do século XX, trazem mudanças - aparentemente imperceptíveis - na vida das mulheres contemporâneas.

Na modernidade as mulheres continuam desconstruindo teorias entorno de sua sexualidade como o “dimorfismo sexual” e a castração e da inveja do pênis (Freud, 1915 apud Carneiro, 2011), ou a mesma Badinter (2011:130) que responsabiliza a mãe por estabelecer um relacionamento com o filho bebê e pôr em perigo o casamento com o marido. Aliás o aleitamento materno é objeto de regulações, julgamentos e debates, uma experiência feminina física que cada mulher deveria viver no privado, é objeto público de resoluções sociais:

Se a mãe amamenta durante meses, ou mesmo anos, o que sobra para a intimidade do casal e sua sexualidade? Tanto que nem sempre é fácil distinguir o seio nutridor do objeto sexual. A mãe que amamenta sente prazer, mas ela não é mais necessariamente objeto de desejo para o pai que a olha. E conhecemos inúmeras jovens mães que confessam ingenuamente que o casal que elas formam com o filhinho lhes basta, que elas não têm nenhuma vontade de retomar a vida sexual. A mãe faz desaparecer, então, a namorada e põe o casal em perigo. (BADINTER, 2011)

Um dos aspectos que incomoda do olhar da autora, é que aparece ausente a ação do homem na criação da nova criatura. O casamento se forma com a criação da nova pessoa, através da união de duas pessoas sexualmente reprodutivas, mas parece que as responsabilidades igualitárias entre os pais nos cuidados do bebê não existem. Nas análises da autora aponta que em alguns momentos a mulher é importante, mas em

¹⁸² Considerando o discurso de Frida, Andreina, Anne e Laura, em várias oportunidades “sento-me como uma louca” “devo parecer uma louca” “senti que ia enlouquecer”.

outros é totalmente uma marionete do sistema, falando do bebê como um império¹⁸³, Badinter deixa ver a ideia que a mulher-mãe continua sendo responsável pelos cuidados da criança e do marido, aparentemente, ainda que ela “não tem nenhuma vontade de retornar a vida sexual” porque recém teve um parto e seu corpo está se recuperando. Mas, é responsável também pelo mantimento do casamento com o pai da criança.

Aprofundar na discussão de aleitamento materno foi uma tentação constante desse trabalho. Devido a meu background como conselheira de lactância materna, considerei debater alguns estudos em que se questiona o aleitamento materno como uma prática opressora das mulheres, como é o caso de Badinter. Ou estudos como o de Sandre-Pereira (2003) sobre amamentação e sexualidade feminina no qual faz uma análise comparativa entre França e Brasil, da representação da maternidade nos corpos femininos que amamentam¹⁸⁴. Nele a autora reflete como o ato de amamentar, na sociedade ocidental, pode representar uma dificuldade no casal, devido à percepção - no imaginário ocidental - dos seios femininos como “instrumento para o prazer”, construindo a noção de objeto sexual/mulher. Assim, dependendo do imaginário do homem ou a mulher referida ao que é “ser *mãe*”, entenda-se o imaginário social de uma boa mãe/má mãe; mãe pura, casta e assexuada, poderia ser conflituosa a chegada de um bebê que será amamentado.

“A impossibilidade de que a ‘mãe’ e a ‘mulher’ convivam no mesmo corpo. Pode ainda repercutir na relação com o bebê e, em especial, na duração do aleitamento materno. Um conflito desse tipo, que muitas vezes não passa pelo consciente, pode explicar a persistência, em várias mulheres, de um discurso sobre o desmame que coloca a responsabilidade do fim da amamentação no bebê.” (SANDRE-PEREIRA 2003: 489)

Porém não a relação do casal não é a única afetada nessa experiência das mulheres-mães. Amamentar como ato público, mostrar os peitos em manifestações feministas, amamentar no Congresso como Manuela D’Avila, é uma ação que na contemporaneidade, pode gerar atritos com amigos, familiares, seguidores e demais atores da sociedade urbana ocidental. Acompanhando a história de Frida e Andreina, as quais estão inseridas no ativismo da lactância. Lembrando que as duas as conheci num ato pela lactância materna, elas na vida mesma atuam em função de ser ‘políticas’ no

¹⁸³ “A suave tirania dos deveres maternos não é nova, mas se acentuou consideravelmente na volta com toda a força do naturalismo[...] uma regressão da condição das mulheres. Regressão consentida em nome do amor que se tem pelo filho, do sonho da criança perfeita e de escolha moralmente superior[...]Todos sabem: nada vale a servidão voluntária! Nessa transformação do modelo materno, os homens não tiveram que mexer um dedo. E o inocente bebê - à sua revelia- que se tornou o melhor aliado da dominação masculina” (Badinter, 2011:122)

¹⁸⁴ Ver Sandre-Pereira (2003)

ato de amamentar. Andreina como conselheira de lactância materna, doula e instrutora de massagem infantil, amamentou seus dois filhos em “tandem”¹⁸⁵, era um pouco mais “pudica” como ela mesma dizia, cobrindo seu peito com uma toalha para evitar ser vista “tão exibida”.

Frida igualmente amamentou seus dois meninos e em algum momento reclama: “[...]también el tema de la teta y el autismo. Hay gente que ha llegado a ‘confirmarme’ que el niño es autista porque yo le doy teta. Te podrás imaginar la ignorancia tan grande que hay en este mundo!![...]” Frida¹⁸⁶ (Diário de campo março 2019). Indignada pelos comentários ela comenta o absurdo que pode ser considerar que seu filho tem “adquirido” um “transtorno de desenvolvimento” como o autismo, devido a que o menino toma leite do peito da mãe. As seis mulheres que participam da pesquisa amamentaram seus filhos, porém conheci a experiência de cinco delas nesse processo. A Frida e Andreina, como tenho comentado anteriormente são ativistas do aleitamento materno, nos diferentes contextos sociais donde estão. Ainda assim cada uma afronta o que significa nessa sociedade latino-americana que uma mulher amamente seus filhos.

Relatos como esses, outras mães debatem nas redes sociais, nos quais se distendem uma heterogênea lista de argumentos sobre a decisão das mulheres-mães de amamentar. Os discursos com argumentos negativos -muitas vezes pejorativos- categorizam essas mulheres de pedófilas por amamentar seus filhos homens, ou culpáveis por que essas crianças “vão chegar a ser adultos pervertidos”, ou como no caso de Frida causar Autismo - ou inúmeras de outras doenças - no seu filho de 3 anos que está sendo amamentado. As construções sociais e os debates em torno à lactância são diversos, sendo evidente “A impossibilidade de que a ‘mãe’ e a ‘mulher’ convivam no mesmo corpo”. Entretanto a comunidade de indivíduos dentro da cultura do parto humanizado na qual está inserida a lactância materna, há um estímulo para a compreensão da existência feminina como mulher e mãe. Nesse jogo de conceitos “humanizados” e “naturais” acontecem uma serie de transformações sociais a partir da desconstrução de noções do corpo feminino, posituação de direitos humanos sexuais e construção de novas relações/arranjos familiares.

¹⁸⁵ Termo que vem da palavra em inglês “Tandem”, as bicicletas que levam duas pessoas pedalando. No caso é usado para identificar o modo de amamentar dois crianças de diferentes idades. A mãe amamenta durante a gravidez o bebê, que geralmente tem mais de 6 meses de idade e continua a fazer com os dois quando o novo bebê nasce.

¹⁸⁶ Frida. **Descrevendo a maternidade**. WhatsApp: [Conversação privada] 08/03/2019. Áudio de WhatsApp

No movimento pelo parto humanizado se considera este como parte fundamental da *sexualidade feminina*, “um evento sexual” e “narram ter sentido prazer” durante o parto, o que significaria “uma outra paisagem sexual” do corpo das mulheres, um outro olhar feminino da experiência biológica delas. A sexualidade proposta pelo movimento é relatada por Carneiro (2011) como uma experiência “na qual maternidade e erotismo poderiam ocupar o mesmo espaço, reorganizando sua subjetividade a partir de uma outra leitura de descontrolo e de suas próprias emoções”. As mulheres mães vivenciam suas experiências como sujeitos atantes em relação a multiplex outros atores, profissão, com o (a) companheiro (a), familiar, filhos e também, pessoal *-self-* que constituem sua psiquê e a sua *sexualidade feminina*. Deste modo, a positivação da experiência feminina distante da castidade ou abnegação que uma mãe representava - e continua representando para algumas pessoas - como sujeito “não sexual”, configura a compreensão da *sexualidade feminina*.

Autoras como Rodrigañez, Irigaray e outras, engajam seus debates no estudo e representatividade da sexualidade feminina, enfocando as mudanças nas construções das maternidades. Consideram o desejo e o prazer trabalhado a partir da ideologia do parto, como uma temática que precisa ser explorada para debater com as percepções psicanalíticas mais tradicionais. Casilda Rodrigañez é uma escritora espanhola que tem-se especializado em temáticas do parto. A escritora propõe o *feminismo de recuperação* questionando o processo de constituição psíquica, reorientando as premissas sobre a sexualidade feminina, de modo que se possa pensar sobre ela não necessariamente como negatividade e ausência” (CARNEIRO, 2011). O feminismo da recuperação promove uma “outra maneira de ser mulher” recuperando os “pulsos uterinos”¹⁸⁷ modificando a forma de se relacionar com o corpo e de sentir prazer. Carneiro considera que o enfoque de Rodrigañez tem a intenção de “desmitificar interpretações psicanalíticas” de Freud que consideram o útero como origem das patologias femininas, sendo a histeria a mais conhecida historicamente.

Este pensador, no século 19, atribuiu a histeria aos desejos femininos recalcados, mas, já bem antes de seus escritos, o útero não era percebido com bons olhos, quando

¹⁸⁷ Para recuperar os pulsos uterinos ou conseguir um “útero ativo” propõe-se a “discussão da importância e dos benefícios do orgasmo para as mulheres. Uma mudança de atitude diante da obtenção de prazer por parte das mulheres e a inibição das funções do neocórtex (área do cérebro responsável pela observância da moral social e dos processos mais racionais, portanto, a mais preocupada com a adequação das atitudes individuais às normas socialmente consignadas) ou do racionalismo exacerbado em momentos que envolvam a sexualidade e a satisfação sexual. (Carneiro, 2011)

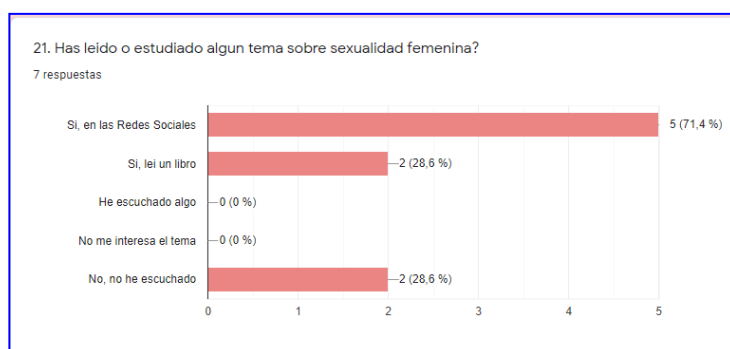
consideramos que, entre os gregos, havia a crença de que o útero poderia caminhar pelo corpo da mulher e sufocá-la e quando, no Brasil colonial ainda persistia o medo da sufocação pela *madre*, a saber, pelo útero, bem como remédios para os males do considerado furor uterino. (DEL PRIORE 1993 apud CARNEIRO, 2011)

A sexualidade e a maternidade são os presuntos bastiões do “privado”, mas que são controlados por instâncias públicas. A aparente desconstrução de hierarquias sexuais¹⁸⁸ na sociedade ocidental recria o imaginário nas mulheres mães, cooperando na construção da subjetividade das experiências de maternidade vistas no universo dessa pesquisa. Diversificação dos papéis de gênero, espiritualidade e sexualidade são aspectos relevantes na organização social dos indivíduos na cultura urbana.

[...]dentro do casamento, heterossexual e reprodutivo estão sozinhos no topo erótico da pirâmide. Abaixo estão heterossexuais não casados e monogâmicos que formam casais, seguidos da maioria heterossexual. Sexo solitário flutua ambigualmente. O poderoso estigma novecentista sobre a masturbação fica menos potente em razão de ideias como a de que a masturbação é um substituto inferior para encontros de casais[...] (RUBIN, 1999 :151)

Embora a autora considere ser um “poderoso estigma novecentista” a masturbação, no caso da masturbação feminina há ainda um estigma que vera no tabu. No entanto a temática está sendo abordada nas comunidades de doulas e mulheres inseridas no trabalho. Perguntei para minhas interlocutoras se tinham conhecimento sobre sexualidade feminina, das sete mulheres que responderam às perguntas só duas responderam não ter lido nada ao respeito (Figura 13). Aliás cinco delas tinha lido nas Redes Sociais.

Figura 13. Pergunta 21 “Tem lido ou estudado alguma temática sobre sexualidade feminina?”. Questionário para Madres 2019



Nas Redes Sociais a sexualidade feminina é apresentada por diversos perfis de mulheres e homens doulas, feministas, especialistas obstétricas e mães, somando mais

¹⁸⁸ Ver Rubin (1993)

de 200 mil seguidores¹⁸⁹ no universo mundial de Instagram. Um aspecto que até recentemente podia ser tabu e provavelmente de conhecimento exclusivo da medicina, estas mulheres publicam vaginas com crianças saído por elas, imagens de diferentes fluidos corporais da mulher, atividades referenciadas ao parto e a lactância materna. Um desses perfis é @the_angela_galo, doula americana radicada em Austrália quem trabalha como doula e “empoderadora” de seres humanos. sexualidade, feminismo entre outros, seguida por Andreina, Frida e Victoria. Suas publicações eram referidas ao parto e mulheres em pre e pós-parto e mais recentemente apresenta palestras sobre “auto-seduction”. Categorias como “open relationship” “masturbação feminina” combinam-se com outras categorias mais naturalistas gestadas nas neoreligiosidades como destaca Torquinst (2004), em aspectos psicologizantes como terapias e livros de autoajuda, concebendo a sexualidade feminina como um conceito palatável no imaginário social. Em Venezuela um dos perfis mais ativos na produção de informação sobre sexualidade feminina é @doula_en_la_isla, administrado por uma mulher-mãe, doula e cujo perfil é apresentado destacando o *instinto* e o uso de remédios naturais como ideia de “resgate da natureza”.

As instituições religiosas também cumprem um papel importante na construção e dimensão da experiência materna. Ainda que Mariana expressa sobre a chegada de seu segundo filho: “Eu pensei todas as possibilidades quando eu soube da segunda gravidez. Eu sou cristã, então o aborto, [...] é algo inconcebível. Eu não conseguia pensar nessa possibilidade, mas eu comecei a pensar tantas coisas”. O aborto e outros assuntos são controlados pela religião, educação dos filhos, relacionamento do casal e familiares são também aspectos orientados por esta. No caso de **Victoria**, católica devota da Virgem da Conceção, batizou seus gêmeos e me comenta que no processo de separação com o pai de seus filhos, tem sido a sua conexão com Deus e com ela mesma que ajuda a continuar. A Fé, devoção e crenças em momentos adversos, tem sido seu refúgio, além de seus pais e irmãs que conformam uma rede de apoio para o cuidado e educação de seus filhos.

Na política a maternidade muitas vezes tem sido questionada. Mas as mães continuam estando.

Eu sempre quis ser mãe. Essa coisa automática do papel da mulher na sociedade. Essa ideia de felicidade feminina vinculada à maternidade. Eu sempre quis ser mãe sem

¹⁸⁹ As contas que mencionei aqui

consciência do que isso significava para a mulher. eu queria ser mãe porque estava impregnada dessa ideia de que toda mulher que é adulta e realizada é mãe. A gente reproduz essa cultura sem nem perceber. [...] Não há espaço para romantização e idealização. Ser mãe dá trabalho. Ser mãe exaure. Ser mãe é cansativo. Ser mãe é solitário. Ser mãe é perder trabalho. Ser mãe é não ter com quem deixar os meninos. E, mesmo assim, socialmente, ser mãe é uma obrigação para a mulher. MANUELA D'AVILA (2019)

A Manuela D'Avila publicou seu livro “Revolução Laura” em 2019 depois de ser candidata a Vice presidenta e uma carreira política de 19 anos. Manuela usa as palavras chaves *Maternidade* e *Feminismo* em seu livro donde apresenta relatos de sua experiência como mãe na campanha presidencial, em seu lugar como deputada e dentro mesmo do partido político. A autora consegue se colocar e reconhecer diferente à realidade da maioria das mulheres brasileiras, porém não deixa de encorajar as leitoras com um discurso político do feminismo materno, a intenção do cuidado dos filhos, a importância da integridade da mulher e direitos de crianças e mulheres á transformar a sociedade:

Ontem, eu estava em uma manifestação e o senador Roberto Requião me perguntou de Laura. Eu disse que ela estava ótima. Que era uma anarquista. Ele mês respondeu: ‘Todas as crianças são anarquistas. A tua tarefa é fazer com que ela não deixe de ser’. Chorei. Sim. Minha tarefa é fazer com que Laura seja contestadora e sonhadora. Sempre. (D'AVILA, 2019: 73)

O livro todo representa um discurso político materno. Carneiro (2011) considera que de alguma forma as mulheres quando discutem com médicos, publicam relatos de parto em sites, blogs e listas de discussão; trabalham com o ideário da humanização depois de parirem; denunciam práticas e rotinas obstétricas que acreditam abusivas, estão “fazendo o pessoal algo político”. Na coletânea *Feminist Mothering*, McBride (2008)¹⁹⁰ num artigo em que expo sua experiência como cientista e mãe de 5 filhos, todos nascido durante seu percurso pela vida acadêmica-profissional, afirma ter opções para as mulheres apresentar suas experiências ao público. McBride sugere que isto se faça politizando as limitações laborais das mães trabalhadoras e mostrando como o imaginário de uma “supermom” é um fardo para as experiências reais das mulheres.

¹⁹⁰ Artigo “No, I’m Not Catholic, and Yes, They’re All Mine” The Narratives of Feminist Mothering on the Tenure Track

4.4 Feminismo Materno

As mulheres que desejam ter filhos e viver a experiência de maternar, colocam discussões reflexivas na internet sobre temas relacionados com os direitos laborais e lutas por condições salariais igualitárias. Algumas análises do valor econômico do trabalho doméstico e cuidado dos filhos são espalhadas algumas vezes pelas redes sociais. Parece ser um plano discursivo orientado a desconstruir mitologias populares da função biológica da mulher pôr médio da conscientização sobre o valor econômico/produtivo das mulheres-mães.

A experiência de Carneiro em sua pesquisa foi que as mulheres que participaram dela “[...] negavam a conexão entre o feminismo e o parto humanizado, ou não entendiam as ponderações de minhas questões” (CARNEIRO, 2011). Para elas, parecia tratar-se de dois modos de estar no mundo, ou o feminista ou o materno, diferentes e separados – como se cada estivesse de um lado do rio e com pouca possibilidade de cruzar de uma margem para a outra”.

O feminismo tem inúmeros de rótulos, criados pelas próprias feministas numa época que precisava se apresentar de uma forma devido às lutas do momento; outros são dados pela comunidade. Desta forma, algumas mulheres identificam o termo com alguma característica pejorativa, como no caso de Laura que comenta: “Não, eu não sou feminista, porque eu não tenho problemas com os homens”. As mulheres que participam dessa pesquisa, algumas se reconhecem como feministas, e outras como no caso de Laura, dizem não ser feminista.

No entanto, o movimento feminista é uma luta social de mulheres e homens que se transforma construindo-se nas vivências e experiências das mulheres. Identificar ao feminismo é observar as mudanças sociais referidas às mulheres, para compreender o efeito do questionamento feminista. Rago (2004) referência ao feminismo brasileiro contemporâneo, como modelo que mostrou ‘um modo específico de existência’, integrando um caráter humanizado com a finalidade de operar numa posição binária concordante com a dinâmica social atual. Anteriormente, o feminismo preciso se colocar categoricamente contra o sujeito homem principalmente, como um aspecto oportuno para a luta política por a visualização do sujeito mulher, atualmente a

“desnaturalização” do “modelo feminino universalizante”, nas palavras de Rago, modifica os conceitos preconcebidos sobre o feminismo:

Resulta de muitas conquistas [...] dos quais destaco quatro: a transformação nacional e internacional da própria imagem do feminismo, hoje reconhecido como um dos maiores e mais bem sucedidos movimentos do século 20[...]; o reconhecimento público da importância do feminismo brasileiro, como movimento social relativamente avançado em relação ao dos outros países, não só da América Latina; a desestigmatização da imagem da “feminista”, outrora associada às figuras negativas da feiúra e da velhice, ou taxadas de “sapatão” e “mal-amadas”, desde seus inícios no século 19; a maneira pela qual o feminismo se reconfigura e generaliza amplamente, atingindo setores muito jovens da população, como moças de 15 e 16 anos, não apenas no Brasil. (RAGO, 2004)

As construções feministas maternas são estudadas por Andrea O’Reilly, desde Canadá e EE.UU, donde tem organizado uma série de coletâneas como a “enciclopédia da maternidade” ou o livro consultado nesse trabalho: *Feminist Mothering*. O’Reilly comenta que toda discussão sobre maternidade feminista deve partir desde os análise de Adriane Rich, assim compreender que a *maternidade feminista* é determinada por **não ser a maternidade patriarcal** que descreve Rich.

Feminist mothering may refer to *any practice of mothering* that seeks to challenge and change various aspects of patriarchal motherhood that cause mothering to be limiting or oppressive to women. *Rich uses the word courageous* to define a nonpatriarchal practice of mothering, while Baba Cooper calls such a practice *radical mothering*. Susan Douglas and Meredith Michaels, more recently in *The Mommy Myth*, use the word *rebellious* to describe outlaw mothering. Hip is Ariel Gore’s term for transgressive mothering. For this volume, the **term feminist is used [...] to signify maternal practices that resist and refuse patriarchal motherhood to create a mode of mothering that is empowering to women.** (O’REILLY, 2008: 19)

De acordo com as palavras de O’Reilly várias autoras tem observado as representações dessas mães e tem falado delas. Denominando como “corajosas” “rebeldes” ou até “maternidade radical”, às mães que constroem praticas maternas “transgressoras” da maternidade patriarcal.

Nas representações discursivas de Mariana não houve uma identificação como feminista, mas nas observações de publicações e dinâmicas de seu perfil de Facebook, pode ver muitas vezes post e interesses por debates feministas. Igualmente, foi Mariana quem me falou sobre a origem das discussões do conceito de *sororidade*. O dia que perguntei para ela participar dessa pesquisa, respondeu: “que interessante estudar isso, eu tenho estado lendo alguns textos sobre a sororidade, um conceito que nasceu...” e começou relatar alguns estudos. Ela, como Professora de Letras, continuamente publica

suas reflexões de experiências vividas, para um público diverso em seu perfil da rede social Facebook. Suas reflexões como mãe e mulher, estão carregadas de um desejo de *sororidade*, numa oportunidade publicou:

“Querido diário ”

Um dia, em um futuro não muito distante, **quando alguém constranger uma mãe por causa da presença de seus filhos, todas as pessoas que têm ou já teve útero levantar-se-ão e juntas sairão da reunião (de mãos dadas, ou não)**. O incomodado ficará entre seus pares que não parem. Será um dia lindo, emocionante, meus filhos verão se eu não estiver mais aqui!

Por enquanto, contento-me com o simples fato de levantar sozinha e me retirar (levando as crianças comigo, para não se contaminar!). 🍷👊👩” Mariana¹⁹¹. (Diário de campo agosto 2019).

Cada experiência é única, no entanto sobreviver ela é assunto pessoal, condicionado ao ambiente, cultura, e demais fatores que interagem com a mulher-mãe. Na pergunta sobre “o que Não te gosta de ser mãe”, do questionário enviado às mães venezuelanas, Anne responde referindo-se à experiência não positiva da relação com suas iguais:

De la maternidad no me ha gustado la falta de unión entre las mujeres. Pensaba antes de tener hijos que las luchas femeninas habían avanzado mucho, que yo vivía en un mundo liberado para las mujeres, daba gracias por haber nacido en esta época, pero uff¡! Que cosa más fuera de la realidad, falta mucho por hacer, e incluso pienso ahora, muchos aspectos que hoy se podrían considerar liberación femenina, son más bien, a mi parecer, mas opresión para la mujer. Anne¹⁹² (Formulário Google “Cuestionario de Madres”)

Gutman aponta em seu livro sobre as Mães invisíveis, ao labor feminina de Doulas e outras servidoras. Sendo que a comunidade de mulheres-mães está construindo suas próprias representações como mulheres, são as próprias mulheres que constroem relações igualitárias e diversas.

Essa é a sabedoria da diversidade. Só podemos nos reconhecer a partir da diferença. Só quando os demais têm virtudes diferente das nossas conseguimos compreender o que temos e o que nos falta. Por isso não se trata sequer de aceitar as diferenças, mas de compreender que, sem elas, não “somos”. Ou seja, para “existir” e ter alguma identidade, precisamos daqueles que são diferentes da gente. Da mesma maneira que o vermelho precisa do azul e o violeta do alaranjado. Assim, aproximar-se do “diferente”

¹⁹¹ Mariana. **Escritas da Mariana no Facebook**. Facebook: [Post público para amigos] 02/08/2019. Texto da interlocutora.

¹⁹² Anne. **Resposta à Pergunta 18. Que NO te gusta de ser madre?**. Formulário Google: [Cuestionário para madres] 01/12/2019. Texto escrito.

não significa altruísmo, mas apenas a necessidade de reconhecer uma necessidade vital própria. Todos os pais de crianças que são “diferentes” das outras sabem disso. É a criança “supostamente diferente” que nos traz conhecimento, mostra quem somos e aponta nossas carências. Pobre de todos nós. GUTMAN (2018: 152)

Na pluralidade de discursos, representações e atores sociais observados nessa pesquisa, reflete-se o desejo a aspiração de alguns indivíduos de uma sociedade mais equitativa. As falas que se constroem desde categorias como conscientização, fazer diferente, aceitar as diferenças, empatia, compreender, etc. apresentam maternidades heterogêneas em representações, denominações, subcategorias e classificações, portanto se fala de *maternidades*. Aliás, nas mulheres que representam o universo de *mulheres-mães de camadas médias de Venezuela e Brasil* -para o caso dessa pesquisa- as maternidades apresentam uma perspectiva política e ativista desde suas reflexões e influência em familiares e amigas. Tal como o feminismo materno menciona, as mulheres-mães se colocando no lugar da construção da sua própria experiência enquanto fazem públicas certas vivências que assinalam a complexidade da mesma, como uma forma de convidar ao amparo desta, a maternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresento aqui algumas considerações em diálogo com as colaboradoras e autoras - antropólogas, sociólogas, filosofas e demais acadêmicas - que referenciam a escrita da etnografia. Considerando as representações das maternidades observadas no universo desse trabalho, apontando para alguns aspectos não discutidos até agora e que traçam um caminho para a continuidade dessa pesquisa.

Relembrando alguns pontos discutidos pela filósofa feminista Adrienne Rich, sobre a maternidade como instituição¹⁹³, a autora faz referência ao imaginário da sociedade ocidental sobre a maternidade das mulheres nas periferias - nos EEUU - nas tarefas domésticas cotidianas¹⁹⁴. Em seu livro publicado a finais da década do 70, relata que a maternidade se associa ao lar, ao privado. Quarenta anos antes do desenvolvimento dessa pesquisa, Rich expressava como o referencial de maternidade que se tinha naquele contexto era “a mulher que nos criou”, diz a autora, “ou pensamos na casa de nossa infância [...] ou em nosso próprio lar” (RICH, 1976: 356). Durante os dois anos desta pesquisa, entre 2017 e 2019, é precisamente o assinalamento da autora, que nutriu e acompanhou o percurso da produção.

As mães e a maternidade estão no imaginário, no discurso e na vida mesma de cada indivíduo da sociedade, ausente ou presente, como tenho falado antes. Recentemente, numa palestra que ministrei sobre maternidade eu convidava à fala com uma questão: “Você tem mãe?”. Ao princípio considerei que tinha sido uma pergunta absurda, e um pouco invasiva, é esse o sentimento que descreve a sensação que tive durante toda a pesquisa. Uma sensação de estar falando de uma temática privada, íntima, e ao mesmo tempo comum na vida de homens e mulheres de todas as gerações. E, em algumas oportunidades, parecia que investigava o “obvio”. Inclusive para alguns colegas da pós-graduação que consideravam minha dissertação sobre maternidade como

¹⁹³ A instituição da maternidade é intocável e invisível [...] Estupro e suas consequências; casamento e dependência econômica, como garantia da propriedade de um homem sobre "seus" filhos; roubo de parto para mulheres; o conceito de "ilegitimidade" de uma criança nascida fora do casamento; leis que regulam nascimentos e aborto; a comercialização irresponsável de produtos anticoncepcionais, certamente perigosa; a recusa em considerar o trabalho doméstico como parte da "produção"; mulheres acorrentadas pelo amor e pela culpa; a ausência de atenção social às mães; a incompetência dos serviços de assistência à infância em todas as partes do mundo, o salário desigual que força as mulheres a depender de um homem; o confinamento solitário da "maternidade de absoluta dedicação"; a natureza simbólica da paternidade, que concede ao homem direitos e privilégios sobre os filhos, contra os quais ele assume responsabilidades mínimas; o castigo psicanalítico das mães; a suposição pediátrica da ignorância e incompetência da mãe; a pressão emocional que as mulheres são submetidas na família: todas essas realidades são como as fibras da trama que compõe a instituição e determina nosso relacionamento com as crianças, gostemos ou não. (RICH, 1976: 352)

¹⁹⁴ Cozinhando, lavando roupa, cuidando crianças que choram, devem ser alimentadas e arrumadas para ir para a escola.

uma pesquisa de pouca importância, afinal o que se pode dizer sobre esse tema tão naturalizado?

Finalizando a segunda década do século XXI, o apontado por Rich não dista muito da realidade que vivem muitas mulheres nas sociedades latino-americanas, referente à “instituição da maternidade”, ainda que com mudanças significativas em termos sociais e tecnológicos, o patriarcado continua latente. Inseridas numa cultura urbana da sociedade ocidental, os indivíduos recriam ideias fundadas em sociedades de países desenvolvidos, onde existem outras condições econômicas, políticas e sociais. Em América Latina, a falta de políticas públicas que promovam a criação de creches, serviços de saúde para os corpos femininos, a garantia de uma sexualidade segura e o funcionamento dos direitos reprodutivos, afeta diretamente na representatividade da maternidade. Ainda que a maternidade esteja sendo vivenciada e representada por elas mesmas, como experiência genuinamente feminina, “diferente à maternidade patriarcal”, os corpos das mulheres continuam sendo atingidos pelas leis que estabelecem que elas sejam mães, nas sanções que teriam se não o fossem, nos discursos médicos que constroem às mulheres no parto e coagem para planejar uma cesariana, e os especialistas - como os pediatras e a Escola - orientando os cuidados e educação da prole.

Percebe-se como os discursos nas redes sociais reproduzem orientações e informações que criam conceitos super-postos e são utilizados pelos leitores à conveniência. O efeito das famílias cada vez mais distantes e as mulheres desejando viver experiências únicas sem maior intervenção do Estado - e da família - tem duas particularidades que considero importante destacar: há um apontamento para pessoas que opinam ou querem dar recomendações à mulher, grávida, em puerpério ou na criação mesma dos filhos. Ainda considerando o que Gutman (sobre a necessidade) e van Gennep (sobre a presença nas tribos de intermediários) apontam que as pessoas ao entorno da mãe oferecem apoio, orações, sossego emocional e cuidados para a mãe. Também, uma outra particularidade, é a relação conflituosa entre gerações identificado nos discursos das mães nos relatos sobre a relação mãe-filha¹⁹⁵.

¹⁹⁵ Mulher-mãe-avó e filha-mulher-mãe

É possível que o universo daquelas (a) mulheres-mães - agora avós também - das (b) mulheres-mães mostraria uma perspectiva diferente de categorias para ser analisadas referidas das questões surgidas nas entrevistas com as (b) filhas em idade reprodutiva e de “cuidados maternos”¹⁹⁶ das (a)mães. A preocupação das primeiras (a) pelo tipo de relação e educação escolhida pelas (b) segundas; e as segundas (b) reclamando das carências da infância, muitas vezes responsabilizando às primeiras(a). Desde meu ponto de vista, acontecem duas situações importantes a considerar: a fricção geracional de maneiras de “fazer” e a criação de discursos êmicos produzidos partir da interpretação de conceitos e abordagens teóricas, que na prática atrapalham mas que ajudam na construção de relações entre os indivíduos. Querer estar distante dos “opinólogos”¹⁹⁷, os quais geralmente são as pessoas como familiares e amigos que desejam compartilhar algum modo de fazer, está sendo uma prática que insola as mulheres-mães. Olhar para a própria infância é um padrão emocional/psicológico presente na construção das relações e que tem – aparentemente - confundidas as gerações envolvidas.

As produções acadêmicas falam de uma ação social que reivindica direitos ao amparo social da mulher mãe. Mas ao mesmo tempo, vemos como algumas representações da maternidade, construídas a partir de um paradigma de experiências individual, singular e feminina, insola as mulheres por gerar obstáculos ao estabelecer caminhos de comunicação tumultuados de conceitos e limites para o entorno. Um olhar da cultura e representatividade dessa situação acontece quando a mulher é questionada num contexto de familiar - ou não - sobre seu trabalho na criação dos filhos, a mulher-mãe se posiciona numa atitude defensiva alegando conhecer muito bem sobre cuidados maternos, fazendo da forma que elas acham melhor para sua prole. Falar mal do filho, brigar ou estabelecer disciplina parece ser um direito exclusivo das mães, já que em muitas ocasiões os incômodos na relação com terceiros - à díade -, surgem das recomendações, conselhos, ralhadas espontâneas à criança por um outro adulto ou algum comentário ante o comportamento da criança.

Em ocasiões, meus questionamentos foram provocativos e imitando comentários de “pitaqueiros” – ou não – o qual serviram para observar a resposta das mulheres-mães. Numa oportunidade, estando num evento do programa de pós-graduação, abordei

¹⁹⁶ Essa etapa que de acordo com Bowlby (2012) seria análoga à primeira infância do ser humano, em que mulher e criança são consideradas uma mesma pessoa (Gutman, 2008) ou sujeitos com direitos inclusivos um do outro e disasociáveis, segundo Carneiro (2011) Mattar e Diniz (2012).

¹⁹⁷ Pessoas que **opinam**, como profissão nos discursos das mães, pediatras e psicólogos.

à esposa de um colega que tinha observado em oportunidades anteriores usando “sling” e amamentando o filho, o qual me interessou como possível colaboradora. Portanto me aproximei e fiz a seguinte pergunta: “Até que idade você vai a amamentar ele?”. A minha pergunta a verdade não tinha nenhum tipo de intenção mais que estabelecer uma conversa que me permitirá convidar ela como colaboradora. Sua resposta foi imediata: “até que nós queiramos”, evidenciando seu incômodo. Conheço bem essa resposta porque como conselheira de aleitamento materno oriento às mães a “empoderar-se” da lactância de tal forma que “ninguém” possa constrangê-las na sua experiência. Assim, mães, terapeutas e médicos imersos no universo materno estudado nessa etnografia, estimulam “respostas transgressoras” para o contínuo questionamento da sociedade, no caso, para o tempo que uma mãe deve amamentar seu bebê. Também, amamentar ou não determina identidades das mães, dentro e fora da comunidade materna.

Ao mesmo tempo, nas redes sociais existe uma produção do discurso previamente construído e pensado, gestando material escrito, visual e audiovisual adequado ao público alvo. Considerando ser politicamente corretas e se desculpar ante publicações que parecem vão fazer revoltas entre os seguidores ou simplesmente bloqueando e privatizando seu espaço à aqueles que ela admite após sua solicitação. As redes sociais são um espaço onde a impessoalidade presencial permite às pessoas emitir opiniões e críticas sem filtros e muitas vezes assediadoras. Indivíduos criam contas sem background para afrontar - geralmente com insultos ou comentários agressivos - a discussão ou imagem colocada pela mulher. Por esta razão, muitas vezes as administradoras colocam-se em uma postura defensiva ou sutilmente brincam com desculpas carinhosas antes de introduzir uma temática “inovadora” e rebelde. As categorias “holístico” “igualdade” “diversidade” “empoderamento”, “sororidade”, “consciência” e outras, representam parte do vocábulo representativo dos ideais das pessoas que fazem parte do universo pesquisado.

Nos espaços como os blogs, os quais têm um público mais seletivo por chamar de alguma forma os leitores dos blogs, quem chega a ele por interesse de leitura e reflexão, os discursos são mais severos e extensos. Não que nos perfis de redes sociais não haja um interesse a possibilidade de escolha para os usuários, mas se há maior possibilidade de visualização e de chegar à um público mais diversos. “Seu feminismo chega à sua

mãe? Ou sua “sororidady” é só com as “manas” do Facebook?”¹⁹⁸ e “Ser mãe. Ser filha... Ser mulher”¹⁹⁹ são dois dos artigos publicados no blog Militância Materna no que as escritoras discorrem num convite às leitoras da visualização da figura materna, uma abordagem similar á apresentada pelas feministas acadêmicas que compõem a coletânea do Feminismo Materno de O’Reilly. Respeito a isto, a Feminista Victoria Sau discorre:

¿Acaso Virginia Woolf y Silvia Plath no pasaron por esta reconciliación? Solo se puede amar verdaderamente a la madre si antes se la ha odiado. Porque la odiada es la impostora, mientras que la amada es la huérfana que hay en ella, la otra hija mayor, tan hija como la hija misma. Ella hizo de madre como pudo. A veces se quitó la vida; a veces la asesinaron; en ocasiones se fugó y no se volvió a saber de ella; la violaban de vez en cuando; otras terminó en un psiquiátrico. Muchas, a pesar de todo, cumplieron como pudieron hasta el fin de sus días. Como los detenidos de un campo de concentración, estaban pasmadas por no saber qué hacían allí, quien las había puesto y por qué. Rodeadas de ollas, de niños, de horarios, de prohibiciones, de obligaciones, de parientes políticos, del que dirán; economistas de la pobreza familiar, primeras en dar, últimas en pedir. Saliendo adelante a pesar de haber sido maltratadas, abandonadas, burladas, engañadas[...] (SAU, 2004 apud. CARNEIRO 2011:263)

Algumas acadêmicas, científicas, antropólogas, sociólogas, feministas - ou não - em geral, relacionadas com estudos da maternidade e o parto colocam suas conclusões da pesquisa valorando a trajetória do trabalho e o caminho a seguir evidenciado pelos resultados do trabalho. No caso de Bittencourt (2011) coloca a frase final de sua Tese dizendo: “Não devemos ser somente reprodutoras da ordem, mas produtoras e precisamos inserir nossas especificidades neste jogo de forças desiguais que é o campo científico.” (Bittencourt 2011: 306). Cientes de que a mulher-mãe é construída socialmente, a conquista maior da modernidade seria conseguir uma união feminina - que compreenda os aspectos interseccionais que atravessam a experiência humana - mas que a identidade feminina seja significada de humanidade, liberdade e compreensão social. Assim a luta pelos direitos e melhoras na qualidade de vida das mulheres em latino-americanas forma parte do incentivo feminista da produção etnográfica.

“Os direitos da mulher só deixam de ser letra morta em documentos internacionais e nacionais quando passam a dar substância a políticas públicas, que os concretizem, impactando a vida de milhares de mulheres no Brasil e mundo afora.” Mattar e Diniz (2012: 68)

¹⁹⁸ Ver: <https://militanciamaterna.com.br/seu-feminismo-chega-%C3%A0-sua-m%C3%A3e-2e4a9cb0d227>. Consultado: 15/12/2019

¹⁹⁹ Ver: <https://militanciamaterna.com.br/ser-m%C3%A3e-ser-filha-ser-mulher-829ac5e49bef>. Consultado: 15/12/2019

Seguindo as palavras de Rich (1976), se a sociedade poder enxergar “as fantasias das mães, os sonhos e as experiências imaginárias” poderia evidenciar “a fúria, a tragédia, a sobrecarregada energia do amor e a desesperação” vivida por algumas mulheres-mães, e dessa forma contribuir nas ações sociais necessárias para progredir os direitos das mulheres.

As filhas do casal igualitário

As mulheres-mães que fazem parte dessa pesquisa, podem ser consideradas filhas do “casal igualitário”. Considerando a tese de Salem foi publicada no 80’, os bebês nascidos em aquele momento seriam os adultos contemporâneos que se encontram em idade reprodutiva, sobretudo no caso das mulheres. Estas mulheres têm direitos e bens materiais herdados da luta de outras gerações, como mencionei antes. Desta forma, os pais das *filhas do casal igualitário* são trabalhadores e em algum momento se separaram e vivem toda essa transformação social na vida de todos os indivíduos da família. Assim, o modelo de mãe daquela família é de uma mulher que orienta aos filhos para estudar e “não passar pelo que eu passei”. Mulheres estas, que trabalhavam fora de casa, faziam as tarefas domésticas e criavam seus filhos para que estudassem, sobretudo encorajavam as filhas mulheres para estudar.

E as filhas, como são? Mulheres construídas a partir de experiências individuais, algumas delas contam com um marido “participativo”. O casal se funda no ideal de igualdade de gênero, em valores românticos, baseado em vínculos de amor. Igualmente, a separação e o divórcio não são considerados um problema para a mulher. As mulheres podem estudar e trabalhar, de fato nas universidades há maior número de mulheres estudando, mas na realidade se forma mais homens que mulheres. Parte das estatísticas apresentadas no II Simpósio sobre Maternidade e Ciência, mostrava como por diversas razões, entre elas o assédio vivenciado por causa da maternidade, constroem as mulheres ao ponto de não conseguir se formar. Também as novas masculinidades fazem parte desse cenário contemporâneo. Homens participando da sexualidade feminina envolvidos no parto e na lactância. Homens cumprindo com a tarefa dos cuidados dos filhos.

Há, porém, outros fatores que influenciam nas representações contemporâneas da maternidade, entre eles a mídia. “Tal Mãe, tal Filho” palavras de uma publicidade do “Dia das Mães” na revista de uma loja brasileira no 2019, onde a imagem são três fotografias com a mesma mulher sorrindo, perfeitamente maquiada, “filhos sorrindo”; fala sobre uma “maternidade ideal” mercantilizada e almejada nas camadas médias de latino américa. Essa mercantilização da maternidade gera expectativas na mulher grávida, as quais são rapidamente desconstruídas com a chegada do filho, com o nascimento da nova pessoa.

A chegada da nova pessoa na idealização dos cuidados pessoais e do bebê, o tempo, o trabalho e o entorno, convertem-se em catalizadores do que Donath (2017) chamou de “ambivalência materna”²⁰⁰. Assim como o sono das crianças pode ser motivo de um post de Andreina no que recomenda dormir juntos e o “co-leito”, enquanto no privado ela reclama de não dormir bem há 5 anos, desde a noite seguinte a cesariana de seu primeiro filho. Também a ideia de pendurar a criança por meio do uso do sling, como van Gennep comenta dos cuidados do pós-parto nas tribos estudadas: “A criança passa pendurada grande parte do tempo ao corpo da mãe em posição pré-natal, arqueado[...]” (van Gennep 1909: 57) proposta pelos modelos de criação que orientam as representações dessas mulheres, é geralmente um incômodo que as mulheres não praticam.

Na recuperação do pós-parto a mulher também está-se adaptando à nova experiência, a relação com a criança. Conjuntamente, inicia um complexo momento de sua vida adulta donde deve agir com experiência no cuidado da criança, para isto ela têm se informado, estudado e revisado Redes Sociais. Limites, cuidados, saúde, alimentação, horas de sono, seguro de vida, vida sexual, familiares e amigos, combinam-se para acompanhar à mulher-mãe no seu novo trabalho social: a maternidade.

Uma das experiências comuns entre as colaboradoras tem sido o desejo “inicial” de um parto, tendo como resultado uma cesariana. O que acontece com cada uma aparenta ser diferente, os obstetras de cada uma delas deram discursos distintos e as cesarianas aconteceram em situações diferentes. Ainda assim encontro similitude no

²⁰⁰ Donath, Orna. 2017. P. 63. Mães arrependidas

argumento de fundo: um parto requer tempo, o equipo médico não quer - e não está preparado - para atender o tempo que possa durar o parto, os médicos discursam argumentos físicos da incapacidade do corpo feminino para parir, e assim por diante. Dessa forma as mulheres grávidas escolhem o caminho que mais represente segurança para elas, a cesariana.

Na decisão de planejar uma cesariana tem vários outros fatores que orientam esse caminho, os seguros médicos não cobrem gastos clínicos de casas de parto humanizado nem pagam doulas. Assim nos casos de Andreina e Frida, todos estes fatores combinaram se para elas não poderem fazer um parto normal. Sendo que o parto humanizado pode ser uma escolha, implica a inversão económica e possivelmente se transladar numa outra cidade, como acontece em Maturín, donde elas tiveram seus filhos, uma cidade pequena distante da capital do país onde estava a maior concentração de doulas e clinicas de parto humanizado. Uma das grandes falhas do sistema médico ortodoxo, particular e público, na Venezuela é a falta de preparação pré-natal das mulheres, nem obstetras nem enfermeiras orientam às mulheres em algum tipo de preparação física para o parto. Em oportunidades parece que a medicalização dos corpos femininos continua em avanço em detrimento da apropriação das experiências femininas por parte das mulheres.

A médico da Andreina afirmou que ela não podia parir por apresentar “macrossomia fetal”, ou seja um bebê muito grande. De acordo ao seu quadro clínico ela não seria capaz de parir os seus filhos, portanto a cesariana foi planejada desde a primeira consulta. O segundo bebê que nasceu num hospital público de Equador, também nasceu por cesariana. Igual aconteceu com a Frida, o médico alegou ela ter a “pélvis muito estreita”, este é um discurso bastante comum entre os obstetras cesarianos. Categorizo os médicos dessa forma com a intenção de destacar os profissionais cuja prática obstétrica não inclui atenção de partos. Victoria também planejou a cesariana, sendo que seriam dois bebês “obviamente ela não vai poder parirlos” (Discurso médico). No caso de Laura como vimos, três médicos diferentes argumentaram o mesmo roteiro de não ter tempo, de ser uma gravidez de risco, e assim por diante.

A autora Casilda Rodrigañez, em seu livro: *pariremos com prazer*, comenta que a concepção do parto doroso é parte da representação da maternidade patriarcal. De

acordo com sua análise, o parto seria parte da sexualidade feminina e portanto fortemente controlada desde a época Cristã: “Y también entender la maldición divina del parirás con dolor, que implícitamente no sólo dice que antes no se paría con dolor, sino también que sabían cómo hacerlo.” Rodrigañez (2008: 22). A luta pela liberdade do controle dos corpos femininos continua sendo matéria do dia. No universo materno é evidente o desconhecimento do próprio corpo. Como conselheira de aleitamento materno e facilitadora de sexualidade feminina, tenho podido perceber quanto constrangidas as mulheres se acham com o encontro com seu próprio corpo. As mudanças físicas geram conflitos emocionais a partir do mito de um corpo físico estereotipado de “beleza” por peso, forma e cor. Os fluidos corporais como leite e sangue são muitas vezes repudiados. Nessa cultura latino-americana a mulher que se descobre mãe, surpreendida pela vida que cresce dentro dela, desconhece as mudanças físicas e consequentes câmbios que chegam na sua vida.

Perguntei para as mulheres mães se tinham lido ou investigado sobre Sexualidade Feminina (Figura 13) na pergunta 21 do “Cuestionario para madres”. Foi notória a diferença de respostas respeito ao conhecimento que elas tinham em temáticas sobre crianças, incluso dois delas “não tinham escutado” ao respeito. Aliás na pergunta 8, quando pergunto se tinham lido ou se informado sobre temáticas de cuidado das crianças, todas responderam “SIM”. Numa das visitas na Laura, quando falávamos sobre o seu modo de criar, perguntei para ela se tinham estudado sobre os câmbios que iam acontecer com ela e sua sexualidade, ela respondeu “não”.

Falar de sexualidade muitas vezes é confundido com as relações sexuais, ou pelo menos com um aspecto muito íntimo da vida de uma pessoa. Em várias oportunidades perguntei no grupo de WhatsApp MdM, de diferentes maneiras, como elas viviam a sexualidade, também perguntei se tinham algum vivência que compartilhar sobre a vida íntima do casal. Nenhuma respondeu. Igualmente, Anne quando me comentou dos conflitos que tinha com o marido, pediu desculpas de antemão, considerando que relatava para mim algo privado e que não se fala para qualquer. Ainda assim, sobre a vida sexual dessas mulheres há um repertório de falas que não são publicadas nesse trabalho por não ser o enfoque de estudo. Cada uma delas - a exceção de Mariana e Victoria - relatou em algum momento situações íntimas de suas praticas sexuais, porém

a sexualidade feminina representa uma temática “em vias” de estudar. Andreina e Frida por exemplo, lêem alguns textos produzidos por as doulas mencionadas no capítulo III.

Identifico também, nos discursos de algumas mães seguidoras de Carla Candia e na “Mãe R”- mencionada em alguns momentos da etnografia -, como algumas mulheres-mães orientam a criação de seus filhos com a visão de um projeto de pessoa que no futuro poderá “agradecer” e retribuir todo o trabalho “desinteressado” que elas ofereceram. Mesmo assim, o discurso com palavras chaves de “amor” e “vida dos filhos” pode chegar a ser bastante genérico e que não reflete tensões nem incômodos. Também na negativa a reclamar da experiência materna, transparece a ligação da tarefa que “Deus” ou a natureza, tem designado as mulheres. É, pois, o discurso da maternidade patriarcal propiciado pelas mesmas mães.

Os sujeitos mulher e criança, carregado de direitos, parecem não estar conciliando deveres e direitos individuais na prática. Nesse tópico, as abordagens de terapeutas e movimentos feministas orientam as mulheres-mães para vivenciar a maternidade desde a emocionalidade de gostos e desgostos, na procura do “autodescobrimento” desestruturando o obscurantismo construído na sua própria saúde e sexualidade. Desconstruindo o desconhecimento feminino de seu próprio corpo.

Nos casos de Laura e Mariana apresento o universo das mulheres-mães brasileiras, as quais vivem a maternidade num contexto social em que “ser mãe” tem particularidades que denotam uma estruturação da família do Norte do Brasil, que tem a ver com os cuidados, educação e sustento da prole. No Norte do Brasil a família e a rede de parentesco é um fator importante no cuidado da nova pessoa, a ausência dos homens progenitores é bem comum e pode se observar nos lares conformados por mães, tias e avós. Mariana reconhece o esposo extraordinário: “[...]considerando a maioria dos pais que conheço, que abandona os filhos, ne? Eu contei com esse apoio, e isso foi muito bom!!”. Para Laura a rede de apoio é distinta, ela uma mulher do Sul, casou e teve seu filho bem distante da família, no Norte do Brasil. A separação do marido levou a estabelecer uma família monoparental, respaldada por amigos, escola, e mães de amigos de seu filho, com pouco tempo para “educar”, mas tendo certeza que ter um filho foi sua melhor experiência.

Sem embargo, observar a relação das mulheres-mães com as crianças, apesar de não ser o objetivo da pesquisa, proporcionaria uma série de dados que provavelmente dariam para reparar nas tensões dessa relação. Acessar a relação mãe-filho que constituem a chamada “díade mãe-filho”, é possível só na observação face a face, cotidiana. Reconheço que durante a observação presencial, sentia temor que estivesse virando um excesso de informação, o qual podiam-me confundir nas particularidades dos indivíduos. Porém, mediante a experiência de Laura²⁰¹ pode constatar alguns aspectos que não se evidenciam nos discursos nem nas redes sociais nem nos relatos das mães, carregados de conceitos de “amor” e “proteção” para com os filhos.

Na representação de Laura, pode detalhar como as complicações dos conflitos nas relações familiares, nas camadas médias, tendem a ser gestados a partir da institucionalização das diferenças, dos direitos e os processos de igualdade entre gerações e sexo. Limites confusos, ausências de hierarquias, laços filiais questionados, mudanças nas funções sociais dos indivíduos. Tudo isto parecera ter ausência de algum tipo de ordem, ou provavelmente o que está acontecendo é uma nova ordem das estruturas que conformam as sociedades. Pretendo não me ocupar agora de debates sobre as escolhas de criação e educação dos filhos. Porém é quase impossível não notar como as decisões de educação da prole, são compreendidas e colocadas em prática de maneiras diversas, obtendo resultados que são questionadas pelo entorno. Amigos e familiares que conformam as redes de apoio da mulher-mãe enxergam atitudes e tem posicionamentos críticos ante as escolhas feitas por ela. Parece que as teorias levadas à prática não funcionam muito bem na sociedade latino-americana, ainda em vias de desenvolvimento.

Também, estas mulheres-mães embasadas em pesquisas de pedagogos, terapeutas e diversas áreas do pensamento sobre crianças. Informadas das investigações e debates do conhecimento científico sobre crianças. Guiadas pelos direitos das crianças, conhecedoras e questionadoras do saber médico, empapadas do discurso feminista de identidade com seu corpo feminino. Revelam-se ante o discurso médico. Também ante o sistema educativo há observações críticas. Desta forma as representações de Mariana e Andreina mostram a escolha dos casais contemporâneos que evitam enviar os filhos à creche e aspiram levar uma prática de educação em casa

²⁰¹ A única observação face a face dessa etnografia

para as crianças. Aspiram, porque no Brasil e Equador - onde elas moram - o *homeschooling* é ainda um projeto de lei que não tem sido aprovado, portanto estariam obrigados pelo Estado a enviar as crianças na escola. Assim os ideais do casal vêm-se comprometidos ante o encontro com a realidade social urbana e capitalistas, como migrantes numa cultura distinta - no caso de Andreina, ainda que latino-americana - requer, como tenho mencionado antes, um replanejamento das escolhas feitas.

A particularidade de Mariana e Andreina, de compartilhar os cuidados das crianças junto com o pai, facilita a possibilidade de esse tipo de escolha. Na experiência de Laura a Escola representa seu braço direito na criação do filho. Como acontece com muitíssimas mães sós cuja conciliação de trabalho e criação dos filhos é feita por meio da escola, creche e/ou contratação de babá.

“Madres de América Latina”

Madres de América Latina seria uma versão mais ampla desse trabalho. Desde o objetivo geral dessa pesquisa, desconstruí o termo mãe em mulher-mãe, assim como foi intitulada “etnografia feminista” com a visão de estar criando um documento para aportar desde o pensamento antropológico nos estudos sobre maternidade. Ao início com dúvidas sobre quais pontos devia questionar sobre a maternidade, pois não achava nada “estranho”. Agora que estou concluindo percebo que há muitas categorias das quais não dou conta a desenvolver devido ao tempo de escrita para a dissertação. Porém também reconheço tem sido bastante informação querendo ser escrita, uma mente assistindo “bem de perto” tudo aquilo, querendo transmitir o que observa nas experiências de outras pessoas.

Decido evitar colocar experiências pessoais do meu sujeito mãe-self ou filha-self no percurso da escrita, com o propósito de produzir uma etnografia além de profissional, distante da possibilidade de ser percebida como uma etnografia com seis pessoas que fazem parte do meu próprio mundo. Sem embargo o contato possível entre pesquisadora e campo com as colaboradoras foi bastante próximo.

Diversos autores falam sobre os “novos arranjos familiares” (Fonseca 1995; Bruschini, 1990; Zanotta 2001) que estão se construindo na sociedade, em contra parte

pesquisas e alguns intelectuais tem apontado á “desaparição da família”²⁰² ou como alguns atores sociais como educadores, funcionário social denominam de “famílias desestruturadas”. De acordo com Diniz e Mattar (2012) as concepções da família como instituição com funções reprodutivas, econômicas, político e religiosa, fundada como entidade por encima dos indivíduos, mudou para uma família *instrumento* das relações democráticas e igualitárias entre as gerações e os sexos, “com foco nos indivíduos, a felicidade e a realização pessoal”. Apesar dessas mudanças, identifico uma problemática evidente por meio do divórcio da Victoria, Anne e Laura.

O divórcio dessas mulheres-mães parece significar, desde a perspectiva do universo de mães, além da liberdade dos indivíduos da instituição do matrimônio, percebo que o homem é liberto do cuidado dos filhos. Depois das experiências de divórcio de Laura, Victoria e Anne, a participação nos cuidados por parte dos pais das crianças, diminuiu. Os pais participam da vida dos filhos alguns dias na semana, ou duas vezes por ano como no caso do pai do filho da Laura. Num momento em que Laura estava atrapalhada entre trabalho, filho, casa e importantes decisões para sua vida, aproveitei para perguntar porque não dava o seu filho para o pai, uma pergunta capciosa com a intenção de ouvir o discurso êmico que argumente: “os filhos ficam com a mãe, sempre”. Laura só respondeu que o pai da criança não tem as condições psicológicas para cuidar o menino, um pouco incomodada pela minha pergunta. Porém, se o mesmo questionamento fosse feito para a Victoria ou a Anne, provavelmente elas não haveriam compreendido porque a pergunta seria considerada absurda da minha parte, pois os filhos no imaginário dessas mães, devem estar com as mulheres.

Assim se estrutura o pensamento de algumas mulheres da sociedade latino-americana. Parece ser, que as mulheres-mães e seus filhos são a “estrutura elementar do parentesco” latino-americano. Ainda que exista uma emergente “paternidade ativa”, as mulheres contemporâneas encaram o cuidado dos filhos, fazendo alianças com diversos atores da sociedade urbana, com o fim de transcender na maternidade. O que quero dizer com isto, é que maternidade ainda que não natural, tem sido um processo de cuidado que as mulheres-mães fazem para sua cria e que por intervenção social, tem

²⁰² Charles Melman: “Assistimos hoje a um acontecimento que talvez não tenha precedente na história, que é a dissolução do grupo familiar. Pela primeira vez a instituição familiar está desaparecendo, e as conseqüências são imprevisíveis. Fico surpreso que os sociólogos e antropólogos não se interessem muito por esse fenômeno.” In: MELMAN, Charles. A psicanálise não promete a felicidade. São Paulo, 2008. Revista Veja, n.2058, 30 de abril de 2008, entrevista concedida a Ronaldo Soares.

sido transformada em diversas representações que buscam ser a correta e mais representativa na história da humanidade.

Da mesma forma, as reivindicações que se buscam através da reclamação pela “solidão” da maternidade, enquanto se fala de requerer “tribos”, evidencia a necessidade de um tipo de companhia emocional, igualitária e de respaldo. Em vista da complexa vida urbana e a iminente individualização, os sujeitos procuram se aproximar à uma experiência gregária em donde sua experiência seja compartilhada, aceita e amparada.

Em algum momento da pesquisa de Carneiro (2011), esta se pergunta se será possível “maternidades contra-hegemônicas também nas camadas médias, entre mulheres brancas, letradas e conveniadas de planos privados de saúde ou entre as adeptas do parto humanizado presentes em nossa sociedade?”. Se bem é certo que as maternidades contra-hegemônicas e desconstruídas, representam hoje em 2019, uma mudança na sociedade. No caso das mulheres de classe média, acadêmicas, psicologizadas, lidas e informadas, trabalhadoras e ocupadas - em idade reprodutiva – que tem decidido ter filhos, encontram-se como uma sociedade latino-americana carente de políticas públicas que aportem o amparo social esperado. Continua sendo uma luta por conquistas de igualdades salariais, melhoras de condições laborais, serviços de saúde dignos, melhoras na qualidade da educação, disponibilidade de creches, entre outros.

Experienciar a maternidade na contemporaneidade no Brasil, na Venezuela ou no Equador, parece ser uma representação que combina características de uma maternidade patriarcal e esmagadora, com a apropriação da experiências desde a tomada de decisões e o distanciamento de algumas instituições como família, escola e medicina. Não totalizando nenhuma dessas características, pois, inseridas na sociedade urbana, a adaptação às leis que a ordenam, condicionam a experiência individual dessas mães. Um caso bem evidente é a experiência de Frida, quem considerando-se feminista, vive com um homem de pensamento patriarcal que gerencia o lar, porém ela continua orientando a educação e o cuidado dos filhos. Assim mesmo, as experiências das demais mulheres estão marcadas pelo contexto latino da importância da presença de um homem no lar.

Por conseguinte, os novos modelos de maternidade e criação dos filhos, geram tensões nas mulheres-mães por encontrar divergências entre o contexto social e o imaginário psicologizado. Esse entendimento é o que muitos dos teóricos e especialistas justificam para a necessidade do adulto sendo adulto, melhore a relação com seu “criança-self”, dessa forma poderá criar seus filhos. Contribuindo dessa forma, no auge de mulheres que vivenciam a maternidade, no atrito interno da relação com seus “selfs”.

Na sociedade ocidental urbana as experiências de mulheres e crianças representam uma desigualdade imperante da cultura, sendo as primeiras as únicas responsáveis pelos segundos, o qual transforma a experiência humana desses sujeitos, opressiva e agonizante. Portanto, os esforços das pessoas interessadas em ser partícipes da construção de experiências humanas mais equitativas, devem continuar nos debates, produção intelectual e ações sociais orientadas à desestruturação do pensamento patriarcal, latente na América Latina. Considero que as liberdades individuais observadas na sociedade ocidental, incentivadas por um sistema capitalista e patriarcal, nos distanciam de uma organização social donde o cuidado e a cooperação seriam valores que fundamentam uma sociedade mais equitativa. Podendo ser o “cuidado” considerado uma ação social que estimule os vínculos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Badinter, Elisabeth. (1985). *Um Amor Conquistado. O mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____ (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record Ltda.
- Bassanezi, Carla (2014). *A era dos modelos flexíveis*. In: Bassanezi, Carla; Pedro, Joana (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. Editora Contexto. São Paulo.
- Bitencourt, Silvana (2011). *Candidatas à Ciência: A compreensão da maternidade na fase do Doutorado -Tese-*. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis
- Bonetti, Alline. d. (2009). *Etnografia, gênero e poder: Antropologia Feminista em ação*. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais, 105-122.
- Bruschini, Maria Cristina (1990). *Mulher, Casa e Família, Cotidiano nas camadas médias paulistanas*. Editora Revista Dos Tribunais LTDA. São Paulo
- Carneiro, R. (2011). *Cenas do parto e políticas do corpo: uma etnografia de práticas femininas de parto humanizado*. Campinas: UNICAMP.
- Carneiro, R., & Bittencourt, F. (2015). *Apresentação do Dossiê Partos, maternidades e políticas do corpo*. Civitas, 181-189.
- Cruz, Fernanda. (2015). *Da maternidade como invenção de novas possibilidades de vida. Análise das experiências de jovens “egressas” de serviços de acolhimento institucional*. In: Dossiê: Partos, maternidades e políticas do corpo. Civitas, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 326-341, abr.-jun. 2015
- D’Ávila, Manuela. (2019) *Revolução Laura*. Belas Letras. Caxias do Sul, RS.
- Diniz, Carmen S. (2005). *Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento*. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (3). São Paulo, 2005. pp. 627-637.
- Donath, Orna (2017). *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Tradução Marina Vargas. 1ª edição. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 2017. 252 p.
- Fonseca, Claudia. (1995). *Amor e família: vacas sagradas da nossa época*. Em I. (. Ribeiro, & A. C. Ribeiro, *Família em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira*. (págs. 69-89). São Paulo: Loyola.
- Gaitán, A. C. (2017). *Juventud y maternidad en el barrio. Etnografía de las negociaciones desentendidos y prácticas en la implementación de políticas sociales en el conurbano bonaerense*. Buenos Aires: UFBA.

- González, Carlos. (2015). *Bésame mucho: como criar seu filho com amor*. Editora Timo. São Paulo.
- Gutman, Laura. (2016). *A maternidade e o encontro com a própria sombra*. Tradução Luis Carlos Cabral. Best Seller. Rio de Janeiro
- _____ (2018). *Mulheres visíveis, mães invisíveis*. Tradução Luis Carlos Cabral. 4ª Edição. Best Seller. Rio de Janeiro.
- Heilborn, Maria Luiza. (2003) *Estranha no ninho: sexualidade e trajetória de pesquisa*. In: Velho, Gilberto; Kauschnir, Karina. (Org.). (2003). *Pesquisas Urbanas, Desafios do trabalho antropológico*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- Héritier, F. (1989). *Família*. In: Parentesco. Enciclopédia Einaudi, volume 20. Imprensa Nacional- Casa da Moeda. 81-94.
- Jové, Rosa. (2006). *Ni rabietas ni conflictos, soluciones fáciles y definitivas para problemas de comportamiento de 0 a 12 años*. Editora ePUB. Madrid, España.
- _____ (2011). *Dormir sin lágrimas, dejarle llorar no es la solución..*. Editora ePUB. Madrid, España.
- Kinser, Amber E. (2008). *Chapter Seven: Mothering as Relational Consciousness*. In: O'Reilly, Andrea (editor). *Feminist mothering*. Published by State University of New York Press Albany. State University of New York. ISBN 978-0-7914-7557-7
- Kitzinger, Sheila. (1978). *Mães: Um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Editora. Presença Ltda, 1978.
- Levi-Strauss, C. (1956). *The Family*. Nueva York: Anagrama.
- Liendloff, Jean. (s/d). *La importancia de ser llevado en brazos*. Tradução do alemão Adriana Marcus. In: *Apuntes para la ciudadanía, cuidando la maternidade*. Cópia sem Data.
- Mattar, Laura Davis. Reconhecimento jurídico dos direitos sexuais: uma análise comparativa com os direitos reprodutivos. *Sur – Rev. Direitos Hum.*, v. 5, n. 8, p. 60-83, 2008.
- Mattar, Laura Davis; Diniz, Carmen Simone (2012). *Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres*. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.16, n.40, p.107-19, jan./mar. 2012.
- Mcbride Kecia Driver. (2008). *“No, I’m Not Catholic, and Yes, They’re All Mine” The Narratives of Feminist Mothering on the Tenure Track*. In: O'Reilly, Andrea (editor). *Feminist mothering*. Published by State University of New York Press Albany. State University of New York. ISBN 978-0-7914-7557-7

- Meyer, D. (2005). A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Gênero*, 81-104.
- Meyer, Dagmar E. (2005). A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Gênero*, v.6, n.1, p. 81-104. Niterói
- Miller, Alice. (1997). *O drama da criança bem dotada, como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos*. Summus editorial. São Paulo.
- Moore, Henrietta L. (2000). Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu* (14) 2000: pp.13-44.
- O'Reilly, Andrea (2008). *Feminist mothering*. Published by State University of New York Press Albany. State University of New York. ISBN 978-0-7914-7557-7.
- Pérez-Bravo, Adriana. (2014). *La conyugalidad patriarcal en Venezuela, entre dos culturas y tres clases sociales: los Wayúu y los grupos mestizos*. Normandie Université, Unicaen, Caen, France. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer* - enero-junio 2014 - VOL.19/N°42. pp. 75-94
- Rago, Margareth. (2004). Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: LIMA, C.C.; SCHMIT, S.P. (Orgs.). *Poéticas políticas feministas*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004. p.31-41.
- Raupp, Roger. (2006). *Para um direito democrático da sexualidade*. Horizontes antropológicos. Porto Alegre, ano 12 n. 26, p. 71-100, jul./dez. 2006.
- Rich, A. (1976). *Nacemos de mujer. La maternidad como experiência e institución*. Norton: Traficantes de Sueños.
- Rodrigañez, C. (2008). *Pariremos con Placer*. Murcia, Espanha: Ediciones Crimentales S.L.
- Rubin, Gayle. (1993). *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. Tradução: Rufino, Christine e outros. Edição S.O.S CORPO. Recife, março de 1993.
- Sandre-Pereira, Gilza. (2003). Amamentação e sexualidade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro/2003. 467-491
- Salazar, Violeta. (2019). *Estudo da maternidade em mulheres cientistas profissionais de camadas medias no Norte do Brasil*. *Revista Wamon*. V.4, N.2. 2019. P. 82-102. ISSN:2446-8371.
- Scavone, L. (2001b). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface _ Comunic, Saúde, Educ*, 5(8), 47-60.
- Scott, Ana Silvia. (2012) *O caleidoscópio dos arranjos familiares*. In: Bassanezi, Carla; Pedro, Joana (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. Editora Contexto. São Paulo.

- Segata, J., & Rifiotis, T. (2016). *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*. Brasília: Editora Letradágua.
- Souza, H. R. (2015). "Tornar-se mãe" Maternidades contemporâneas no País Basco. *Civitas*, 15(2), 342-349.
- Tornquist, C. (2004). *Parto e Poder. O movimento pela humanização do parto no Brasil*. Ilha de Santa Catarina: UFSC.
- Tornquist, Carmem. (2003) *Paradoxos da humanização em uma maternidade no Brasil*. Cadernos Saúde Pública, Rio de Janeiro, n 19(Sup. 2), p. 419-427, 2003
- Trotta, Clara. (2016). *#MaternidadeReal: conteúdo impróprio*. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.
- Velho, Gilberto; Kauschnir, Karina. (Org.). (2003). *Pesquisas Urbanas, Desafios do trabalho antropológico*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- Wiggers, Raquel. (2000). *Família em conflito: violência, espaço doméstico e categorias de parentesco em grupos populares de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC.
- Zanota, Lia. (2001). *Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil*. Interface - Comunic, Saúde, Educ. N.8, 11-26.

ANEXOS

Anexo (1) Formulário Google “Cuestionário para madres

Cuestionario para madres

Hola, Bienvenida!!

Soy Violeta Salazar, madre de Abril! Les comento que desde que supe que estaba embarazada me enamoré del mundo materno y de los niños. En este momento estoy haciendo una maestría en Antropología Social, en Brasil. Enfoqué mi trabajo final en describir la experiencia de la maternidad que viven las mujeres profesionales con hijos en la sociedad occidental, en contextos urbanos de Venezuela y Brasil. Uso como medio para comunicarme y recolectar información de las madres que estan distantes, las Redes Sociales Instagram y WhatsApp. Es mi intención escribir sobre los compromisos, responsabilidades y derechos de las mujeres que tienen hijos.

Tus respuestas en este formulario me servirán para evaluar mi propuesta teórica sobre la maternidad, serán de gran utilidad para concluir la investigación.

Eres libre de responder lo que desees y comentarme lo que piensas. Como verás, en el cuestionario no necesitas colocar nombre correcto, puedes ser creativa y colocarte el nombre que quieras.

Siempre agradecida con todas por estar aqui y continuar en el grupo!!

Violeta.

***Obligatorio**

1. Nombre/Madre *

2. 1. Estas...

Marca solo un óvalo.

Soltera

Casada

Concubinato

Separada

Divorciada

Viuda

Otro: _____

3. 2. Cual es tu edad?

Número

4. 3. Cuantos hijos tienes?

Número

5. 4. Que edad tiene tu hijo(a) mayor

Número

6. 5. Amamantaste:

Marca solo un óvalo.

- Lactancia exclusiva
- Lactancia mixta
- No amamanté

7. 6. Tipo de parto:

Marca solo un óvalo.

- Parto humanizado
- Parto normal
- Cesarea programada
- Cesarea humanizada
- Otro: _____

8. 7. Trabajas como....

Selecciona todas las que consideres
Selecciona todos los que correspondan.

- Empresa Propia
- Empresa Privada
- Funcionaria Pública
- Emprendedora
- Comerciante
- Dedicada al hogar
- Otro: _____

9. 8. Has leído, te informaste o estudiaste temas sobre bebés, cuidados y educación de los niños?

Selecciona todos los que correspondan.

- Si
- No
- Otro: _____

10. 9. Donde leíste sobre el tema: bebés/niños, cuidados, salud, alimentación?

Selecciona todos los que correspondan.

- Periodico
- Revista para mujeres
- Libro para padres/madres
- Redes Sociales (Facebook, Instagram, WhatsApp, Pinterest, etc)
- No lei.
- Otro: _____

11. 10. Participas o has participado de alguna de estas actividades:

Selecciona todos los que correspondan.

- Charlas y cursos con especialistas en educación para niños (Pedagogos/Psicopedagogos/Psicólogos)
- Reuniones o grupos para padres/madres.
- Cursos de educación para padres de la escuela
- Cursos de educación para padres en otras instituciones (Iglesia, Alcaldia)
- Otro: _____

12. 11. Para establecer disciplina/límites de tu hijo aplicas:

Selecciona todos los que correspondan.

- Orientación verbal (diálogo)
- Castigo y premio
- Castigo físico
- Regaños/gritos
- Otro: _____

13. 12. Quien cuida a tu hijo(a)?

Selecciona todos los que correspondan.

- El papá
- Los abuelos paternos
- Los abuelos maternos
- Yo (mamá)
- Guardería/Escuela
- Nanny/persona contratada
- Otro: _____

14. 13. Quien educa a tu hijo(a)

Selecciona todos los que correspondan.

- Guardería/Escuela
- El papá
- Los abuelos maternos
- Yo (mamá)
- Los abuelos paternos
- Nanny/persona contratada
- Otro: _____

15. 14. Cómo consideras los siguientes aspectos en la crianza de tus hijos:

Marca solo un óvalo por fila.

	Muy importante	Importante	Poco importante
Educación academica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Educación social (normas, valores, moralidad)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Educación religiosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cuidados de la Salud	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alimentación	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desarrollo integral del hijo(a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ropa, calzado, juguetes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. 15. De que manera te afecta la maternidad en las siguientes relaciones:

Marca solo un óvalo por fila.

	Positiva	Negativa	No afecta
Con mi pareja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conmigo misma/ Cuidados personales	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mi salud emocional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sexualidad femenina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vida Laboral/Trabajo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Familiares (Padres, hermanos, abuelos, etc)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Socialización/Relación con amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Diversión/Recreación	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. 16. Te sientes comprendida y apoyada -por tu pareja, padres, amigos, familiares, entre otros- en tu proceso como madre??

Marca solo un óvalo.

- Si
- No
- A veces
- Otro: _____

18. 17. Que te hace feliz de ser madre?

Puedes decir lo que quieras, desde sólo una palabra hasta cuantas quieras expresar y compartir.

19. 18. Que NO te gusta de ser madre?

Igual que en la pregunta anterior, sintete libre de decir lo que desees.

20. 19. Naciste para ser madre?

Marca solo un óvalo.

- Sí
- No
- Tal vez
- Otro: _____

21. 20. Hubo algun cambio en tu vida sexual despues de tener a tu primer hijo?

Marca solo un óvalo.

- Sí
- No
- Otro: _____

22. 21. Has leído o estudiado algun tema sobre sexualidad femenina?

Selecciona todos los que correspondan.


- Si, en las Redes Sociales
- Si, lei un libro
- He escuchado algo
- No me interesa el tema
- No, no he escuchado
- Otro: _____

23. 22. Consideras que eres una mujer distinta desde que tienes un hijo(a)?

Marca solo un óvalo.

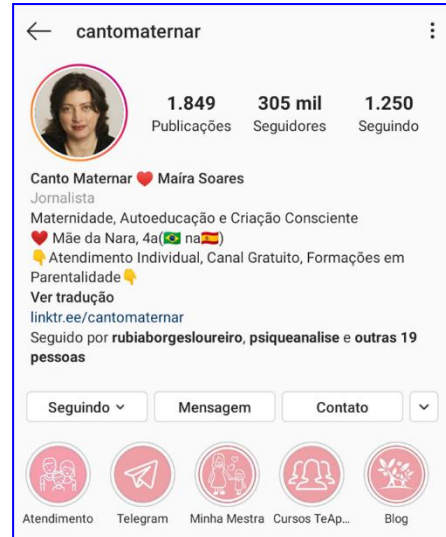
- Sí
- No
- Tal vez
- Otro: _____

24. Si deseas agregar algun comentario a las respuestas, agregar una aneodota, sugerir un dato importante... escribe aqui!! Todos tus palabras son bienvenidas!!

Con la tecnología de  Google Forms

Anexo 2.

Perfil de Instagram @cantomaternar



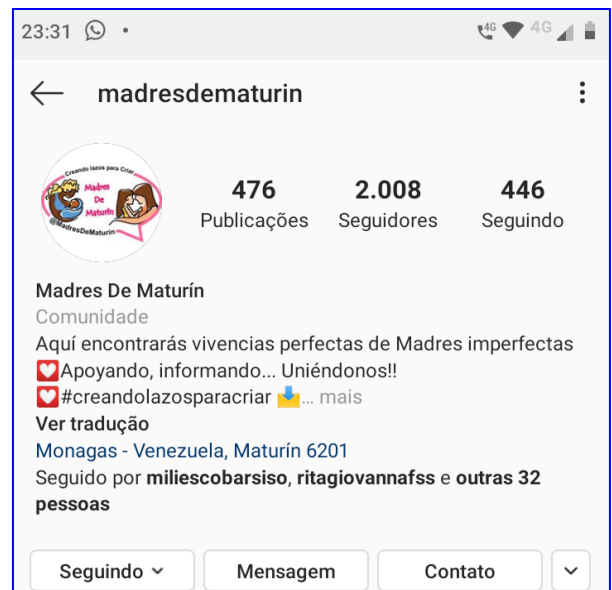
Anexo 3.

Perfil de Instagram @institutoteapoio



Anexo 4.

Perfil de Instagram Grupo de Apoio “Madres de Maturín”



Anexo 5.

Post do @madresdematurin. Primeiro convite a reunião. Publicado 16/01/2016. “Conversemos sobre maternidade”



Anexo 6.

Grupo de WhatsApp MdM.

Anexo 7.

Perfil de Instagram @conocemimundo.

